UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

*Relações interpessoais na interação midiática: recursos de envolvimento na
constituição da prática discursiva de conselhos em revistas de nicho*

Rafaela Baracat Ribeiro Rodrigues

Versão corrigida

SÃO PAULO

2016

RAFAELA BARACAT RIBEIRO RODRIGUES

Relações interpessoais na interação midiática: recursos de envolvimento na
constituição da prática discursiva de conselhos em revistas de nicho

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Linha de pesquisa: Linguística textual e Teorias do Discurso no Português

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

SÃO PAULO

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte, figurando a identificação do autor, título, instituição e ano.

Ficha catalográfica

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R484r	<p>Ribeiro Rodrigues, Rafaela Baracat Relações interpessoais na interação midiática: recursos de envolvimento na constituição da prática discursiva de conselhos em revistas de nicho / Rafaela Baracat Ribeiro Rodrigues ; orientador Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade. - São Paulo, 2016. 228 f.</p> <p>Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.</p> <p>1. solidariedade. 2. metafunção interpessoal. 3. recursos de envolvimento. 4. empatia. 5. revistas de nicho, seções de conselhos. I. Andrade, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira , orient. II. Título.</p>
-------	---

RIBEIRO RODRIGUES, R. B. **Relações interpessoais na interação midiática: recursos de envolvimento na constituição da prática discursiva de conselhos em revistas de nicho.**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade, orientadora deste trabalho, a quem sou muito grata pelo apoio, pela convivência sempre amiga e respeitosa ao longo de todo o período de mestrado e doutoramento, pela atenção e disponibilidade desmedidas, e pela confiança e liberdade conferida ao desenvolvimento desta pesquisa.

A todos os membros da banca examinadora, da qualificação e da defesa, Professora Dra. Ana Rosa Ferreira Dias, Professor Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo, Professora Dra. Leonor Lopes Fávero, Professora Dra. Vanda Maria da Silva Elias e Professora Dra. Kelly Cristina de Oliveira, por aceitarem participar desta etapa da tese e da minha formação e contribuir com avaliações e orientações, fornecendo ricos olhares para este estudo.

Ao Professor Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo, a quem não poderia deixar de destacar aqui e agradecer pelos estímulos a minha pesquisa, pela sublime atitude de disseminação de seus conhecimentos, e pelas ricas contribuições responsáveis por ampliar meu olhar na investigação aqui realizada.

À Silvana Aparecida Fernandes de Oliveira Zambon, pelo exemplo de fé e determinação, pelo carinho, pelos diálogos que me fizeram repensar certas coisas da vida, e pela disposição em me ajudar sem medir esforços.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio à produção científica e pela concessão da bolsa que possibilitou o desenvolvimento deste estudo.

RESUMO

RIBEIRO RODRIGUES, R. B. **Relações interpessoais na interação midiática: recursos de envolvimento na constituição da prática discursiva de conselhos em revistas de nicho.** 2016. 228f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Nesta pesquisa, temos por objeto de estudo o envolvimento interpessoal. Buscamos descrever um conjunto de opções linguísticas que constitui uma atividade interativa e que tenham por finalidade gerenciar o contato com o leitor. Nosso objetivo é analisar o papel do envolvimento e delinear sua rede de recursos na construção das relações interpessoais. Para tanto, investigamos textos produzidos no âmbito da interação midiática, em particular em revistas de nicho, uma vez que favorecem a particularidade da relação com o público alvo, empregando em suas publicações estratégias para criar afinidade e identificação com o mercado consumidor, além de investir na atratividade dos textos. Seleccionamos como *corpus* um espaço interativo composto por cartas de leitores e respostas das revistas às perguntas enviadas – no caso, por homens adultos, mulheres adultas e mulheres adolescentes –, que constituem os textos das seções *Pergunte à Vizinha* e *Pergunte ao Beto, o Barman* (revista *Men's Health*), *Pergunte ao Amigo Gay* e *Pergunte ao Vizinho* (revista *Women's Health*) e *Arrasa! Ficadas e rolos* (revista *Atrevida*). Por oferecer soluções sucintas para situações-problema do cotidiano, tais seções caracterizam-se como prática discursiva de aconselhamento, e, para analisá-las, respaldamo-nos na abordagem sistêmico-funcional, com foco na metafunção interpessoal, a fim de depreender os recursos responsáveis pela construção do envolvimento, complementando com estudos a respeito do que ocorre na dinâmica da interação, para verificar de que maneira são efetivados a solidariedade e o estreitamento dos vínculos entre revista de nicho e leitor. Particularmente, fundamentamo-nos na concepção e nas categorias propostas por Gonçalves Segundo (2011), e, em diálogo com essa perspectiva, a partir da análise do *corpus*, pudemos ampliar a rede de opções linguísticas que constroem vínculos e buscam atrair a atenção dos leitores. Os resultados da investigação apontam variadas opções paradigmáticas que desempenham a função de tracionar e atrair o leitor e que formam a rede de envolvimento, bem como revelam o papel de relevância dos recursos dessa rede na prática de conselhos em revistas de nicho, por possibilitar que efeitos de empatia sejam neles insculpidos, sinalizando padrões interpessoais que enfatizam o gerenciamento interativo.

PALAVRAS-CHAVE: solidariedade; metafunção interpessoal; recursos de envolvimento; revistas de nicho; seções de conselhos.

ABSTRACT

RIBEIRO RODRIGUES, R. B. **Interpersonal relations in the mediatic interaction: resources of involvement in the constitution of discursive practice of counselling in niche magazines.** 2016. 228f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

This research aims to study the interpersonal involvement. We seek to describe a set of linguistic options that constitutes an interactive activity and whose purpose is to manage the contact with the reader. Our objective is analyzing the role of involvement and delineating its network resources in the construction of interpersonal relations. To this end, we investigate texts produced within a mediatic interaction approach, specifically in Brazilian niche magazines, in view of the fact that they foster the relation with the targeted public, embracing in their publications strategies to promote bonding and identification with the consumer market, besides investing in attractiveness of the texts. We have selected as *corpus* an interactive space formed by letters from readers and replies from the magazines to the questions sent by adult men and women, and teenage girls, which compound the texts of the sections *Pergunte à Vizinha* and *Pergunte ao Beto, o Barman (Men's Health)*, *Pergunte ao Amigo Gay* and *Pergunte ao Vizinho (Women's Health)* and *Arrasa! Ficadas e rolos (Atrevida)*. Since they offer simple solutions for daily-basis problems, those sections are characterized as discursive practice of counselling, and, in order to analyze them we employed the systemic functional approach, focusing on interpersonal metafunction, so as to understand the responsible resources in the construction of involvement, adding studies regarding the dynamics of interaction in order that it is possible to verify solidarity and interpersonal bonds between niche magazine and the reader. Particularly, we are based on the conception and categories proposed by Gonçalves Segundo (2011), and, in dialogue with this perspective, from the analysis of the corpus, it was possible to extend the network linguistic options that build bonds and seek to attract the attention of readers. The results of the investigation suggest a varied number of paradigmatic options which perform the function of traction and attract the reader, build an involvement network, as well as reveal the role of relevance of these network resources in the practice of counselling in niche magazines due to the allowance-insertion of empathy effects, signaling to interpersonal patterns which emphasize the interaction management.

KEYWORDS: solidarity; interpersonal metafunction; involvement resources; niche magazines; counselling sections.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1 – Interação, revistas e aconselhamento.....	19
1.1. Revistas e seções de conselhos	19
1.1.1. Jornalismo de revista	20
1.1.2. Constituição da afinidade com o leitor	23
1.1.3. Prática discursiva de aconselhamento.....	31
1.2. Interação: subsídios para abordagem dos aspectos interpessoais	37
1.2.1. Fundamentos interacionais	37
1.2.2. Fundamentos interpessoais	44
Capítulo 2 – Envolvimento	56
2.1. Abordagens nos estudos linguísticos	56
2.2. Princípios de concepção e análise	70
2.2.1. Conceitos norteadores.....	71
2.2.2. Forma de representação do conjunto de categorias analíticas	88
Capítulo 3 – Envolvimento na construção das relações interpessoais de aconselhamento em revistas de nicho.....	94
3.1. Procedimentos metodológicos	94
3.2. Recursos linguísticos de vinculação e captação.....	95
3.2.1. Categorias de análise do envolvimento interpessoal	96
3.2.2. Adendo sobre as categorias.....	130
3.2.3. Representação da rede de envolvimento proveniente das seções de conselhos	131
3.3. Atuação dos recursos de envolvimento na interação entre leitor e revistas.....	134
3.3.1. Saliência dos recursos nas seções de conselhos.....	135
3.3.2. Gerenciamento das relações interpessoais para tracionar e atrair o leitor	148
Capítulo 4 – Relações entre a prática de conselhos e o modo de construção do envolvimento interpessoal.....	155
4.1. Recursos de envolvimento nas etapas de organização textual dos conselhos.....	155
4.2. Emergência da solidariedade no processo de envolvimento e aconselhamento	165
Conclusão	181
Referências bibliográficas.....	189
Anexo – <i>Corpus</i>	197

Introdução

*Diga-me e eu esquecerei.
Mostre-me e eu talvez lembre.
Envolva-me e então eu aprenderei.*
Confúcio

O propósito de estabelecer trocas interpessoais com mais afinidade e intimidade nas relações sociais, principalmente quando se está a distância, orienta falantes/escritores a selecionarem determinados recursos linguísticos que possam satisfazer essa necessidade. Os textos produzidos no âmbito do jornalismo de revista são exemplos de como se tem buscado construir uma relação mais estreita com o leitor, e tal estratégia interpessoal constitui possivelmente um dos meios comunicativos de assegurar a continuidade dos periódicos no mercado.

Isso porque as revistas são exemplos do que se chama na área econômica de um “monopólio competitivo”: trata-se de um mesmo produto, porém com algumas diferenças entre eles (artigos, colunistas, *layout*). O leitor escolhe aquela que melhor atenda suas necessidades, e as revistas competem entre si, procurando adequar-se ao gosto de seu nicho consumidor para aumentar as vendas e manter-se no mercado.

Na história do jornalismo impresso brasileiro, essa necessidade se verifica pelo processo de segmentação, com o surgimento de publicações periódicas para atender específicos nichos consumidores, a exemplo do que ocorreu na década de 1960, por exemplo, quando a juventude passou a ser vista com mais atenção pela mídia, pois antes as publicações ou eram voltadas para as crianças, ou para os adultos, apenas (SCALZO, 2004). O segmento jovem passou a ser visto como potencial consumidor de produtos e ideias para o mercado, uma vez que se destacou pelo movimento pró-emancipação, contra a tradicionalidade e a formalidade, pela rebeldia e por atos revolucionários que se refletiram em diferentes práticas sociais, na música, na dança, na moda, na linguagem, pelos modos de ser e de agir que os caracterizaram como grupo específico (MIRA, 2011).

Uma das mídias¹ que tem se dedicado a segmentos específicos é a revista. Nela, determinados conteúdos se sobressaem, particularizando a produção aos valores e preferências do público alvo, e, à sua maneira, contempla assuntos que considera relevantes para atrair nichos de mercado, tais como aqueles relacionados à saúde, forma física, gastronomia, amor, moda, entre outros.

Para tanto, a linguagem é trabalhada a fim de otimizar o contato com o público alvo, no sentido de adequar-se a ele, procurando-se, em geral, ampliar a capacidade de atração e o grau de intimidade, simulando uma interação face a face com o leitor. Por isso, julgamos relevante pesquisar o papel de determinados elementos linguísticos que visam a estabelecer e manter a “sintonia” entre instâncias produtora e consumidora de textos.

Em outras palavras, levando em conta as condições de produção textual jornalística na contemporaneidade, a questão de tornar o discurso mais dinâmico e espontâneo, e a necessidade de interação mais intensa e próxima com o leitor, nesta tese, buscamos investigar o papel de determinadas opções linguísticas na construção das relações interpessoais e, conseqüentemente, da prática sociointerativa.

Consideramos ser singular o processo de envolvimento construído particularmente no âmbito da interação praticada nas revistas de nicho. O "como" as relações sociais se estabelecem em determinados contextos tem sido focalizado em diversos estudos em termos de elementos linguísticos que revelam o grau de comprometimento da instância produtora do texto em relação ao seu próprio dizer (a exemplo daqueles que versam sobre modalidade).

No entanto, o que buscamos é verificar o outro lado: o “comprometimento” do produtor textual em relação à instância interlocutora/consumidora do texto, em termos de recursos utilizados que projetam efeitos de sentido para envolver os atores sociais participantes de uma atividade interativa.

¹ Referimo-nos aqui ao conjunto dos meios de comunicação social. Segundo Santaella (2007, p.118-119), no início da década de 1990, *mídia* se referia aos meios de comunicação de massa, especialmente aos meios de transmissão de notícias e informações (jornais, rádio, revistas e televisão). Na emergência das redes de teleinformática, *mídia* passou a abranger a comunicação mediada por computador, de modo que qualquer meio de comunicação recebe a denominação genérica “mídia” e o conjunto deles, “mídias”.

Nosso foco está voltado para o modo pelo qual são construídos os efeitos decorrentes da atividade de envolver, que abarca, grosso modo, a ideia de ação (atrair a atenção) e relação de um para com o outro (construir vínculos). Especificamente, nos estudos sociolinguísticos e discursivos, o *envolvimento* apareceu de forma sistemática como uma categoria no início dos anos 1980.

Destaca-se na sociolinguística interacional o trabalho de Gumperz (1982) sobre estratégias e falhas comunicativas em interações entre pessoas de diferentes culturas. Nele, o envolvimento refere-se à disposição e à capacidade dos parceiros de uma conversação para iniciar e manter o curso interativo, o que se torna possível pelo compartilhamento de conhecimentos linguístico e sociocultural entre os falantes.

Na área discursiva, o termo envolvimento foi primeiramente abordado nos trabalhos de Chafe (1982; 1985), que desenvolve a concepção desse fenômeno linguístico com base nas diferenças entre as modalidades oral e escrita. Para o autor, o envolvimento decorre do vínculo que se estabelece entre falante e ouvinte no momento da interação face a face, por causa da proximidade existente entre os falantes, e por isso seria típico da produção oral. Em contraposição, a produção escrita careceria dessa proximidade e por conta da distância entre escritor e leitor o envolvimento não se manifesta, e por consequência o texto aparece marcado pelo emprego de sequências textuais mais extensas e de estruturas mais formais da linguagem, com maior carga de conteúdo informacional.

No campo de estudos da linguagem, de modo geral, as pesquisas que relacionam o fenômeno envolvimento à esfera de imediatez comunicativa (cf. CHAFE, 1982; FRAGA, 2001; GOMES, 2007; GOMES e IAPACHINO, 2011) destacam, por exemplo, a forte presença de marcas de oralidade e coloquialidade, cujos elementos linguísticos estão associados ao polo da proximidade comunicativa, conferindo ao texto maior grau de manifestação de conhecimento partilhado, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade, para atenuar o tom formal de alguns textos.

Ao focalizar outros aspectos do fenômeno, Tannen (1994 [1989], p.12) foi a primeira a propor uma definição explícita de envolvimento interpessoal (cf. ASCHER et al. 1994). Segundo a autora, trata-se de uma conexão estabelecida entre as pessoas, que as vinculam a outros indivíduos, a lugares, coisas, atividades, ideias, vivências e discursos.

Na análise de textos conversacionais e literários, Tannen condiciona o envolvimento a uma produção conjunta, relacionada ao compartilhamento de valores, conhecimentos e emoções pelos membros de uma cultura. E, ao mostrar várias estratégias discursivas, tais como a repetição de palavras e frases, a descrição de detalhes, o uso frequente de imagens criadas pelas figuras de linguagem, que orientam a percepção/compreensão do assunto e aumentam a coerência discursiva, promovendo as relações entre os participantes, a pesquisadora propõe uma abordagem que admita a ocorrência de marcas de oralidade e de envolvimento no discurso escrito.

De acordo com Dias (2006, p.113), tais ocorrências de oralidade servem para construir uma interação em que o leitor participe e sinta-se próximo dos fatos apresentados, pois, no caso do texto jornalístico, é preciso agregar não só valores como “originalidade, reflexão, pesquisa, interpretação e análise dos fatos, como também criar vínculos de intimidade com o leitor [...] fazendo-o ter o sentimento de pertencer a um grupo com o qual compactua valores e interesses”.

Nesse sentido, nos estudos acerca do texto e da interação, o envolvimento passou a ser visto como marcas de proximidade e espontaneidade que revelam o grau de cooperação, intimidade e participação emocional na atividade comunicativa. Nesse campo das pesquisas fundamentadas em concepções conversacionais e pragmáticas, Scollon e Scollon (2001) e Spitalnik (1999) relacionam o processo de envolver a estratégias de polidez que contribuem para a negociação da face, tratando-o como sinônimo de vínculo de afeto positivo criado entre os participantes de uma interação. Os autores entendem o envolvimento como forma de minimizar ou eliminar assimetrias ou a distância entre os participantes pela demonstração de atitudes solidárias.

O desenvolvimento de trabalhos a respeito do fenômeno, destacando seu aspecto interpessoal, estende-se também às investigações sistêmico-funcionais, que ampliam o olhar para aspectos sociossemióticos do evento interativo, tais como as de Eggins & Slade (2001) e Martin & White (2005). Os pesquisadores partem da perspectiva de que, sendo as construções linguísticas meios de realizar, construir e variar o nível de intimidade de uma interação, o envolvimento é um recurso para negociação de relações, especialmente para instaurar solidariedade.

Com base nessa linha, Gonçalves Segundo (2011) trata o envolvimento de maneira sistematizada, como rede de opções linguísticas para criar no discurso graus variados de

proximidade, solidariedade, identificação, intimidade, novidade e destaque. No entanto, diferentemente das abordagens citadas, o autor não restringe o envolvimento ao campo da oralidade concepcional², mas o concebe como conjunto de alternativas para construir *vinculação* e *captação*, e como processo que abarca não só a relação do produtor textual com o consumidor, mas também a relação do consumidor textual com o texto³ – aspecto este pouco explorado em pesquisas a respeito do assunto.

Observamos que a análise do envolvimento interpessoal ainda apresenta algumas lacunas no que tange às suas facetas funcionais e à depreensão de categorias de forma sistematizada. Por isso, buscamos desenvolver uma pesquisa que possa contribuir para o desenvolvimento científico da área, estabelecendo um diálogo, de modo particular, com os avanços apresentados no estudo de Gonçalves Segundo (2011), a fim de trazer reflexões e ampliar o diagnóstico a respeito desse fenômeno na produção e construção de práticas discursivas.

A partir principalmente dessa fonte de pesquisa, e embasados nas categorias aí propostas, é que optamos por investigar a construção do envolvimento interpessoal na prática discursiva constituída entre revistas e seus consumidores: as seções ou colunas de aconselhamento. Trata-se de uma troca que investe numa interação mais próxima e direta com o leitor, bem como em temas voltados a atender aos anseios e aos interesses do nicho consumidor, e que, historicamente, na trajetória das revistas, se caracteriza como um espaço de construção de relações de afinidade, confiança e intimidade.

Nesse espaço, são apresentadas possíveis soluções para uma situação-problema aventada pelo leitor-consumidor, em geral sobre comportamento. Grosso modo, o objetivo parece ser "ensinar" meios práticos de resolução de dilemas cotidianos. E aqui retomamos a epígrafe de Confúcio, introdutória deste trabalho, a fim de correlacioná-la às cartas que compõem as colunas de conselhos em revistas: como as orientações fornecidas se travestem de ajuda e de ensinamento, não bastaria apenas mostrar qual é a saída para eliminar o embaraço então vivenciado.

² *Oralidade concepcional* refere-se à perspectiva de análise de textos que considera os graus do *continuum* que se estende entre os polos da proximidade e da distância comunicativa, apontada na p.56 deste trabalho.

³ As referências *produtor* e *consumidor textuais* utilizadas neste trabalho são adotadas por lidarmos com uma prática sociodiscursiva e situarmo-nos na perspectiva dos estudos críticos do discurso, conforme apontamos a partir da p.32.

No contexto das revistas de nicho, notamos que as relações interpessoais são construídas pela exploração de fatores que vão além das atribuições de papéis e funções de fala, no sentido de que são postos em jogo recursos capazes de estabelecer conexões entre as pessoas e com ideias e valores que representam. Assim, para que o leitor "aprenda", não basta apenas dizer diretamente qual é a informação/solução de que ele necessita, mas também é preciso envolver, e envolver requer ativar relações entre pessoas, por sua vez entre pessoas, suas vivências e sentimentos, nos termos de Tannen (1994), bem como requisita um processo atrativo ligado à apreensão e à atenção, de acordo com Gonçalves Segundo (2011).

Além disso, cabe apontar que a prática discursiva de conselhos constitui um espaço interativo, cujas trocas entre os participantes são estabelecidas por meio de proposições e propostas, que configuram um texto de base exortativa, por apresentar informações e comandos, bem como formas de autoridade e motivação (cf. LONGACRE, 1992), que possam "ensinar" aos consumidores desses textos as soluções para seus problemas.

Estamos lidando com um potencial espaço de uso de recursos interpessoais relacionados à solidarização, que possivelmente favorece, além do envolvimento, a instanciação simultânea a ele de formas empáticas, por exemplo, que possam propiciar a constância do contato com o nicho consumidor.

A partir dessa prática interativa midiática, formamos um *corpus* constituído por textos de revistas voltadas a públicos de diferentes segmentos da sociedade: jovens adultos masculino e feminino e adolescentes. Especificamente, observaremos as seções de aconselhamento de três revistas de circulação nacional, publicadas mensalmente, em meio impresso e digital. São as seguintes:

- Revista *Men's Health* (Editora Abril), seções *Pergunte à Vizinha* e *Pergunte ao Beto, o Barman* – segmento jovem adulto masculino;
- Revista *Women's Health* (Editora Abril), seções *Pergunte ao Amigo Gay* e *Pergunte ao Vizinho* – segmento jovem adulto feminino;⁴

⁴ *Men's Health* e *Women's Health* são revistas de marca internacional, publicadas no Brasil sob licença da Rodale Inc. Não se trata de uma tradução, mas de uma versão brasileira que segue o modelo editorial formatado pela marca.

- Revista *Atrevida* (Editora Escala), seção *Arrasa! Ficadas e rolos* – segmento adolescente.

A escolha do *corpus* levou em conta a natureza da seção de aconselhamento desses periódicos: ao buscar estabelecer uma relação mais espontânea ou próxima da interação cotidiana, tendem a explorar a interpessoalidade e a solidariedade na interação com os consumidores textuais.

Como revistas de nicho, o fator público alvo se destaca pelo fato de caracterizar modos de comunicação particulares, por exemplo, pelos assuntos que privilegiam e pela maneira como apresentam *layout*, conteúdo informacional e estrutural dos textos, diferenciando-se em relação a outras revistas do mercado que não trabalham particularmente com um nicho ou com um setor temático, mas com uma audiência mais ampla e com assuntos de variadas ordens⁵.

A coleta dos textos que são utilizados como fonte de dados para esta pesquisa foi feita nas *homepages* dos periódicos⁶, de forma aleatória, a partir das publicações lá disponíveis, no período de agosto de 2012 a junho de 2014⁷. Chegamos ao total de 120 textos, sendo 40 perguntas/respostas publicadas em cada um dos periódicos:

- 20 da seção *Pergunte à Vizinha* e 20 da seção *Pergunte ao Beto, o Barman*, da revista *Men's Health*;
- 20 da seção *Pergunte ao Amigo Gay* e 20 da seção *Pergunte ao Vizinho*, da revista *Women's Health*;
- 40 da seção *Arrasa! Ficadas e rolos*, da revista *Atrevida*.

⁵ A exemplo das revistas *Veja* (Editora Abril), *Época* (Editora Globo), *Isto É* (Editora Três).

⁶ Cabe apontar que as revistas selecionadas realizam a conexão entre o meio impresso e o digital: parte dos conteúdos veiculados na revista impressa pode ser acessada pelos leitores via internet, como é o caso dos textos do *corpus* deste trabalho, disponíveis no *site* das revistas. Sabemos que cada mídia tem suas características, tanto que na versão *online* os leitores podem encontrar recursos audiovisuais que na revista impressa são apenas indicados por fotos e/ou descrição de links para posterior acesso. No entanto, mesmo que haja diferenças no *layout*, o conteúdo dos textos e sua construção, isto é, o material verbal é o que interessa para análise deste trabalho.

⁷ O período de coleta desse material é um tanto quanto extenso porque as postagens eram disponibilizadas aos poucos, a não ser as da revista *Men's Health* que compunham uma edição especial, postada em outubro de 2012, e faziam parte de uma seleção de questões/perguntas mais solicitadas à redação. Desse modo, foi preciso aguardar a disponibilização dos textos das demais revistas até fechar o restante de modo proporcional para cada seção.

Desse conjunto buscamos extrair construções linguísticas, a fim de demonstrar como o envolvimento interpessoal se constitui e qual é o seu papel na atividade conselheira. Inicialmente, levantamos a hipótese de que, sem os recursos de envolvimento, no contexto do aconselhamento em revistas de nicho, os textos perderiam sua essência de solidarização, no sentido de que seriam ultrapassados os limites que estabelecem as fronteiras entre uma postura espontânea e de afinidade, e uma postura autoritária e/ou distanciada, na apresentação de comandos que servem de base, como modelos de comportamento social, para o grupo leitor.

Refinamos tal hipótese, partindo da seguinte questão: se o envolvimento ocorre com base em dois processos – vinculação e captação – seus recursos podem viabilizar outras formas de exercício da solidariedade nas colunas de conselhos, a fim de que se possa assegurar ou otimizar o contato com o leitor? A tese é a de que, no contexto do aconselhamento em revistas de nicho, haveria uma relação combinada de fenômenos – envolvimento e empatia – por vezes requerida para fins de orientação e recomendação de se adotar determinadas condutas.

Isso porque partimos do pressuposto de que o processo de aconselhamento em si já envolve gestos de empatia, tais como: mostrar-se disposto a ouvir problemas, reconhecer sentimentos, oferecer explicações para determinados conflitos, compartilhar experiências. Entendemos, também, que os recursos de envolvimento são elementos que auxiliam gerenciar o contato, no sentido de quais recursos utilizar e de como criar vínculos e como destacar representações e posições apresentadas como propostas de solução para uma situação-problema.

Por esse caminho, de certa maneira, direcionamos a hipótese inicial, a fim de verificar uma possível relação entre envolvimento e empatia, as categorias e o papel dos recursos para estabelecer e manter o vínculo interpessoal com os consumidores dos textos e como elemento-chave na instanciamento da solidariedade, considerando que as revistas de nicho buscam criar e manter interações baseadas numa relação de confiança e intimidade.

As perguntas de pesquisa que regem nossas análises são: i) que recursos de envolvimento emergem nas colunas de conselhos?; ii) que funções esses recursos exercem?; iii) se há e quais recursos de envolvimento se correlacionam a algum outro efeito de solidariedade em revistas de nicho? Norteando-nos por essas questões, temos como objetivos:

Geral

- Analisar o papel dos recursos de envolvimento no processo de constituição de relações interpessoais, particularmente na prática discursiva de conselhos construída entre as revistas de nicho e seus leitores.

Específicos

- Identificar e mapear os recursos linguísticos responsáveis pela construção do envolvimento interpessoal;
- Explorar e destacar os efeitos dos recursos de envolvimento nas etapas de construção do texto exortativo de conselhos;
- Verificar e analisar outros possíveis efeitos de solidarização associados ao envolvimento, tal como a empatia, possivelmente favorecida, atuando na prática discursiva de conselhos constituída na esfera das revistas, de forma a construir e manter a postura de afinidade e o estreitamento dos laços interpessoais, no gerenciamento do curso interativo.

A partir de uma análise qualitativa, a ser realizada por meio do levantamento e descrição das ocorrências linguísticas encontradas no *corpus*, destacaremos as que desempenham a função de vincular e captar, a fim de compor a rede de recursos de envolvimento proveniente da prática de conselhos e delinear seu papel em revistas de nicho.

Estudos como os de Pereira e Almeida (2002), Pereira (2006) e Rosa (2008) já destacaram o envolvimento como aspecto marcante em textos dessa natureza, e alguns elementos linguísticos que podem estabelecer a proximidade com o leitor. No entanto, não apontaram sistematicamente o outro lado: as estratégias que orientam a busca de atenção, isto é, envolvem o leitor pelo processo de fazer com que os sentidos se voltem para aquilo que se está falando.

Assim, ao estabelecermos um diálogo não só com estudos da Linguística Cognitiva, como o de Langacker (2008), buscando fundamentos que nos auxiliem examinar as categorias de captação, como também com abordagens anteriores a respeito do envolvimento, em particular com pesquisas ligadas à Linguística Sistêmico-Funcional, para avançar na análise e depreensão do sistema, e ao averiguar possível elo do fenômeno

em foco com a geração de empatia, esperamos contribuir com as discussões existentes e para a progressão dos estudos na área.

Primeiramente, verificaremos como se configura o contexto interacional entre revista e leitores. Em seguida, focalizaremos de que maneira o fenômeno interpessoal aqui em análise se constitui nos textos, estabelecendo relações com o modo de construção do aconselhamento em cada um dos nichos – jovem adulto masculino, jovem adulto feminino e adolescente –, para identificar características da interação entre instâncias produtora e leitora.

Além de fundamentos em noções a respeito do funcionamento da interação e da língua, embasamo-nos nas categorias linguísticas propostas em estudos de orientação sistêmico-funcional, que adotam como princípio a análise de fenômenos linguísticos a partir do uso e que lidam com a linguagem como um sistema de escolhas e de produção de significados, abarcando o texto do ponto de vista da produção e do consumo, em sua função social, como uma prática concreta da vida cotidiana, com o intuito não só de descrever a língua como sistema, mas também as possibilidades de organização da experiência, de atuação e de interação com o ambiente e entre os indivíduos.

Em síntese, o desenvolvimento desta pesquisa organiza-se nos seguintes **capítulos**:

- o **primeiro** dedicado à apresentação do panorama constitutivo do jornalismo de revista e aos dados contextualizadores da prática discursiva de aconselhamento, bem como à revisão das perspectivas teóricas linguísticas acerca da interação e da interessoalidade;
- o **segundo** voltado à discussão das bases teórico-metodológicas, às abordagens do envolvimento na/pela linguagem e aos conceitos norteadores das análises, estabelecendo um diálogo entre categorias do funcionalismo e cognitivismo;
- o **terceiro** destinado ao exame da rede de categorias e da atuação dos recursos nas seções de conselhos;
- o **quarto** dedicado às relações e aos efeitos decorrentes do processo entre envolver e aconselhar, como também à análise da solidarização na prática discursiva aqui em destaque.

Em seguida, são apresentadas a conclusão e as referências bibliográficas, além do anexo com os textos que compõem o *corpus* deste trabalho.

Capítulo 1 – Interação, revistas e aconselhamento

Ao longo da história da imprensa, as revistas ficaram conhecidas pelo seu papel de entretenimento e por cumprir funções que iam além da transmissão de notícias já trazidas diariamente pelos jornais. Segundo Scalzo (2004, p.13), os periódicos “servem para confirmar, explicar e aprofundar a história já vista na tevê e ouvida no rádio”.

No início, as revistas pareciam-se muito com os livros. A diferença era que elas traziam vários artigos, eram voltadas para determinados públicos e propunham-se a sair semanal, quinzenal ou mensalmente. De acordo com a referida pesquisadora, os panfletos que veiculavam as informações/notícias consideradas de relevância configuraram novos tipos de publicação, surgidos em 1663, na Alemanha, e destinavam-se a públicos específicos e a aprofundar os assuntos – “mais que os jornais, menos que os livros” (SCALZO, 2004, p.19).

Nesse sentido, os periódicos trilharam um caminho singular no universo midiático, tanto do ponto de vista histórico, quanto social. Diferentemente dos jornais, as revistas se destacaram pela busca de mais afinidade com o leitor. A fim de ressaltar essa característica peculiar, neste capítulo, apresentaremos traços históricos e sociais que possam compor um panorama constitutivo do jornalismo de revista, em particular, a respeito das publicações de nicho. Além disso, trataremos da interação e das questões relacionadas à interpessoalidade, cujos fundamentos possam subsidiar a abordagem da construção das relações sociais na prática de aconselhamento.

1.1. Revistas e seções de conselhos

Nesta parte, expomos um panorama a respeito das revistas de nicho no mercado brasileiro e de como esse tipo de periódico dá relevo à proximidade sociocomunicativa a ser estabelecida com o público alvo. E para respaldar a investigação da prática interativa de afinidade com o leitor, apontamos as características contextuais e o perfil de produção das seções ou colunas de conselhos.

1.1.1. Jornalismo de revista

De acordo com Scalzo (2004), foi a partir do século XVIII que as revistas começaram a se parecer com as que se conhece atualmente, por terem se inspirado no formato dos grandes magazines, ao reunir vários assuntos apresentados de modo menos formal e mais leve que os livros, trazendo imagens como ilustração dos tópicos tratados, bem como textos menores com frases curtas. Isso se deu com o lançamento da primeira revista considerada moderna, chamada *The Gentleman's Magazine*. Publicada em janeiro de 1731⁸, na Inglaterra, dedicava-se ao entretenimento e veiculava ensaios, poemas, críticas e textos de ficção.

Para atingir mais leitores e conseguir se manter, dominaram o século XVIII publicações que ofereciam cultura e entretenimento a uma parcela da população recém-alfabetizada, com a apresentação de textos em linguagem acessível, muitas ilustrações, variedades e humor. Com o avanço técnico das gráficas, o que permitiu o aumento das tiragens e dos anunciantes financiando os custos de produção, foi possível reduzir o preço dos exemplares e aumentar as vendas.

Areladas à esfera publicitária, as revistas foram basicamente sustentadas por esse setor, principalmente quando a sociedade começou a se industrializar e a economia deixou de ser mantida pela e focada na agricultura. No Brasil, em torno dos anos 1930, em consequência do processo industrial, deu-se o aumento da população urbana e da distribuição nacional de produtos fabricados nas indústrias, os quais passaram a ser amplamente divulgados nas revistas. Estas faziam, assim, a ponte entre o leitor consumidor e o anunciante, que, por sua vez, sustentava, em grande parte, a circulação dos periódicos, por meio da publicidade de eletrodomésticos, roupas e cosméticos, com o aprimoramento desses setores.

Agrega-se a esse momento histórico, por volta dos anos 1950, o surgimento de revistas mais especializadas no mercado, buscando captar grupos mais específicos, dada a ampliação do setor musical e cinematográfico internacional. Ainda que baseadas em

⁸ Fonte: *The Online Books Page*. Disponível em: <http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/serial?id=gentlemans>. Acesso em: 16 jan. 2016.

modelos estrangeiros, as revistas foram se adaptando ao mercado brasileiro, ao divulgar não apenas acontecimentos internacionais, mas também o que havia no âmbito nacional.

No decorrer dos tempos, na visão de Scalzo, as revistas trilharam basicamente dois caminhos: o da educação – ao trazer informações específicas, porém sintéticas de assuntos até então acessíveis apenas a quem os podia encontrar nos livros – e o do entretenimento – ao trazer gravuras e muita fotografia para distrair e divertir os leitores.

Sob o prisma da comunicação, a referida autora, ao relatar a constituição das revistas na esfera jornalística, apresentar um histórico por elas percorrido e discutir a atuação e os rumos do setor no mercado, destaca a relação com o leitor afirmando que as revistas desenvolveram “uma natureza diferente, mais afastada do noticiário, mais preocupada em buscar caminhos alternativos, a encontrar sua própria função, seu público e sua linguagem” (SCALZO, 2004, p.21).

Por sua vez, a partir de uma perspectiva sociológica, Mira (1997) analisa a relação das revistas com o mercado e os leitores, sob o ponto de vista dos processos de globalização (mundialização da cultura e adaptação ao mercado brasileiro) e de segmentação (diversidade do público por fatores como gênero, geração e classe social).

Concomitantemente à apresentação do percurso histórico das revistas na mídia, Mira discute o crescimento das publicações periódicas no Brasil, que, em sua visão, caracterizam um período que vai desde a “‘imitação do estrangeiro’ no século XIX até a globalização propriamente dita”, bem como do que chama de “‘revista de família’ à (pseudo ou verdadeira) ‘revista personalizada’” (MIRA, 1997, p.4).

A socióloga fundamenta seu estudo na ideia de mediação, desenvolvida por Edgar Morin e acredita que percorrer a história das revistas no Brasil possibilita focalizar grandes temas, como modernização, globalização, segmentação, gênero, geração, desigualdade social, diversidade cultural, consumo, identidades, estilo de vida, etc. Para a pesquisadora, analisar a história das revistas é pensar a cultura de massas, antropológicamente, como “uma totalidade que abarca o real e o simbólico, as práticas e suas representações [...] como um universo de símbolos, valores e crenças que penetram a vida cotidiana” (MIRA, 1997, p.5).

Argumenta, ainda, que a globalização proporcionou a difusão de revistas pelo mundo, porém com uma identidade local. Como exemplo, destaca que, quando se

encontrava uma “fórmula” que produzia altas vendas, o modelo era copiado e exportado para outros países, como é o caso das revistas americanas *Men’s Health* e *Women’s Health*, que basicamente tratam de cuidados com o corpo e de comportamento, temas em voga no segmento de mercado a que se voltam.

Nesse sentido, aponta que as fórmulas editoriais não valem para qualquer lugar do mundo. A língua, a forte concorrência do mercado internacional, a cultura e o contexto local impedem uma atuação mais ampla das revistas em países fora de sua origem. Várias revistas “tiveram que se abrigar”, nas palavras da autora, com adaptação de conteúdos, textos, imagens, concepções, sendo produzidas com matérias locais, geralmente mantendo-se apenas o nome. É no âmbito local que as diferenças vão se estabelecendo e a segmentação se definindo, e o fluxo internacional parece indicar que não são as revistas que se mundializam, mas sim modelos culturais que certos segmentos de público estão vivenciando, conforme assinala a pesquisadora.

Quando novas condições de vida se instalam, alterando seus hábitos culturais, suas práticas sociais, seu cotidiano, certas publicações podem estabelecer com eles [o público] canais de comunicação. É o caso dos diversos modelos criados pela imprensa feminina em sua relação com a experiência das mulheres, da revista semanal de informação em relação à aceleração do tempo na modernidade, das revistas de negócios em relação à nova ordem econômica mundial, das publicações juvenis em relação ao envolvimento dos jovens com o universo pop e assim por diante. (MIRA, 1997, p.335)

Desse modo, cabe pensar as revistas a partir da diversidade e especificidade de público para quais são direcionadas, de modo que a segmentação lhes é então característica, e foi se acentuando ao longo do tempo. A televisão, o rádio e o cinema ficaram conhecidos como meios mais massivos, já as revistas como meio mais segmentado.

Por meio da segmentação, novos nichos de mercado são buscados desde que existam anunciantes para tal, uma vez que os leitores de tais nichos são vistos como potenciais consumidores. Os grupos ganham visibilidade a partir do momento em que se apresentam como segmentos que demandam produtos específicos de mercado, e as revistas e seus investidores anunciantes colocam-se à disposição do público alvo. Dessa forma, vários segmentos encontraram seu espaço além do nicho feminino, tais como: a juventude,

o grupo masculino, a área de esporte, o setor de cultura pop, a esfera científica, a música, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, conforme relata Scalzo (2004).

Para Mira (1997, p.337), “a segmentação cultural nos últimos anos seria o resultado de uma especificação maior das ofertas, cruzando-se estas três variáveis básicas – classe, gênero e geração – com outras que completariam o que tem sido chamado de ‘estilo de vida’”. Trata-se do que se refere Scalzo ao que tem acontecido na contemporaneidade no universo midiático: a “segmentação da segmentação”. Exemplo disso é a divisão entre publicações voltadas a adolescentes e outras voltadas a pré-adolescentes.

A expansão da cultura de consumo tem despertado o interesse do mercado e das revistas para determinados grupos, que apresentam particulares estilos de vida, e são, portanto, potenciais consumidores dos produtos que o mercado tem a lhes oferecer. Nesse sentido, a mídia busca investir em meios para sua fidelização, segundo Marcondes Filho (1989).

Mira defende a ideia de que o mercado global tenta captar as ansiedades desses grupos para que possam se realizar pessoalmente através do consumo, tocando, de modo particular, no núcleo da subjetividade – a autoestima. Desse modo, para a pesquisadora, a segmentação do mercado e as identidades sociais estão relacionadas e, por acontecerem globalmente, “tendem a formar segmentos internacionais de pessoas que vivem experiências semelhantes e, por isso, tendem a consumir as mesmas coisas” (MIRA, 1997, p.339). Assim entrelaçados, consumo e construção da identidade transformam-se constantemente, e as revistas mostram mais claramente esse processo de globalização e segmentação, como se pode verificar em publicações específicas, tais como as que são foco deste trabalho: as direcionadas ao grupo adolescente e ao grupo jovem adulto.

1.1.2. Constituição da afinidade com o leitor

De modo particular, destaca-se no mercado das revistas a imprensa feminina, que cresceu a partir do pós-guerra quando a mulher começou a assumir funções fora do lar, quando as publicações de moda cresceram, juntamente com as publicações de

fotonovelas⁹, nos anos 1940 e 1950. De acordo com Scalzo (2004), por atingir principalmente o público feminino, as publicações de fotonovelas identificaram um potencial mercado consumidor, cujas vendas só eram superadas pelas revistas de quadrinhos infantis, tais como *Mickey*, *Pato Donald* e *Tio Patinhas*.

Outra particularidade das revistas é que, a partir da veiculação das novelas televisivas, os periódicos engajaram-se em outros segmentos e iniciaram mudanças no final dos anos 1970. Começaram a focar em questões de comportamento e passaram “a cobrir o mundo da tevê, reforçando a vocação das revistas para a cobertura da indústria cultural – que começa com o rádio (*Revista do Rádio*) e o cinema (*Cinelândia*) e segue para a televisão e o vídeo” (SCALZO, 2004, p.32).

Além dos assuntos tradicionais (novelas, artigos de moda, receitas, decoração e beleza), outras seções começaram a abordar mudanças na vida da mulher, versando sobre temas relacionados à saúde, orçamento doméstico, consultas jurídicas, sexo, comportamento, espiritualidade, trabalho, tratando as mulheres em suas múltiplas atividades cotidianas de dona-de-casa, mãe e profissional.

Para alavancar a venda de revistas brasileiras por volta da década em 1950 foi preciso acompanhar essas alterações no cotidiano feminino ao longo do tempo. Segundo Mira (1997), um marco na imprensa feminina foi quando começou a tratar não só do lar, do trabalho, da decoração e da beleza, mas também de questões pessoais enfrentadas no dia a dia.

A referida pesquisadora destaca do estudo de Sulerot, a respeito da revista francesa *Confidences* (uma publicação de 1938), a questão de que a mulher não era mais considerada “uma boneca a ser vestida” ou uma “mãe de família”, mas sim uma pessoa solitária com seus problemas e angústias. Nesse ponto, a referida revista encontrou então uma nova fórmula de popularização da imprensa feminina: ajudar apresentando os problemas como se fossem dos outros. Mira (1997, p.77) afirma que a revista *Confidences*, ao publicar “trechos de cartas, sempre anônimas, e suas respostas, provoca uma verdadeira catarse na França, enchendo a redação de tormentos, doenças, vícios, pedidos de ajuda de toda espécie”.

⁹ Surgidas nos estúdios de cinema, na Itália, as fotonovelas, histórias românticas em fotos, chegaram a vender cerca de 500 mil exemplares por quinzena nos anos 1950, no Brasil, pela revista *Capricho* (Editora Abril).

O grau de personalização acentuou-se, mudando-se o tom das publicações para se dirigir diretamente à leitora: “a imprensa feminina que vinha ajudando no lar, retratando a moda, discutindo os problemas da mulher, ouvindo seu sofrimento, cuidando de sua beleza, já pode tratá-la de Você” (MIRA, 1997, p.78).

A pesquisadora exemplifica que se trata do momento “quando se descobre, com revistas como *Maire Claire*, por exemplo, mas não só, que além do rosto sorridente na capa, a revista poderia usar ainda um outro truque para parecer ‘uma pessoa’: adotar um nome de mulher” (*Ibidem*). Mira lembra ainda que, no Brasil, a revista *Cláudia*, criada em 1961, foi apresentada como “a revista amiga”, cujo nome foi dado pela Editora Abril, por Roberto Civita, a pedido da mãe do então editor, pela filha que ela sempre quis e nunca teve¹⁰.

Foi assim que certos periódicos foram se caracterizando pelo alto grau de proximidade e afinidade com o leitor. Em sua trajetória, as revistas femininas buscaram mostrar-se companheiras e conselheiras, marcando a relação com as leitoras pela confiança e intimidade. Foram, então, ajustando-se às condições de vida ao longo dos tempos.

Na história do jornalismo de revista brasileiro, o declínio das fotonovelas, o deslocamento das preocupações femininas em relação ao lar, ao marido e aos filhos para a questão do sentir-se bem consigo, para a autoestima e o fortalecimento do ego, atrelados à noção de saúde e forma física, provocaram reformulações no fazer dos periódicos: a ficção romântica foi substituída por reportagens sobre moda, beleza, comportamento e cobertura da vida das celebridades, bem como pela intensificação do diálogo com as leitoras, o que fez as revistas se parecerem cada vez mais com manuais de autoajuda. Tal processo refletiu-se na linguagem pelo uso maciço de expressões do tipo: “saiba como...”, “dicas para...”, “descubra se...”, e de expressões exortativas indicando métodos, conselhos, o como fazer, conforme podemos verificar no *corpus* desta pesquisa.

A fórmula da personalização adotada pelas revistas femininas fez com que os periódicos criassem e ampliassem o canal de comunicação com suas leitoras. Foi pela interação estabelecida com o público, por meio dos canais de atendimento por telefones, cartas e e-mails, que as revistas foram se adequando aos gostos dos leitores, aumentando

¹⁰ Essa informação foi apresentada na carta ao leitor escrita por Roberto Civita, publicada na edição de aniversário de 50 anos da revista *Cláudia*, em outubro de 2011.

suas vendas e mantendo-se no mercado, segundo Scalzo (2004). Assim é que grande parte das seções procurou conferir ao texto um tom de conversa/diálogo, de modo que a revista pudesse ocupar o lugar do(a) melhor amigo(a), do(a) confidente.

Esse assumido papel de amizade também foi estabelecido em relação ao segmento jovem. Revistas para esse público começaram a se destacar por volta dos anos 1960, abordando questões então valorizadas e em efervescência na época, como a cultura pop, a rebeldia, a liberdade, a prática de vivência em grupos/tribos, o estilo de vida mais livre, os gostos pela música, por uma moda específica para essa geração.

Assim como o segmento feminino, o adolescente foi encarado como mercado potencial em crescimento. A mídia e a publicidade investiram em temas de interesse da juventude, como a aventura, a velocidade, o rock. Já nos anos 1980, é a mídia televisiva quem mais lucra com o segmento adolescente, com as novelas e os videocliques e programas de entrevistas voltados para os jovens.

Para não ficar à margem e se adequar ao apelo visual que requer esse setor, as revistas precisaram, assim, investir na produção de suas publicações, a fim de atrair e não perder a relação de proximidade com o público adolescente, como observa Scalzo (2004). Apostaram em desenhos, frases, balões, colagens que predominassem mais sobre o texto verbal, bem como na produção de mini pôsteres de ídolos, para identificar-se com os gostos e com os temas do segmento juvenil¹¹. Mira (1997) destaca também que, por se tratar de um público em constante mudança de gostos e estilos, as revistas precisaram renovar seus projetos gráficos com mais rapidez, alterando-se constantemente e mais vezes que outras revistas voltadas a segmentos diferentes.

Além disso, trata-se de um público que interage mais intensamente com a mídia:

[...] As adolescentes escrevem e se comunicam muito mais com suas revistas do que com as mulheres adultas. Cada promoção que envolve as leitoras recebe milhares de cartas. Cada vez que uma pergunta é dirigida a elas, centenas de respostas chegam à redação. As meninas pedem conselhos, ajuda, recorrem ao atendimento ao leitor para pedir informações que vão desde dicas para trabalhos

¹¹ Em estudo sobre a mídia para adolescentes, Gutierrez e Fávero (2014) investigam como a linguagem usada na elaboração dos textos constrói formas de propagar um conceito social de comportamento, bem como constitui um meio de persuasão que legitima padrões ideológicos, de forma consciente ou inconsciente.

escolares até a maneira adequada de se comportar em determinado ambiente. (SCALZO, 2004, p.89)

Tais aspectos de natureza sociocomunicativa desse contexto verificam-se pela simulação de situações indicativas de espontaneidade, realizada por recursos linguísticos típicos da oralidade concepcional, utilizados com vistas a tornar o discurso impresso cada vez menos distante e mais parecido com a conversação cotidiana, por conferir proximidade e casualidade à interação escrita.

A título de exemplificação, destacamos do *corpus* recursos que realizam esse efeito na tentativa de simular uma interação face a face:

[...] Com a sua garota a conversa vai ser mais delicada. Relacionamento a distância, na prática, não passa de **um... longo, sofrido e caro adeus**. (Texto 22: MH, PBB, p.202) ¹²

[...] Não sei se você tem muita sorte ou muito azar. Ou, pior, se você dá azar (**toc, toc, toc três vezes**). [...] quantas pessoas podem dizer que encontraram dois amores em menos de um mês? **É CLARO** que você deve dar uma chance ao segundo cara. (Texto 47: WH, PAG, p.208)

Nas ocorrências destacadas, observamos formas de realçar a oralidade concepcional no texto escrito: as reticências que concretizam a pausa/hesitação, a simulação de ações que seriam feitas se fosse uma conversa face a face através da onomatopeia, além do traço entonacional da fala espontânea que se apresenta por meio de determinados tipos de representação gráfica, tais como: caixa alta, para indicar entonação de intensidade alta,

¹² Neste trabalho, os textos serão identificados pelas iniciais do nome da revista e título da seção e de acordo com a sequência a ser encontrada no anexo do *corpus*, indicando-se a página deste trabalho onde eles estão para acesso na íntegra, da seguinte maneira: (Texto número: revista, seção, página). Além disso, cabe dizer que adotamos as seguintes abreviações:

MH, PVZA	Men's Health, Pergunte à Vizinha
MH, PBB	Men's Health, Pergunte ao Beto, o Barman
WH, PAG	Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay
WH, PVZO	Women's Health, Pergunte ao Vizinho
AT	Atrevida

separação silábica, para indicar entonação pausada, e repetição vocálica, para indicar entonação alongada, como exemplificam os trechos seguintes:

[...] que **NUNCA FOMOS TRAÍDOS!** (Texto 61: WH, PVZO, p.211)

[...] a maioria dos homens **a-do-ra** uma mulher cheinha. (Texto 55: WH, PAG, p.210)

[...] grita “**Siiiiim**, claro que vale!” (Texto 54: WH, PAG, p.209)

Além desses elementos, verificamos outras construções típicas do polo de proximidade comunicativa nos textos da seção de conselhos das revistas, caracterizando o aspecto interpessoal, por meio de saudação, de marcador conversacional, de forma de tratamento informal e de abreviação do nome da revista:

Olá, galera da Atrevida. **Bom**, eu estou há muito tempo sem sentir nada por nenhum menino, ou seja, nenhum me atrai. Queria saber o que acontece comigo. Será que tenho algum problema?” (Texto 112: AT, p.225)

Oi, Atrê! Eu estava namorando por nove meses e o garoto terminou comigo. Já tentei ficar com outro pra ver se o esquecia, mas não funcionou. [...] (Texto 107: AT, p.223)

Oi, Má! O que você sentiria se descobrisse [...] (Texto 12: MH, PVZA, p.200)

Observamos que a relação entre instâncias produtora e consumidora é estabelecida pela construção de um espaço interativo em que se cria uma receptividade positiva. A saudação possibilita o estreitamento dos laços interpessoais, dado o aspecto positivo dessa forma de polidez. Desse modo, o produtor textual constrói o cumprimento acrescentando recursos que efetuam sentidos de afabilidade e afeição, por meio da construção exclamativa com vocativo na forma de abreviatura do nome, cujo efeito não seria o mesmo se a construção fosse constituída por um vocativo não abreviado e por ponto-final, por exemplo.

O que se verifica, além do tratamento particularizado, são ocorrências linguísticas com efeitos discursivos que se relacionam à manifestação de sentimentos, conforme se observa pelo uso de coletivização com efeito de cumplicidade e de construções com teor motivacional:

Minha sogra não gosta de mim! :(

[...] O que devo fazer para melhorar o convívio com a sogra? - J.L., 16 anos, São Paulo

Perceba que imagem você passa pra família dele: feche os olhos e reveja várias cenas de você interagindo com eles. O que percebeu sobre suas atitudes? **Vamos supor** que você notou que é meio seca. É possível ser mais afetuosa? Se acha que eles estão enganados a seu respeito, uma conversa pode ajudar. **Boa sorte!** (Texto 83: AT, p.216)

Conjugando a construção da linguagem aos segmentos alvo de mercado, as revistas femininas e juvenis constituíram seu espaço na esfera midiática, ganhando especificidades e uma identidade reconhecida socialmente. O mesmo processo de proximidade com o potencial consumidor e de focalização em determinado grupo social, e que se tornou alvo do mercado midiático, ocorreu com o segmento masculino.

Scalzo (2004) relata que, inicialmente, entre o final do século XIX e início do XX, as revistas para os homens eram chamadas “galantes” e publicavam notas políticas e sociais, piadas e contos picantes, além de caricaturas, desenhos e fotos eróticas. O contexto social e os propósitos dos editores foram delineando as publicações voltadas a esse segmento. A autora afirma que o auge do mercado de revistas masculinas aconteceu após 1922, com o lançamento de *A Maçã*, periódico que se propunha a “dizer com graça, com arte, com literatura, o que se costumava dizer por toda parte sem literatura, sem arte e muitas vezes sem graça” (apud Scalzo, 2004, p.30). A efetiva consolidação no mercado deu-se nos anos 1970, com a revista *Playboy*.

Mira (1997) aponta que a preocupação estética com o corpo sempre foi atenção do mercado feminino. No entanto, a partir dos anos 1980, isso começa a mudar, e a preocupação com a própria aparência atinge o segmento masculino. Para a autora, vem à tona o fenômeno da “masculinidade como espetáculo”, processo subjacente à prática e à assistência do esporte:

Relacionado à atmosfera pós-moderna e sua ênfase na aparência e no estilo de vida [...] o fenômeno faz parte da atual tendência de culto ao corpo. Os homens começam a se preocupar com o peso, a pele, os cabelos, tanto quanto as mulheres. Por sua vez, estas deixam de ser apenas o objeto do 'olhar masculino' e aprendem a olhar o 'corpo masculino'. (MIRA, 1997, p.269).

A preocupação em cuidar do corpo fez surgir várias publicações sobre saúde, boa forma, plástica, dieta. É a partir dos anos 1990 que o padrão de beleza nas revistas começa a deixar de lado os métodos artificiais para seguir a tendência do natural e do saudável, conforme aponta a referida autora.

As publicações adotaram o estilo do gênero autoajuda, ao apresentar indicações e métodos de pessoas comuns, do mundo artístico e esportivo para manter a forma, por exemplo. Nessa linha de publicação, inúmeros produtos constituem o universo de representação do que é considerado bom ou ruim para a saúde do corpo e da mente. Os anunciantes continuam relacionados à veiculação dos periódicos, e “a construção da identidade pessoal, cujo foco agora é o corpo, se associa ao consumo, sustentando um mercado milionário” (MIRA, 1997, p.293).

Mesmo com as constantes reformulações e atualizações, do ponto de vista comunicativo, o jornalismo de revista busca dar continuidade ao papel que lhe caracterizou desde seu início: com periodicidade e material feitos para durar mais na mão do leitor, “as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores”, segundo Scalzo (2004, p.14). A ênfase nesse modelo foi constituindo a essência desse tipo de veículo, ao apresentar a informação de maneira pessoal, como algo “que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática” (*Ibidem*).

Uma vez que a imprensa, de modo geral, dirige-se a um amplo público e precisa considerá-lo como grupo nivelado, ela necessita “desenvolver estratégias que o leve a se sentir único, singular no estabelecimento da interação comunicativa”, conforme Dias (2006, p.111). Para a autora, a linguagem das revistas mostra-se prototípica nesse procedimento, pois é essencialmente diferente da utilizada nos jornais e sempre procurou criar uma interação particularizada com o público alvo, primeiro porque o leitor nem sempre é o mesmo do jornal e segundo porque busca a exploração de novos ângulos e uma abordagem nova e diferente daquilo que eventualmente já foi noticiado em outros veículos.

Além disso, quem escreve precisa ter conhecimento dos interesses e modos de agir a respeito daqueles que recebem o texto, para poder dialogar e não apenas passar informações que podem ser encontradas em qualquer outro lugar, segundo Scalzo. Por isso, diz que o texto de revista deve ser diferente, por se ter uma ideia melhor de quem é o grupo para o qual se direciona: a revista tem a possibilidade de focar no leitor, de falar com ele diretamente e de tratá-lo por “você”.

Os estudos apresentados aqui nos indicam o caminho percorrido pelas revistas e destacam um dos objetivos das publicações voltadas a segmentos específicos: criar identificação e intimidade para manter e evitar bloquear o campo de interação com o público. Nesse sentido, uma seção interativa como a de conselhos, constituída por perguntas e respostas trocadas entre leitores e revista de nicho, revela-se profícua para a análise a ser empreendida neste trabalho.

1.1.3. Prática discursiva de aconselhamento

Como assinalamos anteriormente, a prática de escrever e expor para as revistas problemas da intimidade e da vida cotidiana, solicitando-lhe ajuda, fez grande sucesso na imprensa feminina. Essa prática foi adotada por revistas direcionadas a outros segmentos/nichos sociais, em cujas publicações podemos encontrar uma gama de textos assinados por consultores, psicólogos e redatores, construídos com base em aconselhamentos de ordem sentimental, profissional, educacional, entre outros.

Para análise dessa atividade interativa, pautamo-nos na abordagem sistêmico-funcional¹³, que concebe a linguagem como potencial sociossemiótico, cujas categorias léxico-gramaticais constituem recursos linguísticos para representar o mundo, organizar nossa experiência com a realidade e para construir relações sociais. Por comporem eventos de uso da língua, situados na práxis midiática, os textos das seções de conselhos integram uma prática social.

¹³ Os conceitos teórico-metodológicos dessa perspectiva serão detalhados no item 1.2.2 deste capítulo, p.44.

Segundo Fairclough (2003), há uma relação dialética entre texto e sociedade, tendo em vista que, nos eventos interativos, os usuários da língua manifestam seus propósitos e sua forma de agir sobre o mundo e sobre os indivíduos. O autor compreende que as práticas sociais concatenam diferentes tipos de elementos – ação e interação; relações sociais; pessoas e suas crenças, atitudes, histórias; mundo material; discursos. Associados a determinadas áreas da vida social, tais elementos articulam o discurso, e por isso a linguagem, a outros fatores não discursivos.

Isso no plano das relações externas ao texto, o produto de uma interação contextualizada e de natureza sócio-histórica. No plano das relações internas, estão as categorias semântico-discursivas e construções léxico-gramaticais que realizam os efeitos indicadores da relação mútua/bidirecional entre discurso e práticas sociais.

Ligado aos estudos críticos do discurso, Fairclough (1992; 1997; 2003) propõe um modelo tridimensional de análise discursivo-textual para investigar como o sistema linguístico funciona para veicular ideologia ou para resistir, refletir e questionar práticas de exercício de poder e formas de hegemonia no discurso. Tal modelo propõe como dimensões ou ângulos de análise do evento discursivo: o *texto*, a *prática discursiva* (produção, distribuição e consumo) e a *prática social*, de modo a estabelecer um movimento dialético entre discurso e estruturas sociais.

O autor adota como respaldo analítico das estruturas linguísticas as noções sistêmico-funcionais, e busca, por meio dos textos, recuperar aspectos do discurso, a atividade não material que reflete modos de ser, agir e representar. Particularmente, questões ideológicas, de construção de identidades, estrutura, contestação e legitimação de hegemonias, nas quais se concentram os estudos crítico-discursivos, não serão tratadas aqui.

Fazemos a referência ao modelo do autor para situar nossa perspectiva de estudo, que está centrada no campo das relações internas do texto, tendo em vista que estamos lidando com um material simbólico para examinar significados ativados na prática discursiva de aconselhamento em revistas de nicho mediante a rede do sistema interpessoal de envolvimento, sem deixar de considerar que os recursos linguísticos estão relacionados a uma prática social e discursiva.

Considerando essa perspectiva como plano de fundo em nossa tese, nesta parte, apresentamos dados relativos à natureza da prática discursiva, dimensão que molda a produção dos textos aqui investigados, no que diz respeito aos fatores produção, distribuição e consumo.

As seções de conselhos das três revistas que constituem o *corpus* desta pesquisa – *Men's Health*, *Women's Health* e *Atrevida* – contemplam, além de uma situação-problema, duas instâncias de interlocução: uma institucional, produtora, e uma leitora, consumidora.

A instância produtora, composta pela redação da revista, conta com colaboradores ou profissionais especializados para compor o texto em resposta às perguntas de leitores-consumidores, encaminhadas via cartas, *e-mails*, *facebook*, *twitter*, a serem publicadas em versões impressa e digital.

Conforme estudo de Ferro *et al.* (2009), as cartas enviadas pelo leitor geralmente não são publicadas na íntegra e passam por uma edição para serem veiculadas em conformidade com a linha de formatação de cada revista. Rosa (2008) aponta que alguns exemplos disso são: unificação do tópico e dos tamanhos de cada texto; registro da autoria pelo primeiro nome do leitor ou referência indicada na carta, seguida da cidade e do estado de origem; apresentação/destaque do trecho em que aparece o problema, bem como de frases interrogativas padrão, tais como: "o que faço?", "como devo fazer?", entre outras.

No que diz respeito à instância de produção da revista *Men's Health*, voltada ao público jovem adulto masculino, as seções são assinadas por jornalistas-blogueiros que assumem o papel de correspondentes conselheiros para responder às questões relacionadas às dúvidas de leitores/consumidores sobre comportamento e universo feminino.

Na revista voltada ao público jovem adulto feminino, *Women's Health*, as seções também são assinadas por jornalistas-blogueiros que assumem o papel de correspondentes conselheiros para responder às questões relacionadas às dúvidas de leitoras/consumidoras sobre comportamento e universo masculino.

Já na revista voltada às mulheres adolescentes, *Atrevida*, a seção é assinada por um jornalista ou consultor da redação da revista, e a fonte das respostas, geralmente, é imputada aos colaboradores, ginecologistas, sexólogos, psicólogos e psicoterapeutas.

Por sua vez, a instância leitora, composta por segmentos sociais específicos, conta, no caso, com consumidores de determinada faixa etária, de diferentes classes

socioeconômicas, de periódicos que figuram entre os mais adquiridos e conhecidos¹⁴, conforme indicam os dados apresentados pela:

- *Men's Health*: lançada em 2006, a versão brasileira abarca assuntos sobre condicionamento físico, saúde, dicas sobre sexo, relacionamento e nutrição, possui tiragem de pouco mais de 132 mil exemplares, circulação líquida de quase 88 mil, e público formado por 91% do sexo masculino e 9% do sexo feminino, em geral da classe B, sendo consumida principalmente pelos que estão na faixa dos 20 aos 44 anos. Na internet, as páginas do *site* atingem cerca de 1.248.000 visualizações/mês;
- *Women's Health*: lançada em 2008, a versão brasileira possui tiragem impressa de quase 97 mil exemplares, com circulação líquida de pouco mais de 64 mil, e público formado por 68% do sexo feminino e 32% do sexo masculino, em geral da classe B, consumida principalmente pelas que estão na faixa dos 20 aos 44 anos. Na internet, as páginas do *site* atingem cerca de 31.559.000 visualizações/mês;¹⁵

¹⁴ O Instituto Verificador de Comunicação (IVC) apresenta um ranqueamento de 212 revistas em circulação no Brasil. Disponível em: <http://ivcbrasil.org.br/auditorias/aPublicacoesAuditadasRevista.asp>. Acesso em: 20 abr.2014.

¹⁵ As fontes referentes às revistas *Men's Health* e *Women's Health* são as seguintes:

i) dados sobre a circulação do periódico – *site* PubliAbril, com base no Instituto Verificador de Circulação (IVC), de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral>>, acesso em 10 fev.2014;

ii) dados sobre o perfil do leitor da versão impressa – *site* PubliAbril, com base nos Estudos Marplan (EGM), Consolidado 2013. Disponível em <<http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/perfil-dos-leitores>>, acesso em: 04 jan.2014:

Meio impresso	SEXO		CLASSE SOCIAL				FAIXA ETÁRIA						
REVISTA	M	F	A	B	C	D/E	10-14	15-19	20-24	25-34	35-44	45-49	50+
Men's Health	91.0%	9.0%	18.0%	58.0%	24.0%	0.0%	0.0%	6.0%	21.0%	34.0%	25.0%	10.0%	3.0%
Women's Health	32.0%	68.0%	26.0%	53.0%	21.0%	0.0%	0.0%	7.0%	17.0%	38.0%	16.0%	11.0%	10.0%

iii) dados sobre o perfil do internauta – *site* PubliAbril, com base nas pesquisas realizadas pela ComScore, jan. e fev./2016. Disponível em <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/men-s-health/plataformas/site>> e em <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/women-s-health/plataformas/site>>, acesso em: 20 maio 2016:

Meio digital	SEXO		FAIXA ETÁRIA						
REVISTA	Total de internautas	M	F	6-14	15-24	25-34	35-44	45-54	55 ou mais
Men's Health	170.000	64%	36%	5.3%	27.1%	22.4%	25.3%	8.8%	11.2%
Women's Health	4.217.000	35%	65%	3.9%	26.4%	39%	22.5%	10.9%	7.3%

- *Atrevida*: lançada em 1994, versa sobre "tendência, moda, beleza, saúde, escola, ídolos, tecnologia", possui tiragem mensal de 90 mil exemplares, é consumida por 66% das adolescentes das classes A e B, e dirigida àquelas na faixa dos 14 aos 17 anos, principalmente do sexo feminino¹⁶. Na internet, a audiência gira em torno de 1.225.780 usuários¹⁷.

Em resumo, a configuração contextual mais imediata de interação, seguindo os parâmetros sistêmico-funcionais, é constituída por: (i) uma *atividade* social de trocas de informações baseadas em conselhos/dicas de comportamento para resolver determinada situação-problema; (ii) uma *relação* entre participantes que se encontram distantes, bem como não se conhecem fora do meio pelo qual se contatam, e que exercem papéis de escritor/consultor e de leitor/consumidor, posicionados hierarquicamente¹⁸, pois o escritor é um especialista detentor de conhecimento e experiências que interage com um leitor/consumidor que busca informações sobre meios de resolver seus problemas; e (iii) um *modo* de discurso em que a linguagem é constitutiva, exerce papel essencial, e é compartilhada dialogicamente pelo meio gráfico.

No caso, as seções das revistas de nicho que compõem nosso *corpus* – *Pergunte à Vizinha*, *Pergunte ao Beto*, *o Barman*, *Pergunte ao Amigo Gay*, *Pergunte ao Vizinho e Arrasa*, *Ficadas e Rolos* – são formadas por cartas enviadas por leitores, selecionadas pelas revistas, para interagir com os consumidores textuais acerca de uma situação problemática. Segundo Rosa (2008), a carta resgata

[...] a funcionalidade da comunicação direta entre indivíduos, o que aproxima ainda mais produtor e leitor do texto. O leitor não apenas observa que existem pessoas reais com problemas semelhantes aos seus, como também percebe que muitos outros leitores, assim como ele, podem ter seus problemas ouvidos e respondidos pontualmente por alguém [...]. (ROSA, 2008, p.218.)

¹⁶ No mercado midiático, a revista *Mundo Estranho*, por exemplo, volta-se particularmente aos adolescentes do sexo masculino, mas não possui o tipo de seção aqui em estudo. Por isso, a não possibilidade de seleção de textos de conselhos publicados para esse segmento.

¹⁷ Fonte: *site* MídiaKit, Grupo Escala, com base no Instituto Verificador de Comunicação (IVC), de janeiro a junho de 2012. Disponível em: <http://midiakit.escala.com.br/?page_id=32>, acesso em: 04 jan.2014.

¹⁸ Embora a relação seja hierárquica, acreditamos que os recursos de envolvimento, focalizados nesta tese, funcionem para inibir eventuais significados relativos ao eixo vertical das posições assumidas pelos interlocutores, conforme abordaremos nas análises dos textos.

Nesse sentido, como as perguntas de leitores e respostas da revista configuram uma seção que se caracteriza como uma espécie de consultoria oferecida por alguns periódicos para sanar dúvidas e dilemas de seus consumidores textuais, a disseminação dos conselhos nesse contexto enquadra-se numa atividade social baseada na ação persuasivamente orientada de mostrar, indicar, sugerir ou recomendar a alguém a (des)necessidade, a (in)conveniência ou (des)vantagem de algo. Nesse sentido, aconselhar é uma prática sociodiscursiva voltada a modificar condutas – alguém apresenta uma situação conflituosa *x* e outro indica ações *y*, *z*, para resolvê-la, cuja estrutura textual baseia-se no modelo exortativo.

Organizado por elementos linguísticos que expressam tomada de atitude, o papel do modo retórico exortativo é reforçar ou alterar certas condutas do leitor, conforme Longacre (1992), e sob essa ótica a exortação configura um subtipo do discurso comportamental, organizado estruturalmente por argumentos que apresentam propostas para uma situação-problema, a partir de comandos.

A estrutura do texto como um todo é composta por proposições e propostas que seguem os seguintes movimentos ou etapas de organização: *apresentação de um problema; estabelecimento da autoridade/credibilidade do produtor textual; emissão de comandos/sugestões; recurso à motivação* (cf. LONGACRE, 1992, p.110)¹⁹.

Em geral, esse é o perfil dos textos a serem analisados e sobre os quais apontamos seu contexto de produção, distribuição e consumo. Tal panorama serve de esteio para que possamos abordar a prática discursiva aqui em foco com o intuito de correlacionar recursos linguísticos de envolvimento à construção dos conselhos, verificar como se configura a interação entre revistas de nicho e leitores, bem como examinar como se gerencia a relação interpessoal, cujos fundamentos expomos a seguir.

¹⁹ A estrutura exortativa presente na construção das seções de conselhos será abordada e analisada no capítulo 4, item 4.1, p.155.

1.2. Interação: subsídios para abordagem dos aspectos interpessoais

Nesta parte, apresentamos uma revisão das perspectivas relacionadas à interação e à construção das relações interpessoais, a fim de subsidiar a análise do processo de envolvimento. Primeiramente, apontamos perspectivas que tratam da atividade interacional e das concepções de como a língua é posta em ação. Em seguida, focalizamos a abordagem de estudo da língua como um sistema de escolhas e de potenciais recursos linguísticos para construir e organizar experiências e relações entre indivíduos e destes com o ambiente a seu redor.

1.2.1. Fundamentos interacionais

Quando voltamos o olhar para as questões sobre a interação no campo dos estudos linguísticos, verificamos que duas vertentes destacam-se: uma internalista (de ordem psicológica) e outra externalista (de ordem sociológica). A primeira considera apenas que aspectos internos influenciavam a linguagem humana. Já a segunda parte da ideia segundo a qual as ações humanas têm origem na interação e, por isso, recebe influências de fatores externos ao indivíduo, abrindo outro caminho de estudo do uso da língua, ao considerar a mediação da linguagem como base para que as pessoas estabeleçam relações entre si e com o entorno social (MORATO, 2004).

No estudo sobre as perspectivas interacionistas constituídas na Linguística, Morato (2004) destaca que, sob a rubrica etimológica, o termo *interação* carrega a ideia de influência mútua ou compartilhada entre dois ou mais corpos ou indivíduos, e sob a rubrica sociológica, a ideia de conjunto das ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade.

Esta perspectiva interacionista destacou-se após meados do século XX por ir de encontro às posições teóricas psicologistas, internalistas, que dominavam a ciência Linguística. Além disso, a perspectiva de cunho externalista favoreceu o intercâmbio da Linguística com outras áreas do conhecimento por considerar a relação do sistema

linguístico com o mundo exterior, de modo que categorias como “ação”, “outro”, “prática”, “sociedade” e “cognição” fossem levadas em conta na observação do funcionamento da linguagem.

Essa concepção de interação humana, dada sua natureza social, resulta “de uma espécie de compilação de processos diversos existentes no âmbito das práticas humanas”, uma vez que é circunstanciada pelas relações existentes entre interlocutores, entre discursos, entre semioses coocorrentes, no interior de uma realidade multifacetada, em que interatuam e coexistem vários processos: sociais, psicológicos, contextuais, culturais, interpessoais etc (cf. MORATO, 2004, p.313).

Em atuais trabalhos da área da Psicologia, já se tem considerado a exterioridade que envolve a linguagem. Nos estudos que têm por propósito investigar de que maneira a interação e o conhecimento são construídos, a atividade interacional é entendida como mais do que fazer algo juntos. Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa (1998; 1999) partem de uma concepção de interação que se baseia em conceitos da Física (movimento browniano²⁰ e sistemas dotados de auto-organização) e na noção de sociabilidade como propriedade fundamental do sistema biológico-cultural.

A partir do conceito de que o indivíduo constitui e é constituído por um sistema social, fazendo uma analogia com o conceito de átomo, as autoras relacionam a interação a um sistema de trocas dinâmico semelhante a um campo gravitacional (espaço no qual interagem partículas dotadas de massa), ou a um campo eletromagnético (espaço no qual interagem partículas carregadas eletricamente).

Sob esse ponto de vista, a interação é compreendida como potencial de regulação entre os componentes de um campo ou sistema. A regulação ocorre quando os movimentos ou as transformações de comportamentos de um dos componentes são dados e compreendidos a partir da existência dos movimentos ou do comportamento de outros elementos (CARVALHO, IMPÉRIO-HAMBURGER e PEDROSA, 1998).

²⁰ Nome atribuído em homenagem ao botânico escocês Robert Brown, que analisou e descreveu a movimentação aleatória e irregular executada por pequenas partículas que colidem com as moléculas de um líquido. O movimento browniano contribuiu para explicar a existência de átomos e moléculas, bem como o deslocamento, os choques e a atração das partículas da matéria.

Essa abordagem interacional vista como potencial de regulação apoia-se em duas perspectivas basilares: a dos *sistemas dinâmicos* e a *sociogenética*. A *perspectiva dos sistemas dinâmicos* liga-se à noção interacional humana por estar relacionada a um sistema de relações que comporta momentos de estabilidade e mudança, bem como mecanismos de auto-organização das relações vivenciadas pelos indivíduos. Já a *perspectiva sociogenética, socioconstrutivista ou sociocultural*, que inclui a concepção *dialógica*, enfoca o papel do meio social e cultural no processo de desenvolvimento humano, entendendo a interação como uma atividade de construção conjunta e dialógica, que ocorre através das trocas entre os sujeitos²¹ com o meio sociocultural no qual estão inseridos (LYRA, 2000).

Além de ressaltar a interação como fator base para a construção do conhecimento e da linguagem, dada sua natureza social, os referidos estudos da Psicologia salientam que ajustes ocorrem o tempo todo, devido à sociabilidade humana e à instabilidade das trocas com o meio e entre os indivíduos.

Tendo em vista essa dinâmica das relações sociais, alguns fatores entram em jogo no processo interacional e serão levados em conta na análise das ações solidárias de envolvimento interpessoal – como a emoção, as experiências compartilhadas, a identificação com determinados valores e grupos, que regulam as ações nas trocas comunicativas.

Uma vez que o aspecto social é então basilar para compreender a interação, no campo linguístico, há diferentes correntes e trabalhos que buscam aporte não só na Psicologia como também na Sociologia. Segundo Morato (2004), uns tomam a interação como uma das categorias de análise dos fatos de linguagem, outros tomam a interação como lugar onde a linguagem acontece, a partir de determinadas circunstâncias nas quais se insere a ação conjunta entre os indivíduos. Nessas abordagens, tem-se procurado focar singularmente fatores que interferem na

[...] qualidade das interações humanas, o valor intersubjetivo da linguagem, as contingências materiais da vida em sociedade, os diferentes universos discursivos através dos quais agimos e orientamos nossas ações no mundo, as

²¹ O sujeito dessa perspectiva não compreende uma visão apassivada, mas sim ativa, uma vez que comporta noções de troca, dialogia, relações, agência.

normas pragmáticas que presidem a utilização da linguagem, a polissemia existente entre língua e (inter)discurso. (MORATO, 2004, p.317-318).

Trabalhos do sociólogo Goffman, por exemplo, têm fundamentado estudos da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional, com os conceitos de enquadre (*frame*), alinhamento (*footing*), imagem/representação social de si (*face*), importantes para mostrar como a situação social influencia a fala em contextos específicos. Tais conceitos abarcam a ideia de que a interação é um meio de constituição social dos indivíduos no qual os participantes procuram manter uma imagem social, e, ao agir como atores, exercem diferentes papéis em diversas situações (GOFFMAN, 1967).

Além disso, os estudos dessa corrente colocaram em cena elementos importantes para analisar a construção do envolvimento dos participantes, tais como esquemas de conhecimentos e enquadramento interativo, que auxiliam a análise das interações pela observação de como relacionam experiências a partir dos conhecimentos de mundo que já têm e ativam expectativas e conhecimentos de suas vivências, que servirão de base para compreender situações discursivas.

Foi a partir da proposta de Goffman que os estudos linguísticos passaram a destacar o papel do ouvinte na estrutura sequencial da interação face a face. Os trabalhos de Gumperz, por exemplo, abordam a noção das chamadas pistas de contextualização e evidenciam como os interlocutores, por meio dos conhecimentos e habilidades que partilham, podem criar e interpretar diferentes maneiras de falar, inferir intenções e apreender expectativas sobre o que poderá ocorrer durante a atividade interativa.

Desse modo, Gumperz (2002 [1982]) entende a interação como uma atividade social e culturalmente construída meio a um processo dinâmico que se desenvolve e sofre alterações à medida que os participantes negociam as interpretações que fazem do evento comunicativo. Essas concepções fundamentam a ideia de que os efeitos de sentido construídos na interação podem ser diferentes dependendo da situação contextual e de como a atividade de fala/escrita ocorre, bem como de que maneira os participantes interpretam a atividade que está ocorrendo e como devem se comportar ou interagir para serem compreendidos.

Esse modo de conceber a interação baseia-se numa abordagem etnometodológica que se preocupa com as relações entre indivíduo e sociedade e procura descrever os

processos que caracterizam e constituem a comunicação interpessoal, observando o modo de interação em situações específicas da vida cotidiana.

Mondada é uma das pesquisadoras que estuda a dimensão interacional da linguagem a partir de princípios da Análise da Conversação e da Etnometodologia. Para a autora (2001, p.142), a interação social tem “um papel constitutivo não só nas práticas dos falantes, mas também na estruturação dos recursos linguísticos”²², uma vez que é um local prototípico de construção de relações sociais e de identidade dos interlocutores, bem como de uso das formas linguísticas e de construção de práticas de linguagem, estruturadas pela situação de enunciação e ajustadas constantemente no/pelo contexto.

Também fornece subsídios para compreensão da dinâmica da interação verbal a abordagem pragmática conversacional de Kerbrat-Orecchionni (1992). A autora prioriza o discurso oral, a fim de analisar a troca verbal a partir da ótica de que esta é uma ação que afeta as relações consigo e com o outro na comunicação face a face. Considera que o sistema de expressão da relação interpessoal organiza-se a partir de três dimensões gerais:

- (i) uma relação horizontal referente ao eixo da distância social, orientada pelo grau de familiaridade e intimidade entre os interlocutores;
- (ii) uma *relação vertical* referente ao eixo da posição assumida pelos interlocutores em que um pode se encontrar na alta posição, de dominante, e o outro na baixa posição, de dominado;
- (iii) uma *relação das atitudes discursivas* referente às posturas conflituosa/polêmica *versus* consensual.

Essas três dimensões se desenvolvem dentro de um quadro sociocontextual em que as relações interpessoais dependem de uma série de fatores, relativos: aos participantes (sexo, idade, *status* social etc); à natureza da relação existente entre eles (grau de conhecimento, tipo de vínculo – familiar, amigável, profissional, hierárquico ou não, etc); ao tipo de contrato estabelecido durante a troca comunicativa (papéis sociais exercidos); à natureza da situação (número de participantes, característica mais ou menos formal, etc).

²² Tradução livre do original: “[...] un rôle constitutif non seulement dans les pratiques des locuteurs mais aussi dans la structuration des ressources linguistiques [...]”.

Trata-se de indicadores de como se desenrola a atividade interativa e definem o nível das relações interpessoais, conforme considera Kerbrat-Orecchionni. Assim, a opção pelo uso de determinados recursos linguísticos depende de como se configuram as relações e os fatores sociocontextuais, para que sejam instaurados os vínculos entre os interactantes, por exemplo.

Entre os estudos que concebem a interação como fenômeno social, verificando-a dentro dos limites do contexto mais imediato, a partir dos pressupostos do grupo de pesquisadores da segunda fase da Filosofia Analítica, que se dedicou ao estudo empírico, descritivo e analítico da linguagem cotidiana, estão aqueles que compreendem a interação com base na teoria acional de Austin, segundo a qual por meio das palavras executamos uma ação. Em tal perspectiva, dizer não se limita a apenas transmitir informações puras e simples de fatos, mas a cumprir determinadas funções e a modificar determinada situação.

Para Van Dijk (1992, p.89), a interação humana é uma “ação social”, uma sucessão de ações praticada por várias pessoas. Concebe o autor que os indivíduos são agentes implicados em um processo sujeito a convenções sociais e pragmáticas, em que as pessoas realizam uma modificação da situação de maneira consciente e com um objetivo. Para tanto, uma série de requisitos cognitivos e sociais são cumpridos na ação interativa do agente para afetar o outro mediante atos de fala: a interação compreende sequências de ações concatenadas e determinadas por limitações espaço-temporais e sujeitas a convenções ou regras sociais para que seja coerente.

O referido pesquisador leva em conta fatores pragmáticos e parte de uma perspectiva cognitiva para apreender o sentido das relações estabelecidas entre os participantes e analisar os enunciados compreendidos dentro de seu contexto social, o qual influiria sistematicamente nas ações do indivíduo em sua relação com outros indivíduos.

Exemplo de que a ação ou interação social prevê regras, normas, leis, direitos e deveres dos participantes em contextos específicos, papéis e posições que os regulam nessa atividade, é dado pela relação entre escritor e leitor, que praticam ações, cada um dentro do seu momento e espaço: o escritor busca uma possível "aceitação" dos leitores para os textos que produz, os quais serão apreendidos/captados pelos leitores a partir dos elementos linguísticos, entre eles, os de envolvimento, que ancoram e orientam o discurso de modo que ambos entrem em sintonia na interação através do texto.

Essas considerações de cunho pragmático e social a respeito da interação verbal, somadas aos princípios propostos pelos estudos da enunciação, deram relevo, no campo de estudos linguísticos, a questões referentes à subjetividade e à intersubjetividade, constituídas na e pela linguagem via relações entre o “eu” e o “outro”. Dessas duas instâncias decorre o caráter dialógico da linguagem, amplamente discutido por Bakhtin (1997 [1929]), que concebe o dialogismo como um princípio instaurador da linguagem na vida em sociedade.

Segundo a perspectiva filosófica e sociológica bakhtiniana, toda interação verbal, seja oral ou escrita, é dialógica porque se dá em função de um sujeito com outro e para o outro, e com base em atitudes responsivas, em um contínuo processo de alternância de papéis entre falante e ouvinte, dentro de um contexto social e histórico de produção de enunciados que respondem, concordam, discordam, enfim, entrelaçam-se a outros enunciados.

Para Bakhtin (2003 [1979]), é "em face de determinada sensação e compreensão do destinatário pelo falante" (p.304) que o enunciado é constituído; diante das concepções, convicções, simpatias e antipatias, "da percepção do meu discurso pelo destinatário" (p.302) que se determina a escolha dos meios linguísticos para compor o enunciado.

Nesse sentido, "interagir não é apenas um processo mecânico de tomar turnos ao produzir sons e palavras. Interagir é uma atividade semântica, um processo de produzir significados"²³, segundo Eggins & Slade (2001, p.6). Alicerçado na abordagem sistêmico-funcional da linguagem, esse ponto de vista leva em conta que o partilhamento de significados é um processo funcionalmente motivado, pois, conforme apontam as autoras, quando interagimos uns com os outros para realizar uma variedade de tarefas, revelamos nosso modo de estabelecer vínculos com as pessoas, quem somos, de que maneira nos relacionamos através da forma que pensamos e construímos a realidade, que motivações nos levam a partilhar interesses, sentimentos, pontos de vista, emoções, etc.

Tal concepção de uso linguístico e de construção, estabelecimento e negociação de experiências e relações interpessoais nas práticas interativas é a perspectiva adotada aqui e

²³ Tradução livre do original: "Interacting is not just a mechanical process of taking turns at producing sounds and words. Interacting is a semantic activity, a process of making meanings."

apresentada a seguir, para fundamentar nossa abordagem dos recursos de envolvimento nas seções de conselhos das revistas de nicho.

1.2.2. Fundamentos interpessoais

Para que possamos explorar e descrever as opções de recursos linguísticos que constroem o envolvimento, fundamentamo-nos em pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que parte de uma visão de língua como potencial sociosemiótico constituído por recursos com a função de organizar experiências e como meio para atuar e interagir com o ambiente e entre os indivíduos.

A abordagem sistêmico-funcional concentra-se na descrição e compreensão do funcionamento e uso da língua dentro do seu contexto, isto é, toma como referência a produção da linguagem e a língua em relação com o contexto sociocultural e situacional para descrever o sistema linguístico como conjunto de opções com determinada função para a produção de significado.

Os estudos que seguiram essa linha constituíram a chamada Linguística Sistêmico-Funcional ou a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). Trata-se de um modelo teórico-metodológico para estudar um subsistema da linguagem – a gramática – a fim de investigar e delinear de que maneira a língua é posta em funcionamento em dado contexto. Em vez de regras, tem-se em vista descrever os recursos que constroem o sistema do qual fazemos uso para construir e manter as nossas relações interpessoais e para interpretar e representar o mundo.

Segundo Neves (1997), parte-se de uma visão pragmática integrada a uma teoria gramatical, que leva em conta os componentes gramaticais (fonologia, morfologia, semântica, sintaxe) na constituição das expressões linguísticas e, por sua vez, os fatores pragmáticos que interferem nos padrões de interação verbal em que as expressões linguísticas, em termos fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos, são usadas.

Criada no âmbito do funcionalismo britânico, a LSF, em sua formação, recebeu contribuições basicamente da vertente antropológica de Malinowski e da vertente linguística de Firth. Pautado em aspectos tratados por esses pesquisadores, o modelo

teórico-metodológico fundamenta-se em trabalhos da etnografia e da noção de contexto de Malinowski, na dimensão paradigmática de língua dos estudos de Firth, nos princípios teleológicos da Escola de Praga, e na noção de competência comunicativa de Hymes (NEVES, 1997, p.58-59).

A LSF é *sistêmica* porque compreende a língua como um conjunto de alternativas possíveis – um sistema paradigmático – e é *funcional* porque procura explicar a relação das estruturas linguísticas com o significado que elas desempenham em textos. Tal concepção provém da ideia de que “a língua é um sistema de meios de expressão apropriado a um propósito”²⁴, presente nos trabalhos conhecidos como *Les thèses de 1929*, da Escola Linguística de Praga²⁵.

Nesse sentido, o tratamento funcional dos estudos da linguagem é regido pela perspectiva teleológica, para explicar a *função* que uma forma linguística desempenha no processo comunicativo. Esse termo do qual deriva a atribuição *funcional* assume o sentido de que a linguagem e seus componentes desempenham “tarefas” ou servem a “propósitos”, cujo princípio teleológico básico é: “um fenômeno *x* é um meio para a realização de um fim *F*” ou “um fenômeno *x* tem uma função *f*”. Ter a função *f* significa possuir a propriedade de “servir como meio para o fim (propósito) *F*” (NEVES, 1997, p.8).

Alinhados a tal interpretação, os trabalhos de Halliday, ao longo das décadas de 1970 e 1980, têm sido os mais representativos no desenvolvimento da LSF. Com base neles, outros estudos se desenvolveram, tais como os de Halliday & Hasan (1985; 1989), Martin (1992), Eggins & Slade (2001), Halliday & Matthiessen (2004), Thompson (2004), Martin & White (2005), Matthiessen (2009; 2012), entre outros, fornecendo aportes para análises não só de ordem gramatical, como também de textos/discursos.

²⁴ Tradução livre do original: “la langue est un système de moyens d'expression appropriés à un but”. (*Les thèses de 1929*. Travaux du Cercle Linguistique de Prague, 1, 5-29. Disponível em: <http://www2.unil.ch/slav/ling/textes/theses29.html>. Acesso em 13 jan.2013.)

²⁵ A designação *Escola Linguística de Praga* é atribuída a um grupo de estudiosos, cujos fundamentos resultantes das pesquisas realizadas direcionaram o desenvolvimento de obras de orientação funcionalista. Entre as ideias defendidas pelo grupo, destaca-se a de que a frase não deve ser estudada levando-se em conta apenas sua parte interna (fonologia, morfologia e sintaxe), mas também e principalmente deve considerar o contexto comunicativo, pois a ele a frase está relacionada, dele depende sua interpretação e nele está inserida sua produção real e efetiva.

Segundo Matthiessen (2012), os pesquisadores da LSF buscaram desenvolver uma abordagem holística baseada em descrições de sistemas linguísticos e análises de elementos léxico-gramaticais e fonológicos, estendendo a cobertura destes para o sistema de coesão e para o nível extralinguístico, incluindo explorações semânticas e de arranjo contextual dos textos.

O modelo teórico-metodológico proposto pela LSF compreende um *continuum* entre língua e texto e entende que a relação entre língua e contexto ocorra de modo estratificado. A estratificação do sistema linguístico é representada da seguinte forma:

Figura 1 – Estratificação (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.25, adaptada).

Parte-se do princípio de que cada um dos estratos é realizado em outro: o contexto é realizado pelas camadas de conteúdo, compostas pelo estrato semântico-discursivo – referente aos significados – e pelo estrato léxico-gramatical – referente aos fraseados –, que, por sua vez, são realizados pelas camadas de expressão, compostas pelos estratos fonológico e grafológico, referente aos sons/grafemas.

O princípio de realização dos estratos, segundo Martin & Rose (2008, p. 10), "é uma espécie de recodificação – como o mapeamento do *hardware* realizado através do *software*, projetando imagens e palavras como as que vemos na tela de nossos

computadores"²⁶. Dessa maneira, a relação entre os níveis extralinguísticos e linguísticos não acontece de forma independente. As variáveis que compõem o contexto, correspondentes ao entorno, às relações entre os falantes/escritores e ao modo de constituição do texto, constituem o princípio da organização *metafuncional* do sistema. Tais variáveis ou parâmetros são sistematizados em: *relações (tenor)*, *campo (field)* e *modo (mode)*, que correspondem, respectivamente, segundo Halliday²⁷:

- às relações e papéis sociais que os participantes representam mediante a situação (quem participa e qual sua função ou seu papel em dado evento social, como os participantes estabelecem relações com os outros, a depender da hierarquia, distância social, formalidade e frequência de contato);
- à natureza da atividade social (o quê acontece, em quê os participantes estão engajados, quais são as circunstâncias e o local que envolvem os participantes);
- ao modo retórico de organização simbólica que os participantes adotam para o intercâmbio verbal (como o fluxo informacional é canalizado a partir dos diversos elementos linguísticos disponíveis).

Por sua vez, no espaço sociosemiótico de interação, as variáveis contextuais dão conta dos fatos extralinguísticos que influem nas escolhas de realização do texto, no qual uma realidade social ou uma cultura é codificada por meio de recursos léxico-gramaticais que constroem significados relacionados a três metafunções:

- a *metafunção interpessoal*, responsável pela construção de relações sociais ao expressar a forma de agir no meio, refere-se aos recursos léxico-gramaticais que estruturam e realizam a interação, à forma como se adotam e se atribuem funções de fala e a como se promulgam papéis sociais (por meio do sistema de MODO, por exemplo);
- a *metafunção ideacional*, responsável pela representação da realidade social, concerne aos recursos que constroem nossas experiências dentro, ao redor e no

²⁶ Tradução livre do original: "Realisation is a kind of re-coding – like the mapping of hardware through software to the images and words we see on the screen on our computers."

²⁷ A explicação de contexto funcionalmente diversificado nessas três variáveis, dada em Halliday (1985, p. 9-12), é retomada em vários estudos sistêmico-funcionais, tais como em Matthiessen & Halliday (1997), em Eggins & Martin (2000, p.346) e em Martin & Rose (2008, p.11).

mundo, ao expressar processos, participantes envolvidos nesses processos e circunstâncias (por meio do sistema de TRANSITIVIDADE, por exemplo);

- a *metafunção textual*, responsável pela ordenação e fluxo discursivo, possibilita a criação do texto e a apresentação de significados ideacionais e interpessoais a serem compartilhados por falante/escritor e ouvinte/leitor, cujos recursos fornecem meios para orientar a interpretação e para se estabelecer a articulação, a coerência e a coesão do texto (por meio do sistema de TEMA, por exemplo).

De acordo com Matthiessen & Halliday (1997), tais metafunções referem-se aos diferentes modos de significação construídos pela gramática e manifestam-se na organização dos dois estratos de conteúdo – semântico e léxico-gramatical – concernentes ao significado. Segundo os autores, tais camadas de conteúdo constituem um subsistema integrante da língua em contexto e fazem a interface entre semântica e fonologia/grafologia, ressoando a organização metafuncional com a diversificação do contexto em *relações, campo e modo*.

Entende-se que, na interação, ao serem selecionadas, as opções linguísticas atravessam todos os estratos, do contexto à fonologia/grafologia, e, então portadoras de significados das referidas variáveis, geram uma configuração contextual. Esta, por sua vez, ativa padrões linguísticos preferenciais de construção, denominados registro. Trata-se de um termo conceitual voltado à análise dos significados construídos na interação relacionados ao contexto mais imediato. No âmbito da LSF, há duas percepções a respeito do registro:

- uma toma como ponto de partida o contexto de cultura, como estrato que influencia a pré-seleção de elementos do registro, por compreender a configuração contextual como sendo o próprio registro (a de MARTIN (1992), por exemplo);
- outra toma como ponto de partida o contexto situacional para identificar suas variáveis, ao entender o registro como padrões linguísticos metafuncionalmente orientados que caracterizam uma configuração contextual (a de HALLIDAY & HASAN (1989), por exemplo).

Partimos desse último entendimento, de que o registro apresenta recursos semânticos utilizados em determinada situação e associados a um tipo de contexto situacional. Ao configurar um contexto de conselhos, por exemplo, o registro da recomendação ativa determinado padrão probabilístico de uso da língua, isto é, as escolhas

linguísticas que podem ou não se apresentar nessa situação. Antes de serem realizadas nos textos, as escolhas das possíveis opções interpessoais, por exemplo, que compõem o potencial sistêmico passam pelos "filtros" contextuais que organizam o uso (tanto pela camada do contexto mediato, o cultural, quanto pela camada mais imediata, o contexto situacional), até serem efetivamente codificadas como instâncias de significados, no caso aqui de efeitos de solidariedade.

A essa escala do sistema ao texto concerne o princípio da instanciação. Grosso modo, tal princípio refere-se ao padrão que um conjunto de textos forma a partir de certas funções cumpridas pelas construções linguísticas, de modo que as escolhas realizadas no texto sejam o efeito dessas funções.

Enquanto o contexto de situação relaciona-se aos *registros*, o contexto de cultura relaciona-se ao *gênero* – duas noções introduzidas pela LSF que correspondem a dimensões de variação textual²⁸. A noção de contexto de cultura (ou gênero) refere-se ao entorno de utilização da língua de acordo com a cultura de ocorrência da interação social, e a noção de contexto de situação refere-se às particularidades e variações de uso da língua de acordo com o momento em que ocorre a interação.

Na visão de Eggins & Martin (2000), o contexto de cultura influencia a pré-seleção das variáveis de registro em relação aos constituintes micro e macroestruturais para se alcançar o propósito de um texto. O contexto mais imediato associa-se às possibilidades e às diferentes escolhas léxico-gramaticais em determinada situação, e o conhecimento do contexto das práticas socioculturais em que falantes e escritores estão engajados possibilita compreender a escolha por determinadas opções linguísticas e construções textuais, que acabam refletindo crenças, valores, convenções sociais de grupos e instituições, e propósitos compartilhados por determinada comunidade.

Como instância da língua, o texto compreende um conjunto de escolhas do sistema linguístico e constitui "um evento intersubjetivo, no qual falante e ouvinte trocam

²⁸ Matthiessen (2009) aponta que estudos em perspectiva sistêmico-funcional têm desenvolvido análises de texto baseadas em aspectos do campo contextual, explorando a variação e tipologia de registros em diferentes processos sociosemióticos: *explicar, reportar, recriar, compartilhar, fazer, recomendar, habilitar e explorar*.

significado em um contexto de situação" (WEBSTER, 2009, p.7)²⁹. Com base nessas concepções, observaremos as escolhas léxico-gramaticais construídas nos textos, com foco no estrato semântico-discursivo, para depreender as opções paradigmáticas de envolvimento interpessoal em um evento concreto de uso da língua: a prática de aconselhamento em revistas de nicho.

Para tanto, cabe ressaltar ainda que, como cada componente do sistema semântico é composto por grupos ou redes de recursos que desempenham as metafunções, mesmo que alguns recursos sejam característicos de uma dada função, eles podem assumir valores simultâneos, ideacional e interpessoal, por exemplo. Conforme explica Gonçalves Segundo (2011, p.155), essa inter-relação é ainda mais forte com “os componentes da função interpessoal [que] possuem fronteiras indefinidas” e o significado “se espalha pelos enunciados, assumindo um efeito cumulativo”.

A criação de significado é dinâmica, uma vez que resulta da seleção de determinado recurso, e não outro, dentre as opções disponíveis do sistema linguístico na construção de uma unidade de interação, em determinado contexto. Nesse sentido, ocorre uma combinação de relações entre recursos de conteúdo e de expressão (relações sintagmáticas) com recursos linguísticos então disponíveis para realização de um fim (relações paradigmáticas).

Para Lemke (2005), analisar como se dá a prática ou a atividade de produção de significado inclui considerar o papel do contexto nesse processo. O autor explica que, quando uma ação ocorre, ela acontece em algum contexto, e que o seu significado depende em parte do que esse contexto se constitui. A atribuição de significado à ação é dada ao interpretá-la em relação a outras ações, eventos ou coisas. Em determinada circunstância, apenas algumas são consideradas significativas, pois nem toda possível relação é feita ou considerada relevante.

Na concepção do referido pesquisador, os significados são normalmente constituídos por meio da construção simultânea de dois tipos de padrões: as relações paradigmáticas, verificadas pelas alternativas de uma ação com outras que poderiam ter ocorrido, e as relações de combinação, verificadas pela ocorrência da ação em seu

²⁹ Tradução livre do original: "A text is an intersubjective event, in which speaker and listener exchange meaning in a context of situation."

contexto. Esclarece que o significado é criado porque uma coisa e não outra com um significado diferente aconteceu, e porque outras coisas ocorreram juntas em determinada situação.

Desse modo, Lemke (2005, p.142) compreende que "o significado consiste em relações e sistemas de relações de relações. Essas relações são, basicamente, relações de *contextualização*"³⁰, o que configura, segundo o autor, uma realização regida pela noção de metarredundância. Como tais relações seguem critérios de escolha e combinação, dois significados podem ser constituídos ao mesmo tempo porque conectam duas redes de alternativas para estruturação do conteúdo semântico-discursivo em determinado contexto.

"A metarredundância é apenas uma maneira de descrever como a redundância, a relação ou conexão previsível de duas coisas, pode ser ela mesma redundante (isto é, ter uma conexão previsível) com outra coisa" (Lemke, 2005, p.143)³¹. Significa dizer que, para que uma ação tenha sentido, alternativas estão em relação com outras e um elemento é esperado a se passar com outro, uma vez que os dois tipos de relações não são independentes.

Segundo Eggins & Martin (2000), a concepção sistêmico-funcional baseia-se, portanto, em uma visão probabilística, e não determinística, calcada na noção de língua como sistema semiótico e sociocultural composto por recursos para se atingir determinados fins, e que leva em conta as relações que são feitas nas atividades interativas.

Como nosso objeto de pesquisa é o envolvimento construído em determinado contexto discursivo, e uma vez que pressupomos que seja provável a ocorrência simultânea a ele de significados empáticos, daremos destaque para a metafunção interpessoal e a abordaremos com base nos estudos sistêmico-funcionais, que a definem como "função participativa da linguagem", isto é, como

componente mediante o qual o falante se introduz no contexto de situação, tanto ao expressar suas próprias atitudes e seus próprios juízos, como ao tratar de

³⁰ Tradução livre do original: "Meaning consists in relations and systems of relations of relations. These relations are basically *contextualizing* relations [...]" (Itálico do autor).

³¹ Tradução livre do original: "Meta-redundancy is just a way of describing how the redundancy, the predictable relation or connection of two things, can itself be redundant (i.e. have a predictable connection) with something else."

influir nas atitudes e no comportamento dos outros. Expressa as relações de papéis vinculadas à situação, inclusive aquelas que são definidas pela própria linguagem, as relações de perguntador e respondedor, de informante e questionador, e afins. (HALLIDAY, 2007 [1975], p.184)³²

"Ao interagir uns com os outros, envolvemo-nos em uma variedade de relações interpessoais, escolhendo entre estratégias semânticas como persuadir, convencer, seduzir, solicitar, pedir, sugerir, afirmar, insistir, duvidar, e assim por diante" (MATTHIESSEN & HALLIDAY, 1997)³³. Dessa forma, a estrutura do componente interpessoal funciona como meio de negociação, fundamentado basicamente em dar, pedir e receber algo em troca.

A natureza daquilo que é trocado pode ser bens-e-serviços ou informações, e a orientação das trocas dá-se a partir de oferta, ordem/comando, declaração ou pergunta. Tais funções de fala ou categorias semânticas compreendem o sistema de MODO, o recurso gramatical para construir a interação entre falante e ouvinte. Quando se trocam informações, a oração toma a forma de uma proposição sobre a qual se pode argumentar, e quando se trocam bens-e-serviços, temos a forma de uma proposta, que pode ser aceita ou recusada, conforme explica Gonçalves Segundo (2011).

Assim, a metafunção interpessoal ocupa-se da organização das relações sociais no que diz respeito aos modos de fazer declarações, formular perguntas, dar ordens, dizer o quanto e como se sente em relação a certas coisas, segundo Eggins & Slade (2001). Entre os fatores da variável contextual *relações (tenor)* que interferem na construção das relações sociais, as autoras apontam os seguintes:

- *status*: refere-se ao papel social reconhecido ou atribuído na interação, que caracteriza as relações como desiguais ou diferenciadas (patrão/empregado, por exemplo) ou como igualitárias ou recíprocas (amigo/amiga, por exemplo);

³² Tradução livre do original: "[...] the component through which the speaker intrudes himself into the context of situation, both expressing his own attitudes and judgements and seeking to influence the attitudes and behaviour of others. It expresses the role relationships associated with the situation, including those that are defined by language itself, relationships of questioner-respondent, informer-doubter and the like."

³³ Tradução livre do original: "In interacting with one another, we enter into a range of interpersonal relationships, choosing among semantic strategies such as cajoling, persuading, enticing, requesting, ordering, suggesting, asserting, insisting, doubting, and so on."

- *frequência de contato ou nível de familiaridade*: refere-se à variação dada pelo grau de frequência de contato, que caracteriza as relações interpessoais como regulares ou intermitentes, como voluntárias ou involuntárias;
- *grau de envolvimento afetivo*: refere-se ao nível de importância ou interesse emocional entre aqueles que interagem, que pode oscilar entre distante, desapegado, amigável, ou íntimo;
- *tendência à filiação* (“orientation to affiliation”): refere-se à inclinação ou aversão a crenças e valores de um grupo social com o qual se interage em determinado contexto, isto é, à tendência para se afiliar a um grupo com o qual se compactua valores e crenças.

Por meio desses fatores, as autoras trabalham a metafunção interpessoal e explicam como o falante/escritor pode relacionar-se e identificar-se. Além de apontar essas quatro dimensões possíveis de variação das relações interpessoais, o modelo sistêmico de Eggins & Slade (2001) procurar mostrar como a linguagem reflete e constrói a variável *relações*, por meio de diferentes unidades linguísticas, que compõem:

- *padrões gramaticais*, referentes ao modo de construção das orações (se os interactantes usam orações declarativas, interrogativas ou imperativas);
- *padrões discursivos*, referentes às escolhas de atos de fala, tais como exigir, desafiar, contradizer, apoiar, indicativos do processo de negociação, que iniciam, mantêm ou terminam trocas interativas;
- *padrões semânticos*, referentes aos significados atitudinais e expressivos, às escolhas lexicais usadas, que vão revelar tipos de avaliação e posturas como franqueza ou censura, por exemplo;
- *padrões de estrutura genérica*, referentes a segmentos que constroem o fluxo da interação, tais como contar histórias ou focar.

Cabe ainda destacar que, na atividade interpessoal, a construção do modo de ser e do modo de agir é intrínseca à negociação, de acordo com Gonçalves Segundo (2011). Para o autor, negociação é um termo chave que implica pensar a língua como ação e o discurso como intercâmbio de valores, processo no qual a dialogia é um parâmetro fundamental para que as relações de poder e solidariedade sejam negociadas.

Poder opõe-se à variável *solidariedade*. Martin & White (2005, p.29-31), a partir do estudo de Poynton, de 1985, explicam tais variáveis da dimensão contextual *relações* em dois eixos. Ao eixo vertical *poder* relaciona-se a noção de *status*, que estabelece variações de igualdade, reciprocidade ou diferença nas formas de tratamento, por exemplo. Etnia, geração, gênero, classe e tipo de relação são fatores que interferem na variação de posições de dominância ou deferência, afetando o modo de construção das relações sociais no sentido de quem pode e como pode se expressar perante o outro.

Por sua vez, ao eixo horizontal *solidariedade* relaciona-se a noção de *contato*, referente à negociação de intimidade e distância, realizada segundo dois princípios: *proliferação* e *contração*. O primeiro relaciona-se à ideia de que, quanto mais próximo se é de alguém, mais significados se tem disponível para troca e mais a intimidade se desenvolve. O segundo, à ideia de que, quanto mais se conhece alguém, menos explicitação é necessária para trocar significados, por haver um partilhamento de vivências e interações anteriores, de tal modo que nem todas as informações precisem ser expressas verbalmente para que a compreensão se faça.

É com base no eixo horizontal *solidariedade* que a seção de conselhos das revistas de nicho busca construir as relações interpessoais, no intuito de estreitar o contato com os leitores-consumidores. O enfoque analítico em elementos relacionados à metafunção interpessoal possibilitará explorar os recursos responsáveis por criar proximidade e afinidade, uma vez que tal metafunção dá conta do modo pelo qual falante/escritor participa da situação discursiva, assume papéis sociais, expressa sentimentos, julga, posiciona-se, compromete-se, envolve, enfim, gerencia as relações que estabelece com o ouvinte/leitor.

As perspectivas apontadas a respeito da interação nos levam a vislumbrar um panorama do espectro de fatores envolvidos na produção de uma prática discursiva, bem como a refletir de que maneira podemos examinar como falantes/escritores desejam construir relações interpessoais, que efeitos pretendem causar, quais reações esperam provocar nos ouvintes/leitores. Dos estudos apontados neste capítulo, verificamos que a prática interativa é o lugar no qual os significados ganham vida, na medida em que se trata de um espaço dinâmico, auto-organizável, colaborativo e dialógico, que refrata emoções, valores, experiências dos indivíduos. Na análise dessa atividade, pode-se tomar como objeto de observação:

- as inferências, as expectativas, os conhecimentos, as pistas de contextualização do fluxo e do evento comunicativo;
- a construção dos objetos-de-discurso e como são ajustados nas relações sociais³⁴;
- as dimensões situacionais/contextuais – distância social, posição dos interlocutores, posturas assumidas;
- as ações executadas e as convenções que regulam as trocas;
- a subjetividade e a intersubjetividade (relação eu-outro);
- a produção/construção de significados – modos de representar e relacionar-se socialmente (vincular-se e distanciar-se).

No caso, centramo-nos nesse último aspecto, focalizando, no caso, um dos sistemas interpessoais acionados no gerenciamento das relações interativas, para construir solidariedade: o envolvimento, discutido no capítulo a seguir.

³⁴ Nesta pesquisa, a expressão *objetos-de-discurso* refere-se à construção intersubjetiva e negociada de referentes na prática discursiva (cf. KOCH, 2005; MARCUSCHI, 2007c; MONDADA e DUBOIS, 1995).

Capítulo 2 – Envolvimento

Como as revistas que constituem o *corpus* deste trabalho buscam construir um espaço interacional marcado por relações baseadas na espontaneidade e no estreitamento da distância entre produtor e consumidor textuais, e considerando que fatores intersubjetivos e da dinâmica das relações sociais estão em jogo na interação, os textos ou as cartas de conselhos, dada sua natureza de recomendação, apresentam formas de instanciar solidariedade, e entre essas estão os recursos de envolvimento. Alguns estudos linguísticos se dedicaram à questão, e nesta parte apresentaremos de que maneira o fenômeno tem sido discutido e sob quais perspectivas, expondo ao final deste capítulo nossa base de abordagem e análise.

2.1. Abordagens nos estudos linguísticos

O envolvimento no campo de estudos da linguagem tem sido destacado, basicamente, em trabalhos sobre as relações entre o texto falado e o escrito, e principalmente quando aspectos do contexto interacional ganharam espaço na ciência Linguística, conforme visto no capítulo anterior. Tal relevo foi dado a partir da definição de um *continuum* concepcional baseado em fatores que condicionam a comunicação e constituem diferenciadas estratégias de verbalização.

Foi no âmbito da Linguística Alemã que Koch e Oesterreicher (2013 [1985]), ao tratarem dos parâmetros e condições da comunicação verbal, apresentaram dois postulados conceituais para explorar os graus do *continuum* que se estende entre os polos da proximidade e da distância comunicativa. Para os referidos autores, duas perspectivas basilares determinam a construção dos textos: a do *meio* e a da *concepção*. Ao processo de produção e transmissão refere-se a perspectiva do *meio* – fônico e gráfico – da comunicação verbal. A perspectiva da *concepção* refere-se ao modo de uso da linguagem e é definida com base nas condições e estratégias de comunicação, de natureza linguística e extralinguística: interação face a face, interação a distância (não face a face), grau de planejamento, elaboração etc.

Com base nos postulados dos referidos autores, Marcuschi (2007a) esclarece que, nesse *continuum*, distribuem-se não só os textos escritos que se situam mais próximos ao polo da conversação (bilhetes, cartas familiares etc.) e os textos falados que se aproximam do polo da escrita formal (conferências, discursos oficiais etc.), como também os tipos mistos e outros intermediários (anúncios publicitários, noticiários de rádio etc.).

Nessa perspectiva, o envolvimento tem sido abordado como fenômeno equivalente ao polo imediatez do *continuum*, vinculando-se aos fatores ou parâmetros de condições de realização e produção comunicativas relacionados à cooperação verbal, no que diz respeito aos graus de planejamento do texto quanto aos aspectos situacionais/contextuais que necessitam ser ou não expressos, aos graus de intimidade/familiaridade dos interlocutores, aos graus de espontaneidade, e aos graus de afetividade/participação emocional entre os interlocutores. Gonçalves Segundo (2011) explica que, nessa abordagem, o envolvimento está associado à construção discursiva da proximidade, como recurso instaurador de uma interação próxima à fala concepcional.

Um dos estudos acerca do envolvimento que se desenvolve com base nas diferenças entre as modalidades oral e escrita é o de Chafe (1982). O autor o trata como um fenômeno típico da conversação, das interações face a face, enquanto na modalidade escrita ocorreria o processo contrário, pois, em sua visão, esta se caracteriza pelo distanciamento, por ser entendida como atividade tipicamente solitária.

Na concepção de Chafe, o envolvimento é privilégio da produção oral porque decorre do vínculo que se estabelece entre falante e ouvinte no momento da interação face a face, por causa da proximidade existente entre os falantes, em termos de que não estão distanciados no tempo e no espaço. No caso, o envolvimento ocorre por parte do falante que monitora o fluxo de informação e se esforça para assegurar que o canal de comunicação com o ouvinte está funcionando bem. Dessa forma, o falante emprega certos recursos que o possam auxiliar na enunciação do tema em andamento na conversa, dirigindo a atenção do ouvinte para o que está sendo dito.

Em contraposição, segundo o autor, na produção escrita, os interlocutores estão afastados e a comunicação é desfavorecida pela falta de proximidade. Assim, o distanciamento entre escritor e leitor aparece marcado pelo emprego de sequências textuais mais extensas, com maior carga de conteúdo informacional, e pela utilização de estruturas mais formais da linguagem.

Tendo em vista essas diferenças marcadas pelo fato de que normalmente os falantes estão face a face com sua audiência enquanto os escritores estão normalmente isolados, Chafe (1982) designa a existência de três tipos de envolvimento, com base em determinados traços linguísticos manifestados no *corpus* examinado pelo autor (a conversação informal à mesa de jantar e os artigos acadêmicos):

- (i) o *envolvimento do falante consigo mesmo* (autoenvolvimento/ego-envolvimento), expresso através de pronomes de primeira pessoa e de expressões que fazem referência aos processos mentais do falante ("eu acho", "eu não sei", "penso que");
- (ii) o *envolvimento do falante com o interlocutor*, expresso através de pronomes de segunda pessoa; das formas de tratamento e de endereçamento ao outro pelo nome; de respostas a perguntas e de pedidos de confirmação;
- (iii) o *envolvimento do falante com o assunto*, com o tópico discursivo, através de formas de comprometimento sobre o que se diz, marcadas por expressões que conotam exagero, vagueza, e pelo uso de exclamações, de vocabulário expressivo, de citações diretas.

Nesse sentido, podemos dizer que o autor trabalha com três linhas de abordagem do envolvimento:

- (i) como expressão da subjetividade do falante, que participa ativa e explicitamente no processo conversacional;
- (ii) como relação entre o falante e o ouvinte;
- (iii) como engajamento do falante com o texto conversacional.

Ao afirmar que a escrita carece dessas manifestações de envolvimento por apresentar características da distância espaço-temporal entre os interlocutores, Chafe apresenta uma proposta focada na dicotomização dos polos fala e escrita, na medida em que os resultados provêm de uma análise baseada em textos situados em polaridades distintas, que aponta para formas prototípicas de envolvimento na conversação e formas prototípicas de distanciamento na escrita acadêmica. Por isso, a tese do referido autor é a de que a fala é mais envolvente e dinâmica que a escrita, o que o levou a considerar o envolvimento como algo que expressa o estado interno, psicológico, do indivíduo em relação às coisas e ao outro, e que pode ser observado por meio de fenômenos linguísticos.

Tannen (1994) apropria-se dessa orientação de Chafe no que diz respeito à natureza psicológica do fenômeno envolvimento por considerá-lo ligado aos traços emocionais que os indivíduos estabelecem com os outros, com as coisas, com os lugares, com as ideias. Contudo, preocupa-se ainda com a natureza objetiva do envolvimento, por considerá-lo, assim como Gumperz, como algo da natureza de qualquer interação e que requer uma participação ativa entre os interlocutores, em interações diversas e não só naquelas em que os participantes encontram-se próximos no espaço e no tempo.

A autora então propõe uma abordagem que admita a ocorrência no discurso escrito, demonstrando em seus trabalhos que um mesmo recurso linguístico pode ter efeitos e serem vistos de formas diferentes: a ocorrência de repetições, por exemplo, na oralidade pode ser interpretada como resultante do pouco tempo de planejamento e, na escrita, como fator de ênfase no tópico discursivo.

Depreende-se que a autora leva em consideração de alguma maneira os graus do *continuum* de realização das práticas discursivas da concepção oral e as da concepção escrita, bem como as características da produção comunicativa, em termos de requerer envolvimento ou afastamento entre os interlocutores, pois há contextos orais que demandam uma postura mais distante do falante com o ouvinte e há situações em que se apresentam no texto escrito marcas da aproximação do escritor com o leitor. É sobre essas marcas que se focam os estudos de Tannen (1985; 1994).

A referida pesquisadora parte de uma concepção de envolvimento como fenômeno criado na interação que une uma pessoa a outras por meio de uma conexão interna e emocional entre os participantes de uma situação discursiva. Apoiada em estudos de Gumperz, na visão dela, o emprego de determinados recursos linguísticos deixa transparecer essa conexão emocional de que os participantes compartilham convenções e habitam o mesmo universo discursivo.

Cabe lembrar que Gumperz (1982) trabalha com a noção de envolvimento conversacional, referente à participação ativa e ao engajamento dos interlocutores para compreender a natureza e a atuação dos participantes no evento comunicativo, e não especificamente com a noção de envolvimento segundo a qual os recursos linguísticos são estratégias utilizadas pela instância enunciativa para envolver o outro no que diz respeito ao conteúdo do texto e à relação estabelecida entre os interlocutores.

O autor refere-se especificamente às estratégias comunicativas de desenvolvimento e interpretação dos eventos interativos que propiciam o engajamento dos participantes no desenrolar da interação. Esta é vista como atividade conjuntamente construída, em que é possível analisar os sinais comunicativos que afetam a compreensão nas conversas e as consequentes inferências feitas pelos participantes dentro do contexto interacional. Trata-se de uma abordagem de análise baseada no que o autor denomina pistas de contextualização por meio das quais os participantes demonstram em que atividade de fala estão engajados enquanto interagem entre si.

Em outras palavras, Gumperz preocupa-se com os conhecimentos necessários que o indivíduo partilha para compreender, participar, envolver-se e ser envolvido no curso interativo. Trata-se das atitudes que mostram o quanto e como os interlocutores participam no desenrolar da conversação, durante a qual emergem pistas que sinalizam o que o autor chama de envolvimento conversacional, tais como a prosódia, os elementos paralinguísticos, a escolha de certas formas lexicais ou formulaicas, e a escolha do próprio código.

Enquanto Gumperz está interessado na realização do envolvimento do participante do ponto de vista interacional, no decorrer do evento comunicativo, em que os indivíduos inferem global e localmente sobre o que é o evento e sobre o que se diz para compreenderem referentes e informações não explicitadas e se envolverem na interação, Chafe interessa-se pelas evidências linguísticas do envolvimento, em termos de marcas que expressam o engajamento do indivíduo com o que pensa, com o tópico e com o outro na dinâmica da interação face a face.

Seguindo essas duas orientações, Tannen (1994) considera que sua noção de envolvimento está mais próxima à de Gumperz no sentido de que não existe interação sem envolvimento. Do ponto de vista da realização na linguagem, o envolvimento interpessoal é entendido pela autora como estratégia utilizada pelos interactantes tanto na modalidade oral quanto na escrita.

Ao analisar textos conversacionais e literários, a pesquisadora compreende o fenômeno como resultado de uma produção conjunta, cuja tônica está no papel ativo do ouvinte/leitor que interpreta e dá forma ao discurso do falante/escritor. No sentido bakhtiniano de uso dialógico da linguagem, isso ocorre porque a elocução implica a inclusão e a presença do outro no discurso, no qual os interlocutores exercem uma

participação compartilhada, e não são apenas pessoas que alternam os papéis de falante e ouvinte.

Por isso, Tannen (1994, p.12) entende que o envolvimento é uma “conexão interna, mesmo emocional, que os indivíduos sentem, que os ligam às outras pessoas, como também a lugares, coisas, atividades, ideias, memórias e palavras”³⁵. Tal percepção está ligada a valores, conhecimentos e emoções que são compartilhados pelos membros de uma cultura.

Nesse sentido, o objetivo da autora é apontar estratégias linguísticas que constroem o envolvimento, o qual surge da própria natureza dialógica da interação, por meio de exposição de detalhes, descrições, narrações, simulações de cenas e diálogos e, especialmente, de figuras de linguagem, as quais apelam para o emocional e orientam a percepção dos dados expostos ao interlocutor. Tais estratégias são vistas como elementos que conectam emocionalmente as pessoas, tornando o ouvinte/leitor um coparticipante do discurso.

A partir da observação desses elementos no texto, a autora considera o seguinte:

Estratégias de envolvimento não apenas enfeitam a comunicação, como o glacê de um bolo, acrescentando algo à troca de informação. Ao contrário, constituem a própria comunicação: elas são os ingredientes que fazem o bolo. Em grande parte, é através da criação de um mundo partilhado de imagens que as ideias são comunicadas e o entendimento é atingido.³⁶ (TANNEN, 1994, p.136)

Para Tannen (1985), tanto na interação face a face quanto no discurso literário, há a intenção de conseguir a adesão emocional do interlocutor, pois verificou características da fala na escrita, e características estéticas (estilísticas) e argumentativas na fala, que por vezes são atribuídas exclusivamente à escrita. Algumas dessas estratégias de envolvimento

³⁵ Tradução livre do original: “[involvement is] an internal, even emotional connection individuals feel which binds them to other people as well as to places, things, activities, ideas, memories, and words.”

³⁶ Tradução livre do original: “Involvement strategies do not decorate communication, like frosting a cake, by adding something to the exchange of information. Rather, they constitute communication: They are the ingredients that make the cake. It is in large part through the creation of a shared world of images that ideas are communicated and understanding is achieved.”

encontradas em conversações e recorrentes em textos da literatura norte-americana que Tannen (1994, p.17) verificou foram da seguinte maneira divididas pela autora:

- estratégias que operam principalmente (mas não exclusivamente) no nível da sonoridade: ritmo; padrões de repetição e variação de fonemas, morfemas, palavras, estruturas sintáticas e sequências de discurso; figuras de linguagem³⁷;
- estratégias que atuam principalmente (mas não exclusivamente) no nível da significação: elípses ou implicaturas (*indirectness*)³⁸; figuras de linguagem que operam no significado (*tropes*), como metáfora, metonímia, sinédoque e ironia; construção de diálogo; criação de imagens e detalhamento; narrativa.

Encadeadas, as estratégias listadas por Tannen trabalham para comunicar significado e persuadir, criando assim envolvimento, segundo a autora, pois, em sua visão, o poder persuasivo reside na hábil elaboração de estratégias que possam despertar o interesse dos parceiros da interação. Embora concebidas e analisadas no discurso ficcional, a autora acredita que possam ser aplicadas igualmente ao discurso não narrado, como as estratégias de envolvimento avaliativas, que contribuem para apresentar o assunto do discurso de uma forma que molde a maneira como o ouvinte ou leitor irá vê-lo. Em outras palavras, são recursos que contribuem para a própria organização da mensagem, no nível em que as relações entre os falantes/escritores com o tópico do discurso e com os outros participantes são negociadas (TANNEN, 1994, p.29).

A ideia de conexão entre os interlocutores destacada nos estudos da autora lembra ou pode ser associada a um processo similar à concepção de *footing*. Certos recursos são utilizados com a função de alinhar as relações, e esse alinhamento interacional é entendido como o modo pelo qual os participantes da interação enquadram os eventos ao mesmo tempo em que negociam as relações interpessoais, para manter o fluxo de progressão temática.

³⁷ Tannen se refere principalmente às figuras de linguagem de repetição, vistas como elaboração sonora que tornam o enunciado esteticamente mais valorizado, tais como quiasmos e assíndetos (figuras de construção, do ponto de vista retórico).

³⁸ Em termos pragmáticos, as implicaturas referem-se ao sentido sugerido, mas não explícito em determinado enunciado. No caso, um exemplo seria o uso da linguagem figurada.

As noções até aqui apresentadas, desenvolvidas nos estudos de Chafe, Gumperz e Tannen, nortearam outras investigações a respeito do tema. Na esteira dos trabalhos baseados no *continuum* fala-escrita, e na ideia de formas de conexão entre os participantes da atividade interativa, o envolvimento foca-se no grau de proximidade entre os interlocutores, em que as relações interpessoais são instauradas via categorias pragmático-discursivas, relacionadas à cumplicidade, afetividade e expressividade. Basicamente, são analisadas as marcas linguísticas que revelem o estreitamento das relações sociais nas trocas comunicativas.

A partir de uma análise fundamentada no imbricamento fala-escrita, Fraga (2005) verificou determinados elementos linguísticos em cartas de leitores do século XIX que caracterizam alto/baixo grau de envolvimento, por delinearem textualmente um ambiente de trocas comunicativas como se fosse uma interação face a face. Entre as categorias identificadas como características da organização do gênero textual investigado e interpretadas como marcas de interação escritor-leitor que evidenciam envolvimento no texto escrito, a pesquisadora destacou: expressões injuriosas; designação lexical³⁹; pronominalização; interjeições; alternância de referência ao interlocutor.

Por sua vez, Dias (2006) analisou em textos da mídia impressa contemporânea as estratégias de envolvimento com foco naquelas que visam a despertar interesse e a manter uma relação direta com o leitor, e assim construir o espaço de interlocução. Entre as estratégias citadas pela autora que aproximam o discurso impresso à conversação cotidiana e visam a criar uma conexão, no sentido de garantir o interesse do leitor pelo texto, destacam-se: a construção de narrativas, para conferir maior intensidade emocional; relatos oralizados, para instaurar uma situação prosaica; referência explícita ao leitor, na tentativa de trazê-lo para o texto, para gerar proximidade; apelos a temas como a violência e descrições detalhadas, contando o fato na perspectiva da vítima, para personalizar os acontecimentos de modo que o leitor possa vivificar a situação e identificar-se; indagações e verbos de teor exortativo que possam manter um diálogo com o leitor, pressupondo sua cumplicidade e convivência de valores.

³⁹ Fraga (2005, p.84) considera a designação lexical o ato de designar referentes, “uma atividade que também confere envolvimento aos textos, pois se realiza com base no saber partilhado pelos interlocutores”.

Já Andrade (2006; 2009) observou em cartas de editor de revistas brasileiras estratégias que são utilizadas com o intuito de envolver o leitor no sentido de captar sua atenção e estabelecer a manutenção de um diálogo. Entre as estratégias linguísticas, a pesquisadora aponta: o papel de diferentes formas de organização do texto (sequências textuais); expressões verbais como formas de aconselhamento; expressões lexicais que remetem à conversação face a face (registro coloquial, marcadores conversacionais); exclamações; reticências; perguntas retóricas; vocativo; referência a um leitor específico.

De outro ponto de vista, Gomes e Iapechino (2011) realizaram um estudo diacrônico de editoriais e cartas de leitor dos séculos XIX e XX a respeito das pistas linguísticas que explicitam a relação direta do escrevente com o interlocutor. Com o objetivo de verificar se tais marcas, percebidas pela emocionalidade, dialogicidade e espontaneidade, eram peculiares dos gêneros discursivos ou das condições de produção dessa época, as pesquisadoras levaram em conta cinco aspectos típicos da proximidade comunicativa que pudessem provocar no texto escrito a impressão de que escritor e leitor estão próximos: simulação de diálogo; referência direta aos interlocutores; pontuação e recursos gráficos convencionais; interjeição e expressões referenciais e lexicais⁴⁰.

Também na linha da oralidade, com o propósito de observar a manutenção do contato entre os parceiros da atividade comunicativa, ao analisar as marcas de subjetividade patente em cartas pessoais, Galvão e Silva (2012) verificaram as ocorrências linguísticas e textuais/discursivas que possibilitam aos interlocutores manterem relações de amizade, mesmo a distância, mediante o envolvimento interpessoal que se instaura entre eles. Centrados na proximidade existente entre os interlocutores, os autores focalizaram basicamente as formas de tratamento indicativas de como a amizade é iniciada e consolidada entre os participantes dessa interação.

Observamos que, nesses estudos centrados na análise de textos a partir do *continuum* fala-escrita, as relações interpessoais, e, por conseguinte a concepção de envolvimento, são orientadas pela análise das marcas linguísticas que expressam a

⁴⁰ As expressões referenciais e lexicais mencionadas pelas pesquisadoras dizem respeito à formulação de boatos (expressões com a função de referir à imprecisão da fonte das informações que passavam de boca em boca) e aos ditos populares (provérbios). Gomes e Iapechino (2011) consideram tais expressões como formas de envolver o leitor, porque seriam estratégias de aproximar-se do modo de falar, distanciando-se da formalidade.

afinidade ou a busca pelo menor grau de formalidade, ora destacando a manutenção e o estabelecimento de contato próximo e mais direto entre os interactantes, ora realçando o envolvimento por meio de elementos linguísticos que se sobressaem em determinado gênero discursivo.

A partir do contínuo oralidade-escrituralidade, são focalizados os recursos linguísticos associados às condições de produção do evento (+/- privacidade; +/- conhecimento partilhado; +/- participação emocional; +/- cooperação; +/- espontaneidade etc) que revelem graus de proximidade e distância comunicativas.

Nesse eixo oral-escrito, com base em estudos de perspectiva crítico-discursiva, Heberle (1999) apresenta uma análise de marcadores de informalidade e/ou proximidade, mostrando como, em textos escritos diversos, construções lexicogramaticais (advérbios, conjunções, interjeições, orações interrogativas, parênteses e discurso direto) estabelecem um estilo conversacional e a simulação de comunicação face a face. O objetivo é mostrar que elementos linguísticos típicos da linguagem oral, utilizados em textos escritos que não fazem parte de uma comunicação em tempo real, constituem estratégias de envolvimento.

De outra perspectiva, Gomes (2001) analisa o envolvimento como estratégia de compreensão. Com base em trabalhos de Gumperz e de Chafe, a autora fez um estudo de caso, a partir de interações entre jornalista e cientista, e mostrou uma tendência que ocorre entre eles em situações de entrevista: geralmente as perguntas de um simulam/antecipam possíveis questionamentos do outro que então desconhece termos ou circunstâncias a respeito do assunto em pauta. Lida-se com perguntas retóricas, que, no caso, foram examinadas e consideradas estratégias para garantir/otimizar a compreensão das informações quando se tratava de explicar temas específicos, a fim de assegurar a atenção do interlocutor.

O envolvimento analisado por Gomes (2001) parte do princípio de que se trata de uma estratégia pela qual o enunciador busca solidarizar-se para garantir o entendimento pelo parceiro, na situação. Desse modo, não ocorre, em primeiro plano, a tentativa de criar intimidade. Por isso, a concepção de envolvimento entre produtor textual e leitor, de que tratamos neste trabalho, também procura levar em conta não apenas o aspecto vinculador dos recursos linguísticos, mas outros possíveis efeitos capazes de otimizar e gerenciar as trocas entre escritor e leitor.

Já no âmbito dos trabalhos sobre a polidez nas atividades interativas também encontramos estudos a respeito do envolvimento, a partir do modelo de Brown e Levinson, como a análise de Scollon e Scollon (2001). Para estes autores, a questão do envolvimento está relacionada às estratégias de polidez positiva, manifestadas nas relações interpessoais com o objetivo de torná-las mais igualitárias, ou guiá-las pela solidariedade, para que os participantes partilhem visões e valores sociais e os laços entre eles sejam mais estreitos.

Ligados aos estudos da Análise da Conversação e da Pragmática, os autores entendem e discutem o envolvimento como forma de minimizar ou eliminar assimetrias ou distância entre os participantes, e como está relacionado às estratégias de exposição da face⁴¹, tendo em vista uma preocupação de estabelecer uma comunicação mais harmoniosa.

Scollon e Scollon (2001) citam como estratégias de envolvimento que contribuem para a negociação da face na comunicação interpessoal: a demonstração de interesse ao que o interlocutor tem a dizer; a aprovação ou simpatia pelo outro; a demonstração de cuidado com o outro; a demonstração de pertencimento ao mesmo grupo do interlocutor; o partilhamento de ponto de vista, opiniões, atitudes; a demonstração de conhecimento, empatia pelo outro; a manifestação de otimismo; a demonstração de consideração aos desejos do outro; a afirmação de reciprocidade; o uso do primeiro nome ou apelido do interlocutor; o uso da linguagem ou o dialeto do interlocutor.

Também nessa linha, Spitalnik (1999) realizou um estudo sobre a interação em sala de aula, durante o processo de aprendizagem de inglês como língua estrangeira, com o propósito de investigar as estratégias discursivas que criam envolvimento. Nesse trabalho, a autora assumiu a concepção de envolvimento entre interlocutores como sinônimo de vínculo de afeto positivo criado entre os participantes, e destacou que as estratégias discursivas marcadas afetivamente servem a vários propósitos:

- 1) mediam desentendimentos entre os participantes; 2) criam um vínculo de afeto positivo ou envolvimento que permite a negociação de significados frequentemente complexos sem que a relação entre os participantes seja

⁴¹ *Face* no sentido proposto por Goffman (1980), como imagem pública de si mesmo, o valor social positivo que as pessoas querem preservar no contato com as outras, a fim de garantir aceitação, ser aprovado, não sofrer imposições.

destruída; 3) possibilitam a aquisição da competência comunicativa ou socialização na língua alvo; e 4) promovem um vínculo de confiança que oferece segurança aos participantes daquela interação. (SPITALNIK, 1999, p.317)

Spitalnik baseou-se nas estratégias de polidez positiva, usadas com a intenção de atrair a atenção e o interesse do aluno, a fim de promover a aprendizagem e criar, assim, envolvimento. Entre tais estratégias de vínculo de afeto positivo destacam-se: a forma verbal “let’s” (“vamos”) como sinalizador de intencionalidade de um trabalho conjunto; a alternância de código para negociar significados; a utilização do aluno como referente da explicação; os pedidos de confirmação; o ato de elogiar; a revelação de um fato pessoal. Os resultados apresentados pela autora revelam que as estratégias discursivas marcadas de afeto positivo:

- criam condições para manter relacionamentos baseados na solidariedade;
- possibilitam a criação de novos alinhamentos caracterizados pela proximidade entre os participantes;
- propiciam relações mais simétricas e de intimidade entre os participantes, principalmente quando se compartilha uma experiência pessoal;
- minimizam ou evitam possíveis desentendimentos;
- favorecem o estabelecimento de vínculo de confiança, de modo que o interlocutor possa exercer seu papel social com mais liberdade, favorecendo o envolvimento no contexto interacional.

A revisão dos trabalhos apresentada até aqui mostra duas correntes de análise do envolvimento: uma norteadada pelo *continuum* fala e escrita, mais focada no plano textual (marcas de proximidade), e outra norteadada pelas noções de face e polidez, mais focada no plano interativo (estratégias de polidez).

Por sua vez, a perspectiva sistêmico-funcional ultrapassa as fronteiras do evento comunicativo e amplia a visão do fenômeno, ao explorar a natureza sociossemiótica da linguagem e basear-se em uma concepção de língua como um potencial de significado, descrevendo-a em termos de organização de sistema e de uso em diferentes contextos sociais.

Ao explorar o sistema semântico, Eggins & Slade (2001) verificam através da seleção lexical a codificação de significados para a expressão da atitude, por meio de

recursos disponíveis nos sistemas de valoração e de envolvimento, observando de que modo o falante constrói e sinaliza graus de solidariedade e intimidade nas relações que estabelece. As autoras assumem a visão de que, no interior dos sistemas semânticos, há o sistema envolvimento que oferece meios para realizar, construir e variar o nível de intimidade de uma interação. Com base no modelo de Martin, em estudo de 1994, Eggins & Slade (2001, p.144-155) identificam quatro subsistemas de envolvimento:

- (i) *nomeação*: verificada em construções vocativas e em outros termos de dirigir-se a alguém, com a função de alinhar os interactantes, de controlar quem será o interlocutor selecionado para determinada interação, ou ainda de construir um tipo especial de relação com o outro. A forma do vocativo fornece informações sobre os graus de intimidade entre os interlocutores, indicando a dimensão afetiva das relações – em que termos um grupo é particularizado e outro é afastado da interação, por exemplo;
- (ii) *léxico técnico ou especializado*: verificado pelo léxico em comum, acessível, conhecido, usado e compreendido por um grupo de pessoas, com a função de criar relações de familiaridade, de compartilhar informações em comum;
- (iii) *gírias*: verificadas pelo léxico adotado por um grupo em referência a certos objetos-de-discurso, possibilitam aos interactantes indicar graus de identificação uns com os outros e construir uma realidade alternativa, ou ainda de não-identificação com o grupo antagônico. As gírias podem criar e sinalizar solidariedade ou criar e sinalizar (des)igualdade de poder e exclusão. Ao contrário dos termos técnicos ou especializados, a identificação não se dá pelo conhecimento partilhado, mas pela rejeição partilhada de certos valores ou modos de comportamento de um grupo;
- (iv) *palavras de baixo calão*: verificadas em termos lexicais que indicam casualidade, informalidade, coloquialidade. Embora possam ser consideradas inseridas no sistema de valoração, as expressões chulas podem sinalizar a intensidade de integração das relações, isto é, de como o interlocutor trata e articula os valores do grupo, construindo relações familiares ou de intimidade no trato com os interlocutores.

Com foco no estrato semântico-discursivo, as autoras apontam quatro conjuntos de alternativas voltados a negociar relações e construir solidariedade. São as mesmas formas

apresentadas por Martin & White (2005), destacadas como categorias que funcionam e são usadas para sinalizar afiliação de grupo e para negociar identidade de grupo.

No entanto, para Gonçalves Segundo (2011, p.206), considerar que o envolvimento se restrinja a tais recursos léxico-gramaticais significa ignorar outras possíveis "opções linguísticas e discursivas que são responsáveis por duas tarefas de teor interpessoal", as quais julga serem "indispensáveis para o processamento da solidarização, intrínseca à identificação social: 1. a captação do leitor/ouvinte em relação aos enunciados e 2. a vinculação produtor-consumidor-texto". Isso porque, em conformidade com o pesquisador, o envolvimento requer um olhar para três tipos de relações:

- (i) a relação do produtor textual com o texto (em termos de posicionamento e comprometimento)⁴²;
- (ii) a relação do produtor textual com o consumidor textual (em termos de vínculos e identificação);
- (iii) a relação do consumidor textual com o texto (em termos de captar a atenção e despertar o interesse).

No caso, com foco nesses dois últimos tipos, Gonçalves Segundo (2011) discute o envolvimento de maneira sistematizada, abordando-o como rede de recursos linguísticos possíveis e disponíveis no sistema linguístico para criar no discurso graus variados de proximidade, solidariedade, intimidade, novidade e destaque. Para o autor, o envolvimento pode ser construído por meio de:

- *vinculação* – recursos voltados a construir elos entre produtor textual e leitor para criar a sensação de pertencimento, intimidade, familiaridade e pessoalidade;
- *captação* – recursos voltados a chamar a atenção do leitor/ouvinte para o consumo do texto, por meio de realce, destaque e novidade.

A partir desses dois eixos, o autor depreendeu os seguintes recursos de envolvimento na análise de editoriais de jornais de bairro: *compartilhamento*, *coletivização*, *pessoalização*, *narrativas-pessoais*, *contraprototipicidade*, *presença*,

⁴² Essa dimensão não será aqui abordada. Compreende os sistemas de AVALIATIVIDADE e MODALIDADE, relacionados à metafunção interpessoal.

*novidade e narrativas*⁴³. Tais recursos foram concebidos como graduáveis e não como categorias polarizadas, pois há recursos que, simultaneamente, constroem vinculação e captação. São as que chama de categorias híbridas, em que os limites para identificação estão interseccionados, como ocorre com as *narrativas*.

O sistema proposto pelo referido pesquisador amplia a visão acerca do fenômeno em relação a outros estudos aqui apresentados e mostra-se mais adequado para a análise a ser empreendida neste trabalho, uma vez que compreende o envolvimento interpessoal de forma sistemática e em sua dupla faceta funcional: de conectar o produtor do texto ao consumidor e de relacionar o consumidor textual com o texto, pelo qual se estabelece a ponte entre ambos.

Antes de apresentarmos cada uma das categorias, trataremos, a seguir, dos princípios para abordagem e verificação do envolvimento nas seções de conselhos em revistas de nicho.

2.2. Princípios de concepção e análise

Nesta parte da pesquisa, apresentamos os conceitos norteadores de concepção e análise, para em seguida discutir a forma de representação da rede de envolvimento. Este é visto como um conjunto de recursos linguísticos que auxilia gerenciar relações interpessoais tanto em termos de tracionamento, quanto em termos de atração entre produtor-texto-consumidor, como exporemos adiante. Para explorar as construções linguísticas que o constroem nessa relação triádica nas seções de conselhos, a partir de um olhar semântico-discursivo, apontamos as concepções que fundamentam nossas perspectiva e análise, a saber: *solidariedade, tração e atração, metarredundância, empatia, atenção/saliência*.

⁴³ As categorias serão discutidas no capítulo 3, item 3.2.1, p.96.

2.2.1. Conceitos norteadores

Segundo Martin & Rose (2007), a atividade de negociação concerne à interação como troca entre os falantes (à forma como se adotam e se atribuem funções de fala) e à forma de estruturar e realizar a troca (por meio de declarações, perguntas, ofertas ou comandos). A partir dessa atividade, diferentes modos de significação podem ser construídos, entre eles, a metafunção interpessoal, que reflete a variável *relações*.

Ligada a essa dimensão contextual, a **solidariedade** opera na negociação do grau de distância ou proximidade social, da intimidade, do partilhamento de vivências, de demonstrações de maior ou menor grau de apoio, de alinhamento entre os interactantes. Depende da frequência e do tipo de contato que as pessoas têm umas com as outras, e também da carga emocional das relações criadas na interação, de acordo com Martin & Rose (2008).

Isso não significa que a solidariedade exista apenas em questões de concordância ou discordância, mas também pode refletir a tolerância para pontos de vista alternativos, permitindo ao falante/escritor indicar que reconhece a existência da diversidade de perspectivas e que está aberto para se envolver com aqueles que sustentam uma posição diferente, conforme explicam Martin & White (2005).

Segundo os referidos pesquisadores, entre os recursos que atuam para negociar relações, especialmente solidariedade, está o envolvimento. Entendemos que se trata de um conjunto de recursos com a função de gerenciar relações interpessoais e, por consequência, efetivar a solidariedade, mobilizado por forças de **tração** (para estabelecimento de vínculos) e/ou de **atração** (para tentativa de captação). Tais forças que configuram a dinâmica do processo e movimentam a relação produtor-texto-consumidor são vistas aqui como princípios que regem os dois eixos de constituição do envolvimento: *vinculação* e *captação*.

Como apresentado anteriormente, Gonçalves Segundo (2011) propôs uma primeira sistematização das categorias que compõem a rede pela qual se estrutura o envolvimento, constituída por opções paradigmáticas para criação de vínculos e de captação. Com base nessa proposta, desenvolvemos esta pesquisa, entendendo que os recursos dos subsistemas

vinculação e captação associam-se a instrumentos que desempenham movimentos de forças no desenrolar das relações interpessoais.

Por um lado, a força de tração funciona como se fosse um fio capaz de conectar um indivíduo ao outro, cujos recursos escolhidos pelo produtor têm a possibilidade de estabelecer vínculos, puxando o consumidor textual para perto de si. Por outro lado, há recursos linguísticos que refletem a força de atração exercida pelo produtor para tentar fazer com que o consumidor tenha o interesse despertado e a atenção captada para as representações construídas no texto.

Em outras palavras, é como se, no processo interpessoal, um lançasse o fio até a extremidade oposta, onde está o outro, para, a partir desse instrumento, exercer uma força que possa conectá-los – uma força de tração, cujo fio seria associado aos recursos de vinculação que o produtor textual utiliza para "engancha" o consumidor. Por sua vez, a força de atração é exercida por construções capazes de fazer com que o foco de atenção seja direcionado para determinado ponto, representação ou objeto-de-discurso então avaliado. No caso, os elementos desencadeadores dessa força que operam para despertar o interesse do consumidor associam-se aos recursos de captação. A escolha por uma e/ou por outra forma de envolvimento é que vai revelar de que maneira a relação interpessoal é gerenciada para estabelecer o contato.

Tendo em vista que a solidariedade pode ser instanciada por esses recursos e considerando que estamos lidando com textos cuja variável contextual *relações* parece estar mais em evidência, também recorreremos ao princípio da **metarredundância**, que, conforme apontamos anteriormente, explicita as relações entre os níveis de estratificação do sistema, em que uma camada se realiza por outra. Uma vez que a realização de um nível se repete no nível seguinte, a produção de significados ocorre concomitantemente em todos eles. Assim, tal princípio fundamenta a análise de possíveis combinações de recursos linguísticos previsíveis de estarem em relação ou serem esperados de acontecerem ao mesmo tempo no contexto do aconselhamento em revistas de nicho.

Nessa prática discursiva, a ênfase das relações interpessoais está centrada não só no modo de ofertar as orientações pelo produtor, mas também na receptividade desses conselhos pelo consumidor. Ele é o elemento alvo das relações construídas no contexto das revistas, e não mero coadjuvante na atividade de estabelecimento de vínculos e captação. Por isso, consideramos ser preciso levar em conta a metarredundância, isto é, a correlação

de recursos linguísticos que sinalizam solidariedade, perfazendo o gerenciamento interpessoal.

No caso, destacaremos possíveis realizações do efeito **empatia** a partir de recursos da rede de envolvimento, uma vez que essa simultaneidade de efeitos possa ser favorecida na atividade de ofertar conselhos, pela necessidade das revistas de nicho de afinar e contrair os laços com seus leitores.

É pela abordagem dos estudos de Cameron que nos nortearmos para tratar da empatia, entendida, grosso modo, como processo de perceber o *eu* no contato e em contraste com o *outro*. Para a pesquisadora (2011a), a complexidade da relação pessoal com o social, no que faz o outro distinto e diferente do eu, é o alicerce da dinâmica da expressão ou resistência à empatia, uma vez que as pessoas são levadas a pensar, sentir e agir com base na percepção ou na compreensão de um complexo de elementos distintos, que compõem a alteridade.

A formulação inicial a respeito da empatia encontra-se no âmbito da Psicologia estética, em que o conceito é aplicado para explorar a projeção de si mesmo na perspectiva da obra e do artista quando da experimentação e interpretação da emoção de uma obra de arte. O histórico dado em Depew (2005) aponta que a ideia de empatia tem origem no final do século XIX, da palavra alemã *Einfühlung*, sendo cultivada por parte da Psicologia empírica para reflexões a respeito do fenômeno da experiência artística.

Posteriormente, deixada de lado como conceito estético, a noção de empatia passou a ser utilizada em outros campos, tais como os da psicoterapia e da ética. A noção de *Einfühlung* ("sentir-se dentro"), utilizada primeiramente em 1873, na psicologia alemã, por Robert Vischer, referia-se à fusão da experiência do ser humano com a experiência projetada por um objeto. Este não mais sentido com a própria experiência do indivíduo, mas como a partir do próprio objeto, conforme Depew (2005).

Segundo este pesquisador, com base nessa concepção, em 1903, Theodore Lipps defende a ideia de que "nossos próprios estados emocionais não são o objeto da experiência estética, mas apenas a *base de sua possibilidade*" (*apud* DEPEW, 2005, p.100, grifo do autor). A partir de então, a ideia de empatia foi sendo afastada de suas raízes estéticas, com a tradução dos estudos freudianos para a língua inglesa em 1920. Como Lipps, Freud conferiu à noção a ideia de projeção psicológica, que passou a ser destacada

em estudos psicanalíticos e psicoterapêuticos. Na década de 1960, a empatia começou a ser difundida através da "terapia centrada no cliente", de Carl Rogers, e, nesse caso, referindo-se à capacidade de o indivíduo identificar-se com os sentimentos que os outros têm, estimulado por experiências análogas.

Abordada como processo que diz respeito ao ato de imaginar e tentar entender como o outro se sente em seu mundo, Cameron (2011a) considera que tal atividade pode ser acionada e construída verbalmente, por meio de expressões faciais, de imagens, e por formas de ação social. A autora denominou esse processo como gestos de empatia (*gesture of empathy*), relacionados a demonstrar aceitação, reconhecimento, colaboração e confiança.

Ao desenvolver estudos sobre a ocorrência desse fenômeno no diálogo, o modelo de empatia proposto pela autora baseia-se na caracterização de dois processos: a *empatia automática* ou *emocional* (*automatic or emotional empathy* – vista como instantânea e instintiva pela capacidade de contágio emocional na sintonização com outra pessoa) e a *empatia controlada* ou *por tomada de perspectiva* (*controlled empathy – perspective taking* – tida como processo consciente, que envolveria mais esforço cognitivo por conta da inferência ou troca de ponto de vista para considerar o mundo a partir da visão de outra pessoa).

A empatia emocional é o processo de imaginar a si mesmo na situação do outro, uma capacidade de compartilhar experiências e emoções através de respostas imediatas à percepção do outro, enquanto a empatia por tomada de perspectiva é um processo mais consciente de imaginar e tentar entender como o outro se sente em determinada situação. A autora menciona que os estudos neurocientíficos sugerem que nosso entendimento das ações, percepções e emoções dos outros se dá pela atividade de simular tais processos como se fossem nossos, através dos chamados neurônios-espelho, que são ativados e fornecem a base neural para a nossa simulação⁴⁴.

⁴⁴ Segundo Cameron, alguns estudos experimentais em Neurociência investigam não só a natureza e a base mental, bem como o processo de simulação de empatia, por meio de sistemas de ressonância magnética, da coleta de imagens que rastreiam circuitos cerebrais ativados quando as pessoas pensam sobre o outro, e das respostas de sujeitos quando visualizam rostos de pessoas sentindo dor, por exemplo. Tais pesquisas identificam que a empatia não se trata apenas de identificação emocional, mas também exige processos cognitivos e de consciência para diferenciar eu-outro e simular a perspectiva de outra pessoa.

Cameron (2013) afirma que esses dois tipos de empatia podem ser distinguidos conforme demonstram os estudos de imagem cerebral e estudos psicológicos experimentais. No entanto, ainda não se sabe se eles são realmente separáveis, relacionados mesmo que sejam distintos, ou se estão em interação, pois muito ainda precisa ser explorado nessa área para se chegar a conhecimentos mais concretos a respeito do assunto.

Para explicar a dinâmica do processo Cameron (2011a) retoma uma das noções centrais na psicoterapia, destacando como se dá o fenômeno da empatia na interação psicoterapêutica e no aconselhamento. Afirma que nesse contexto ela pode não significar a experimentação das mesmas emoções do cliente pelo terapeuta, mas sim entendimento e respeito a essas emoções, pois nesse caso a empatia relaciona-se a gestos de fornecer confiança, demonstrar aceitação, reconhecimento e colaboração.

Nesse caso, a autora salienta como a linguagem pode ser usada para criar ilusão de empatia, por meio, por exemplo, de avaliações das experiências emocionais do outro. Com base em estudo de Constantino, de 2002, mostra o efeito de um terapeuta dizer "Você deve estar se sentindo triste" e dizer "Como é triste". O primeiro caso é visto como uma forma de empatia por tomada de perspectiva, de tentar compreender o sentimento do paciente, e o segundo é entendido como uma construção resultante da emoção compartilhada que é anexada ao efeito da troca de perspectiva, dada a individualidade presente nesse contexto.

Destaca também que empatia difere de simpatia, apatia e antipatia. A autora parte do princípio de que, por envolver compreensão e sentimento solidário de uma pessoa (o eu) em relação a alguém (o outro), a empatia abarca minimamente um processo de abertura de canais para se estabelecer uma conexão. Já a simpatia não abrange o eu colocar-se na perspectiva de e tentar compreender atitudes do outro, mas refere-se ao eu ser afetado por um sentimento positivo em relação a alguma atitude provocada pelo outro. Desse modo, o oposto ou a ausência da empatia não se relaciona exatamente a um sentimento de repulsa, desgosto ou aversão causado pela indiferença ou inércia da apatia ou antipatia.

Para se referir a processos, capacidades e fenômenos de bloquear ou inibir a identificação com outra pessoa, evitar sentir-se na posição de ou tentar compreender o comportamento do outro, Cameron (2012b) adotou o termo *dyspathy* – um processo de

resistência e fechamento de canais para conexão: o antagonismo⁴⁵. Em seu projeto de estudos sobre esse fenômeno, *Living with Uncertainty*⁴⁶, verificou a realização por meio de metáforas, tais como as de bloqueio e de distanciamento, resultantes da desumanização de pessoa/grupo ou da exclusão do outro do espaço do eu, por exemplo, que descrevem o contraste com a empatia, a qual, por ação contrária, individualiza e particulariza o outro.

Uma vez que antagonismo e envolvimento calcam-se em movimentos opostos, na medida em que o primeiro abarca repulsão, e o segundo, tração, cabe destacar aqui que os compatibilizaremos em questões que envolvem a dinâmica endogrupo e exogrupo, tendo em vista que, nas interações sociais, vínculos podem ser construídos com base na identificação e em relações intergrupais. Nesse sentido, não examinaremos o antagonismo estritamente em termos do efeito de distanciamento que opera, mas o redirecionaremos para a possível função vinculadora de demonstrar pertencimento a valores e representações com o grupo para o qual a relação interpessoal se volta (no caso, os nichos consumidores das revistas selecionadas nesta pesquisa).

Como a interação envolve não apenas o participante em sua singularidade, mas também sua conexão ao sociocultural, com várias afiliações e influências de grupos, agindo constantemente em diferentes atividades na sociedade, a empatia não se circunscreve a um processo individual, nem estável, mas é dinâmica por ter influências e sustentação no contexto social, portanto sujeita à alteração e variação.

Para Cameron (2011a), ideias, atitudes, histórias circundam o indivíduo na vida cotidiana, e as variadas interações nas quais se engaja e que ocorrem em diferentes momentos, além de serem afetadas por esse entorno sociocultural, alteram esse conjunto de vivências de alguma maneira.

⁴⁵ *Antagonismo* é a referência utilizada pelo GELP-COLIN – Grupo de Estudo sobre Linguagem e Pensamento - Cognição e Linguística – em relação ao termo *dyspathy* na abordagem de discursos relativos à violência, a partir da proposta de Lynne Cameron.

⁴⁶ O projeto de Cameron dedica-se ao estudo da dinâmica empatia-antagonismo, isto é, preocupa-se com a forma como as pessoas "fazem empatia" em algumas situações e/ou de que maneira mudam de empatia para antagonismo, dando especial atenção às formas de categorização e às metáforas construídas em conversas de reconciliação pós-conflito. Os dados analisados compõem-se de interações em contextos de violência e insegurança no Reino Unido, na Irlanda do Norte, nos Estados Unidos, no Brasil e no Quênia.

Assim, para além da empatia individual, há influências de ordem social na geração ou bloqueio da empatia. Alguns dos fatores são as afiliações sociais e as tendências ideológicas (*bias*) de um indivíduo, que estão em jogo favorecendo a empatia pela inclinação para membros de um mesmo grupo (*in-group*), ou desfavorecendo quando diz respeito a membros do outro grupo (*out-group*). Pode haver maior resistência à sintonia emocional para ver o outro como aceitável social e/ou ideologicamente, na medida em que forças sociais operam inibindo a ativação da empatia, e os membros de fora do grupo são vistos como indignos de atenção ou percebidos como ameaçadores de alguma forma, como exemplifica a autora.

A reformulação de concepções a respeito do outro acontece tanto a cada evento interativo, em uma escala microtemporal, quanto ao longo das práticas sociais, em uma escala macrotemporal. Por um lado, atitudes e crenças que se estabilizaram ao longo de um período estarão em jogo em diálogos futuros e tendem a influenciar o que é dito no curso de um evento de discurso. Por outro, o que acontece no curso dos eventos interativos, ainda que curtos, pode levar a instabilidades e a mudanças em relação a atitudes positivas que conduzem à empatia ou a atitudes negativas que a inibem (CAMERON, 2011c).

A opção por evitar tentar compreender o outro revela a capacidade das pessoas de regular as emoções em torno da empatia. O enviesamento social e o preconceito são fatores que bloqueiam, resistem ou negam a empatia emocional, e esse tipo de situação de controle de sentimentos para restrição empática e de autossanções morais constitui o que chamam de *entorpecimento psíquico* (*psychic numbing*) (SLOVIC, 2007, *apud* CAMERON, 2011a, p.12). Como resultado a essa insensibilidade à emoção, e consequentemente à empatia, para a autora, a tendência na atividade discursiva é de mais generalizações e estereotipação do grupo social, desumanização do outro, categorizando-o metaforicamente como animal ou máquina, por exemplo.

Preocupada com esse fenômeno na atividade discursiva, particularmente em como as pessoas expressam, resistem ou negociam empatia na interação, Cameron concebe um modelo dessa dinâmica, o qual opera em níveis de interação e escalas temporais, conforme a representação seguinte:

Figura 2 – Dinâmica discursiva de empatia-antagonismo proposta por Cameron (2013, p.9, adaptado)

O modelo proposto pela pesquisadora leva em conta os múltiplos fenômenos e processos que estão em jogo na emergência da empatia, ou na inibição dela: atitudes e crenças já estabilizadas podem mudar ou se confirmar pelo que é dito no curso de um evento interativo.

Ao levar em conta que a atividade discursiva envolve uma heterogeneidade de elementos, tais como questões socioculturais, processos cognitivos e físicos, afeto individual, diálogos anteriores ou entre duas ou mais pessoas envolvidas na interação, Cameron (2013, p.8) salienta que, em cada nível, a dinâmica acontece continuamente: "a fluidez das conversas com sua alternância de significados e emoções; as mudanças de sentimentos e compreensões em relação ao outro; a transformação de narrativas culturais e de atitudes sociais"⁴⁷.

Como se verifica na Figura 2, tal movimentação contínua e as influências do nível sociocultural sobre o nível interpessoal em uma escala de tempo são representadas pela nuvem superior, referente às ideias, atitudes, histórias vividas e circundantes na vida cotidiana que ocorrem ao longo de um período temporal, este indicado pela seta, ao fundo. Essa nuvem provê a interação de modo que cada atividade interativa também pode

⁴⁷ Tradução livre do original: "The flow of talk with its shifting meanings and emotions; shifts in feelings and understandings in relation to the Other; changing cultural narratives and social attitudes."

complementá-la ou alterá-la, em um contínuo processo de alimentação e retroalimentação, indicado pelas laçadas na vertical.

Cameron (2013) representa como *nível 0* as *condições iniciais*, que se referem a tudo o que os participantes são e trazem para a interação e pode impactar no desenvolvimento do diálogo (conversas, atitudes, crenças, disposição). Esse nível tem a propriedade de afetar os demais e de ser alterado, pois os outros níveis podem retroalimentar o nível 0 de eventos futuros.

Os *níveis 1 e 2* constituem a *dinâmica local*, referente aos acontecimentos e ações no momento da interação, em que ocorre a ativação ou inibição de empatia, processos que acarretam mudanças a longo prazo em termos de compreensão empática do outro, que vão influenciar o nível 0 do novo diálogo ou interação. É no momento da interação que imagens visuais e narradas de experiências pessoais, por exemplo, oferecem acesso a sentimentos e, assim, permitem processos de empatia emocional (nível 1). Na interação, podem ocorrer ainda gestos verbais de empatia, tais como demonstrar estar disposto a engajar-se em atividade compartilhada, permitir conexões e falar como se a partir da perspectiva do outro, que eventualmente levam a um reposicionamento, a mudanças na relação e na percepção do eu e do outro (nível 2).

Por sua vez, os *níveis 3 e 4* referem-se à *emergência* e à *estabilização* de padrões de empatia-antagonismo. Trata-se da dinâmica das ações, atitudes, crenças, valores e alterações que emergem durante um evento de discurso e que se estabilizam como compreensões do outro, por efeito da atividade interativa, que permite como consequência o conhecimento desse outro e a aceitação ou a reformulação de visões que estarão em jogo em diálogos futuros.

Baseada nas teorias de complexidade e de sistemas dinâmicos, Cameron chama a atenção para as estabilidades e instabilidades que podem ocorrer na dinâmica discursiva, e explica que as condições iniciais que prevalecem em determinado ponto da escala fazem grande diferença na forma como o sistema se desenrola, o que a leva a conceber a emergência da empatia numa perspectiva dinâmica da relação entre fatores discursivos e cognitivos ocorrendo e interconectando-se com fatores afetivos, culturais, sociais, corpóreos e linguísticos.

A complexidade se dá pelos diferentes tipos de relações realizadas entre tais fatores, bem como pela multiplicidade de elementos e conexões, enquanto a dinamicidade é dada pelas constantes propensões a mudanças e a instabilidade na relação entre os elementos, por se tratar de um sistema aberto no qual interagem elementos internos e externos (FELTES, PELOSI e FERREIRA, 2012).

Por entender empatia-antagonismo como sistema em fluxo contínuo, a partir de um construto dinâmico e multinível, a autora esclarece que a relação entre os níveis não é hierárquica e sequencial, nem mesmo um resultado de alguma combinação de ações, mas sim de emersão:

Embora haja algum senso de ordenação de tempo, em que o nível de 1 precede o nível 2, a relação entre os níveis é muito mais complicada; mesmo no caso mais simples, cada instância de atividade no nível 2 tem seu próprio nível 1 a ser considerado. [...] Além disso, o nível 4 e o nível 1 estão claramente ligados, como estabilidades empáticas que, emergidas através de eventos discursivos anteriores, contribuem para as condições iniciais de um novo evento (CAMERON, 2011c, p.4)⁴⁸.

Com base nessas concepções, Cameron considera que, no âmbito da atividade discursiva, a empatia dá-se basicamente pelo reconhecimento ou expressão de um entendimento da situação e das emoções do outro, e pelo compartilhamento de situações semelhantes ou de emoções das próprias experiências. Os estudos da autora indicam a emergência da empatia no discurso por meio de três tipos de gestos (CAMERON, 2011b, p.12-15), a serem aqui considerados para análise do envolvimento interpessoal:

- *permitir a conexão* – dar acesso ao pensamento e aos sentimentos sobre o passado, o presente e o futuro, estar disposto a compartilhar emoções com o outro, explicar e reviver acontecimentos, expor as razões para determinadas escolhas e comportamentos;

⁴⁸ Tradução livre do original: "While there is some sense of time ordering, in that level 1 precedes level 2, the relation between levels is much more complicated; even in the simplest case, each instance of activity at level 2 has its own level 1 to be considered. [...] Furthermore, level 4 and level 1 are clearly connected, as empathic stabilities that emerged through previous discourse events contribute to the initial conditions for a new event."

- *entrar na perspectiva do outro* – compreender a visão de mundo do outro pelo que se sabe sobre suas experiências e emoções, reconhecer os sentimentos do outro, oferecer uma explicação ou argumento como contribuição de apoio, falar como se fosse a partir da perspectiva do outro;
- *mudar a relação percebida de si e do outro* – mostrar-se disposto a ouvir o que o outro tem a dizer, reposicionar o outro (por exemplo, de ser um inimigo para ser alguém com uma história para contar), reposicionar a si mesmo (por exemplo, de ser uma vítima para assumir alguma responsabilidade), reconhecer o que é compartilhado por ambos, eu e o outro.

Conforme visto até aqui, para estreitar o vínculo interpessoal, vários fatores podem estar em relações para favorecer a instanciação da solidariedade. Contudo, é preciso ainda considerar aspectos relacionados ao outro eixo do envolvimento. Tendo em vista que se trata de um processo que contempla não apenas a ligação entre o produtor textual e o consumidor, mas também a relação entre o consumidor e o texto, enveredamo-nos em estudos da Linguística Cognitiva com o intuito de embasar nossas análises a respeito dos recursos de *captação*, a fim de explicar como representações e posicionamentos são postos em **saliência** para atrair o leitor, despertando-lhe a **atenção**.

Embora nossa pesquisa esteja baseada na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, que não explora a dimensão cognitiva, complementamos nossa abordagem com categorias propostas no âmbito da Linguística Cognitiva, que nos auxiliem verificar como atuam os elementos linguísticos de um dos subsistemas de envolvimento: o eixo dos recursos de atração. O diálogo entre as duas abordagens é possível, na medida em que ambas estão centradas no significado e no exame do uso concreto da língua.

No caso, a Linguística Cognitiva apresenta princípios de tratamento e análise das construções linguísticas que direcionam a atenção ou conferem **saliência** para aquilo que deva ser destacado no curso interacional. Entre eles, citamos:

- a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição, e não é reflexo direto do mundo, pois, pela cognição, o mundo é apreendido e experienciado e por meio dessa construção cognitiva o significado pode ser concebido e interpretado de diferentes modos (cf. FERRARI, 2011, p.22);
- as experiências corpóreas do indivíduo em interação social estão embutidas nas construções linguísticas, uma vez que são parte da construção do "aparato

conceptual que armazena os conhecimentos das experiências físicas, sociais, psicológicas, históricas e culturais, coletivas ou individuais" (cf. CHIAVEGATTO, 2009, p.85);

- a linguagem é "um sistema *simbólico* do próprio processo de conceptualização" e "um meio de comunicação/interação" (cf. SILVA e BATORÉO, 2010, p.230, grifo do autor).

Conceptualizar é uma capacidade cognitiva de *perspectivação conceptual*⁴⁹. Segundo Langacker (2008, p.55), há diversas facetas de perspectivação de objetos e situações: o modo de construirmos uma cena depende do que realmente vemos – a que distância estamos, o que escolhemos para olhar, para quais elementos damos mais atenção, e de onde a vemos. São pelas diferentes formas de perspectivação que o significado é negociado na atividade interativa.

Contivemo-nos nas seguintes categorias ou modos alternativos apresentados pelo autor, pelos quais se pode estruturar uma situação: *esquematização/especificidade*, *foco*, *proeminência* e *perspectiva*. Entendidas em termos de ajustamentos focais, essas quatro dimensões identificam formas de salientar eventos, na relação estabelecida entre o locutor e a situação conceptualizada/descrita (SILVA e BATORÉO, 2010).

De acordo com Langacker (2008), a *esquematização/especificidade* refere-se ao modo de estruturar o conteúdo conceptual pelo nível de precisão e detalhe que se quer retratar – do mais esquemático (genérico) ao mais específico. Como exemplos da construção do nível de especificidade dos referentes, podemos destacar esse tipo de perspectivação nos seguintes trechos que compõem nosso *corpus*:

Betufão, minha esposa quer um **cachorro**. Moramos em um apartamento e não temos espaço para o **animal**. O que faço para ela mudar de ideia? (Texto 28: MH, PBB, p.203)

Ultimamente, qualquer **desentendimento** com meu namorado vira uma **briga imensa**. Como acabar com a **guerra**? (Texto 72: WH, PVZO, p.214)

⁴⁹ Tradução de *construal*, de Langacker (2008), adotada por Silva e Batoréo (2010).

Verificamos que a construção da perspectiva partiu do elemento mais específico para o mais esquemático, no texto (28), como se observa em "cachorro", a espécie que particulariza o gênero "animal"⁵⁰. Por sua vez, a crescente gradação que parte do mais específico para o mais genérico, em "desentendimento", "briga imensa" e "guerra", confere saliência à situação-problema, retratando-a de forma intensificada no texto (72).

Já a categoria *foco* refere-se ao modo de selecionar o conteúdo conceptual, para apresentá-lo em primeiro plano ou como pano de fundo. Dentre as diversas características de um item lexical, em seu universo enciclopédico, em dado evento de uso, certo traço torna-se mais central por ter sido ativado, enquanto outros permanecem em segundo plano. Assim, um item lexical selecionado pode fornecer acesso apenas a algumas partes de seu valor convencional, sendo um número limitado de traços ativado em uma determinada ocasião. Aquilo que é mais central terá maior probabilidade de ativação, ficando em primeiro plano em relação a traços mais periféricos, conforme explica Langacker (2008).

Como exemplo de aplicação da perspectivização por foco, destacamos do *corpus* o uso do termo "gatinho", tal como no texto (82):

Como agir quando você não concorda com as atitudes do **gatinho**

Confira as dicas da Atrevida para se dar bem na paquera (Texto 82: AT, p.216)

Para se referir a garotos, no universo da paquera entre adolescentes, opta-se por colocar em saliência um termo cujo conteúdo conceptual relaciona-se pragmática e metaforicamente a traços de beleza invocados pelo animal "gato". Ativa-se da rede de opções para referência a uma pessoa o item "gatinho", entre outros disponíveis para tanto, tais como "garoto", "menino", "boy", "pretê", construídos e comumente utilizados nos textos do *corpus*, da revista voltada às adolescentes. Coloca-se em primeiro plano a afetividade positiva trazida pelo termo em relação aos outros traços relativos ao felino, no caso, que ficam em segundo plano, com menor probabilidade de serem ativados na situação, tais como as ideias de independência, sagacidade, obscuridade, entre outras que contemplam o universo de representações desse animal.

⁵⁰ Esse caso relaciona-se a questões de hiponímia e hiperonímia no estabelecimento da coesão referencial (cf. FÁVERO, 1995, p.24).

A análise pelo fenômeno figura-fundo indicia ainda uma forma de conferir saliência, pois uma parte é tida como alvo da estrutura a ser observada e avaliada, enquanto outra é tomada como base, servindo de pano de fundo. É o modo pelo qual um item lexical está realmente compreendido no contexto de um evento de uso que determina a focalização, segundo Langacker (2008). No curso de uma interação, quando uma informação nova é expressa ela é o foco, e as informações dadas vão compondo e ocupando o segundo plano.

Além de figura-fundo, a composição é outro meio de análise do foco. Ao observar o significado de expressões compostas, o autor destaca a questão do caminho composicional no processo de apreensão de sentido pelo grau de analisabilidade. Refere-se à contribuição de cada componente para a conceptualização do todo, e, como exemplo, cita as construções "primo" e "filho do irmão do pai". Aponta que, apesar da identidade semântica, elas não têm o mesmo *status* referencial: "primo" tem baixo grau de analisabilidade por configurar uma visão do todo e das partes ao mesmo tempo, colocando em foco a relação de parentesco em particular, enquanto "filho do irmão do pai" é uma expressão composta, analisável em partes, cujo acesso e foco percorrem os caminhos da árvore genealógica, tornando os componentes mais salientes que o todo. Ocorre aí um processamento de identificação de cada termo até se chegar ao referente (pai → irmão do pai [tio] → filho do irmão do pai [primo]).

A categoria foco abrange ainda um processo de seleção de conteúdo, referido por Langacker (2008) como escopo. O autor explica que, assim como nosso aparelho visual é limitado e nosso campo de visão abrange apenas aquilo que olhamos de cada vez, o escopo de uma expressão é delimitado por aquilo que ela seleciona e constitui como seu quadro de visualização (*viewing frame*), sendo pelo ajustamento de foco e seleção que podemos organizar a extensão do que vemos.

O escopo pode abranger toda uma extensão de cobertura (escopo máximo) ou parte do domínio representado (escopo imediato). Para o autor, um termo como "primo", por exemplo, compreende uma rede de relações de parentesco e enquanto tal pode ser estendida indefinidamente em qualquer direção, mas a seleção de uma porção dessa rede é suficiente para conceptualizar a relação "primo", tomada como escopo no quadro de visualização para se apreender o domínio que tal expressão evoca.

Exemplifica a focalização baseada nesse processo a seguinte construção retirada do *corpus* desta pesquisa:

Estou a fim do **primo do meu ex**. E agora??? Saiba como agir quando você fica a fim de algum **amigo ou parente do seu ex-namorado!!!** (Texto 81: AT, p.216)

Nesse caso, a porção do domínio "amigo ou parente do seu ex-namorado" em foco é o "primo do meu ex". O ajustamento focal é indicado pelo escopo imediato, tomado como referente que deve ser levado em conta na situação-problema – o primo e não outro indivíduo da rede de relações de parentesco/amizade. Observamos aqui, ainda, que o modo de estruturar o conteúdo conceptual partiu de um nível de especificidade para uma categorização mais esquemática (genérica), para retratar o referente.

Outro modo pelo qual se pode estruturar uma situação é pela *proeminência*, que envolve basicamente focalização de atenção. Para Langacker (2008), a linguagem exhibe vários tipos de assimetrias consideradas como questões de proeminência. Entre elas estão: a saliência da figura (primeiro plano) em relação ao que é fundo (segundo plano); a saliência de oposições, como concreto vs. abstrato, real vs. imaginário, explícito vs. implícito; a saliência do protótipo dentro de uma categoria em relação às suas extensões⁵¹.

Como exemplo de construção de perspectiva por proeminência, destacamos a seguinte expressão que exhibe a saliência por oposição, presente no texto (62) desta pesquisa:

Por que **os casados** nunca deixam a esposa quando se envolvem com outras? (Texto 62: WH, PVZO, p.211)

Se considerarmos a expressão "os casados", verificamos que apenas uma parte de todo o quadro relativo a pessoas no contexto do relacionamento está em saliência. Em oposição a "solteiros", o enquadre se dá em torno do grupo masculino, particularmente dos comprometidos. O foco reside na seleção da parte diretamente relevante que constitui o elemento do domínio acessado pela leitora e tomado como objeto da discussão. Não se

⁵¹ Como exemplo, o autor aponta o termo "martelo" como mais saliente que "martelo com garras" ou mais proeminente que "ferramenta".

trata de colocar no centro quaisquer pessoas, mas de pôr em proeminência, no contexto do problema, apenas os homens já efetivamente comprometidos em matrimônio, entre outras opções disponíveis que compõem o quadro de indivíduos aptos a ter um relacionamento amoroso (solteiros, namorados, divorciados, separados).

Por sua vez, a categoria *perspectiva* refere-se ao arranjo de visão do que é observado, e por meio dela é possível criar e depreender formas alternativas de saliência a representações no texto. O observador assume um ponto de vista (*vantage point*) a partir do qual descreve uma situação ou a impressão visual de uma cena. Dependendo do ponto de vista assumido, uma mesma situação pode ser construída de diferentes modos: a partir da perspectiva do falante/escritor, ou do ouvinte/leitor, ou ainda do falante/escritor e do ouvinte/leitor projetados na cena.

Langacker (2008) destaca que o modo de conceptualização da entidade observada pode se dar como sujeito ou como objeto de percepção. Ocorre que, nesses casos, pode haver uma gradação: de subjetividade máxima, quando a entidade está implícita, "fora do palco" (*offstage*) do arranjo de visão, ou de objetividade máxima, quando a entidade é tomada como objeto de atenção, com foco explícito e, portanto, mais saliente no arranjo de visão.

O autor exemplifica que a objetividade ocorre quando falante e ouvinte são colocados "no palco" (*onstage*) de atenção por meio da pronominalização em primeira e segunda pessoas, figurando explicitamente na cena descrita ou avaliada como objetos de concepção e não meros observadores que poderiam estar menos salientes se a perspectiva fosse construída com subjetividade máxima.

Outro meio de análise da construção da perspectiva é pela dinamicidade, que, de acordo com Langacker (2008), compreende formas de escaneamento perceptuais, de processamento de uma conceptualização, em termos de como esta se desenvolve. Segundo o autor, a ordem de apresentação das informações ou o significado das palavras pode indicar o caminho de apreensão e acesso às concepções simbolizadas. A sequência das expressões pode projetar uma visão mais global, com ajuste focal mais afastado (*zoom aberto*), ou uma visão mais estrita, com ajuste focal mais aproximado (*zoom fechado*).

Por exemplo, na pergunta da leitora:

Minha mãe me compara à minha irmã o tempo todo. Ela fez MBA, casou, tem dois filhos e eu ainda nada. Como explico que não quero ter a vida dela? (Texto 59: WH, PAG, p.211)

a construção do problema percorre um caminho que parte de um plano de visão mais ampliado ("minha mãe me compara à minha irmã") até o ajuste de foco mais aproximado, quando se dá acesso às representações tomadas como objeto de comparação ("ela fez MBA, casou, tem dois filhos e eu ainda nada").

O escaneamento também pode ser realizado através de um ponto de referência, meio pelo qual o acesso mental a um elemento se faz chamando atenção para uma entidade perceptualmente saliente. A atenção é primeiramente direcionada para aquilo que servirá de acesso até o alvo pretendido, e este, quando identificado, passa a ser o foco. Para Langacker (2008), esse é mais um dos casos de assimetria em que um elemento ora constitui a figura, ora serve de pano de fundo.

Como exemplo, o autor apresenta a construção: "Você se lembra daquele cirurgião que nós conhecemos na festa? A esposa dele pediu o divórcio". Nesse caso, "esposa" só é acessível via o ponto de referência "cirurgião". Em saliência, este elemento está associado ao alvo destino a que se quer atingir, dentre outros potenciais alvos que possam constituir o domínio (festa, diversas pessoas, *n* conversas, situações ocorridas e pessoas então conhecidas). A ativação do ponto de referência ("cirurgião") oferece condições para focalizar a entidade alvo ("esposa dele"). Em um primeiro estágio de escaneamento, a saliência está naquele que constitui a figura ou ponto de referência, e, no momento seguinte, uma vez localizado, passa a ser fundo, para que o alvo seja o foco ou o elemento que deve estar em saliência.

Uma vez que explicam como se dá o processo de direcionar a atenção, as categorias de perspectivação conceptual apresentadas pelo referido autor – esquematização/especificidade, foco, proeminência e perspectiva – podem fornecer subsídios para análise das alternativas que processam a captação.

Os demais conceitos apresentados nesta parte – solidariedade, tração e atração, metarredundância e empatia – também nortearão a análise dos recursos de envolvimento no processo de constituição das relações interpessoais de demanda e oferta de conselhos, além de ancorar a verificação da possível coocorrência de efeitos para construir a proximidade e a solidariedade entre revistas de nicho e seus consumidores-leitores. Como

se trata de um conjunto de categorias, a seguir, apresentamos como a rede será concebida para fins de sua representação.

2.2.2. Forma de representação do conjunto de categorias analíticas

A análise dos recursos que constroem a rede de ENVOLVIMENTO⁵² interpessoal demanda considerar as opções linguísticas utilizadas pela instância produtora para:

o que representar ou avaliar como aceito ou rejeitado pelo consumidor textual; dividir ou não a responsabilidade ou validação das representações e posições valorativas; dirigir-se a si ou ao outro no texto; construir um espaço de experiência e de avaliação moral por meio de narrativas; ampliar a capacidade de atração do texto por meio de recursos figurativos. (GONÇALVES SEGUNDO, 2011, p.341)

Com o objetivo de ressaltar esses aspectos, a análise do *corpus* no que diz respeito à rede de recursos linguísticos de ENVOLVIMENTO será desenvolvida a partir da ideia de que as relações entre os participantes da atividade interativa requer uma observação do processo de forma concatenada: o produtor solidariza-se e vincula-se com o consumidor por meio do texto, e o consumidor identifica-se e envolve-se com o texto e possivelmente com o produtor.

Considerando ainda que nessa atividade os recursos que realizam a VINCULAÇÃO e a CAPTAÇÃO podem ter efeitos cumulativos, haja vista a metarredundância entre as alternativas que efetuam esse processo, apresentamos a viabilidade de algumas formas de representação da rede de ENVOLVIMENTO: se concebida a partir de um *continuum* ou ainda construída a partir de eixos.

A questão é representar a notação sistêmica de grafo arbóreo proposta pela LSF de uma forma que seja possível ter uma visão dinâmica dos conjuntos de opções que

⁵² De agora em diante, momento em que pré-adentramos nas análises deste trabalho, seguimos alguns procedimentos de formatação da notação sistêmico-funcional: os nomes de sistemas e subsistemas em VERSALETE e as opções paradigmáticas do sistema em minúsculas.

compõem a rede, uma vez que não os entendemos como disposições dicotômicas ou por demasiado discretos, mas como rede de recursos dispostos em pontos que se interconectam e estabelecem relações.

A representação em grafo arbóreo proposta pela LSF retrata a organização paradigmática de uma rede de alternativas que constitui um sistema. Como o sistema na rede é ordenado a partir da esquerda para a direita, começa-se com a opção mais geral, avançando para outras mais específicas, para representar a escala de delicadeza (grau de refinamento).

No caso, representa-se, como condição de entrada, o nome do sistema (ENVOLVIMENTO), e seus subsistemas (VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO) como condições sob as quais as escolhas estão disponíveis. Por sua vez, os subsistemas abrem para as opções paradigmáticas (A, B, C, D, E, F, G), que podem gerar outras configurações para escolhas de realização (h, i, j, k), como se observa na rede hipotetizada a seguir⁵³:

Esquema 1 – Representação em grafo arbóreo de uma possível rede de envolvimento interpessoal

Nesse grafo, os colchetes indicam as possibilidades para cosseleção de recursos disponíveis para realizar tal sistema. Assim, se a escolha for por VINCULAÇÃO, então a opção pode ser por construí-la pelos recursos ou A, ou B, ou C, ou D*, ou E*. Porém, se a

⁵³ O grafo foi criado por meio do *software UAM Corpus Tool*, utilizado em estudos sistêmico-funcionais para organização de sistemas, análises e descrições de textos.

escolha for por CAPTAÇÃO, então a alternativa pode ser por construí-la pelos recursos ou *D, ou *E, ou F, ou G.

Contudo, um recurso como D, por exemplo, está restrito na condição de entrada como opção que simultaneamente pode realizar VINCULAÇÃO & CAPTAÇÃO; ou ainda o recurso E pode ser construído pelas alternativas j ou k, para vincular e captar. A leitura da ordenação do sistema pela opção D, por exemplo, é: "se VINCULAÇÃO, então D*" e "se CAPTAÇÃO, então *D". Nesse caso, como se trata de uma opção paradigmática que realiza simultaneamente ambos os subsistemas, a alternativa divide-se e aparece nos dois, porém ocorre aí uma intersecção. Ainda que aloquemos as opções D e E nos limites de um e outro conjunto, essa operação formada por elementos comuns aos dois eixos não fica devidamente clara.

A fim de explicitar a conjunção de ambos nesse processo, inserimos um terceiro subsistema, intermediário, para comportar os recursos híbridos, instauradores ao mesmo tempo de CAPTAÇÃO & VINCULAÇÃO, o que engendra a seguinte forma de representar:

Esquema 2 – Outra possibilidade de representação em grafo arbóreo de uma rede de envolvimento

Esse grafo talvez não seja a forma mais adequada para notação do sistema, uma vez que pode gerar uma relação demasiado discreta entre os eixos, mas, em todo caso, permite explicitar as opções que servem simultaneamente aos dois. Nessa sequência organizacional do sistema, agora temos a seguinte leitura de ordenação por delicadeza, por exemplo: "se VINCULAÇÃO & CAPTAÇÃO, então ou D ou E; se E, então ou j ou k".

Considerando que a ideia é representar a dinamicidade dessas opções, destacar a interligação de recursos dos dois subsistemas, tendo em vista evitar um caráter discreto

com a repetição dos eixos centrais que comportam as alternativas de ENVOLVIMENTO, outra forma seria conceber os subsistemas VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO como *continuum*, como na seguinte representação:

Esquema 3 – Representação em *continuum* de uma possível rede de envolvimento

Nesse caso, pode-se gerar uma visão polarizada dos dois subsistemas, pois a representação dos possíveis recursos na extensão de continuidade de um pólo a outro, em pontos cujas extremidades indicam maior ou menor grau de VINCULAÇÃO/CAPTAÇÃO, bem como a zona híbrida, indicada pelo intervalo tracejado, intermediária dos pólos, tem a desvantagem de projetar uma relação dicotômica.

Embora as opções paradigmáticas tenham um caráter não discreto e estejam dispostas em um *continuum*, tal modo de representar não se adequa à ideia de dinamicidade entre os eixos de atuação e emergência das opções de um sistema, como pretendemos aqui. Isso porque a ideia de polarização gradual máxima e mínima pode dar a entender que o recurso B, por exemplo, vincule menos que A, ou mais que C, sendo que tal quantificação é algo complexo de se determinar.

Uma alternativa seria a representação em rede de nós interligados, que permitisse uma visão interseccionada dos eixos e seus recursos, que expusesse a conexão entre os subsistemas e a disposição das opções paradigmáticas próximas ao núcleo do qual emergem (se VINCULAÇÃO, se CAPTAÇÃO ou ambos), sem que houvesse uma representação duplicada ou discretizada desses eixos. Através do *software Gephi*⁵⁴, é possível representar

⁵⁴ *Gephi* é uma plataforma de visualização e exploração de redes e sistemas complexos, de grafos dinâmicos e hierárquicos. Esse *software* é uma ferramenta que permite a representação de um conjunto cujos elementos estão interseccionados.

a rede de recursos de ENVOLVIMENTO por meio de pontos entrelaçados e interligados por uma amarra ou nó que conecta os subsistemas, indicando o ponto de origem.

Um grafo dessa natureza é composto por um conjunto de nós ou pontos ou vértices (os elementos) e por um conjunto de arestas ou arcos ou linhas (as relações entre pares). No caso das alternativas e suas relações na rede aqui hipotetizada e exemplificada temos:

- o conjunto de nós/vértices: {VINCULAÇÃO, CAPTAÇÃO, opção A, opção B, opção C, opção D, opção E, opção F, opção G, opção h, opção i, opção j, opção k}.
- o conjunto de arestas: {(VINCULAÇÃO, opção A), (VINCULAÇÃO, opção B), (VINCULAÇÃO, opção C), (VINCULAÇÃO, opção D), (VINCULAÇÃO, opção E), (CAPTAÇÃO, opção D), (CAPTAÇÃO, opção E), (CAPTAÇÃO, opção F), (CAPTAÇÃO, opção G), (opção B, opção h), (opção B, opção i), (opção E, opção j), (opção E, opção k), (opção E, opção F), (opção E, opção G), (opção E, opção k)}

As arestas ligam as opções paradigmáticas aos nós de origem – sistema e subsistemas –, de forma a ser possível visualizar como tais opções disponíveis da rede se conectam e a que eixo (vértice) de realização estão relacionadas:

Esquema 4 – Representação em grafo de uma rede hipotética de envolvimento interpessoal

Aqui, os eixos medulares da rede do sistema ENVOLVIMENTO não estão linearmente dispostos ou ordenados em polos graduais, mas constituem os centros a partir dos quais o

sistema abre-se para compreender as sub-redes de alternativas que o constrói, remetendo a uma visão cognitiva. Assim, ao partirmos da perspectiva de que o envolvimento ocorre com a criação de pontos de conexão entre produtor-consumidor e entre consumidor-texto, a representação em rede favorece a percepção de que os recursos de ENVOLVIMENTO formam um conjunto de alternativas que estabelecem relações entre seus pares, não obedecem a uma divisão por demasiado discreta ou dicotômica, bem como a de que os eixos do sistema (VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO) não estão desconectados ou duplicados na geração das opções paradigmáticas.

Tal forma de representar possibilita, assim, ser possível perceber o todo pelas relações entre as partes, no sentido de destacar a não compartimentação dos recursos, pois, por mais periféricos ou afastados do centro da categoria, os arcos mantêm as relações dos elementos com os membros mais próximos ao seu nó central pelas características que os identificam. Nesse sentido, VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO não são vistos aqui como módulos independentes ou como *continuum*, mas como eixos que abarcam um conjunto de recursos em relações entre os elementos disponíveis para construir o envolvimento interpessoal.

Assim como os conceitos de solidariedade, metarredundância, tração e atração, empatia, atenção/saliência, nortearão a análise do gerenciamento interpessoal por recursos que tenham por função envolver, construídos nas seções de conselhos em revistas de nicho, a abordagem das categorias como proveniente de dois eixos funcionais de envolvimento guiarão o exame do uso de recursos que projetam efeitos de conexão e atração na atividade de aconselhamento.

Capítulo 3 – Envolvimento na construção das relações interpessoais de aconselhamento em revistas de nicho

Neste capítulo, damos início à análise do *corpus*. Não temos por intuito proceder a uma análise exaustiva, mas buscamos obter dados que possam compor um mapeamento e revelar padrões de interatividade que constituem a prática de conselhos realizada no âmbito das revistas de nicho. A partir da exploração da rede de recursos linguísticos de ENVOLVIMENTO que constitui as trocas interpessoais nos textos sob análise, temos em vista destacar possíveis relações entre o modo de construção dos conselhos e do envolvimento, assim como estabelecer correlações deste com outras formas para instaurar solidariedade.

3.1. Procedimentos metodológicos

Com base nas concepções teórico-metodológicas da LSF, analisaremos o uso de recursos léxico-gramaticais que configurem categorias de gerenciamento da relação interpessoal entre revistas de nicho e seus leitores-consumidores. Tal abordagem fornece subsídios para depreender os significados construídos pelos elementos linguísticos, a partir do exame dos aspectos funcionais da linguagem posta em ação. Por isso, para a LSF, o nível semântico-pragmático é central para análise de como organizamos nossas experiências e de como agimos para negociar relações e expressar ideias e posições.

Com o intuito de identificar as opções linguísticas escolhidas para gerenciar a relação social e construir solidariedade, verificaremos nos textos recursos léxico-gramaticais utilizados para envolver, a fim de investigar o papel dessas alternativas na prática de aconselhamento no contexto midiático.

Desse modo, o enfoque analítico no estrato semântico-discursivo, em particular, na metafunção interpessoal, requer observar o uso da linguagem em eventos concretos de ocorrência, de acordo com a perspectiva aqui adotada, para explorar os textos em seu contexto de situação. Nas palavras de Halliday & Matthiessen (2004, p.33), "o texto é a forma de dados usada para a análise linguística; toda descrição gramatical está baseada no

texto"⁵⁵. Portanto, é a partir de uma fonte concreta de uso da língua que buscaremos extrair os recursos que constituem uma das partes do sistema interpessoal.

Uma vez que consideramos que envolver e ser envolvido requer um trabalho com a linguagem, verificaremos as realizações linguísticas e identificaremos as categorias léxico-gramaticais, bem como a função que desempenham na construção do envolvimento, a fim de mapear as alternativas paradigmáticas que revelem um padrão probabilístico de uso de recursos gerenciadores da interação entre conselheiros e leitores.

Destacaremos as categorias responsáveis por instaurar o envolvimento nos textos, para exposição das opções linguísticas. No decorrer das análises, levantaremos os recursos construídos, indicando as ocorrências realizadas no *corpus*, a título de exemplificação. Em seguida, apresentaremos uma caracterização geral de como o envolvimento emerge na prática interativa constituída em cada uma das seções que compõe o *corpus* deste estudo.

3.2. Recursos linguísticos de vinculação e captação

Nesta parte, procedemos ao levantamento dos recursos linguísticos, a fim de mapear e representar a rede de ENVOLVIMENTO gerada pelo *corpus* desta pesquisa. Para tanto, recuperamos as categorias já propostas por Gonçalves Segundo (2011), além de inspirarmo-nos em concepções e categorias apresentadas por Eggins & Slade (2001) e por Tannen (1994)⁵⁶, não só para verificar como se aplicam ao *corpus* deste trabalho, mas também para identificar outras formas que possam compor a rede de opções linguísticas que desempenham a função de tracionar e atrair no processo de envolvimento interpessoal.

Para tanto, primeiramente apresentamos a categoria de análise, em seguida, ilustramos com ocorrências encontradas nas seções de aconselhamento, e discutimos cada uma partindo da ideia de que se trata de um conjunto de recursos linguísticos emergentes dos eixos que constroem VINCULAÇÃO e/ou CAPTAÇÃO, por meio dos quais o produtor

⁵⁵ Tradução livre do original: "Text is the form of data used for linguistic analysis; all description of grammar is based on text."

⁵⁶ Apontadas no capítulo 2, item 2.1, p.56.

textual busca estreitar o contato nas relações interpessoais, como também despertar a atenção do leitor para o consumo do texto.

3.2.1. Categorias de análise do envolvimento interpessoal

A seguir, discutimos oito categorias e suas opções paradigmáticas, apresentando os conceitos de cada um dos recursos da rede e as alternativas de construção do envolvimento interpessoal. Recuperamos seis das oito categorias propostas por Gonçalves Segundo (2011) e ampliamos com outras duas, além de acrescentar outras opções paradigmáticas aos subsistemas.

3.2.1.1. PESSOALIZAÇÃO

Ligado ao eixo VINCULAÇÃO, o subsistema **PESSOALIZAÇÃO** abarca a ideia de particularizar as relações interpessoais ou de demonstrar emoções e sentimentos, para construir afinidade, intimidade e afeição. Por meio desse recurso, o produtor busca tracionar o consumidor do texto para vinculá-lo às representações e propostas ali construídas, através das seguintes opções: **nomeação, pronominalização em primeira ou segunda pessoa do singular e afetividade**.

Enquanto pela referência nominal ou pronominal visa-se a instaurar o leitor como alvo particular e integrante dos processos representados no texto, pelas formas de afeto, o produtor textual demonstra-lhe estima ou empatia, a fim de estabelecer um meio de conexão que os possa vincular e assim envolver na atividade interpessoal.

Recuperamos a categoria **nomeação**, proposta por Eggins & Slade (2001) como um dos quatro subsistemas de ENVOLVIMENTO, porém, aqui, abordamos tal recurso como alternativa do subsistema PESSOALIZAÇÃO. Pelo próprio ato de nomear o leitor, a finalidade é fazê-lo sentir-se integrante da situação construída, estabelecer com ele um contato direto e particularizar a relação interpessoal.

Essa categoria verifica-se no *corpus* em construções vocativas e em diferentes formas linguísticas que possam estabelecer a intimidade e possível identificação com o consumidor textual, particularizando a interação. As ocorrências que exemplificam esse recurso são realizadas nos textos por designação de papel social, aumentativo, tratamento informal, abreviação do nome, diminutivo, e nome pessoal:

Vizinho, adoro ser amiga de homens. O problema é que todos querem transar comigo, até um que vejo como irmão. O que fazer? (Texto 66: WH, PVZO, p.212)

Betão, um brother ficou solteiro recentemente é só me chama para ir a baladas caras. Pega mal eu sugerir lugares mais baratos? SÉRGIO BAPTISTA, SÃO PAULO – SP

Claro que não, **Serjão**. [...] (Texto 33: MH, PBB, p.204)

Cara, isso é o tipo de coisa que você jamais deveria fazer na frente da parceira [...] (Texto 36: MH, PBB, p.205)

Re, o que as mulheres como você acham de caras que só querem transar depois do casamento? THIAGO REIZER – PONTA GROSSA/PR

Thiaguinho, não tenho nada contra [...] (Texto 1: MH, PVZA, p.197)

Quero comemorar meu aniversário com uma festa, mas tenho amigas que não se bicam (nem os respectivos delas). Não queria deixar de chamar ninguém para a data... BRUNA M., SP

Bruna, isso não é problema seu, e sim delas. [...] (Texto 50: WH, PVZO, p.208)

As construções destacadas configuram formas de nomeação que exemplificam as variadas maneiras de referência ao leitor e como o contato é estabelecido no processo interpessoal, a fim de reforçar a conexão entre os participantes, na medida em que expressam formas de linguagem típicas de proximidade comunicativa, simulando a existência de intimidade entre conselheiros e leitores.

Dado o teor pessoal e emotivo que carregam, em conjunto com algumas dessas realizações ("Betão", "Serjão", "Re", "Thiaguinho", por exemplo) sobrepõe-se outra forma de pessoalização: a **afetividade**. Nas trocas interpessoais, os recursos de afeto podem construir intimidade e identificação, como verificamos nas ocorrências realizadas a seguir:

Vi, terminei um relacionamento de dois anos há pouco tempo, e já quero engatar outro. Me apaixonei por uma amiga. Algum problema? SILAS PESSOA, SALVADOR – BA

Silas, não existe problema algum, **meu querido**. Aliás, nada melhor do que uma paixão nova. [...] (Texto 19: MH, PVZA, p.201)

Comprei um vestido caro para um casamento e uma amiga, quando viu, foi logo dizendo que quer emprestado. Prefiro a morte. E agora? RENATA N., RJ

Sinto dizer, mas acho que as duas estão erradas. [...] (Texto 60: WH, PAG, p.211)

Renatinha, me declarei para uma amiga e começamos a namorar. Após um mês, ela terminou. Dá para retomar a amizade? Ou ainda tenho chance de reconquistá-la? LUIZ BORGES SILVA, SETE LAGOAS/MG

Luizinho, atirar para todo lado é perigoso, pode matar todas as suas chances. [...] (Texto 10: MH, PVZA, p.199)

[...] "Namoro há dois anos e sou superapaixonada. Só que agora meu namorado vai mudar de cidade para fazer faculdade e estou bem insegura com a situação. Ele disse que gosta de mim e que eu devo confiar nele, mas tenho medo de perdê-lo. Será que devo terminar?" G.B., POR E-MAIL

G. querida, se existe tanto sentimento de um pelo outro, vocês darão um **jeitinho**, viu? (Texto 99: AT, p.221)

Os casos exemplificam a demonstração de afetividade pelos conselheiros, pois, na relação com a instância consumidora, essa alternativa de PESSOALIZAÇÃO construída pela expressão do próprio sentimento ou pela demonstração de intimidade estabelece a conexão emocional e, portanto, os vínculos podem ser fortalecidos, na tentativa de criar uma relação dialógica próxima e solidária.

Cabe ressaltar que as ocorrências de diminutivo de valor afetivo revelam como tal elemento associa-se ao traço pragmático de gerenciamento das relações sociais, ao uso estratégico da polidez e/ou de atenuação das representações expressas no texto, no trabalho de construção de face (no sentido concepcional de Goffman e de Scollon e Scollon). A partir dessa concepção, a afetividade positiva serve ao ENVOLVIMENTO por estar vinculado a uma atividade de negociação, pela dupla função que opera: uma afetiva, ligada à expressão da subjetividade, e uma interpessoal, relativa ao aspecto interacional.

Também instaura o leitor como participante das representações construídas no texto, fazendo-o sentir-se o único alvo de uma interação que é veiculada para diversas

peessoas, a **pronominalização em segunda pessoa do singular**. Por meio desse recurso, o produtor do texto pode constituir vínculos e afinidade com a instância consumidora. A particularização do alvo da interação e o direcionamento do conteúdo expresso nas representações ocorrem no *corpus*, basicamente, via pronome de tratamento “você”, pronome possessivo “seu/sua”, pronome pessoal “te”:

“Tem um garoto que me trata diferente, de um jeito especial, até que dias atrás me contou que está apaixonado por mim. Só que ele namora, e mesmo assim ele diz que gosta de mim. A namorada dele não é da nossa escola, mas, mesmo assim, eu acho estranho. Ele diz que nós seríamos “amigos coloridos”, mas não acho certo. Só que eu gosto dele. O que faço?” G.A. (16 ANOS)

Sua pergunta já mostra que **você** sabe a decisão certa a tomar. Não é impossível gostar de duas pessoas ao mesmo tempo, já que não controlamos os nossos sentimentos. No entanto, podemos escolher a melhor forma de agir e, nesse caso, ajudar o **seu** amigo a enganar a namorada não é a melhor alternativa. Além de não ser esse o tipo de relacionamento que **você** quer com o **seu** amigo, tente se colocar no lugar da namorada dele. **Você** gosta do **seu** amigo, mas também gosta de **você** mesma. E tenho certeza que **você** pode encontrar alguém que saiba **te** valorizar da maneira que **você** merece. (Texto 110: AT, p.224)

A pronominalização destacada exemplifica a recorrência a um recurso linguístico de que a instância produtora faz uso para construir uma relação direta com a instância consumidora do texto, inserindo-a no processo interacional, ao colocá-la no centro das ações ao invés de apenas concentrar-se no aspecto ideacional da resposta.

As ocorrências do pronome “você” também aparecem na apresentação do tópico discursivo construído pela revista, além de estar presente no texto-resposta do conselheiro, a exemplo do texto (106) do *corpus*:

Gosto do menino-galinha. E agora?

Você ama o garoto e ele... fica com todas! O que fazer?

“Gosto muito de um menino, mas ele nem liga pra mim. Já namoramos e ele terminou comigo há quase dois meses. Sempre que nos encontramos, acabamos ficando... Mas ele não quer nada sério comigo e sempre fica com várias meninas. O pior é que eu gosto muito dele! O problema é que ele já falou que gosta de mim, mas não do mesmo jeito que eu gosto dele. O que eu faço?” - K. B., POR E-MAIL

É como diz o ditado: se um não quer, dois não brigam. Assim, quando um não quer, dois não namoram. Então, K., ponha-se no lugar do garoto imaginando a seguinte situação: **você** namorou um menino, mas **vocês** terminaram. **Você** tem carinho por ele, até ficam de vez em quando, mas **você** não gosta dele da mesma forma que ele gosta de **você** – e até já disse isso ao menino! Sinceramente, o que **você** o aconselharia a fazer? O conselho que der a ele, dê a **você** mesma. E lembre-se: talvez ele volte a ter um interesse especial por **você** assim que perceber que pode perdê-la de vez. (Texto 106: AT, p.223)

Nesse caso, o “você” presente no texto-chamada da revista tem por efeito atingir uma porção de potenciais leitoras que se identificam com a situação-problema, com o propósito de personalizar as publicações, tratando as consumidoras, no caso, com familiaridade e de forma individualizada, particularizada.

Já as ocorrências, no *corpus*, de **pronominalização em primeira pessoa do singular** caracterizam um modo de criar uma relação mais intimista, cujo efeito vai além de revelar maior grau de subjetividade de quem emite o aconselhamento, como é o caso a seguir:

“Olá, Atrevida! Preciso de um conselho! Tenho 12 anos e gosto de um rapaz de 18. Ele diz que também gosta de mim, mas a minha mãe não deixa a gente namorar. Então, estamos nos encontrando escondidos. Eu quero muito que as coisas deem certo com ele, mas fico insegura para transar, por exemplo. Não sei o que faço! Será que meu namoro é uma furada?” A.F.(12 ANOS)

A., a diferença de idade entre vocês é grande, o que faz que os interesses e objetivos não sejam os mesmos. É natural que você se sinta insegura para transar, já que está muito cedo para que você inicie a sua vida sexual. Duas coisas devem ser levadas em consideração: a sua maturidade física e psicológica e o impacto na relação com seu namorado. **Entendo** que não é divertido ser proibida de namorar, mas **acho** que a sua mãe está correta. Não tenha tanta pressa para crescer, aproveite esse início da adolescência para se conhecer melhor e descobrir as possibilidades que a vida pode oferecer. Um menino mais novo vai conseguir te entender melhor. (Texto 109: AT, p.224)

Nesse texto, o uso da primeira pessoa do singular pode tanto funcionar discursivamente como forma de desinstitucionalizar a autoridade do produtor do texto-resposta da revista, quanto projetar simultaneamente um efeito empático, a fim de tornar a relação mais pessoal que se o conteúdo fosse expresso de modo exclusivista/institucionalizado. O emprego da primeira pessoa confere um caráter testemunhal ao texto, pois possibilita ao produtor manifestar sua visão ou experiência para apresentar o conselho.

Optou-se por estabelecer com a leitora um contato mais próximo e uma interação particularizada, da qual decorre um efeito empático por tomada de perspectiva, manifestado pela construção "*entendo* que não é divertido ser proibida de namorar". O conselheiro reconhece a essência da situação vivenciada e busca abrir caminho para que a leitora reflita a respeito do problema, atenuando uma possível rejeição ao argumento "*acho* que sua mãe está correta".

Desse modo, o recurso PESSOALIZAÇÃO permite relacionar efeitos de envolvimento e empatia, na medida em que se verifica a construção de um gesto empático que reforça o vínculo, pois constitui uma atitude de compreensão do dilema e dos sentimentos da leitora, como se o conselheiro tivesse se colocado em sua perspectiva, para viabilizar a confiança e a aceitação dos conselhos⁵⁷.

As variadas opções de PESSOALIZAÇÃO apresentadas aqui fazem parte do eixo de recursos que têm por finalidade vincular, cujas alternativas servem tanto para desinstitucionalizar a autoridade autoral e criar intimidade, quanto para gerenciar o contato pela ampliação do grau de proximidade e afetividade, viabilizando a expressão de gestos empáticos na oferta de conselhos aos leitores.

3.2.1.2. COLETIVIZAÇÃO

Ligado ao eixo VINCULAÇÃO, o subsistema COLETIVIZAÇÃO abarca a ideia de agrupamento ou ação conjunta. As opções paradigmáticas, que podem ser construídas de modo **inclusivo**, **genérico** ou **exclusivo**, funcionam para tracionar o consumidor do texto e para que o produtor possa vinculá-lo às representações ali construídas.

Ao abarcar apenas o produtor e o consumidor textuais via construções em primeira pessoa do plural ("nós") e em terceira pessoa do singular ("a gente"), as ocorrências de COLETIVIZAÇÃO **inclusiva** potencializam a ideia de tração por restringir a particularidade da troca ao "eu e você", irradiando o efeito de intimidade:

⁵⁷ A correlação entre envolvimento e empatia por meio da PESSOALIZAÇÃO será detalhada no capítulo seguinte, item 4.2, p.165.

Betucho, sempre sou eu que preparo o churrasco. Como falo pros folgados passarem a pilotar a grelha de vez em quando? MARCELO QUIRINO, POR E-MAIL

Marcelão, já sofri com isso. É a velha história: **a gente** pilota bem, os caras se acostumam, e depois **ficamos** refêns do carvão e os brothers, os assaltantes das beldades. O segredo é combinar em voz alta, antes de começar o evento, de que horas a que horas você vai pilotar a churrasqueira. Quando esgotar esse tempo, você diz: “Fui”. E parte para o abraço. Só dê uma geral no esqueleto, porque defumado bom é no prato, não na cama... (Texto 31: MH, PBB, p.204)

Nesse caso, por compartilhar a responsabilidade pelo que é expresso, a COLETIVIZAÇÃO inclusiva particulariza a troca para manter a conexão com o leitor. Tracionando-o por meio de uma construção pessoal que demonstre o sentimento que tem relativo ao mesmo problema (“já *sofri* com isso”), o conselheiro compartilha uma experiência e inclui o leitor no processo (“*a gente* pilota bem” e “depois *ficamos* refêns”), para então propor uma solução para o caso com o qual se identifica.

A COLETIVIZAÇÃO inclusiva também pode envolver pelo efeito de cumplicidade, ao convocar o consumidor textual a acompanhar a solução proposta a respeito do problema então exposto:

Almocei com um cara do trabalho que é cavalheiro e atencioso comigo. A conversa foi divertida e nos demos bem. Só que, ao voltarmos ao escritório, ele me tratou com frieza, como se mal me conhecesse. Estou a fim, mas não sei qual é a dele. Me ajuda! B.O., DF

Seu colega pode estar a fim, mas parece ser um profissional consciente, que segue à risca o velho ditado “Onde se ganha o pão, não se come a carne”. Talvez ele tenha gostado muito de você durante o almoço e quer que a coisa evolua para algo mais sério, só que prefere não misturar o namoro com o trabalho. **Vamos tirar a prova:** ele ligou para você depois do expediente? Se a resposta for negativa, o cara simplesmente não gostou tanto assim. Acontece. E ninguém é culpado. Pode ser que ele tinha uma fantasia na cabeça e percebeu que a realidade não era bem assim. Fazer o quê? Bola pra frente que atrás vem gente! (Texto 46: WH, PAG, p.207)

Nesse caso, o envolvimento é construído pelo vínculo criado pela COLETIVIZAÇÃO inclusiva, além de ser potencializado por se manifestar por meio de uma construção catafórica que sinaliza e cria suspense para como será sanada a dúvida da leitora, forma pela qual o conselheiro propõe uma atividade conjunta que favoreça a conexão entre ambos.

O tracionamento também pode ser observado nos casos de **COLETIVIZAÇÃO genérica**, recurso pelo qual se compartilha a responsabilidade nas representações e posicionamentos expressos entre produtor textual, leitor e demais membros da sociedade. Verificamos, no *corpus*, que podem ser realizados via formas linguísticas do tipo “nós”, “nosso”, “a gente” e “todo mundo”, a exemplo das ocorrências em destaque no texto (114):

“Eu tenho medo de que não seja do jeito que eu tanto espero desde sempre. Sabe, foram tantos sonhos com isso, eu sou muito pressionada pelas minhas amigas, mas acho que vale a pena esperar mais. Eu sei que vou me lembrar pra sempre, tem que ser com a pessoa certa. E eu só acho que essa pessoa vai aparecer quando eu tiver meus 16 ou 17 anos. Acho que o nervosismo é com certeza a pior parte.” - R.A.M., 13 ANOS

“Um dos meus maiores medos é ser com a pessoa errada e de eu não saber beijar direito. Fico com vergonha, pois estou com 14 anos e nunca fui beijada. Fico tímida quando tocam no assunto...” - F.M., 14 ANOS

O Especialista diz:

“**Todo mundo** tem medo do desconhecido e, como a mente **da gente** é criativa, sempre **fantasiamos** as piores coisas acontecendo. Assim, **criamos** uma imagem mental de fracasso mesmo sem perceber: **a gente** mordendo a boca do menino, ficando sem graça, ele não gostando do **nosso** beijo, percebendo que **somos** BV, enfim, um repertório de coisas pavorosas. O ideal é relaxar e visualizar em **noossa** mente aquilo que **desejamos** que aconteça!” - Mariana Viktor, coach de relacionamento (Texto 114: AT, p.225)

Construídas por meio da **COLETIVIZAÇÃO genérica**, as representações sobre o medo de beijar pela primeira vez projetam o efeito de ação compartilhada, o que favorece a criação de vínculos entre conselheira e leitoras adolescentes. Tal efeito seria perdido se a escolha fosse pela construção do texto em terceira pessoa do discurso, pois se criaria uma distância em relação ao grupo alvo da resposta, como se pode verificar na seguinte adaptação:

“*Todos* têm medo do desconhecido e, como *a mente* é criativa, sempre *as pessoas fantasiam* as piores coisas acontecendo. Assim, *cria-se* uma imagem mental de fracasso mesmo sem perceber: *a garota* mordendo a boca do menino, ficando sem graça, ele não gostando *do beijo*, percebendo que *ela é* BV, enfim, um repertório de coisas pavorosas. O ideal é relaxar e visualizar *na mente* aquilo que *se deseja* que aconteça!”.

Observando essa forma (terceira pessoa), verificamos que seu oposto (primeira pessoa) permite à revista quebrar eventual barreira de *status* dada pela voz de autoridade

que assina a resposta, ao se inserir como parte das representações expressas. Pela COLETIVIZAÇÃO genérica, amplifica-se a extensão das representações a respeito da questão apresentada e a conselheira pode gerenciar o contato com a leitora, envolvendo-a pelas conexões que estabelece entre "eu, você e todos os outros".

Por sua vez, a **COLETIVIZAÇÃO exclusiva**, cuja voz provém e refere-se apenas ao produtor textual, realiza efeitos de sentido que não só de responsabilidade autoral no texto. Além desse tipo de efeito, observamos ocorrências desse recurso que configuram meios de antagonismo, em alguns casos no *corpus*, que revelam a dinâmica endogrupo e exogrupo. No texto (7), por exemplo, apresentado a seguir, a opção para construir a vinculação é manifestada em construções do tipo "nós vs. vocês". No caso, a voz do grupo feminino apresenta-se como fonte de resposta direcionada aos leitores do grupo masculino. Ao incluir-se nas representações, a conselheira mostra-se alinhada às ideias de grupo e não necessariamente expressa a voz institucional:

Vi, trabalho com uma garota incrível e temos uma química legal. Quando sugeri algo a mais, ela pulou fora e disse que não vai rolar nada. Acho que poderia ser fenomenal. O que você sugere? DANIEL PASTORE

Dani, as mulheres adoram ser bajuladas. **Nós jogamos** charme quando **queremos** confete. Mesmo que seja nada além de confete. **Aí, confundimos** vocês. Talvez ela tenha feito exatamente isso com você – e queira apenas sua amizade. Mas cuidado! Algumas mulheres adoram tirar proveito de caras legais – dá uma olhada na matéria Não Pague de Bonzinho! e veja se é o caso. Agora, ela pode apenas estar testando sua real vontade de estar com ela. Tente mais um pouco, mas se a decisão dela for inabalável, parta para outra. É a vida. (Texto 7: MH, PVZA, p.198)

A conselheira faz uso da COLETIVIZAÇÃO exclusiva quando compactua com certas concepções de grupo (jogar charme e confundir os homens). Se a opção por construir o trecho fosse por “*as mulheres jogam* charme quando *querem* confete [...] *Aí, confundem* vocês” em lugar de “*nós jogamos* charme quando *queremos* confete [...] *Aí, confundimos* vocês”, teríamos a desfocalização das representações com as quais a conselheira se alinha ao grupo feminino. Tanto é que uma construção em terceira pessoa gera o distanciamento necessário para eximir a produtora do texto da responsabilidade autoral, tal como ocorre no trecho “*Algumas mulheres* adoram tirar proveito de caras legais”, em que a conselheira desfaz o alinhamento com uma ideia possivelmente negativa para o grupo (“tirar proveito de caras legais”) e com a qual ela não se compromete.

Também no texto (69) do *corpus*, indicado a seguir, a COLETIVIZAÇÃO exclusiva é utilizada para o produtor alinhar-se a concepções de grupo, só que no caso masculino:

Por que, quando querem apenas sexo, os homens nunca dizem a verdade? TANDARA, POR E-MAIL

Façamos um teste para ver se funciona. Um homem lhe faria este convite: “Vamos sair esta noite? Pretendo apenas levá-la para a cama. Não estou à procura de uma namorada e, mesmo que estivesse, não seria você. Tudo bem?” Há possibilidade de você aceitar? Pois é. Às vezes **deixamos** de dizer o que **pensamos** para conseguir o que **queremos**. Assim como vocês, que fingem não entender a verdade para viver a fantasia de um possível namoro. Esse jogo não foi criado pelos homens. Vocês são protagonistas na invenção dessa fantasia coletiva. (Texto 69: WH, PVZO, p.213)

Primeiro, o conselheiro convoca a leitora a uma atividade de reflexão conjunta (*"façamos um teste"*), construída pela COLETIVIZAÇÃO inclusiva, para envolvê-la no raciocínio proposto. No entanto, em seguida, compromete-se com a representação do que acredita ser o posicionamento masculino a respeito do assunto, construindo-a pela COLETIVIZAÇÃO exclusiva. Por esse recurso, expõe-se uma visão antagônica pela qual o conselheiro rejeita identificação com representações que atribui serem atitudes de membros do outro grupo, no caso, das mulheres (*"Assim como vocês, que fingem não entender a verdade para viver a fantasia de um possível namoro. Esse jogo não foi criado pelos homens. Vocês são protagonistas na invenção dessa fantasia coletiva."*).

De qualquer modo, a opção por construções do tipo "nós vs. vocês" parece reafirmar a validade autoral dos conselheiros como conhecedores do assunto tratado na oferta dos conselhos e configura casos que ensejam a possibilidade de não criar envolvimento com o grupo leitor ideal, mas apenas com aqueles que compartilhem desse antagonismo, construindo-se a identificação com leitores que sejam potenciais membros do endogrupo.

Em geral, observamos que, pela COLETIVIZAÇÃO exclusiva, a voz autoral divide a responsabilidade das representações e posicionamentos e ganha em efeito de tração, ainda que em menor grau, pois orienta o leitor a perceber que não se trata de uma ação solitária, mas coletiva, o que diminui a distância e reforça a relação interpessoal mais do que se as representações e posicionamentos fossem construídos sem a explicitação da fonte do dizer. Já por meio da COLETIVIZAÇÃO inclusiva, o produtor do texto vincula-se ao consumidor, particularizando a atividade interativa, enquanto a vinculação construída pela

COLETIVIZAÇÃO genérica extrapola a particularidade da troca garantida pelo "nós" que integra o "eu e você" e passa a abranger outros membros além do produtor e do consumidor textuais ("todos", no geral).

Dessa maneira verificamos como as opções de COLETIVIZAÇÃO atuam na construção de vínculos que possam garantir a tração dos leitores na atividade interpessoal, por meio de proposições e propostas de ação conjunta, trabalhadas pela ideia de corresponsabilidade de atitudes e representações.

3.2.1.3. COMPARTILHAMENTO

Ligado ao eixo VINCULAÇÃO, o subsistema COMPARTILHAMENTO abrange a noção de partilha de vivências e de representações daquilo que se presume ser comum ou que possa corroborar pontos de vista e situações em comum. Os vínculos ocorrem quando o produtor textual traciona o consumidor pela demonstração de solidariedade, ao partilhar e repartir com ele vivências pessoais que possam ajudá-lo a compreender as representações construídas no texto. Em outras palavras, o produtor textual expressa sua identificação com experiências, sentimentos, emoções e desejos do outro.

Ao destacar a ideia de empatia como base, amplia-se o que foi definido por Gonçalves Segundo (2011). Para o autor, tal categoria relaciona-se à ideia de construção de pressupostos que o produtor textual julga serem comuns e supostamente aceitos, a fim de gerar a sensação de conhecimento mútuo e identificação. Entendemos que essa ideia possa ser abrangida ainda pela noção de conectar-se com o outro não só pelos indícios de compreensão e reconhecimento da perspectiva do parceiro (o que se presume ser comum), mas também pela apresentação de uma experiência que possa contribuir como apoio na contextualização das representações e posições construídas no decorrer da atividade interpessoal.

Casos de sinalização de COMPARTILHAMENTO são verificados no *corpus* quando o conselheiro mostra que reconhece determinadas situações apresentadas pelo consumidor do texto, apresentando a sua contribuição de apoio, como se verifica a seguir:

Betucho, sempre sou eu que preparo o churrasco. Como falo pros folgados passarem a pilotar a grelha de vez em quando? MARCELO QUIRINO, POR E-MAIL

É, Marcelão, já sofri com isso. É a velha história: a gente pilota bem, os caras se acostumam, e depois ficamos refêns do carvão e os brothers, os assaltantes das beldades. O segredo é combinar em voz alta, antes de começar o evento, de que horas a que horas você vai pilotar a churrasqueira. Quando esgotar esse tempo, você diz: “Fui”. E parte para o abraço. Só dê uma geral no esqueleto, porque defumado bom é no prato, não na cama... (Texto 31: MH, PBB, p.204)

Retomamos o texto (31) do *corpus* para destacar a construção que constitui a forma de ENVOLVIMENTO pela qual o conselheiro partilha sentimentos em comum com o leitor a respeito da situação exposta, e sinaliza empatia pelo ato de posicionar-se no lugar do outro e ofertar-lhe apoio por meio de uma resposta afetivamente compreensiva em relação ao problema apresentado⁵⁸. Ao explicitar a experiência que tem em comum com o leitor, o conselheiro busca criar uma conexão emocional que possa estreitar os laços interpessoais.

O conselheiro mostra-se solidário e complacente ao compartilhar ideias e indicar sugestões para resolver a situação. Tais atos são enfatizados por formas de COLETIVIZAÇÃO inclusiva que possam efetivar a conexão com o consumidor do texto, além de buscar um meio de catarse para expor o problema, como se observa nas representações metafóricas construídas no trecho: “É a velha história: *a gente pilota* bem, os caras se acostumam, e depois *ficamos refêns do carvão* e os brothers, os *assaltantes* das beldades”.

A expressão de experiências pessoais também se apresenta no COMPARTILHAMENTO construído no texto (57) e serve como meio de acesso a vivências que possam funcionar como explicação ou argumento para que o consumidor textual identifique-se e assim estabeleça uma conexão com o que lhe foi compartilhado:

Vou casar. Minha lista tem 100 pessoas e a da minha sogra 250. E sou eu e meu namorado que vamos bancar a festa! O que fazer? MARCELA F., RS

⁵⁸ A correlação entre empatia e envolvimento é abordada com mais detalhes no próximo capítulo, item 4.2, p.165165.

Você tem sorte. Há alguns anos, a tradição determinava que a família da noiva arcasse com TODAS as despesas do casório. Sei de um caso em que os pais dela precisaram vender o apartamento onde moravam para bancar a festa... Ok, esse exemplo não serve de consolo. Então sejamos práticos. Puxe seu noivo no canto e diga que assim não dá. Com ele você pode usar termos que azedariam a relação com sua sogra. Explique que prefere comprar cama, mesa e cadeiras para a casa nova a torrar uma grana para alimentar um pessoal que você nunca viu (e que vai sair reclamando da comida). Se nem assim der certo, diga que não tem dinheiro. Acabou o problema. (Texto 57: WH, PAG, p.210)

Partindo da exemplificação de um conhecimento pessoal, o conselheiro procura aumentar o grau de aceitabilidade pela leitora de que a situação-problema pode não ser tão ruim quanto ela pensa, e mesmo reconhecendo que o caso não possa servir para consolá-la pode funcionar como orientação ao conselho sobre como resolver o impasse na atual circunstância em que se encontra. Nessa partilha de conhecimentos, o conselheiro tenta ajudar a leitora, orientando-a a ver a situação de outra forma, o que pode ser considerado um processo potencialmente envolvente, pois busca dividir uma experiência e atenuar a questão para levá-la a compreender os conselhos que serão propostos para resolver o problema.

Nesse sentido, o COMPARTILHAMENTO configura uma categoria que desempenha a função de envolver pela demonstração de solidariedade, ao partilhar e repartir vivências que possam contribuir para a compreensão das representações e propostas apresentadas. Dá-se a conhecer experiências sobre aquilo que se presume ser um fator comum em relação ao outro, que possa corroborar pontos de vista e potencializar o efeito argumentativo do aconselhamento ao apresentar situações semelhantes. Desse modo, o COMPARTILHAMENTO de uma experiência análoga ao problema do leitor, semelhante a então vivenciada pelo produtor textual, pode envolver pelo efeito empático que gera, criando vínculos pela identificação e troca de conhecimentos.

3.2.1.4. FILIAÇÃO

Ligado ao eixo VINCULAÇÃO, o subsistema **FILIAÇÃO** abarca a ideia de alinhamento ao mesmo universo de representações por constituir um recurso por meio do qual se demonstra inclinação ou pertencimento a um grupo, pela afinidade de ideias, valores, práticas em comum, ou pelo modo que se utiliza a linguagem, por exemplo. O vínculo é

construído quando um demonstra integrar ou adotar ações praticadas pelo grupo alvo com o qual interage ou se identifica. Essa ligação que se estabelece entre um e outro pode anular eventual hierarquia ou subordinação, pois a ideia é colocar-se no mesmo nível ou patamar nas trocas interpessoais.

No *corpus*, verificamos ocorrências que exemplificam essa categoria de ENVOLVIMENTO quando o produtor busca tracionar o consumidor do texto para com ele estabelecer vínculos por meio de gírias e termos específicos. Expressões desse tipo podem criar um meio de identificação linguística que auxilia construir uma interação alinhada ao modo de expressão do interlocutor-alvo, tais como:

Vivi, minha **amiga com benefícios** não larga o namorado, mas quando me afasto ela liga e quer ficar comigo. É só sexo ou ela tem uma queda por mim? (Texto 20: MH, PVZA, p.201)

Betsolut, **fico com uma gata** há três anos e namoro outra há dois (mulher dos sonhos). Mas não suporto quando a gata se afasta por eu não dar assistência... VINÍCIUS TRITON, VIA SITE

Vini, administrar várias relações **é punk**. Você acha que não vai se envolver em uma delas e acaba **amarradaço: rola** uma troca legal [...] (Texto 24: MH, PBB, p.202)

Tenho 25 anos, mas minha família me trata como se eu fosse uma adolescente. Como mostro a eles que cresci? GABRIELA L., MG

É fácil: basta não ligar para a maneira como a tratam. Dar chique e reclamar é o mesmo que **passar recibo**: só vai confirmar – aos olhos deles – que você ainda pertence ao time das “aborrecentes”. A saída: bancar a superior, fingir-se de surda, **fazer a egípcia**... [...] (Texto 51: WH, PAG, p.209)

Estou interessada num **cinquentão boa-pinta** que nunca foi casado. Encrenca na certa? (Texto 76: WH, PVZO, p.214)

Acho que meu namorado gosta da minha **BFF**. E agora?

É hora de colocar a confiança que você tem no **boy** à prova! (Texto 98: AT, p.221)

Tenho vergonha de ainda ser **BV**!

[...] fique **muuuuito** tranquila que vai **rolar** no momento certo e redondinho! [...] (Texto 105: AT, p.222)

Meu namorado me traiu... com minha melhor amiga!

OMG! O que fazer em uma situação como essa? (Texto 116: AT, p.226)

As construções destacadas indicam uso de expressões em comum na interação entre revistas e leitores que compõem o nicho consumidor ("rolar"⁵⁹, "amarradaço"⁶⁰, "amiga com benefícios"⁶¹, "é punk"⁶², "passar recibo"⁶³, "fazer a egípcia"⁶⁴, "cinquentão boa-pinta"⁶⁵). Algumas são mais características de um mesmo gênero, por manifestar modos de expressão da coletividade masculina para se referir à mulher, por exemplo ("fico com uma gata"), outras, de uma mesma faixa etária, por manifestar estrangeirismos, abreviações e intensificações vocálicas, típicas dos modos de expressão das adolescentes ("boy"⁶⁶, "BFF"⁶⁷, "BV"⁶⁸, "OMG"⁶⁹, "muuuito").

Tais construções funcionam como elos de correspondência e proximidade comunicativa entre produtor e consumidor textuais, bem como desempenham o papel de promover identificação e demonstração de pertencimento ao grupo. Podem ser vistas, ainda, como estratégias de polidez positiva com a função de minimizar ou eliminar assimetrias ou distância, conforme entendimento de Scollon e Scollon (2001). E se relacionadas às pistas de contextualização, no sentido de Gumperz (1982), podem ser compreendidas como construções que sinalizam o compartilhamento de conhecimentos de mundo, de língua, de visões ou valores, que, nas interações, requerem o (re)conhecimento

⁵⁹ Acontecer.

⁶⁰ Estar muito interessado.

⁶¹ Prática de sexo com amigo/amiga sem compromisso.

⁶² Loucura.

⁶³ Registrar, dar a conhecer que recebeu uma ofensa, no caso.

⁶⁴ Virar a cara ou fazer que não viu certa pessoa; mostrar indiferença a alguém ou simular superioridade.

⁶⁵ Pessoa na casa dos 50 anos que agrada fisicamente, por ter boa aparência e boas maneiras e vestir-se bem.

⁶⁶ Garoto, menino.

⁶⁷ Best Friend Forever: melhor amiga para sempre.

⁶⁸ Boca Virgem: refere-se à experiência de não ter acontecido o primeiro beijo.

⁶⁹ Oh My God: Oh/Ai, meu Deus!

de modos de expressão em contextos diferenciados, relativos às diferentes maneiras de interagir entre grupos.

Nesse sentido, enquadram-se no subsistema FILIAÇÃO os recursos: *léxico técnico ou especializado, gírias e palavras de baixo calão*, propostos no estudo de Eggins & Slade (2001), como um dos quatro subsistemas de ENVOLVIMENTO. Contudo, consideramos que se trata de opções paradigmáticas mais refinadas, para construir a ideia de demonstração de pertencimento e variar o grau de intimidade na interação.

Como apontado pelas referidas autoras, a tendência à filiação é um dos fatores que interferem na construção das relações sociais, e, como tal, entendemos que as escolhas linguísticas vistas aqui podem configurar um recurso de ENVOLVIMENTO por atuar no processo de construção de vínculos, com a finalidade de diminuir eventual impacto de autoridade ou propiciar um alinhamento entre conselheiros e leitores nas relações sociais que estabelecem em revistas de nicho.

3.2.1.5. DEMANDA

Ligado tanto ao eixo VINCULAÇÃO como ao eixo CAPTAÇÃO, o subsistema **DEMANDA** compreende opções que tenham por finalidade requisitar uma atitude participativa em relação às representações construídas no texto, seja por meio de **indagação** ou de **solicitação**. Tais opções permitem ao produtor estabelecer vínculos ou captar a atenção do consumidor textual pelo diálogo com ele instituído. Trata-se de um processo em que fica mais explícita a dialogicização, pois resulta do ato de convocar uma postura participativa do outro na atividade interpessoal.

A **DEMANDA** por **indagação** pode ser realizada por meio de perguntas, sejam estas do tipo plena, semirretórica ou retórica⁷⁰, e por meio de marcadores discursivos interacionais. Cabe esclarecer que os marcadores discursivos, também conhecidos como marcadores conversacionais, podem atuar em dois sentidos: no gerenciamento da

⁷⁰ Esses tipos e funções de realização de perguntas são estudados por Freitag (2012) e por Freitag e Araújo (2010).

interação, como marcadores interacionais, ou na organização do texto, como marcadores sequenciadores. Porém, estes servem para continuidade de tópico e não são interpessoais, uma vez que não requerem especificamente a participação responsiva do interlocutor (cf. Urbano, 2006). Por isso, os marcadores sequenciadores não são considerados como construções que realizam envolvimento.

Exemplificam recursos de DEMANDA, construídos por indagação, as ocorrências no *corpus* destacadas a seguir:

Meu namorado se chateia quando falo dos meus ex. Quando ele conta das dele, eu ouço, não critico e para ele está numa boa. **Por quê?** R.A., POR E-MAIL

Porque cada um é cada um. Você não tem ciúme, ele sim. Isso é humano, natural e não vejo problema algum em nenhum de vocês dois. **Minha dúvida é porque você, apesar de saber que essa conversa o chateia, o provoca. Qual a necessidade de confrontá-lo com experiências de relacionamentos anteriores?** Há outras formas de falar sobre seu passado e sua intimidade sem despertar o ciúme que percebeu nele. Pare de olhar para o que você considera um defeito de seu namorado e mire nas intenções de suas ações. Será mais maduro e construtivo. (Texto 79: WH, PVZO, p.215)

Nesse texto, a pergunta plena produzida pela leitora ("*Por quê?*") demanda uma resposta ou explicação para um problema, sobre o qual, por sua vez, o conselheiro demanda perguntas retóricas ("*minha dúvida é porque você, apesar de saber que essa conversa o chateia, o provoca. Qual a necessidade de confrontá-lo com experiências de relacionamentos anteriores?*"). No processo de aconselhamento, a DEMANDA por indagação envolve por levar a leitora a refletir, pois não se pede uma resposta imediata. A função é convocá-la a tomar a atitude de pensar sobre suas ações. Ainda que o teor das perguntas, nesse caso, seja repreensivo e possa gerar uma leitura de resistência, a CAPTAÇÃO é aí instaurada e a VINCULAÇÃO é constituída pelo efeito responsivo requerido pela indagação.

Já no texto seguinte, verificamos casos de indagações semirretóricas:

Betufão, minha esposa quer um cachorro. Moramos em um apartamento e não temos espaço para o animal. O que faço para ela mudar de ideia? PATRICK GOMES, POR E-MAIL

Já pensou em dizer que você sai de casa assim que o cachorro colocar as patas porta adentro? Não faça isso! Vai que sua mulher acha vantajoso... Agora sério: a melhor saída é conversar usando argumentos fortes, em vez de ficar no lero-lero sobre o que agrada e não agrada cada um. Exemplo: dizer coisas como “o cão não vai viver legal aqui, amor: não vai ter onde correr todo dia, vai fazer sujeira, mal vai respirar ao ar livre...” convence mais que “não gosto de cachorro”. Na mesma pegada, você pode sugerir que comprem um aquário: “Ele fica parado, é fácil de cuidar...”. **Ela está irredutível? Barganhe que seja uma raça de pequena estatura.** Já imaginou dividir o sofá com um rottweiler? (Texto 28: MH, PBB, p.203)

Nesse caso, a indagação semirretórica simula o par pergunta-resposta de uma interação face a face, como se os participantes estivessem presentes ali naquele momento, e, dessa maneira, contribui para construir o envolvimento interpessoal. O próprio conselheiro pergunta e responde em seguida. Ele mesmo constrói a sequência dialógica ao inferir a resposta do leitor, apresentando-lhe um comando. O mesmo mecanismo ocorre nos exemplos seguintes pela simulação de um par adjacente⁷¹, quando o produtor textual:

- antecipa eventual questionamento do leitor a respeito do assunto em pauta, faz a pergunta e responde em seguida:

Betrox, conheci uma garota e sei que é solteira. Convidei-a para sair, mas ficou de responder outra hora. O que faço? NATAN, POR E-MAIL

[...] O negócio é faro. Se ela der sinais para você perguntar de novo, o jogo está ganho. **Quais sinais? Ela vem falar com você com mais frequência, sorri para tudo que diz...** Agora, se ela ficar distante, parta pra outra. Há muita garota solteira no mundo. (Texto 26: MH, PBB, p.203)

- antecipa a resposta do leitor para a uma pergunta e em seguida já responde:

É possível conquistar o cara mais gato do colégio?

[...] quando o assunto é o coração, nosso ou dos outros, a coisa fica mais complexa. **Você consegue escolher por quem vai se apaixonar? Ele também não.** [...] (Texto 103: AT, p.222)

- usa marcadores discursivos interacionais que solicitem a anuência do leitor em relação à proposta expressa:

⁷¹ Heberle (1999) tratou esse procedimento como estrutura conversacional presente em textos escritos, abordando-o como estratégia discursiva de informalidade e envolvimento.

Betoven, minha garota me traiu. Brigamos e comecei a sair com uma ex. Agora, as duas querem voltar. O que devo fazer? RICARDO LOPES, PORTO ALEGRE – RS

Que rolo, meu caro! Vamos por partes, como dizia Jack. Primeiro: ela traiu, **certo?** Não há filhos na parada, **correto?** Você é um cara dedicado (ou seja, não é galinha), **não?** **Então pule fora.** [...] (Texto 30: MH, PBB, p.204)

Nos recursos de DEMANDA construídos por indagação, a simulação de um par adjacente pode construir a ideia de proximidade pelo enlace estabelecido entre o ponto de produção e o ponto de consumo do texto, ao se simular a troca de turnos entre conselheiro e leitor, de modo que este entre em contato com aquele, instituindo-se as funções discursivas que realizam o papel dos interlocutores. Nesses casos, é possível que o efeito vinculador decorra da força de tração, que opera no sentido de puxar o leitor para que estabeleça contato com o produtor textual. Assim, também o fator atração efetua-se, talvez em maior grau, pelo ato de colocar o leitor como copartícipe, ativo e não mero espectador, para negociação das propostas então apresentadas, convocando-lhe a atenção para as representações e posicionamentos a serem apresentados no aconselhamento.

Por sua vez, a DEMANDA por **solicitação** é realizada por meio de pedidos que constituem um apelo direto e que requerem do consumidor textual uma atitude responsiva frente às ações que o produtor estipula na resposta:

Vizolinha, minha namorada parece várias vezes surpresa quando a flagro escrevendo e-mails. Ela logo minimiza o outlook ou desliga o note. Devo me preocupar? JOCA RABISCO, NATAL – RN

Joca, infelizmente o sinal aqui é vermelho, mas muita calma nessa hora. Nada de se desesperar e sair xingando a parceira. Jogue a real. Mostre que está incomodado com a situação. **Acredite**, Joquinha, mostrar que não é bobo e que está atento é sempre uma ótima saída para lidar com as mulheres. [...] (Texto 18: MH, PVZA, p.201)

Conheci um garoto pelo Facebook e agora estamos nos falando quase todos os dias. Acho que estou a fim dele e ele já disse que quer ficar comigo, só que moramos em cidades diferentes. Devo investir no rolo? - T.L., POR E-MAIL

Olha, T., você não está sozinha nesse dilema, porque o que tem de apaixonados nessa situação... [...] (Texto 94: AT, p.219)

Nesses casos, há uma sutil linha entre os recursos de DEMANDA por solicitação e os conselhos propriamente ditos, uma vez que ambos são munidos do teor de comando. As construções de solicitação – "acredite" e "olha" – constituem marcadores interpessoais que introduzem a proposta de aconselhamento, requerendo uma postura responsiva e de atenção para os comandos que necessariamente constroem a solução para o problema. Trata-se de um recurso de DEMANDA que projeta tanto o efeito de vincular, como de captar, pois configura o fio de conexão que estabelece o contato entre as instâncias produtora e consumidora do texto, bem como requer especial foco do leitor para as representações e propostas ali construídas.

Exemplificam ainda essa tarefa de envolvimento as formas de DEMANDA realizadas por meio da solicitação que estão presentes nas chamadas-pergunta da revista, como se verifica a seguir:

Estou a fim do primo do meu ex. E agora???

Saiba como agir quando você fica a fim de algum amigo ou parente do seu ex-namorado!!!
(Texto 81: AT, p.216)

Como agir quando você não concorda com as atitudes do gatinho

Confira as dicas da Atrevida para se dar bem na paquera (Texto 82: AT, p.216)

Meu namorado é ciumento demais! Devo terminar o namoro?

Descubra o que fazer se o ciúme do seu namorado é exagerado demais (Texto 90: AT, p.218)

Nesses exemplos, observamos o efeito de captação das construções devido ao sentido de expectativa oriundo dos verbos utilizados, os quais, em conjunto com as expressões que prometem apresentar a solução para um problema, constituem estruturas do tipo: "saber/conferir/descobrir + como agir/ o que fazer/ as dicas para", cujo significado remete a sentidos que possam aguçar, incitar ou desafiar o interesse dos leitores.

Tanto as indagações como as solicitações construídas na prática de aconselhamento das revistas de nicho aqui verificadas desempenham funções que revelam como essas opções de ENVOLVIMENTO ligam-se aos eixos de CAPTAÇÃO e VINCULAÇÃO, uma vez que

tanto podem atrair pela criação de expectativas e pela convocação responsiva, quanto podem tracionar pela interpelação feita ao consumidor textual.

3.2.1.6. PRESENÇA

Ligado ao eixo CAPTAÇÃO, o subsistema **PRESENÇA** abrange opções que funcionam para destacar representações e posições valorativas construídas no texto. A perspectiva pela qual se constrói ou elabora uma representação revela a forma de realçá-la ou colocá-la em primeiro plano e torná-la presente, "concreta" ou mais esclarecida para que o leitor possa apreendê-la, seja por meio, por exemplo, da **figurativização** ou da **simulação**.

Pela **figurativização**, as construções metafóricas destacam-se no processo de (re)elaboração de um objeto-de-discurso a ser realçado na interação. São aqui entendidas como operações entre domínios cognitivo-conceituais em que um dado conceito de base mais concreta processa um significado mais abstrato, por meio de associações entre domínios conceituais⁷², como se verifica a seguir:

Rê, sou casado e saio com uma colega de trabalho 17 anos mais nova. Ela acabou de casar, mas ainda quer ficar nos beijinhos e carinhos comigo. O que faço? CARLINHOS – SÃO PAULO/SP

Reze. Brincadeira... O negócio é que traição é um caso emocionalmente e fisicamente arriscado. Envolve ciúme (de ambos os homens) e a fúria do marido (em caso de dar chabu). O fato de ela querer ficar só nos beijinhos é sacanagem pura: a garota se imagina respeitosa com o marido e ainda sacaneia você ao **não entregar o jogo**. O pior é que, nessa situação, uma hora, ela, como todas nós, vai **abrir a guarda**. Aí é você quem terá que **segurar a onda**, os dramas e as escapadas dela. Então é a velha história: se sua queda por ela deixar, afaste-se. Se não deixar, faça-a entender com clareza que está **brincando com fogo**. Às vezes nos fazemos de bobinhas para nós mesmas. O que você pode ter certeza, nunca. (Texto 14: MH, PVZA, p.200)

Nesse texto, a projeção de noções de um domínio em outro é feita pelo realce dado ao objeto discursivo (traição com mulher casada) por meio de categorizações metafóricas

⁷² Noção baseada na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980), que preza o valor cognitivo e não simplesmente ornamental das expressões metafóricas (cf. MENEZES, 2010; 2012).

que o associe a representações mais concretas, tornando presente a perspectiva construída a respeito da situação exposta. No caso, a construção da ideia de trair como ação ludibriosa e arriscada é indicada pelas expressões em destaque que perfazem um paralelo entre as atitudes da pessoa que trai com traços de outros domínios conceptuais, relacionados às ações consequentes de agir com infidelidade, tais como:

- "entregar o jogo": a correlação entre "não se envolver numa relação" com traços do domínio conceptual de "jogo" – dar (ou não) a conhecer as condições e as regras estabelecidas para quem age de determinada forma em uma situação – para concretizar a ideia de relatar o fato para o marido traído e decidir com quem se relacionar;
- "abrir a guarda": correlação entre "ceder numa relação" com traços do domínio conceptual de "luta" – ato de postar o corpo e posicionar-se para defender-se, ou de estar vigilante, ter cuidado e proteção – para concretizar a ideia de deixar escapar sentimentos ou pensamentos antes ocultos;
- "segurar a onda": correlação entre "sustentar/suportar problemas numa relação" com traços do domínio conceptual de "agitação do mar" – movimentos da oscilação marítima – para concretizar a ideia de aguentar ou aturar uma situação, do ponto de vista emocional, sem perder a compostura;
- "brincando com fogo": correlação entre "tomar determinadas atitudes" com traços dos domínios conceptuais de "brincar" – gracejar ou entreter-se – e de "fogo" – combustão que produz luz e calor intensos e projeta sensação de quentura – para concretizar a ideia de agir com imprudência e não dar importância para algo passível de produzir consequência danosa.

Verificamos que esses casos associam o relacionamento a jogo de luta arriscada, cujos significados compartilham alguma correspondência, para construir a experiência de traição, seus passos e consequências. Por meio da formulação de um conceito em termos de outro, a associação entre os domínios semânticos estabelecidos pelas construções "entregar o jogo", "abrir a guarda", "segurar a onda" e "brincando com fogo" concretizam representações que, pelo imbricamento metafórico de campos conceituais, envolvem porque conferem maior saliência às ideias apresentadas.

Grosso modo, a captação dos recursos de PRESENÇA, construída pela figurativização, nesse caso, advém do sentido de que *x* será apreendido pelo caminho dado

pelas expressões do domínio y . As características em foco de y formam a perspectiva para que a representação de x seja concretizada e posta em primeiro plano.

Segundo Farias (2014), um dos aspectos de destaque da metáfora conceptual é a direcionalidade entre domínios, isto é, o mapeamento do domínio-fonte (mais concreto, mais físico) para o domínio-alvo (mais complexo, mais abstrato). Entendemos que esse parece ser o fundamento para o uso de recursos de PRESENÇA nos textos de aconselhamento: busca-se envolver não só pela apresentação do desenlace de determinado problema, mas pelo modo de construir representações e posicionamentos, de modo a otimizar o entendimento da solução proposta.

Além da figurativização, no processo de aconselhamento, verificamos outro tipo de recurso de PRESENÇA, que se realiza pela **simulação**. Tal procedimento desempenha a função de simular determinada cena ao consumidor textual para que possa tornar presente o modo de execução dos conselhos então proferidos. Nesse sentido, pode envolver por atrair a atenção e despertar o interesse do leitor, na medida em que a situação é dramatizada, conforme podemos verificar no exemplo:

Quero pedir demissão e mandar meu chefe para os quintos dos infernos. Me ajuda a escrever um discurso bem desaforado? CARLA V., SP

E as voltas que o mundo dá? Você vai fechar as portas dessa empresa e conquistar um inimigo. Imagine que amanhã vai procurar emprego em outro lugar, e adivinhe quem vai analisar o seu currículo... Essas cenas de catarse profissional são muito divertidas no cinema ou nas novelas. Se você não suporta o seu trabalho, peça demissão, mas não perca a compostura. E, se você quer mesmo desabafar, escreva a carta desaforada, mas tranque na gaveta. Eu ajudo. Vamos lá: **“Querido ex-chefe, nunca entendi como uma pessoa tosca conseguiu chegar tão alto na carreira – sinal de que não é só você que avalia mal o talento dos outros...”** (Texto 58: WH, PAG, p.210)

Nesse texto, a catarse promovida pela escrita da "carta desaforada" beira a jocosidade, e, sendo realizada pela simulação da mensagem relativa ao modo de fazer um discurso desaforado para o tal chefe, ajuda a promover a solidariedade do produtor com o consumidor textual, ao conferir destaque para um ato que concretize uma vontade. Com a introdução de “Eu ajudo. Vamos lá”, instaura-se uma relação de cumplicidade, que funciona como estímulo para agir de determinado modo (escrever a carta apenas para desabafar).

Verificamos que o conselheiro primeiramente inicia o processo de envolvimento por meio de recursos que funcionam para criar vínculos com a leitora: DEMANDA realizada por indagação e por solicitação, além de proposições e propostas usando a forma de PESSOALIZAÇÃO pronominal ("*E as voltas que o mundo dá? Você vai fechar as portas dessa empresa e conquistar um inimigo. Imagine que amanhã vai procurar emprego em outro lugar, e adivinhe quem vai analisar o seu currículo...*").

Dando continuidade à condução dos conselhos por meio do recurso de CAPTAÇÃO, a PRESENÇA, no caso, coloca em cena o “como” solucionar o problema, desempenhando aí um efeito catártico pelo ato de concretizar certas ações, como meio de alívio e satisfação da necessidade da leitora ("mandar meu chefe para os quintos dos infernos").

A simulação desempenha uma forma de captar o consumidor e tem por base a construção da perspectiva. Nos termos de Langacker (2008), o arranjo de visão construído coloca a leitora, no caso, como agente na cena então descrita de produção da tal carta desaforada. Ao construir uma situação a partir de determinada perspectiva, pode-se colocar o leitor, e não apenas a representação do conselho, no centro das ações, como se verifica em:

Rê, fiquei amigo de uma menina e ela fala de outro cara o tempo todo. Faz isso para me provocar ciúme? CARLOS VICTOR, VIA FACEBOOK

O que importa mais, Cá, é a sua intenção. Não a dela. Pelo jeito, para você essa garota não é só uma amiga, certo? Do contrário, não estaria intrigado com esse papo dela. Então, jogue logo a real na conversa. No próximo encontro, você pode surpreender a bonita quando ela falar do cara. **Exemplo: em tom de brincadeira, diga algo como “Fulano de novo?! Tô ficando com ciúme!”.** Aí, emende com seriedade: **“Vamos esquecer esse mala e sair amanhã para tomar um drinque?”**. O sim dela pode indicar que você tem alta chance de passar de amigo a amante. Se receber um não, mesmo que educadamente, conforme-se com o status de brother – mas, não fique parado, vá conquistar outra mulher. Eu me enganei e você não deseja essa amiga? Simples: peça para vocês não falarem mais sobre o cara, porque você acha chato. Se você não curte, não fique pagando de conselheiro sentimental (Texto 11: MH, PVZA, p.199)

A estratégia aqui é simular uma cena em que o leitor figure como personagem, criando uma projeção de como agir na circunstância mencionada. Trata-se de um meio de captação construído por meio de um recurso de PRESENÇA a partir do qual se possa observar o modo de solucionar o problema, a partir de uma perspectiva em que se é o ator

do processo. O modelo de solução proposto, ao ser tomado como objeto de observação, concretiza o conselho, conferindo-lhe saliência.

Nesse sentido, a simulação configura um recurso potencialmente envolvente no texto do conselheiro, na medida em que busca despertar a atenção por conta do grau de detalhamento exposto, permitindo ao consumidor imaginar e concretizar o desenrolar da ação proposta. Desse modo, cabe retomar as palavras de Tannen (1994, p.135) para corroborar a ideia de que da simulação emergem detalhes, e por sua vez “detalhes criam imagens, imagens criam cenas, e cenas acendem emoções, tornando possíveis tanto a compreensão quanto o envolvimento”⁷³.

Como opções do recurso PRESENÇA, figuras e simulações trabalham no eixo da CAPTAÇÃO, aumentando a capacidade atrativa das representações e posicionamentos no texto, por proporcionar uma sensação de concretude para que o significado seja dramatizado e o sentido construído pelo leitor, assim como ocorre na construção de narrativas, categoria abordada a seguir.

3.2.1.7. NARRATIVA

Ligado tanto ao eixo VINCULAÇÃO, quanto ao eixo CAPTAÇÃO, o subsistema NARRATIVA constrói o envolvimento pela forma como se estruturam representações e posições valorativas. Tem-se por finalidade gerar interesse para o que é tomado como objeto-de-discurso da interação ou tentar constituir efeitos de identificação ao relatar acontecimentos que por ventura possam criar vínculos e captar a atenção do leitor. Por esse recurso, o produtor textual cria conexões e atrai o consumidor, ao construir situações já vividas ou trazer a tona acontecimentos ou experiências prévias, sejam elas pessoais ou não.

Gonçalves Segundo (2011, p.222) explica que “não são os mecanismos internos da narrativa em si, os recursos que nela se manifestam que se tornam envolventes, mas sim a

⁷³ Tradução livre do original: “[...] details create images, images create scenes, and scenes spark emotions, making possible both understanding and involvement.”

sua própria estruturação e papel social”. Além disso, cabe apontar que o referido pesquisador trabalhou com duas opções de narrativa: as biográficas (ligadas à VINCULAÇÃO) e as não-pessoais (ligadas à CAPTAÇÃO). Nesta pesquisa, preferimos abordar as duas formas em um único subsistema por entendermos que ambas podem instaurar os dois efeitos ao mesmo tempo, na medida em que pressupomos uma não quantificação de qual modo pode criar mais/menos identificação ou garantir mais/menos realce às representações construídas.

No *corpus*, tal recurso verifica-se pela estratégia de apresentar as perguntas dos leitores-consumidores por meio de suas próprias narrativas. São postos em saliência detalhes de um evento, objeto de análise e descrição, do ponto de vista da leitora. É a partir da posição dela enquanto narradora da cena, da percepção que constrói a respeito da situação, que o problema é posto no palco de atenção e apresentado em realce à chamada proposta pela revista, conforme destacamos a seguir:

Meu namorado é muito controlador. E agora?

Será que é possível curtir o namo e sua liberdade ao mesmo tempo?

"Estou namorando há quatro anos. No começo, meu namorado era maravilhoso. Enfrentei toda a minha família pra ficar com ele. Mas depois de um tempo ele mudou muito! Ele me controla e mente cada vez mais. Só fico trancada dentro de casa. Eu o amo muito e não me vejo sem ele, mas não sei o que devo fazer! Devo seguir o coração ou a razão?" T. K., POR E-MAIL. (Texto 95: AT, p.220)

Para uma prévia captação das consumidoras, a revista primeiramente expõe o tema da pergunta ("Meu namorado é muito controlador"), a fim de que as potenciais leitoras possam se identificar e se envolver com a situação, seguido por recursos de DEMANDA, que, no caso, criam suspense para a resolução do problema ("E agora?", "Será que é possível curtir o namo e sua liberdade ao mesmo tempo?").

Só então é apresentada a pergunta da leitora, que explicita uma sequência de acontecimentos, expondo o desenrolar do caso. Tal pergunta funciona como uma NARRATIVA pessoal, pois, ao apresentar elementos temporais, ações e complicação da situação vivida, constitui uma estrutura pela qual se partilha experiências que conferem veracidade ao que foi tematizado como problema a ser solucionado pela revista ("Estou

namorando *há quatro anos. No começo, meu namorado era maravilhoso [...] Mas depois de um tempo [...]*").

A exposição dos detalhes do enredo, como destacado no estudo de Tannen (1994), é relevante porque pode envolver outras consumidoras textuais pela possível identificação com os problemas da leitora que demanda a solução para o caso ("*Enfrentei toda a minha família pra ficar com ele. [...] ele mudou muito! Ele me controla e mente cada vez mais. Só fico trancada dentro de casa*"). Dessa maneira, essa NARRATIVA pessoal pode construir uma conexão emocional pelo reconhecimento de problemas semelhantes, e esse recurso pode servir de base para evocar empatia pelo impacto provocado pelo relato dos sentimentos e experiências vivenciados⁷⁴.

Pela NARRATIVA, enquanto a tração é exercida pela potencial identificação que possa ser criada com as vivências expostas pela leitora, o potencial atrativo se constitui pelo modo de conferir saliência ao caso ou aos acontecimentos. Assim, a opção por expor a ordem dos problemas por meio de uma NARRATIVA, aqui construída na voz da leitora, configura um recurso linguístico com potencial grau de criar envolvimento nas trocas interpessoais entre consumidor e revistas de nicho.

3.2.1.8. NOVIDADE

Ligado ao eixo CAPTAÇÃO, o subsistema NOVIDADE abarca opções que compreendam a ideia de inovação, de modo que representações e posicionamentos sejam construídos como algo que possa atrair, e assim envolver, pela originalidade ou pela criação de expectativas, seja, por exemplo, por meio do **suspense** ou da **aglutinação**.

Conferem novidade às proposições e propostas as construções que efetuam **suspense**. Entendemos que esse recurso trabalha com base em expectativas, cujo modo de realização no texto pode criá-las ou quebrá-las. As formas que operam em pró-expectativa

⁷⁴ A relação desse recurso com a empatia será abordada de forma mais detida no próximo capítulo, item 4.2, p.165.

buscam colocar em foco no texto aquilo que deveria ser considerado como digno de atenção pelo consumidor textual, como se observa a seguir em:

- suspensões reticenciais, que primeiro içam e interrompem a continuidade da informação, deixando-a pendente, para depois lançar a novidade:

G., quanto mais força você fizer **para esquecê-lo... adivinha?** Mais o manterá nos seus pensamentos! (Texto 92: AT, p.219)

Meu namorado **me traiu...** com minha melhor amiga! (Texto 116: AT, p.226)

- construções catafóricas, que lançam a novidade prospectivamente, para chamar a atenção para a nova proposição/proposta a ser apresentada:

[...] Jô, seu casamento não vai bem, certo? Você deve estar curtindo muito minhas dicas e então ficou balançado. Portanto, **curta mais esta:** reflita sobre o que quer e não empate a vida de sua esposa... (Texto 17: MH, PVZA, p.201)

[...] **Atenção, pode estar rolando uma outra coisa:** puro comodismo por parte dela. Em vez de ter que explicar tudo em detalhes a você, ela vê esse atalho como o jeito mais eficiente. **Pior:** você pode ter sido a causa de ela ter desenvolvido esse mecanismo toma lá, dá cá. [...] (Texto 37: MH, PBB, p.205)

[...] **Vou lhe contar um segredo:** nós só queremos deixá-las felizes [...] (Texto 73: WH, PVZO, p.214)

Pautamo-nos na concepção de dinamicidade na construção da perspectiva, proposta por Langacker (2008), para explicar esse tipo de CAPTAÇÃO. Parte-se de um plano de visão amplo cujo foco será ajustado para o plano aproximado quando da introdução do dado novo que ficou em suspense. No caso das construções catafóricas, observamos que o apagamento da novidade revela como a expectativa pode ser gerada, uma vez que uma consequente pergunta pode ser feita para se saber qual é a resposta, a exemplo dos trechos a seguir:

[...] **dê o velho truque que a gente sempre cai para apressar nossas decisões:** *[qual?]*

pare de estar sempre disponível, olhe para outras mulheres quando está com a sócia... Isso pode enciumá-la, provocar insegurança [...] (Texto 8: MH, PVZA, p.198)

[...] **E não se esqueça:** *[de quê?]*

dê uma cortada drástica se ela bancar a ecochata e começar a pregar o evangelho vegetariano na hora do churrasco. (Texto 53: WH, PAG, p.209)

[...] **só vou falar uma coisa:** *[o quê?]*

esqueça. (Texto 64: WH, PVZO, p.212)

P., considere assim: *[como?]*

se fizer bem é certo, se fizer mal é errado. (Texto 85: AT, p.217)

Nesses casos, a construção catafórica parece desempenhar a função de dar um *zoom* aproximado na proposição/proposta a ser apresentada como novidade, direcionando o foco de atenção para aquilo que será exposto após o suspense gerado pela construção catafórica, para esclarecimentos ao que antes foi mencionado, conforme se verifica ainda em:

[...] Para reunir coragem e iniciar o papo para terminar o namoro, pense que **está fazendo o melhor para a parceira:** vai deixá-la solteira para que encontre um homem que goste dela de verdade. (Texto 12: MH, PVZA, p.200)

Relacionamentos são **que nem tênis:** com o tempo, todos se desgastam. (Texto 40: MH, PBB, p.206)

[...] **uma viagem é para sempre. Dura muito mais do que aqueles poucos dias:** continua nas fotos, nas compras, nas lembranças (Texto 54: WH, PAG, p.209)

Interessante: sem a certeza de que ele iria escolhê-la como namorada, preferiu não arriscar a amizade. (Texto 70: WH, PVZO, p.213)

[...] se ele não tem cara de quem passa fome, **esqueça:** não há interesse da parte dele em você (Texto 89: AT, p.218)

Desse modo, a CAPTAÇÃO nos recursos de NOVIDADE parece operar por meio de um processo de conquista de atenção: o termo antecedente projeta o enquadramento de visão, delimitando e focalizando o que será tomado como informação nova; por sua vez, as proposições e propostas subsequentes constituem o escopo, isto é, a região de foco ou a porção diretamente relevante que deve figurar para o leitor em primeiro plano.

A geração de expectativa trata de colocar em proeminência aquilo que é tomado como alvo e como objeto a ser observado e analisado. Exemplo disso, verificamos na catarse manifestada pela interjeição, em que a expectativa pode ser criada em relação ao problema representado e pela reação emocional expressa, que funciona não só como manifestação subjetiva, como também indica um ponto de atenção para a leitora:

O garoto que você gosta também gosta de você, mas... namora? **Ai, ai!** (Texto 84: AT, p.216)

Considerada um fenômeno linguístico de função discursiva, particularmente ilocucional do texto, segundo afirma Marcuschi (2007b), a interjeição expressa não só emotividade, mas principalmente intenções para manifestar a posição pessoal do falante/escritor e enquadrar a interpretação que deve ser dada ao enunciado. Assim, tem mais a ver com a interação do que com a informação veiculada na medida em que dita os efeitos de sentido de como o enunciado deve ser compreendido, se de tensão ou de alegria, por exemplo, pela entonação e tom que confere ao texto.

Ainda de acordo com o autor, a interjeição volta-se para a expressão das intenções do falante e não para o ouvinte, de modo que discursivamente cria condições para estabelecer maior naturalidade e espontaneidade à interação. Contudo, acreditamos que, se a proximidade concepcional se instaura e a interjeição atende mais ao aspecto interacional, isso sinaliza que o campo interpessoal é atingido de alguma maneira, e assim é possível que o envolvimento seja estabelecido.

Entendemos que, mesmo que se trate de uma orientação subjetiva, no texto (84), a interjeição confere realce à proposição anterior, instaurando o sentido de alerta às ações da leitora. Se a retiramos, o texto perde o foco de atenção para o problema apresentado e, conseqüentemente, a orientação para o aconselhamento à instância de consumo. Assim, nesse texto, a CAPTAÇÃO realiza-se não só pela expectativa construída pela suspensão reticencial ("mas... namora"), como também por meio da interjeição ("Ai, ai!"), que toma como escopo uma situação particular, perfila e salienta um aspecto das relações entre adolescentes: gostar de alguém não é o problema, mas gostar de alguém já comprometido com outra pessoa pode ser.

Nesse caso, o recurso de NOVIDADE por suspense constitui ENVOLVIMENTO porque firma um ponto/foco de atenção e serve para atrair a instância de consumo para o texto. Pela ordem como as informações são apresentadas, a estrutura da proposição confere saliência a uma forma de direcionamento de foco para aquilo que deve ser elevado a primeiro plano, indicando a perspectiva da qual a instância de consumo deve partir para observar a situação. O ajuste focal aproximado no problema (gostar de alguém que namora) aponta o fechamento do *zoom* em um aspecto das relações amorosas.

Na exploração do *corpus*, observamos, ainda, que o suspense pode ser realizado pela contraexpectativa. Ao contrário das construções catafóricas, o suspense aqui não opera no sentido de criar, mas sim de quebrar expectativas a respeito de uma visão de mundo para então reconstruir sua aplicação em outra concepção de realidade. Ao romper em parte a representação construída marca-se um ponto de focalização para o que será realçado como atribuição válida, podendo assim aguçar a atenção do consumidor para o que será em seguida apresentado:

Beto, é verdade que usar aliança atrai mulheres? FELIPE SOARES, RIO DE JANEIRO – RJ

Não dá para generalizar. Mas existem algumas que curtem se relacionar com homens compromissados, especialmente os mais maduros. Claro, aqui no bar aparecem umas malucas que não podem ver um cara de anel que partem para o ataque. O barato delas parece ser só a competição: assim que tiram os homens das respectivas mulheres, dão um pé neles. Mas essa atração, pra mim, ainda é um mistério. Da mesma forma que também não entendo por que elas vão sempre juntas ao banheiro ou precisam de 94 pares de sapatos. **Mas se você pensa em usar aliança só para chamar a atenção das garotas, está no caminho errado.** Há mais gatas disponíveis para solteiros que para comprometidos. (Texto 35: MH, PBB, p.205)

Nesses casos, o operador "mas" pontua o desvio da atenção para o aspecto da questão que deverá ser levado em conta pelo leitor. Rompe-se em parte com a ideia de que todas as mulheres sentem atração por homens que usam aliança, para focalizar que "não dá para generalizar" e que "existem algumas que curtem se relacionar com homens compromissados".

Ainda nesse texto, na construção sintática do suspense pela condicional ("se você pensa em usar aliança só para chamar a atenção das garotas"), a expectativa é quebrada pelo "mas", que indica a não aplicação dessa atitude como "caminho certo", sendo apontada e destacada como válida a ideia de que há outras possibilidades de não seguir "no caminho errado", como considerar a existência de "mais gatas disponíveis para solteiros que para comprometidos".

Como opção para realizar o suspense, a contraexpectativa constitui um caso de foco que pode ser explicado com base no processo figura-fundo, de acordo com a concepção de Langacker (2008), apresentada em capítulo anterior, pois indica o contraste com o que se passou antes e que deixa de ser foco quando apresenta em primeiro plano a informação nova que rompe a concepção anteriormente introduzida.

Exemplifica essa alternativa de suspense para construir CAPTAÇÃO a contraexpectativa realizada pelo termo "só que agora", como se verifica na introdução do conflito, na pergunta apresentada pela leitora-consumidora:

“Depois de dois meses de namoro ele quis terminar. **Só que agora** ele quer ser meu amigo. Eu não consigo achar normal ser amiga dele porque eu ainda o amo. Às vezes ele resolve me falar sobre as meninas com quem está saindo, e eu quero morrer! Como eu falo pra ele que não quero ser amiga sem que ele não queira mais me ver?” F.F., 14 ANOS - MACEIÓ – AL (Texto 115: AT, p.226)

Apresentada a circunstância vigente (término do namoro depois de dois meses), o conflito/clímax é construído pelo rompimento dessa situação ("só que agora ele quer ser meu amigo"). A conjunção "só que" não apresenta o sentido de oposição/diferença nesse

caso, mas funciona como marcador de surpresa⁷⁵, introduzindo a informação a ser considerada como a mais importante, pois contém a ideia principal do problema, para o qual a leitora necessita de conselho para solução.

Desse modo, faz-se uso de um recurso de ENVOLVIMENTO, construído por meio da NOVIDADE e operado pela atração. A contraexpectativa investida de suspense focaliza aquilo que deverá ser alvo de atenção pelo consumidor do texto – uma proposição é alçada e em seguida apresentada uma nova:

Ele diz que me ama **mas...** tem namorada!

O garoto que você gosta também gosta de você, **mas...** namora? Ai, ai! (Texto 84: AT, p.216)

Eu gosto dele... **mas** ele não gosta de mim :(

Não se preocupe, você não é a única a passar por isso! Conte com a Atrê para te ajudar! (Texto 87: AT, p.217)

Gosto do menino-galinha. E agora?

Você ama o garoto **e ele... fica com todas!** O que fazer? (Texto 106: AT, p.223)

Esse meio de captar a atenção do leitor configura um processo de foco que confere saliência às representações pelo fenômeno figura-fundo. Como apontado no estudo de Langacker (2008), uma parte da estrutura a ser observada e avaliada é tomada como base (pano de fundo), e a outra, lançada a seguir, torna-se o alvo ou o foco central, agora posto em primeiro plano (figura).

Nesses casos, duas representações de um objeto-de-discurso estão em jogo e são apresentadas em oposição. As reticências contribuem para o processo de captação ao intensificar a mudança de rumo em relação à novidade que será anunciada. Dessa forma, a

⁷⁵ Entre as variações de sentido e funcionamento, no discurso, da perífrase conjuncional "só que", está a introdução de um fato surpresa em casos que até então tinham uma direção previsível, tais como as "situações em que o imprevisto, o inesperado, o indesejado ou o incompatível contrasta com o que é considerado 'normal' no mundo dos interlocutores. Trata-se, em outras palavras, de circunstâncias em que o que se esperava não aconteceu, ou que aconteceu justamente o que não se esperava ou desejava" (LONGHIN-THOMAZI, 2003, p.147).

contraexpectativa gerada pelo “mas” a respeito do que vai constituir a nova informação tem o efeito potencializado pelo suspense reticencial, acentuando o grau de novidade da representação a ser expressa. Nesse processo de focalização, a parte anterior ao elemento de quebra da expectativa forma o pano de fundo para a construção selecionada e apresentada como parte relevante a ser considerada então como válida.

Por sua vez, a **aglutinação** configura uma alternativa de CAPTAÇÃO do recurso NOVIDADE pelo fato de ter por finalidade inovar. No *corpus*, verificamos que construções dessa natureza são introduzidas sem um termo antecedente explícito – não fazem parte de um processo que gera expectativa para o que será inovado – e causam estranhamento porque ainda não eram conhecidas, e por isso podem envolver porque atraem a atenção pela originalidade, ao associar elementos distintos que se integram formando um todo que realça a representação construída no texto.

No *corpus*, realizada em construções vocativas, a aglutinação também configura um recurso de ENVOLVIMENTO construído pela PESSOALIZAÇÃO, e nesse caso pode tanto vincular produtor e consumidor textuais, ao estabelecer uma forma de tratamento que configure intimidade e/ou afetividade, bem como captar pela inovação no momento de interpelar o leitor. Exemplos dessa concomitância ou metarredundância de recursos são destacados a seguir:

Betonoel, no Natal do ano passado minha parceira me deu um perfume importado. Este ano estou sem grana, o que você sugere? (Texto 38: MH, PBB, p.206)

Betólogo, minha noiva insiste em tentar ler a Men's Health. Não sei mais o que fazer. Jamais a deixarei descobrir os segredos publicados. Estou certo? (Texto 27: MH, PBB, p.203)

Betomix, como digo para a namorada, sem chateá-la, que não quero sair com ela quando vou beber com os amigos? (Texto 29: MH, PBB, p.203)

Essas ocorrências foram verificadas no *corpus*, principalmente na seção *Pergunte ao Beto, o Barman*. Foram empregadas variadas formas de interpelação do nome Beto: “Betolishnaya, BetoHound, Betoneira, Betsolut, Betrox, Betufão, Betoven, Betucho, Betossauro, Betocão, Betrovão, Betildo” etc, que revelam não só a criação de intimidade e

o reforço dos vínculos, como também instauram o teor de novidade, no gerenciamento da relação interpessoal.

Como forma de captar a atenção, a aglutinação pode ser entendida como uma construção que confere saliência a dois elementos que juntos formam o novo. A análise da composição do todo pelo processamento das partes verifica-se por traços de dois termos semanticamente diferentes que evidenciam uma única estrutura que forme uma identidade referencial, a exemplo da expressão "BetoNoel", no texto (38), que apresenta dois componentes que, se individualmente considerados, são menos salientes ou inadequados para a finalidade almejada (enquanto Beto é apenas o detentor dos conselhos, Noel remete somente à situação problemática em foco: a compra do presente natalino). No caso, por meio de uma construção semântica composta, busca-se aliar solucionador e situação-problema e inovar na forma de interpelar o conselheiro sobre uma questão específica.

Como verificamos, as opções da categoria NOVIDADE constroem ENVOLVIMENTO pela CAPTAÇÃO. O suspense pode ser instaurado com base na criação de expectativa sobre o que será dito, para aguçar a curiosidade do consumidor do texto, ou com base na contraexpectativa, que opera no sentido de romper o foco com aquilo que se concebia até então para destacar algo novo. Por seu turno, a aglutinação compreende um recurso que opera de forma atrativa por salientar representações no texto de modo original e inovador.

3.2.2. Adendo sobre as categorias

Em relação aos subsistemas que formam a rede de ENVOLVIMENTO, cabe acrescentar o seguinte: Gonçalves Segundo (2011) trabalhou com a categoria CONTRAPROTOTIPICIDADE, que se refere aos recursos típicos de um polo concepcional atualizados em textos que prototipicamente se situam no outro polo do *continuum* concepcional (oralidade-escrituralidade), para dar destaque, realce, a determinadas representações ou posições. Assim, por exemplo, recursos que são comuns em textos situados no polo da proximidade comunicativa são atualizados em textos que se localizam no polo da distância comunicativa, desviando-se ou afastando-se de suas características padrão.

O referido pesquisador pensou nessa categoria tendo em vista o contraste entre os recursos de proximidade comunicativa em um texto prototipicamente de distância comunicativa. A seu ver, trata-se da categoria mais distensa dentre as que propôs, porque nem sempre são atualizadas as formas mais recorrentes e ideais em um gênero de texto, que, às vezes, se afasta de suas características prototípicas. Para esses casos em que o afastamento de formas linguísticas prototípicas torna-se saliente, Gonçalves Segundo (2011) conceptualizou como recursos ou formas de *contraprototipicidade*. Contudo, ao repensar sobre a questão, atualmente, o pesquisador talvez os considerasse como recursos de *saliência*.

Por ter analisado um *corpus* textual localizado no polo da distância comunicativa, o autor destacou os seguintes recursos típicos da proximidade concepcional em editoriais da imprensa de bairro paulistana: *par perguntas-e-respostas; perguntas retóricas; primeira e segunda pessoa do singular; dêiticos; linguagem coloquial; estruturas sintáticas de tópico-comentário; interjeições; marcadores conversacionais*.

No entanto, em nosso *corpus*, esses recursos são prototípicos, uma vez que os textos se localizam no polo da proximidade comunicativa, no meio escrito. Observamos que os citados recursos são comuns nos textos de revistas de nicho, particularmente, na seção perguntas e respostas aqui estudadas. Tanto os marcadores conversacionais, quanto as perguntas retóricas e a linguagem coloquial, por exemplo, são elementos típicos nos textos sob análise. Assim sendo, não trabalhamos com a categoria CONTRAPROTOTIPICIDADE, e em seu lugar exploramos as tais formas linguísticas em outras categorias da rede que compõe o sistema ENVOLVIMENTO, na medida em que tais recursos podem figurar como formas de vinculação que instauram no meio gráfico/escrito efeitos de dialogicidade, pertencimento, identificação e espontaneidade.

3.2.3. Representação da rede de envolvimento proveniente das seções de conselhos

A sistematização das categorias proposta em Gonçalves Segundo (2011), na qual nos baseamos, compõe a seguinte rede de recursos de ENVOLVIMENTO:

Esquema 5 – Notação sistêmica da rede de envolvimento proposta por Gonçalves Segundo (2011, p.339).

O resultado da investigação da prática de aconselhamento nas seções das revistas de nicho, realizada nesta pesquisa, levou à seguinte ampliação do referido sistema:

Esquema 6 – Notação sistêmica da rede de ENVOLVIMENTO depreendida a partir das seções de conselhos em revistas de nicho

O levantamento das categorias, em diálogo com as já propostas, feito na análise das cartas de aconselhamento resultou na inserção dos subsistemas FILIAÇÃO e DEMANDA e das opções paradigmáticas: nomeação; indagação e solicitação; figurativização e simulação; suspense e aglutinação. Uma vez que constituem formas híbridas que instauram VINCULAÇÃO & CAPTAÇÃO, os recursos NARRATIVA e DEMANDA, no caso, foram alocados na fronteira das alternativas entre os dois eixos da rede.

Contudo, para explicitar essa interseção e a relação das partes como um todo, conforme explicitamos no capítulo 2, item 2.2.2 deste trabalho (p.88), a rede de ENVOLVIMENTO – sistema, subsistemas e opções – é representada pelo seguinte grafo:

Esquema 7 – Representação da rede de ENVOLVIMENTO depreendida a partir das seções de conselhos em revistas de nicho

Cada nó é um ponto da rede indicado pelo nome que esse centro representa e justifica-se por motivos semântico-pragmáticos, para reconhecer os subsistemas em termos de significados que podem ser criados a partir das opções que os constroem. Desse modo, os dois sistemas, nós ou eixos principais – VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO – acomodam várias alternativas para construir tais significados. Os pontos indicam a localização dessas opções em relação ao nó matriz e estão ligados ao centro de origem na formação da rede. No caso, DEMANDA e NARRATIVA ligam-se tanto ao eixo VINCULAÇÃO quanto ao eixo CAPTAÇÃO, conforme se pode visualizar pelas duas arestas que possuem.

Assim, cada sistema comporta opções paradigmáticas em que os recursos da rede estão alocados em eixos de concentração a que são mais afeitos a construir ENVOLVIMENTO, a partir dos referidos nós ou pontos centrais. Por este modo de representação, evitam-se hierarquias ou dicotomia entre os eixos, permitindo a revisão e/ou a entrada de outras arestas e nós que possam compor a rede e que não tenham sido manifestados no *corpus* desta tese.

Até aqui, verificamos e mapeamos os recursos linguísticos responsáveis pela construção do envolvimento interpessoal. Agora, seguiremos com a análise, a fim de destacar a atuação dos recursos na construção das relações firmadas com base na espontaneidade e na busca de estreitamento da distância interpessoal entre revista e nicho consumidor, bem como apontar efeitos que auxiliam a prática de aconselhamento na tarefa de gerenciar a interação estabelecida no contexto midiático.

3.3. Atuação dos recursos de envolvimento na interação entre leitor e revistas

O modo de organização das funções discursivas das seções perguntas-respostas sob análise consiste numa série de trocas de proposições e propostas: os leitores demandam informações por meio de perguntas e os interlocutores/consultores das revistas fornecem respostas por meio de declarações, comentários e orientações.

Nessa prática de aconselhamento, como aponta Pereira (2006), dois papéis sociais são assumidos: o de *leitor problematizador*, que requer informações, sugestões ou orientação, e o de *solucionador*, que apresenta soluções, conselhos, sugestões para a

situação-problema. Neste trabalho, adotamos indistintamente a referência *consumidor(a)* *textual* ou *leitor(a)* para a instância problematizadora/questionadora, e *produtor textual* ou *conselheiro(a)* para a instância consultora/solucionadora.

Levamos em conta ainda, nesta parte da análise, que a parte consultora tem em vista um grupo leitor ideal, isto é, discursivamente os textos são construídos e voltados para quem se pressupõe e se idealiza ser a parte leitora. Tem-se em mente um modelo ou uma imagem de como seja o conjunto de indivíduos do segmento jovem adulto masculino e feminino e do segmento adolescente feminino, em termos de características, expectativas e interesses em comum, do que se presume sê-los. Talvez tal imagem não corresponda ao real, porém é essa idealização que orienta as representações e posicionamentos construídos nos textos.

Nesse sentido, o quadro interacional é o seguinte: as revistas de nicho partem de um ideal de leitor que busca uma potencial solução para situações-problema, em geral sobre saúde, aparência, forma física, comportamento e relacionamento amoroso, em uma potencial fonte de conteúdo/informação que possa ajudá-lo a se organizar no cotidiano de maneira imediata.

A partir dessas considerações preliminares, verificaremos de que maneira o envolvimento interpessoal ocorre nas seções de conselhos, a fim de realçar os significados que constrói e sua contribuição para tal prática interativa construída nas revistas de nicho aqui em questão.

3.3.1. Saliência dos recursos nas seções de conselhos

Nesta parte da análise, procedemos da seguinte maneira: destacamos um texto prototípico, tomado como exemplo, de cada uma das seções das revistas que compõe o *corpus* e salientamos como o envolvimento foi construído meio aos conselhos, com o intuito de verificar se e como a anulação ou a manutenção desse elemento interpessoal (des)caracteriza o perfil dessa prática discursiva. Para tanto, construímos paráfrases e glosas dos textos em análise. Assim, para indicar substituição de construções, utilizamos *italico* e, para indicar supressão de recurso de envolvimento, usamos colchetes [].

3.3.1.1. Seção *Pergunte à Vizinha*, revista *Men's Health*

Mote: “A verdade nua e crua sobre as mulheres, por nossa adorável colega”

Rê, muitas mulheres dizem que traição é imperdoável. Mas várias garotas voltam com o cara depois de traídas. Por quê? EVERSON DURÃES – SÃO PAULO/SP

Evinho, taí mais um round da velha guerra razão x emoção. Em geral, condenamos a traição com toda a lógica do mundo: se ele me enganou uma vez, pode fazer outras. Logo, adeus, confiança. Sem segurança, não há namoro (leia: namoro legal!). Fui. Aí, o tempo passa e surgem aquelas lembranças (apimentadas) que atacam essa razão. Bate uma saudade insuperável do homem que amamos, a gente tira peso do erro dele e resolve dar uma segunda chance. Bem, pensamos, todo mundo merece uma nova oportunidade. É isso, o relacionamento fica em pé de novo... Mas há garotas que jamais perdoam traição. Andar na linha é difícil? Fique solteiro e curta mais mulheres sem roubada. Ou pule a cerca com perfeição (bem, você também sabe que crime perfeito não existe...). (Texto 5: MH, PVZA, p.198)

Nessa seção, o objetivo é interagir com o público leitor masculino para tirar dúvidas sobre relacionamento, sexo e universo feminino. Com o mote “a verdade nua e crua sobre as mulheres, por nossa adorável colega”, as respostas partem do ponto de vista de um ator social – a vizinha –, escolhido pela revista para representar e dizer o que pensam e como agem as mulheres. Tal papel social já configura um traço para vinculação e captação do consumidor do texto, pois representa a pessoa próxima, porém não familiar, com a qual se pode dividir e procurar resolver problemas.

Assim a intimidade começa a ser construída no texto (5) do *corpus*, e tal efeito verifica-se também pela forma como leitor e conselheira se tratam, como se fossem amigos conhecidos, como podemos observar pelos recursos de ENVOLVIMENTO construídos por meio da PESSOALIZAÇÃO, realizada pela afetividade na forma de abreviação e de diminutivo do nome (“Rê”, de Renata, e “Evinho”, de Everson), e por meio da FILIAÇÃO, realizada pela expressão característica da coloquialidade, comumente empregada, para

indicar alinhamento pelo mesmo modo de uso da linguagem do grupo jovem adulto ("sem roubada"⁷⁶).

Além disso, para responder ao "por quê?" do problema, o texto-resposta é constituído basicamente por recursos linguísticos que configuram formas de a conselheira envolver o leitor, por exemplo, por meio da dialogicização realizada pela referência pronominal ("você também sabe"), um recurso do subsistema PESSOALIZAÇÃO, e pela pergunta retórica ("Andar na linha é difícil?"), um recurso do subsistema DEMANDA, que requerem do leitor uma atitude responsiva, convocando-o a assumir o outro ponto do fio vinculador lançado pela conselheira.

Para tornar presente as ideias ofertadas como conselhos, faz-se uso também da figurativização realizada pela metáfora, que expõe a concepção de que relacionamento é luta, representando o ato de reconciliação amorosa por meio de expressões que o associam ao conceito de reconstrução pós-combate ("um *round* da velha *guerra* razão x emoção"; "o *relacionamento* fica em pé de novo").

Verificamos, ainda, a ocorrência de uma NARRATIVA difusa, construída pela conselheira como se fosse um monólogo. A partir da ótica do pensamento feminino a respeito de uma série de ações do ciclo da traição – perda da confiança, surgimento de lembranças e de sentimentos com o passar do tempo, reflexões sobre as atitudes tomadas, oferecimento de nova oportunidade – busca-se trazer à tona experiências que possam representar a concepção acerca do assunto, conforme atesta o trecho: "Em geral, *condenamos a traição* com toda a lógica do mundo: *se ele me enganou uma vez, pode fazer outras*. Logo, *adeus, confiança*. Sem segurança, não há namoro (leia: namoro legal!). Fui. *Aí, o tempo passa e surgem aquelas lembranças* (apimentadas) que atacam essa razão. *Bate uma saudade insuperável* do homem que amamos, *a gente tira peso do erro dele e resolve dar uma segunda chance*. Bem, pensamos, todo mundo merece uma nova oportunidade".

Trata-se de uma forma de CAPTAÇÃO construída no texto da conselheira, cujas forças de atração são exercidas ainda pelos recursos de DEMANDA, realizado por solicitação, presente na estrutura catafórica ("*leia: namoro legal!*"), e de NOVIDADE,

⁷⁶ Refere-se ao que pode acarretar uma frustração, ou não dar certo, causar prejuízo ou aborrecimento.

instaurada por meio da contraexpectativa ("*Mas* há garotas que jamais perdoam uma traição").

Observamos que essa variedade de recursos linguísticos utilizados aponta para o dinamismo do gerenciamento interpessoal na oferta de conselhos, haja vista o encadeamento de recursos de VINCULAÇÃO e de CAPTAÇÃO. Esse aspecto torna-se mais evidente quando retiramos ou substituímos as opções linguísticas construídas por outras que marquem menor grau de tração e de atração, conforme a possível adaptação do texto, a seguir:

[] *Muitas* mulheres dizem que traição é imperdoável. [] Várias garotas voltam com o cara depois de traídas. Por quê? EVERSON DURÃES – SÃO PAULO/SP

[] *Este é* mais um caso da velha *dualidade* razão x emoção. Em geral, *condena-se* a traição com toda a lógica do mundo: se a pessoa [] enganou uma vez, pode fazer outras. Logo, adeus, confiança. Sem segurança, não há namoro (*isto é*, namoro legal!). *O parceiro vai embora e com o tempo* surgem aquelas lembranças (apimentadas) que atacam essa razão. *Quando* bate uma saudade insuperável do homem que *se ama*, *tira-se o peso do erro* e *resolve-se* dar uma segunda chance. [] Todo mundo merece uma nova oportunidade. *Assim*, o relacionamento é retomado... [] Há garotas que jamais perdoam traição. *Se agir corretamente é difícil*, é melhor ficar solteiro e *curtir* mais as mulheres sem *se envolver em confusão*. Ou *trair* com perfeição [] *sabe-se* também que crime perfeito não existe...).

Quando comparamos a versão publicada com a por nós adaptada, notamos que o texto perde em termos de interpessoalidade. O tom dialógico e o estabelecimento de elos com o leitor não mais se verificam com a substituição e retirada de recursos que possam, de alguma maneira, instaurar vínculos e atração, tais como a PESSOALIZAÇÃO, a DEMANDA e a NARRATIVA.

Ao se destacar mais o aspecto informativo que a própria interlocução, atua-se mais no campo do distanciamento, pois os vínculos entre instâncias produtora e consumidora se desfazem quando recursos de ENVOLVIMENTO são anulados por outros que realizem efeitos opostos, tais como: a construção do texto em terceira pessoa, o emprego da voz passiva, a exclusão de formas de criar ou quebrar expectativa, a opção por construções modalizadoras, condicionais e/ou infinitivas no lugar de perguntas e comandos diretos, que acabam diminuindo o grau de incitação da atitude responsiva da instância de interlocução.

3.3.1.2. Seção *Pergunte ao Beto, o Barman*, revista *Men's Health*

Mote: “Aqui reunimos grandes sacadas de nosso terapeuta de balcão. Confira-as logo abaixo e se tiver alguma dúvida sobre mulheres, emprego e outras coisas que dão trabalho envie-a para menshealth@abril.com.br”

Betossauro, meu amigo fica muito chato quando enche a cara. O que faço para convencê-lo a manear? EDUARDO MOURA, UBERLÂNDIA – MG

Sei bem o que é isso. Aqui no balcão sempre tem um tipo dessa tribo, “os malasemalça”. Nada é pior do que aguentar bêbado que chora, fica abraçando ou fala cuspidando na sua cara. Diga para o brother o quanto ele fica desagradável quando enche o caneco (se ele disser que é exagero, grave no celular). Não funcionou? Duas opções: 1) sempre que ele começar a babar, ligue para um pet shop ou para a mãe dele e entregue o animal; 2) tenha você mesmo seu momento “malasemalça” para ele ver o que é bom para tosse. (Texto 32: MH, PBB, p.204)

Sob o mote “se tiver alguma dúvida sobre mulheres, emprego e outras coisas que dão trabalho”, a seção é voltada ao público masculino, e as respostas são dadas por um produtor textual representado pela revista como sujeito à disposição e capaz de cuidar e tratar de assuntos pessoais, conforme assinala a referência “nosso terapeuta de balcão”. Assim, abre-se o campo interpessoal para que a intimidade seja instaurada, e para que as propostas de solução das “coisas que dão trabalho” sejam construídas na voz de um ator social que culturalmente é conhecido por ouvir e presenciar várias histórias em um bar, sendo, portanto, um sujeito tido como capaz de oferecer sugestões que possam resolver os problemas cotidianos apresentados pelos leitores frente à questão “O que devo fazer [na situação *x*]?”.

Desse modo, a natureza das trocas é constituída por um participante do sexo masculino (o barman) que assume um papel social atribuído e reconhecido socialmente para que as relações possam ser menos hierárquicas e mais recíprocas com o leitor-consumidor, uma vez que se procura previamente construir uma relação social inclinada ao grupo social masculino, em que se destaque a solidariedade no trato homem a homem.

Entre os recursos para envolver, ancorados no princípio tração para instituir vínculos, utilizados pelo conselheiro no texto (32) do *corpus*, sobressaem-se: a PESSOALIZAÇÃO, realizada pela nomeação e pela afetividade e construída por meio de

NOVIDADE na forma de aglutinação ("Betossauro"), para criar um primeiro contato de afeto positivo, íntimo e original; a FILIAÇÃO, realizada por expressões de uso comum entre o grupo jovem masculino, informais e metaforizadas ("brother", "tribo", "malasemalça", "enche a cara", "enche o caneco"), para mostrar pertencimento e criar identificação; a PESSOALIZAÇÃO e a DEMANDA, realizadas por pronome de tratamento pessoal ("você", "seu") e por indagação ("Não funcionou?"), para conferir um tom dialógico, particularizado e voltado diretamente ao leitor.

Além disso, destaca-se a solidariedade construída pelo COMPARTILHAMENTO de situação já experienciada, que pode criar um efeito empático, pois o conselheiro coloca-se no lugar do outro e assim busca criar um vínculo, mostrando que reconhece e avalia negativamente o problema então vivenciado ("*Sei bem o que é isso. Aqui no balcão sempre tem um tipo dessa tribo, 'os malasemalça'. Nada é pior do que aguentar bêbado que chora, fica abraçando ou fala cuspiando na sua cara*").

Também auxiliam no processo de envolvimento o tom de ironia e humor nos comandos dados pelo conselheiro, quando este oferece as alternativas para solucionar o problema de se ter um amigo que não sabe manejar na bebida. Primeiro, são oferecidas as opções de dizer para a pessoa o quanto beber demais é desagradável, bem como de gravar a cena no celular se o indivíduo considerar que se trata de exagero.

Em seguida, por meio de uma construção catafórica, que cria um suspense sobre quais serão as outras "duas opções", caso as demais não funcionem, propõe-se de modo irônico os comandos: ligar "para um pet shop" e entregar "o animal", "sempre que ele começar a babar", ou ameaçar ter o próprio "momento 'malasemalça' para ele ver o que é bom para tosse". A figurativização metaforicamente construída pela associação do comportamento de alguém bêbado com animal salivando e com objeto difícil ou inconveniente para carregar gera possível efeito de humor, além de constituir um recurso de PRESENÇA para a representação negativa das atitudes de uma pessoa que bebe além da conta, recurso por meio do qual o conselheiro revela identificação com o problema do leitor.

Verificamos que se trata de recursos pelos quais o conselheiro solidariza-se em relação ao incômodo apresentado como problema a ser resolvido. Quando retiramos e/ou substituímos as opções linguísticas por outras que evitem tais atos de envolvimento interpessoal, temos a seguinte adaptação:

[] *Um amigo fica muito chato quando bebe. O que faço para convencê-lo a manear?*
EDUARDO MOURA, UBERLÂNDIA – MG

Isso é bem comum acontecer. Aqui no balcão sempre tem esse tipo de pessoa inconveniente. Nada é pior do que aguentar bêbado que chora, fica abraçando ou fala cuspiando na [] cara. Pode-se dizer para o sujeito o quanto ele fica desagradável quando bebe (se ele disser que é exagero, gravar no celular é uma opção). Se não funcionar, sempre que ele começar a dar sinais de que perdeu o controle, pode-se ligar para um para um hospital ou para a mãe dele e entregar o sujeito; ou ter o próprio momento de irritação de pessoa chateada e incomodada para que ele sinta as mesmas consequências das atitudes que costuma adotar quando bebe demais.

Para desfocalizar a relação do produtor com o consumidor do texto, foi preciso eliminar a afetividade e a aglutinação presentes no vocativo, bem como substituir não só comandos por construções modais e/ou infinitivas, como também o recurso de PRESENÇA, realizado pelas metáforas, e as expressões indicativas de FILIAÇÃO por outras de sentido equivalente, trocar o recurso de DEMANDA realizado pela indagação por construção condicional, além de excluir o COMPARTILHAMENTO de experiência realizado pela PESSOALIZAÇÃO pronominal em primeira pessoa, como também anular a CAPTAÇÃO realizada pela construção catafórica.

O resultado da adaptação ressalta maior grau de distanciamento entre instância produtora e leitora, pois fica mais saliente no texto o aspecto ideacional e de comprometimento com o que se afirma, na medida em que se buscou inibir o contato interpessoal e reduzir o potencial atrativo das representações e propostas.

3.3.1.3. Seção *Pergunte ao Amigo Gay*, revista *Women's Health*

Mote: “Se você ainda não tem o seu, Tony Goes responde às suas dúvidas sem dó. Mas é para o seu bem.”

Uma gordinha pode ser feliz nessa ditadura da magreza? Vivo esse dilema. Uma hora feliz, outra em crise, mas nunca terei um corpão. Tem lugar para mim neste mundo? CARLA C., MG

Chega mais perto que eu vou contar um segredo, e que não nos ouçam as outras páginas desta revista: a maioria dos homens a-do-ra uma mulher cheinha. Tem onde pegar! Essa magreza que a gente vê nos desfiles é uma invenção da indústria da moda, de meados do século 20 para cá. Num corpo esquelético, os modelitos caem melhor e permitem que se vejam os detalhes. Até aquela época, as gorduchas é que eram as boazudas. Quilinhos a mais eram sinal de saúde e status. E, aqui no Brasil, tá assim de cara que curte meninas como você. Como diz o sábio Leo Jaime: celulite quer dizer “sou gostosa”, em braile. (Texto 55: WH, PAG, p.210)

Nessa seção da *Women's Health*, o conteúdo das interações pauta-se em questionamentos de mulheres sobre problemas diversos relacionados a comportamento em ambiente doméstico ou de trabalho, bem como sobre o universo masculino, respondidos do ponto de vista do amigo gay. A revista coloca em cena um ator social que represente uma visão particular de como agem os homens, cuja resposta seja dada de uma maneira diferente daquela que poderia ser dita por um heterossexual. Com o mote de que, “se você ainda não tem o seu”, essa pessoa “responde às suas dúvidas sem dó. Mas é para o seu bem”, a revista oferece à consumidora textual um amigo que representa alguém que vai aconselhá-la, ainda que com duras críticas, para que seja compensada por um resultado favorável.

No caso da interação registrada no texto (55) do *corpus*, o aconselhamento é constituído por um comando indireto, recurso pelo qual se sugere à leitora que continue a ser como já é. Por meio da PESSOALIZAÇÃO, construída pela afetividade, e de expressões indicativas de FILIAÇÃO, o conselheiro ressignifica a questão de ser “gordinha”, apontando aspectos positivos: “a maioria dos homens a-do-ra uma *mulher cheinha*”; “as *gorduchas* é que eram as *boazudas*. *Quilinhos a mais* eram sinal de *saúde e status*”; “tá assim de cara que *curte meninas como você*”.

Destaca-se ainda o modo pelo qual se busca tracionar a leitora e ao mesmo tempo atraí-la para obter a adesão às representações e posicionamentos expressos, construindo o efeito de intimidade por meio dos recursos DEMANDA e PESSOALIZAÇÃO, realizados, respectivamente, por solicitação e por pronominalização em primeira pessoa, conforme se verifica em “*Chega mais perto que eu vou contar um segredo, e que não nos ouçam as outras páginas desta revista: [...]*”. Essa construção catafórica efetua captação pelo fato de projetar suspense, além de estabelecer vínculos para criar a ideia de particularidade entre conselheiro e leitora, uma vez que é composta pelo recurso COLETIVIZAÇÃO, realizado pelo modo inclusivo, que cria uma troca restrita ao “eu e você” (conselheiro e leitora).

Nesse texto, consideramos que o efeito empático também pode ser constituído pela demonstração de posicionamento solidário à situação da leitora, ao tornar presente e realçar pelo argumento de autoridade um ponto positivo para o aspecto negativo que se tem da infecção subcutânea causada entre outros fatores pelo depósito de gordura que deixa irregular a textura da pele ("Como diz o *sábio Leo Jaime: celulite* quer dizer '*sou gostosa, em braile*'). Ao ressignificar a ideia de celulite, tem-se ainda o efeito de humor constituído pela construção figurativa sinestésica que salienta aquilo que se vê comumente como feio de forma positiva, sensual, no caso.

Desse modo, o humor parece ser construído pela incongruência: quebra-se o convencional, uma vez que seria esperado apresentar aspectos negativos da celulite, mas é justamente a percepção positiva do que comumente se vê como problema que choca contra a expectativa possivelmente criada⁷⁷.

No texto (55) que tomamos como exemplo, a solidariedade com a leitora pode ser desfeita com a exclusão ou a substituição de alguns recursos de ENVOLVIMENTO, como se verifica na adaptação feita seguir:

Uma *pessoa gorda* pode ser feliz nessa ditadura da magreza? Vivo esse dilema. Uma hora feliz, outra em crise, mas nunca terei um *corpo considerado bom e sensual*. Tem lugar para mim neste mundo?

[] A maioria dos homens a-do-ra uma mulher *um pouco acima do peso*. Tem onde pegar! Essa magreza que *se vê* nos desfiles é uma invenção da indústria da moda, de meados do século 20 para cá. Num corpo esquelético, *as roupas* caem melhor e permitem que se vejam os detalhes. Até aquela época, as *mais gordas* é que eram as *sensualmente atraentes*. *Quilos* a mais eram sinal de saúde e status. E, aqui no Brasil, *há muitos rapazes* que curte meninas *desse jeito*. Como diz o *sábio Leo Jaime: celulite tem o seu lado bom*.

Nesse caso, as formas possíveis de tentar destituir o fio conector entre conselheiro e leitora foram optar pela construção do texto em terceira pessoa e substituir os elementos de afetividade e de figurativização por outras expressões. Além disso, para reduzir a força atrativa do texto, foram eliminadas a construção catafórica que carregava os significados

⁷⁷ Tomamos por base a teoria da incongruência trabalhada por Tagnin (2005), para explicar essa forma de humor obtida pela dissonância entre o que é esperado e o que de fato é apresentado, que será também explicitada ainda neste capítulo, p.152.

dos subsistemas DEMANDA, COLETIVIZAÇÃO e NOVIDADE, também na tentativa de desconfigurar a conexão entre instâncias produtora e consumidora, a fim de apreender o papel dos recursos de ENVOLVIMENTO na construção do texto: gerenciar a relação interpessoal e estreitar o contato.

3.3.1.4. Seção *Pergunte ao Vizinho*, revista *Women's Health*

Mote: “Felipe Rossi revela o mistério que nós não conseguimos decifrar sozinhas: a cabeça dos homens”

Há dez anos me relaciono com um homem casado. Há dois ele me cobra fidelidade. Como fazê-lo ficar comigo? CRISTIANE M., POR E-MAIL

Você conseguiu unir o pior da esposa e da amante em um só relacionamento. Nesses dez anos, não teve nem um companheiro ao seu lado nem filhos. Agora, vive as cobranças de uma relação desgastada e, ainda assim, não perde a esperança. Detesto dizer isto, mas você investiu uma década em um homem que não a merece e não irá recompensá-la por nada. Por favor, não perca mais tempo. Não deixe esse período se transformar em 20 anos. Dê um pé na bunda desse ignóbil espécime masculino. (Texto 65: WH, PVZO, p.212)

Na seção *Pergunte ao Vizinho*, os temas giram em torno de questionamentos sobre sexo e relacionamento, e a resposta às dúvidas das leitoras promete revelar “o mistério que nós [mulheres] não conseguimos decifrar sozinhas: a cabeça dos homens”. Para ajudar nessa tarefa, a revista se compromete e parte de uma perspectiva de que mulheres não têm êxito ou aptidão para compreender o universo masculino por conta própria, o que aparece marcado na COLETIVIZAÇÃO “conseguimos”, relativa à noção de capacidade. Para tanto, as questões são respondidas pelo “vizinho”, que representa aquele sujeito que vive próximo e está pronto para ajudar a desvendar o modo de pensar e agir dos homens. Na interação com a consumidora, o vizinho assume um papel reconhecido socialmente para que as relações possam ser construídas de forma menos hierarquizada e mais próxima e informal.

Conforme se verifica no texto (65), embora o conselheiro, por um lado, assuma o risco de uma leitura resistente por parte de um possível grupo antagônico de leitores, ao avaliar como “ignóbil espécime masculino” um homem infiel que cobra fidelidade da amante, por outro lado, compromete-se afetivamente com a situação exposta pela leitora, e

isso projeta um efeito empático, pois o conselheiro parece trocar de perspectiva, colocar-se no lugar ou na situação-problema, na medida em que avalia negativamente o parceiro da leitora.

O envolvimento investe-se de uma postura solidária revelada ainda por expressões de polidez positiva, como podemos observar pelo uso do recurso DEMANDA empregado no conselho para demonstração de cuidado ("*por favor, não perca mais tempo*"). A desinstitucionalização proporcionada pela PESSOALIZAÇÃO em primeira pessoa, investida de afetividade, revela como o conselheiro se posiciona a favor da leitora, para partilhar pontos de vista sobre o problema por ela apresentado ("*detesto dizer isto, mas você investiu uma década em um homem que não a merece e não irá recompensá-la por nada*").

Além disso, a busca por estabelecer uma relação solidária é expressa não só pela PESSOALIZAÇÃO pronominal, que constrói uma troca particular voltada diretamente para a instância consumidora ("você"), como também pelo conselho construído com base na metarredundância dos recursos PRESENÇA e FILIAÇÃO, realizados por uma expressão metafórica e coloquial ("dê um pé na bunda") que torna saliente a ideia do comando a ser executado.

Quando retiramos e/ou substituímos esses recursos de solidarização por outras opções linguísticas que não criem o envolvimento interpessoal, temos como resultado um texto desprovido de elementos que possam reforçar o grau de conexão com a leitora e potenciais consumidoras que eventualmente se encaixam na mesma circunstância, como se observa na adaptação a seguir:

Há dez anos me relaciono com um homem casado. Há dois ele me cobra fidelidade. Como fazê-lo ficar comigo? CRISTIANE M., POR E-MAIL

[] *Ao conseguir unir o pior de esposa e de amante em um só relacionamento, nesses dez anos, não foi possível ter nem um companheiro ao [] lado, nem filhos. Agora, ao viver as cobranças de uma relação desgastada [], ainda assim, [] não se perde a esperança. É detestável dizer isto, mas foi investida uma década em um homem que não merece consideração nem oferece recompensa por nada. Não se deve perder mais tempo, nem deixar esse período se transformar em 20 anos. É necessário afastar-se desse tipo de homem.*

Para diminuir o grau de vinculação na troca estabelecida com o consumidor textual, a exortação direta foi alterada para o modo indireto, a fim de desconstituir construções com

PESSOALIZAÇÃO pronominal de primeira e segunda pessoa, substituindo-as por infinitivo, por terceira pessoa do discurso, por passivas e expressão modalizadora. Além disso, excluímos o recurso DEMANDA, realizado por solicitação, para descaracterizar a referência à instância de interlocução. Por um lado, essas alterações indicam como se passa de um estágio de desvinculação com a leitora para um processo de maior comprometimento com as proposições e propostas construídas no texto. Por outro lado, o potencial atrativo passa a ser dependente do nível de interesse do consumidor para as representações ali veiculadas.

3.3.1.5. Seção *Arrasa! Ficadas e rolos*, revista *Atrevida*

O objetivo da revista "é ser a melhor amiga da menina que quer estar informada, sempre bonita e por dentro do mundo das celebridades"⁷⁸.

Não tenho confiança no meu namorado. E agora?

Perdeu a confiança no boy? Saiba como agir!

"Comecei a ficar com um menino comprometido. Ele terminou com a namorada por minha causa e, logo depois, me pediu em namoro. Eu aceitei, pois gosto dele demais, mas tenho medo de que ele faça comigo a mesma coisa. Estou confusa!" T.W., POR E-MAIL

T., se ele terminou com ela é porque se apaixonou por você e essa paixão poderia rolar se estivesse sozinho. É ou não é? Então não esquente a cabeça com o fato de ele ter terminado com a garota – isso não quer dizer nada e não define caráter. O que define caráter é o comportamento dele com você. Ele parece apaixonado? Merece confiança pelas atitudes que assume em relação ao relacionamento? Ou você o sente com o pensamento longe ou já o viu de olho em outra? Fique ligada, mas sem nóias. (Texto 93: AT, p.219)

Nessa seção de perguntas e respostas da revista direcionada às adolescentes, a temática volta-se para assuntos sobre relacionamento, sexo, amor e comportamento. Localiza-se no *link Arrasa!*, parte dedicada à apresentação de "orientações para as diversas situações que a adolescente passa nesse período da vida, além de testes divertidos"⁷⁹.

⁷⁸ Fonte: editora *Escala*. Disponível em: <http://midiakit.escala.com.br/?page_id=32>. Acesso em: 04 jan.2014.

⁷⁹ *Idem* à nota anterior.

Diferentemente do que ocorreu nas seções das outras revistas, não há no caso da seção *Arrasa! Ficadas e rolos*, da *Atrevida*, a representação de um ator social com o qual as leitoras-consumidoras possam interagir diretamente. A estratégia aqui é outra: a própria revista assume o papel da amiga e insere as leitoras como partícipes na representação dos problemas, conforme se observa no texto (93), na construção em primeira pessoa na chamada da revista: "*Não tenho* confiança no *meu* namorado. E agora?". Já nessa construção inicial, composta por recursos de PESSOALIZAÇÃO, na primeira pessoa do discurso, e de DEMANDA, realizada por uma indagação carregada de suspense, verificamos os dois eixos centrais que constituem o ENVOLVIMENTO, atuando para criar vínculos e ampliar o potencial atrativo do texto.

A segunda chamada apresenta-se na voz da revista, que faz uma pergunta para a consumidora na tentativa de envolvê-la. Para reforçar esse vínculo, também se faz uso do recurso FILIAÇÃO, pois um termo comumente utilizado pelas adolescentes para se referir aos meninos foi selecionado para construir a DEMANDA ("*Perdeu a* confiança no *boy*?"). Assim, a revista traciona a potencial consumidora do texto para com ela vincular-se, demonstrando pertencimento, inclinação ou alinhamento ao mesmo universo de representações, pelo modo que utiliza termos em comum entre as adolescentes.

Com a finalidade de incitar as consumidoras a conhecer a solução para resolver o problema, o envolvimento se constitui em seguida pela chamada promissora construída por DEMANDA na forma de solicitação ("*Saiba como* agir!"). Segue-se a tais estratégias, a pergunta propriamente dita que aparece entre aspas para indicar a voz da leitora contando qual é a situação vivenciada. Consideramos que se trata de uma NARRATIVA pessoal pela qual se busca criar identificação entre os dados relatados e as potenciais consumidoras, para que possivelmente vejam no conselho algo também aplicável para resolução de seus dilemas.

Simulando um bate-papo com a leitora, o ENVOLVIMENTO se manifesta ainda pela categoria PESSOALIZAÇÃO, construída por nomeação e pronominalização, bem como pela DEMANDA, realizada via indagações que conduzem as orientações ofertadas sobre como agir frente à perda de confiança no namorado, no caso. Observamos que o conselho é construído por um recurso de FILIAÇÃO ("*Fique ligada, mas sem nóias*"), que constitui uma troca interpessoal calcada na afinidade, para que as proposições e propostas possam ter um

grau de aceitação ampliado, ao se fazer uso de expressões típicas da linguagem desse grupo.

A paráfrase do texto demonstra como a conexão então construída pode ser inviabilizada se os recursos de ENVOLVIMENTO forem dispensados:

Não *ter* confiança no [] namorado. []

Caso perca a confiança no garoto, é preciso saber como agir!

"Comecei a ficar com um menino comprometido. Ele terminou com a namorada por minha causa e, logo depois, me pediu em namoro. Eu aceitei, pois gosto dele demais, mas tenho medo de que ele faça comigo a mesma coisa. Estou confusa!"

[] Se ele terminou com ela é porque se apaixonou por você e essa paixão poderia rolar se estivesse sozinho. [] Então não *é preciso esquentar* a cabeça com o fato de ele ter terminado com a garota – isso não quer dizer nada e não define caráter. O que define caráter é o comportamento dele []. *O jeito é verificar se* ele parece apaixonado, *se* merece confiança pelas atitudes que assume em relação ao relacionamento ou *se está* com o pensamento longe ou [] de olho em outra. Fique *atenta*, mas sem *preocupações*.

A adaptação do texto revela como o distanciamento agora se sobressai, quando se opta por construir proposições e propostas na terceira pessoa do discurso, por destituir vínculos estabelecidos pela FILIAÇÃO, pela PESSOALIZAÇÃO nominal e pronominal, bem como por excluir o suspense, anulando a expectativa gerada para solução do problema. Já para desconstruir a DEMANDA realizada por indagação, foi preciso utilizar expressões modalizadoras e formas infinitivas que pudessem efetuar a redução do tom dialógico e da força atrativa das perguntas retóricas, a fim de demonstrar como os recursos de envolvimento caracterizam o perfil e o significado de solidariedade nos textos de conselhos.

3.3.2. Gerenciamento das relações interpessoais para tracionar e atrair o leitor

Por meio das adaptações então realizadas nas análises, no item anterior, pudemos ter uma dimensão de como o ENVOLVIMENTO atua nas seções de conselhos. Em geral, o que se observa das paráfrases e glosas feitas é a destituição de um modo de gerenciar as relações interpessoais, pois, sem os recursos de ENVOLVIMENTO, praticamente

descaracteriza-se o perfil dos textos das seções das revistas de nicho. Com isso, a solidariedade resta prejudicada devido à ausência dos vínculos, bem como dos meios de captação.

Não queremos dizer que se trata de elementos obrigatórios, sem exceção de uso nos textos, mas que se revelam prototípicos na prática de aconselhamento em revistas de nicho. Dito de outra forma, verificamos que, à medida que emerge no texto, o ENVOLVIMENTO enfatiza a solidariedade e sinaliza padrões de interação que manifestam o gerenciamento das relações interpessoais, o que leva a constatar que, sem tais recursos, a seção perderia sua natureza de interessoalidade, no sentido de que seriam ultrapassadas as fronteiras de uma relação solidária para enfatizar uma postura relativamente autoritária, de modo a conferir relevância ao conteúdo de representações e posicionamentos em detrimento do contato com os leitores.

A não opção por recursos dessa natureza aponta o deslocamento do eixo da relação interpessoal para a outra coordenada da dimensão contextual *relações*: aquela que privilegia o distanciamento e o exercício de poder, ao destacar a posição hierárquica entre conselheiro e leitor, o que pode tornar o aconselhamento autoritário ou esteado em uma visão tecnicista ou por demais especializada, modos estes em que não se percebe a preocupação de investir em uma interação mais próxima e solidária.

No texto (63) do *corpus*, por exemplo, verificamos que a relação com a leitora não se baseia em uma postura de afinidade no contato, pois não são propostas ações conjuntas ou um diálogo que simule a troca de turnos, não são compartilhadas experiências ou sentimentos, como já observamos em outros textos aqui analisados. No caso, o foco da resposta do conselheiro é a apresentação dos comandos a serem seguidos:

Fiquei duas vezes com um cara que acabou um namoro há seis meses e sempre teve uma queda por mim. Ele diz que, por ter namorado dez anos, gostaria de ficar solteiro um tempo. Espero ou desisto? FABIANA R, POR E-MAIL

Vale a pena **esperar um pouco**. As prioridades dele neste momento são avaliar o que aconteceu, buscar as prioridades, curtir o luto ou mesmo superar possíveis traumas causados pela ruptura. Isso é importante para que ele possa começar um novo relacionamento com a alma limpa. **Dê esse tempo**, mas **mantenha-se atenta**. **Não deixe que ele confunda paciência com permissividade** para sair por aí experimentando todas as mulheres disponíveis no mercado. (Texto 63: WH, PVZO, p.212)

Não se sobressaem recursos de VINCULAÇÃO que demonstrem o exercício da solidariedade, embora a PESSOALIZAÇÃO pronominal esteja implícita nos comandos. Na relação interpessoal com a leitora, o conselheiro limita-se a orientar determinadas condutas para resolver o dilema: esperar um pouco, dar um tempo, manter-se atenta e não deixar o parceiro confundir paciência com permissividade.

Observamos também no texto (118), a seguir, que a orientação oferecida para a situação-problema baseia-se em representações que indicam um posicionamento mais “técnico”, assumido pelo produtor do texto, de modo a privilegiar não o contato, mas o *status* da relação social. O texto-resposta não apresenta categorias da rede de ENVOLVIMENTO, mas projeta como efeito uma postura mais distanciada da conselheira na relação interpessoal com a leitora:

Você ficaria com alguém que conheceu pela internet?

Pode parecer normal, mas ainda tem muita menina que acha isso estranho. Quer ver?

"Muitas das minhas amigas começaram pela internet. Como sou fã de 1D e Justin Bieber, acabo falando com outras pessoas que também são. Algumas eu consegui conhecer ao vivo, já outras moram longe. Acho meio estranho namorar alguém apenas pela internet, gosto de ter alguém por perto e não só on-line, mas não acho impossível de acontecer." J.S., 17 ANOS, NITERÓI – RJ

A facilidade de acesso da internet torna as relações mais intensas, pois se está conectado a qualquer momento. Além disso, sem o contato visual, sem o contexto real, as pessoas são o que muitas vezes não conseguem ser em seus círculos sociais e se permitem fantasiar muito mais. Muitos tímidos têm menos dificuldade de se expor no mundo virtual, porque ali há mais liberdade para serem o que quiserem sem um julgamento direto do outro ou do grupo. Por meio de aplicativos e redes sociais as pessoas se sentem mais confortáveis em ultrapassar limites, em experimentar coisas novas, em desabafar e muitas outras coisas que não fariam na vida real. Por Mariana Iannuzzi – Coaching e consultora de imagem. (Texto 118: AT, p.227)

Embora raro no *corpus*, pode acontecer a ausência de recursos de ENVOLVIMENTO, até porque não se trata de um processo determinístico, mas sim probabilístico de ocorrer em certas situações contextuais, como aponta a abordagem sistêmico-funcional. No texto (118), verificamos que, fora as construções iniciais de tópico, constituídas pelos recursos PESSOALIZAÇÃO e DEMANDA, o texto-resposta, assinado por uma especialista em comportamento, não apresenta elementos que possam explicitar formas de tração da leitora-consumidora, atendo-se apenas a comentar o assunto em pauta. Esse caso remete à

noção de Chafe (1982; 1985) acerca da manifestação oposta ao fenômeno envolvimento: o emprego de maior carga de conteúdo informacional, que indicia o distanciamento.

Dessa maneira, depreendemos que, quando o foco está no fator autoridade e a relação centra-se na fonte de responsabilidade autoral e numa relação mais distanciada – na variável *poder* –, as representações expressas no texto parecem tender a ser construídas na terceira pessoa do discurso, focalizando o teor informacional e privilegiando o aspecto técnico/especializado do tema em pauta.

Contudo, quando o foco é o *contato* – na variável *solidariedade* –, observamos que, nas seções de conselhos analisadas, o envolvimento interpessoal tem seu papel complementado ou associado a outros efeitos para tracionar e atrair o leitor. Aqui destacamos basicamente o uso do humor, bem como ocorrências de ironia e sermão, elementos-parte, para fins de aconselhamento, nessa prática interativa.

Entendemos que construções com essa finalidade operam, principalmente, no âmbito da atração, pois podem conferir saliência a determinadas representações. Por meio de uma construção chistosa, por exemplo, o produtor textual pode discutir a situação-problema sem ameaçar diretamente a face do leitor, ou fazer uso do humor como meio de sair de uma questão conflitante. Nesse sentido, o potencial efeito humorístico de uma construção seria uma forma de driblar aquilo que pareça hostil, para que se encontre uma solução “aceitável”, que evite uma eventual resistência quanto às posições apresentadas.

Segundo Figueiredo (2012), entre as teorias que explicam por que rimos, destacam-se a do *humor por alívio* e a da *incongruência*. A *teoria do humor por alívio* ancora-se nas reflexões de Freud, para o qual há, nas relações humanas, uma espécie de competição ou concorrência de egos entre os interlocutores, em que o humor serve como válvula de escape ou forma de aliviar essa tensão.

Retomamos o texto (58) do *corpus*⁸⁰ que apresenta uma construção típica dessa funcionalidade do humor. Na ocasião, o conselheiro simula como comporia uma carta desaforada para o patrão da leitora. Nela, o efeito humorístico se constitui não só pela ironia presente no vocativo, mas também pela relação de cumplicidade estabelecida no ato de desqualificar o chefe, alvo da crítica, como observamos no trecho: “*Querido ex-chefe,*

⁸⁰ Já discutido no item 3.2.1.6. PRESENÇA. No anexo, *vide* p.210.

nunca entendi como *uma pessoa tosca* conseguiu chegar tão alto na carreira – sinal de que *não é só você que avalia mal o talento dos outros...*”.

Nesse caso, o efeito humorístico dado pela catarse promovida pela simulação/composição da tal carta serve de escape ou meio de amenizar um conflito. Aqui, a teoria do humor por alívio ajuda a explicar o potencial riso proveniente da construção exposta e pode ser aplicada não necessariamente no sentido de aliviar a tensão de egos, mas de atenuar a tensão do assunto tratado.

Já a *teoria da incongruência* permite explicar o efeito de humor dado pela quebra de expectativa, pois está baseada na ideia de dissonância entre o que é esperado e o que é efetivamente apresentado (TAGNIN, 2005). No texto (53), também por meio do recurso PRESENÇA, realizado pela simulação, a atenção do leitor pode ser captada, porém agora pela ideia de quebra de protocolo, presente na proposta de solução do problema. Tal rompimento com a convencionalidade representada nas construções em destaque, possivelmente, gera o humor. Consideramos o conceito da referida teoria aplicável aqui, inclusive por conta da ironia na produção do efeito humorístico:

Uma prima que mora em outra cidade vem passar uns dias conosco. Detalhe: ela é vegetariana. Não estou com a menor vontade de mudar o cardápio da casa, mas também não quero ouvir um sermão a cada refeição em que houver carne. E agora? JULIANA F., DF

Hóspedes devem ser tratados com a maior cortesia, mas eles também precisam se adequar às regras da casa. Será simpático servir um ou outro jantar à base de massas e saladas, mas não esconda a carne que tem no freezer. **Simplesmente avise: “Hoje vamos comer vísceras malpassadas, mas preparei um escondidinho de tofu com acelga para você”.** Se ela preferir comer fora, o problema não é seu. Se sua prima for mesmo uma boa hóspede, vai trazer sua própria carne de soja, sem lhe dar despesas extras. **E não se esqueça: dê uma cortada drástica se ela bancar a ecochata e começar a pregar o evangelho vegetariano na hora do churrasco.** (Texto 53: WH, PAG, p.209)

Nesse texto, as duas construções realçadas constituem os comandos propostos pelo conselheiro, que simulam a cena da refeição. Em ambas, há a soma de dois fatores que podem projetar humor. Primeiro, o tom de ironia para representar o vegetariano/vegetarianismo, depreendido na construção do comando "simplesmente avise", na qual se tem a saliência de oposição entre as expressões "comer vísceras mal passadas" e "escondidinho de tofu". Segundo, a quebra do roteiro convencional de bom tratamento a ser ofertado para uma pessoa em um encontro familiar, depreendida pela proposta do

conselheiro de rompimento da cordialidade, quando apresenta para a leitora o comando "E não se esqueça: *dê uma cortada drástica*", caso a prima tome a atitude de "banciar a ecochata" e de "pregar o evangelho vegetariano na hora do churrasco". Nessas construções, observamos os recursos PRESENÇA e NOVIDADE, realizados, respectivamente, pela figurativização e pela aglutinação, que associam a pessoa vegetariana a um modo de ser e agir enfadonhos, ampliando o potencial atrativo do texto.

Encontramos, além do humor, o sermão para repreender comportamentos. No texto (52), por exemplo, o conselheiro apresenta uma crítica à conduta do noivo da leitora, para orientá-la a que repense suas atitudes, como se observa na construção deôntica "*trate de conhecer um homem mais bacana nas suas viagens de negócios*":

Perdi o aniversário do meu noivo por causa de uma viagem a trabalho. Acredita que ele ficou chateado? Mas o pior vem agora: ele quer que eu deixe de trabalhar depois que nos casarmos, ou pelo menos quando tivermos o primeiro filho. Eu ralei muito para chegar aonde estou e minhas perspectivas na empresa são ótimas. O que faço? ADRIANA M., MG

Adoro essas perguntas de uma dúzia de linhas que esperam uma resposta capaz de salvar uma vida. Você só quer saber se escolhe o trabalho ou o casamento. Não tenho condições de fazer uma análise profunda do seu caso, mas lá vai: desmanche o noivado. Esse cara só gosta de metade de você. Até agora ele não percebeu quanto a carreira é importante na sua vida. **Ele que vá procurar uma Amélia que fique em casa dando de mamar, e você trate de conhecer um homem mais bacana nas suas viagens de negócios.** (Texto 52: WH, PAG, p.209)

Aqui, a chateação do noivo devido à ausência da mulher por conta do trabalho é objeto de uma representação construída intertextual e figurativamente. Na construção "Ele que vá procurar *uma Amélia* que fique em casa dando de mamar", por meio do recurso PRESENÇA, que funciona para captar a atenção da leitora, o conselho, estruturado como sermão, baseia-se no cotejo de estilos opostos: a ideia de mulher sem vaidade, dedicada a

casa, aos filhos e à família ("uma Amélia"⁸¹) *versus* a visão de mulher que trabalha fora, viaja a negócios e é independente economicamente.

Nesses casos, verificamos o papel de alguns recursos de ENVOLVIMENTO na composição das orientações ofertadas, tais como a simulação, a figurativização e a aglutinação. Consideramos que os traços de sermão e ironia investidos de humor que atravessam a construção dos conselhos produzem efeitos suplementares na tarefa de tracionar e atrair o leitor, a fim de gerenciar as relações interpessoais, com o potencial de reduzir o eventual teor autoritário ou o impacto dos comandos apresentados como meios de solução para as situações-problema, dada a função de fala assumida pelo conselheiro, que exerce o papel de dar as instruções.

Tal sobreposição de significados permite depreender características do aconselhamento quando da exploração do *corpus*, bem como indicia a metarredundância dos recursos de ENVOLVIMENTO com os efeitos de humor, ironia e sermão. Nesse sentido, faz-se necessário também verificar as correlações entre envolver e aconselhar, observando de que modo tais processos estão imbricados nos textos das seções de conselhos das revistas de nicho, análise esta que será feita no capítulo a seguir.

⁸¹ Essa expressão estabelece uma relação intertextual com o samba *Ai que saudades da Amélia*, de Mário Lago e Ataulfo Alves. Conforme relata o colunista Euler de França Belém, do jornal *Opção*, as pesquisas de Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello sustentam que a canção é baseada em uma história real. Nasceu de uma brincadeira feita pelo irmão da cantora Araci de Almeida, o baterista Aníbal Alves de Almeida, conhecido como Almeidinha, que sempre dizia: "Qual nada, Amélia é que era mulher de verdade. Lavava, passava, cozinhava...". Segundo Severiano e Mello, Mário Lago contou que, em 1941, enquanto conversava no Café Nice, "o Almeidinha começou a cantarolar a história de uma mulher que era solidária ao seu homem, que passava fome ao seu lado e achava bonito não ter o que comer". Considerou que isso poderia dar samba e fez a letra inicial, musicalizada por Ataulfo Alves. Conforme consta, Amélia dos Santos Ferreira foi uma antiga lavadeira que serviu à família de Aníbal de Almeida, morava no subúrbio do Rio de Janeiro e trabalhava para sustentar suas nove ou dez crianças. (Fonte: BELÉM, Euler de F. A história da criação da música "Amélia" por Mário Lago e Ataulfo Alves. *Jornal Opção*, edição 2075, 12 a 18 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/a-historia-da-criacao-da-musica-amelia-por-mario-lago-e-ataulfo-alves-33004/>. Acesso em 14 jul.2016)

Capítulo 4 – Relações entre a prática de conselhos e o modo de construção do envolvimento interpessoal

Neste capítulo, destacaremos os recursos da rede de ENVOLVIMENTO interpessoal que atuam no processo de aconselhamento, relacionando-os à estrutura exortativa que compõe as seções aqui analisadas. Além disso, verificaremos as possibilidades de projeção do efeito empático, associado às opções que constroem o envolvimento, a fim de depreender a construção de significados para instanciar solidariedade na prática discursiva aqui em foco.

4.1. Recursos de envolvimento nas etapas de organização textual dos conselhos

Além dos comandos propriamente ditos, o texto exortativo porta outros elementos ou fases que o constituem. No caso, as colunas ou seções de conselhos das revistas de nicho aqui investigadas apresentam estruturalmente construções que realizam o modelo textual exortativo. Este, segundo Longacre (1992), organiza-se por meio dos seguintes movimentos, os quais relacionamos aos textos do *corpus* deste trabalho:

<i>apresentação de um problema/situação</i>		texto-pergunta, que apresenta a questão ou situação incômoda a ser solucionada
<i>estabelecimento da autoridade/credibilidade do produtor do texto</i>		texto-resposta, respaldado e/ou construído por consultores/especialistas no assunto
<i>emissão de comandos, que podem ser atenuados por sugestões</i>		incitação à tomada de atitudes ou ações em construções imperativa, modal ou infinitiva que constituem conselhos, pedidos, ordens, instruções, avisos ou sugestões
<i>recurso à motivação (apresentação de consequências e/ou de estímulos para solução do problema)</i>		expressões de incentivo

Tabela 1 – correlação entre o modelo textual exortativo de Longacre (1992, p.110) e a construção textual da prática de aconselhamento (seções das revistas de nicho)

Buscamos ressaltar em cada uma dessas partes a ocorrência de recursos de ENVOLVIMENTO. Na etapa de *apresentação da situação-problema*, identificamos que, para

a construção do tópico discursivo, opta-se particularmente por estratégias que possam aumentar a força atrativa do texto. É o que ocorre no caso da revista para adolescentes, conforme se visualiza nas seguintes construções em destaque:

Meu pretê mora em outra cidade. **E agora?**

Saiba que seu problema pode ser resolvido rapidinho! (Texto 88: AT, p.218)

Meu namorado vai morar em outra cidade. **O que devo fazer?**

Saiba como lidar com a insegurança e, mesmo assim, ser feliz com o boy (Texto 99: AT, p.221)

Devo perdoar uma traição?

Pegou o boy no flagra? **Saiba se** é correto perdoar ou não uma traição (Texto 100: AT, p.221)

É possível conquistar o cara mais gato do colégio?

Descubra se é possível namorar com o cara mais gato da escola e seja feliz com ele! (Texto 103: AT, p.222)

Meu amigo não gosta do meu pretê! **O que faço?**

Seu amigo implica com o boy? **Saiba o que fazer!** (Texto 108: AT, p.223)

Não consigo gostar de ninguém. Tem algo de errado comigo?

Será que a dúvida da N. é a mesma que a sua? (Texto 112: AT, p.225)

Estou interessada em um garoto muito tímido!

Saiba o que fazer para não assustar o gatinho! (Texto 113: AT, p.225)

As construções em realce constituem o recurso de VINCULAÇÃO & CAPTAÇÃO do tipo DEMANDA e são elementos-chave para criar suspense e despertar o interesse da leitora para a solução de determinado assunto. Com o intuito de oferecer soluções imediatas, questionamentos do tipo: “O que faço?”, “O que fazer?”, “O que devo fazer?”, “Será que...?” são prototípicos e apontam para respostas que prometem indicar o modo de resolução para determinado problema.

Também as expressões de comando “Descubra se...” e “Saiba como/se/que...” são recursos para realizar DEMANDA, no âmbito da solicitação, e desempenham o papel de aguçar a curiosidade da consumidora que busca obter conhecimento sobre como agir em determinada situação-problema. Segue essa mesma funcionalidade a expressão “dicas para”, que atua como chamariz na indicação de modos de resolver certas adversidades, conforme se verifica em:

O namoro acabou e agora estou na fossa. O que devo fazer?

Dicas para sair da fossa e voltar a ser feliz (Texto 107: AT, p.223)

Também pelos recursos do subsistema DEMANDA identificamos o misto dos princípios tracionar e atrair, pois, pela indagação, criam-se vínculos na tentativa de despertar a atitude responsiva da consumidora, bem como gera-se expectativa na tentativa de captar a atenção quanto ao que se deve fazer quando se está diante de certo dilema. A glosa das perguntas com a dúvida das leitoras indica esse dilema, orientado por respostas fechadas e imediatas do tipo “sim” ou “não”:

Meu namorado é ciumento demais! **Devo terminar** o namoro? (Texto 90: AT, p.218)

[*Terminar ou não terminar?*]

Vale a pena esquecer o boy que mora longe? (Texto 92: AT, p.219)

[*Esquecer ou não esquecer?*]

Conheci o boy pela internet e ele mora longe; **devo investir?** (Texto 94: AT, p.219)

[*Será que devo investir?*]

Devo perdoar uma traição? (Texto 100: AT, p.221)

[*Será que devo perdoar?*]

Devo me declarar para o gatinho? (Texto 102: AT, p.222)

[*Será que devo me declarar?*]

Enquanto estratégia de organização textual (cf. FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2006), essas perguntas são estruturalmente fechadas e têm a função de introduzir o tópico. E enquanto estratégia de interação (cf. FREITAG, 2012), elas constituem envolvimento por simular a construção de um par adjacente e despertar o interesse para o tema a ser desenvolvido.

Além disso, por meio do realce dado a modos de demonstração de alertas e/ou sentimentos através de frases exclamativas e de sinal gráfico representativo de emotividade, simula-se a premência para solucionar o problema, em construções apresentadas na voz das adolescentes, a exemplo das ocorrências seguintes:

Minha sogra não gosta de **mim!** :(

Quando a mãe do boy não gosta de **você** é um problema... saiba como amenizar isso! (Texto 83: AT, p.216)

Me apego muito fácil! Tem algo errado?

É muito natural se apegar fácil ao boy, porém **é preciso ter cuidado** (Texto 85: AT, p.217)

Meu amigo não gosta do **meu** pretê! O que **faço**?

Seu amigo implica com o boy? Saiba o que fazer! (Texto 108: AT, p.223)

Não consigo gostar de ninguém. Tem algo de errado **comigo**?

Será que a dúvida da N. é a mesma que a **sua**? (Texto 112: AT, p.225)

Nesses casos, para consolidar o estabelecimento de vínculos, complementa-se o uso dos recursos DEMANDA com os de PESSOALIZAÇÃO, de modo que as consumidoras possam criar meios de identificação com as circunstâncias então expostas. Além dessas alternativas usadas para instituir vínculos, verificamos um meio de captar construído por proposições que expõem o problema na voz da leitora, seguidas pela indagação “E *agora?*”. Tal construção reflete a imediatez da situação vivenciada, com a função de simular um diálogo e de criar suspense e expectativa para a resposta a ser ofertada a respeito do problema em foco, como se verifica a seguir:

Não tenho confiança no meu namorado. **E agora?**

Perdeu a confiança no boy? Saiba como agir! (Texto 93: AT, p.219)

Meu namorado é muito controlador. **E agora?**

Será que é possível curtir o namo e sua liberdade ao mesmo tempo? (Texto 95: AT, p.220)

Me sinto atraída pela minha melhor amiga. **E agora?**

Saiba o que fazer se isso acontecer! (Texto 96: AT, p.220)

O menino que eu amo só quer ficar. **E agora?**

Descobriu que o seu grande amor não quer algo sério? Saiba o que fazer! (Texto 97: AT, p.220)

Gosto do menino-galinha. **E agora?**

Você ama o garoto e ele... fica com todas! O que fazer? (Texto 106: AT, p.223)

Nesses exemplos, constatamos mais uma vez a conjugação de recursos dos subsistemas PESSOALIZAÇÃO e DEMANDA. A interação é iniciada pela apresentação de uma proposição que constitui o tema, construído em primeira pessoa para simular a voz da leitora, projetando um caráter testemunhal ao texto. Em seguida, a situação-problema é então reconstruída na voz da revista, cujas indagações e solicitações desempenham o papel de estabelecer um diálogo com a consumidora e, pela criação de suspense, de captá-la em relação às soluções que serão apresentadas a certa circunstância.

Já a etapa de *estabelecimento da autoridade/credibilidade* do texto exortativo é realizada, nas seções de conselhos, pela inserção de construções que indicam a voz autoral do conselheiro, do especialista ou da própria revista:

Rezoca, qual o melhor jeito de chegar junto de uma garota no bar? RENAN MADUREIRA – SÃO PAULO/SP

Primeiro, querido, saque se ela está acompanhada – há tanta mulher no mundo, para que briga, certo? Se o caminho estiver livre, comece com o olhar. Teve retorno? Fique nessa troca por um tempo: esse clima misterioso desperta **nosso** interesse! [...]. (Texto 9: MH, PVZA, p.199)

Como agir quando você não concorda com as atitudes do gatinho

Confira as dicas **da Atrevida** para se dar bem na paquera

[...]

Se você gosta dele e ele a trata bem, por que terminar com o garoto? Aproveite sua influência sobre o boy e, com jeitinho e sem parecer sermão de mãe, diga que você o admirará ainda mais se ele se ligar que, estudando e investindo a energia em coisas melhores e em atitudes mais legais, o retorno será mais favorável e ele terá muito mais a ganhar. Pode até começar perguntando qual o retorno que ele tem disso tudo hoje, pra fazer o garoto pensar. **Por Mariana Viktor, coach de relacionamento e jornalista especialista em comportamento** (Texto 82: AT, p.216)

Nos textos (9) e (82), as construções destacadas revelam a fonte autoral da oferta dos conselhos, cuja autoridade é validada por aquele que conhece o assunto. Em (9), a COLETIVIZAÇÃO exclusiva utilizada pela conselheira legitima a validade dos conselhos oferecidos ao leitor, uma vez que as orientações provêm de um ator social representado como conhecedor do agir feminino (no caso, a vizinha). Desse modo, os conselhos podem ser reconhecidos como dignos de crédito por emanar de alguém que entende a situação e não se exime da responsabilidade, pois a voz autoral inclui-se como parte do processo, ao fornecer sua visão não só como conselheira, mas também como mulher.

Por sua vez, em (82), a fonte dos conselhos é explicitada pela referência do nome da revista ("*dicas da Atrevida*"), bem como pela indicação autoral no texto-resposta ("Por *Mariana Viktor*"). A nomeação assinala a proveniência das orientações e a conselheira é identificada como especialista no tema ("*coach* de relacionamento e jornalista *especialista* em comportamento"). Tal procedimento certifica a validade dos conselhos e pode aumentar o esforço para eventual contestação dos comandos, fundamentados e/ou assinados por autoridades no assunto.

No que diz respeito à *emissão de comandos/sugestões*, esta se faz pela incitação à tomada de atitudes. Nesse processo, há construções verbais que já carregam consigo o alvo da ação, e daí decorre o vínculo direto com o leitor-consumidor, como também há formas de comando não diretas, diluídas no texto por outros modos de construção linguística, opções estas que substituem formas imperativas, tais como as construções modalizadas ou nominalizadas que codificam indiretamente o comando, conforme apontam Eggins & Martin (2000).

Os seguintes trechos dos textos das seções das revistas exemplificam o uso do modo imperativo pelo conselheiro na construção de formas diretas de comando, indicando

a conduta aconselhada a ser posta em prática pelos leitores, para resolver a situação-problema:

Primeiro, querido, **saque** se ela está acompanhada – há tanta mulher no mundo, para que briga, certo? Se o caminho estiver livre, **comece** com o olhar. Teve retorno? **Fique** nessa troca por um tempo: esse clima misterioso desperta nosso interesse! Quando a garota levantar para ir ao banheiro ou pedir algo no balcão, **aproxime-se**. **Puxe conversa** sobre amenidades, sem pretensão. Muita sede ao pote pode fazê-la não levar você a sério. **Peça** uma dica de bebida, **comente** o som... **Mostre** interesse às respostas dela e **encerre** a conversa perguntando o telefone, em vez de atacá-la. Assim, você vira uma exceção, o que pode multiplicar seu charme. No próximo encontro, o gol é 100% certo. (Texto 9: MH, PVZA, p.199)

Se a mulher tem todos esses atributos, é melhor agir logo antes que outro cara chegue primeiro. A experiência dela não é motivo para você se assustar. **Pense** no lado positivo. Ela se garante, se conhece, e seu trabalho vai ser mais fácil: ou ela topa, ou cai fora sem enrolar muito. **Seja direto** e **convide-a** para sair. **Crie** um clima, pergunte sobre a vida dela (mas **não se estenda** muito: mulheres maduras às vezes gostam de ir direto ao ponto). E **aproveite**. (Texto 21: MH, PBB, p.202)

[...] atenção: **não deixe de convidar** nenhuma das queridas, hein? Preferir uma à outra vai custar uma inimiga mortal pelo resto da vida. Então **ligue** para ambas. [...] Se as duas se estranharem na festa, **sirva** mais bebida e **peça** para o DJ tocar o hit do Michel Teló Ai, Se Eu Te Pego. Vai todo mundo se abraçar e se divertir, e o manto da paz cobrirá a humanidade. (Texto 50: WH, PAG, p.208)

Antes de mais nada, **pare** de mexer nas coisas do seu namorado. [...] **Não o confronte** e **esqueça** essa história. **Preocupe-se** apenas se perceber sinais concretos de infidelidade. (Texto 77: WH, PVZO, p.215)

E., existem várias maneiras da gente se comunicar sem ser direta. Se você tem dúvidas sobre dizer algo agora, **use** formas mais sutis de comunicação, como o olhar e o sorriso. **Tente** aproximar-se dela falando de outros assuntos. **Descubra** interesses em comum e **combinem** de fazer algo juntas para tentar sentir o que está realmente rolando e, principalmente, o que você está sentindo. Deixe rolar e fique ligada nos sinais que ela der pra você. (Texto 101: AT, p.221)

Já nos trechos dos textos a seguir, observamos construções indiretas de comando que poderiam ser comutadas para o seu oposto, se fosse esse o procedimento escolhido pelo produtor textual, o comando direto. (*Vide* lado direito da tabela em que realizamos a transformação desse processo):

[...] Se você é um desses, em vez de tentar convencer alguém a deixar de lado uma atividade tão, digamos, gostosa, o melhor é você apostar suas fichas em garotas que acreditam no mesmo que você! (Texto 1: MH, PVZA, p.197)	[...] Se você é um desses, não tente convencer alguém a deixar de lado uma atividade tão, digamos, gostosa, aposte suas fichas em garotas que acreditam no mesmo que você!
[...] Ficar devendo favor a conhecidos é roubada maior do que gastar uns trocos a mais numa balada. (Texto 33: MH, PBB, p.204)	[...] Não fique devendo favor a conhecidos . Isso é pior do que gastar uns trocos a mais numa balada.
[...] você deveria chamar seu cunhado e a mulher para uma conversa franca e indagá-los : [...] Portanto, o jeito mais simples de evitar uma guerra em família é não se incomodar mais. (Texto 51: WH, PAG, p.209)	[...] chame seu cunhado e a mulher para uma conversa franca e indague-os : [...] Portanto, o jeito mais simples de evitar uma guerra em família é: não se incomode mais.
[...] a questão é outra: esse rapaz percorre 40 km para dar banho na sua gata (de graça) e você não tem nem a coragem de perguntar se ele é solteiro? Por favor, um pouco de iniciativa não faz mal a ninguém. (Texto 80: WH, PVZO, p.215)	[...] a questão é outra: esse rapaz percorre 40 km para dar banho na sua gata (de graça) e você não tem nem a coragem de perguntar se ele é solteiro? Por favor, tome iniciativa , não faz mal a ninguém.
L., realmente parece que ele está interessado, mas pode ser muito tímido para iniciar uma conversa com você. Não há outra maneira de descobrir a não ser conversando com ele . Algumas coisas podem ajudar, como criar a oportunidade para que ele fale com você ou iniciar uma conversa. Talvez seja difícil para ele falar com você quando suas amigas estão ao seu redor, ainda mais se ele for tímido. Outra opção é você mesma iniciar o contato, de uma maneira leve e divertida. Assim: dizer um “oi” ou falar sobre algo que vocês tenham em comum [...]. (Texto 113: AT, p.225)	L., realmente parece que ele está interessado, mas pode ser muito tímido para iniciar uma conversa com você. Não há outra maneira de descobrir: converse com ele. Algumas coisas podem ajudar: crie a oportunidade para que ele fale com você ou inicie uma conversa. Talvez seja difícil para ele falar com você quando suas amigas estão ao seu redor, ainda mais se ele for tímido. Outra opção é inicie você mesma o contato, de uma maneira leve e divertida. Assim: diga um “oi” ou fale sobre algo que vocês tenham em comum [...].

Tabela 2 – Comutação do comando na forma indireta em comando direto

Verificamos que entre as opções para realizar o comando indireto estão as construções modalizadas, infinitivas e nominalizadas, que encaminham o aconselhamento na esteira da polidez positiva, atenuando as instruções e, possivelmente, ampliando a receptividade das propostas de solução para os problemas.

Nesses casos, em ambas as formas de construir os comandos, ocorre a PESSOALIZAÇÃO pronominal em segunda pessoa, mesmo que implicitamente. Assim, o vínculo pode ser estabelecido por particularização, na medida em que há o direcionamento das recomendações ao leitor do texto. Tais propostas podem, dessa maneira, funcionar como orientações de comportamento que forneçam alternativas de como se pode ou deve-se agir em determinada circunstância.

Ainda como exemplo de comandos indiretos, observamos aqueles que implicitamente carregam o teor de repreender. É possível inferir do sermão construído uma ordem do tipo: "não faça x" ou "não aja desse modo", pela qual o conselheiro adverte o comportamento da leitora, tal como se verifica no trecho realçado, no texto (48):

Odeio emprestar minhas coisas. Nem revista gosto de compartilhar. Toda vez que alguém me pede algo, fico angustiada, sem saber o que responder. Help me! ANA P., BA

Que curioso, achei que estivesse respondendo às dúvidas das leitoras de *Women's Health*, não na *Children's Health*.... Porque, pela sua carta, parece que você tem 7 anos de idade! Onde já se viu não gostar de emprestar nem revista? Quer dizer, se for esta aqui, não empreste mesmo – a outra pessoa que compre, né?! Voltando ao assunto: que bom que seu egoísmo a esteja incomodando. [...] (Texto 48: WH, PAG, p.208)

Da construção em destaque, podemos depreender um comando indireto – deixe de ser imatura. Ironicamente, o conselheiro repreende o comportamento da leitora, considerado pueril, conforme indicam o trocadilho com o nome da revista e as advertências (achei que estivesse respondendo às dúvidas das leitoras de *Women's Health*, não na *Children's Health* [...] *parece que você tem 7 anos de idade! Onde já se viu não gostar de emprestar nem revista?*"). Nesse caso, recursos dos subsistemas PRESENÇA e DEMANDA estão presentes na construção do sermão, relacionados a efeitos de ironia na atividade de aconselhamento, salientando a lição a ser "aprendida".

Por fim, como parte do aconselhamento e do texto exortativo, verificamos que a *motivação* é constituída por meio de recursos instauradores de solidariedade, realizados por:

- COLETIVIZAÇÃO para indicar compartilhamento de ações, ideias e/ou sentimentos ou para propor auxílio:

Que tal vocês seguirem conversando via Facebook, quem sabe ouvirem a voz um do outro pelo telefone e, se o sentimento continuar forte, combinar um encontro nas próximas férias ou no próximo feriado? Afinal, ele mora aí pertinho, na cidade ao lado. **Estamos na torcida!** (Texto 88: AT, p.218)

Tenho vergonha de ainda ser BV!

A gente te ajuda a encarar esse fato e ver como é natural! (Texto 105: AT, p.222)

- PESSOALIZAÇÃO para demonstrar confiança:

Sua pergunta já mostra que você sabe a decisão certa a tomar. [...] E **tenho certeza que você pode** encontrar alguém que saiba te valorizar da maneira que você merece. (Texto 110: AT, p.224)

- DEMANDA para propor apoio e auxílio:

Eu gosto dele... mas ele não gosta de mim :(

Não se preocupe, você não é a única a passar por isso! **Conte com a Atrê para te ajudar.** (Texto 87: AT, p.217)

- DEMANDA e FILIAÇÃO em expressões de incentivo:

[...] a fila anda, Vitão. Ela não quer? Tem quem quer. **Autoestima, brô!** (Texto 25: MH, PBB, p.203)

[...] Acontece. E ninguém é culpado. Pode ser que ele tinha uma fantasia na cabeça e percebeu que a realidade não era bem assim. Fazer o quê? **Bola pra frente que atrás vem gente!** (Texto 46: WH, PAG, p.207)

[...] Se acha que eles estão enganados a seu respeito, uma conversa pode ajudar. **Boa sorte!** (Texto 83: AT, p.216)

Na organização do texto exortativo que estrutura as seções de conselhos, as opções de demonstração de solidariedade que constituem a etapa de motivação, por exemplo, por vezes, ancoram-se em recursos da rede de ENVOLVIMENTO. Entendemos que tais elementos podem colaborar para diminuir o esforço interpessoal de eventual resistência aos comandos, incitadores de como agir socialmente, atuando na gestão da atividade interpessoal construída na prática discursiva de aconselhamento.

4.2. Emergência da solidariedade no processo de envolvimento e aconselhamento

Nesta parte, investigamos como o envolvimento interpessoal nas seções de conselhos correlaciona-se a efeitos de empatia⁸². O objetivo é verificar a possibilidade de convocação simultânea de tais efeitos a partir de recursos dos eixos VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO, no processo de estreitamento do contato entre revistas de nicho e consumidores. Em várias passagens das análises das categorias e das seções, no capítulo anterior, já tínhamos mencionado a ocorrência dessa metarredundância.

No caso, aqui, levantamos textos do *corpus* e apontamos os modos de se criar e realizar a troca concomitante de significados, uma vez que a dinâmica envolvimento e empatia⁸³ pode ser favorecida no contexto do aconselhamento, tendo em vista que tais práticas das revistas voltadas a específicos segmentos de grupos sociais constituem espaços de interação que por si só evocam gestos empáticos, tais como: mostrar-se disposto a ouvir, reconhecer sentimentos, oferecer explicações, compartilhar experiências, além de prezar pela proximidade interpessoal com seus leitores-consumidores.

Iniciamos com o texto (45) do *corpus*, exposto a seguir. O envolvimento criado pela PESSOALIZAÇÃO realizada pela pronominalização em primeira pessoa do singular caracteriza um modo de criar uma relação mais intimista, cujo efeito vai além de apenas revelar maior grau de subjetividade de quem emite os conselhos:

Meu namorado, dez anos mais novo, me pediu em casamento. Sei que me ama, mas penso muito no futuro. Me imagino com 60, meio estragada, e ele com 50, todo bonitão. O que faço?
CRIS R., ES

⁸² Versão desta parte da pesquisa foi publicada num artigo, em coautoria. *Vide* GONÇALVES SEGUNDO e RIBEIRO (2016).

⁸³ A empatia é aqui compreendida a partir do modelo de Cameron (2011a, 2011b, 2011c, 2012a, 2012b, 2013), apresentado no capítulo 2, item 2.2.1, à p.73.

Você não vai gostar da **minha** resposta, mas **acho** que precisa ficar ciente do risco que corre: sabe a chance de chover no Réveillon? É menor do que a possibilidade de ele trocar você por uma moça mais nova daqui a alguns anos. **Digo isso porque já conheci muitos casais parecidos, e, invariavelmente, o homem acabou aprontando.** Veja bem, **não duvido** que seu namorado a ame muito. Mas, ao chegar à tal da “idade do lobo”, fica difícil para qualquer coroa resistir ao assédio das periguetes. Ainda mais se ele estiver envelhecendo bem e a mulher que ele tem em casa nem tanto. **Não estou dizendo para você não se casar, já que toda regra tem exceção. Mas depois não diga que eu não avisei.** (Texto 45: WH, PAG, p.207)

Nessa troca interpessoal, duas questões precisam ser destacadas quanto ao uso da primeira pessoa do singular: a primeira é que pode funcionar discursivamente como forma de desinstitucionalizar o grau de autoridade que uma possível opção pela COLETIVIZAÇÃO exclusiva acarretaria; a segunda é que, quando ocorre dentro de uma estrutura de COMPARTILHAMENTO, pode-se gerar um efeito empático.

A posição do produtor do texto-resposta é construída de maneira mais pessoal que se o conteúdo fosse expresso de modo exclusivista e, assim, mais institucionalizado. O conselheiro optou por estabelecer uma interação particularizada, ao construir a resposta a partir da primeira pessoa discurso, para simular um contato mais próximo com a leitora, conforme indiciam as construções: "minha", "acho...", "não duvido...", "não estou dizendo..." e "eu não avisei".

Já na construção "*Digo* isso porque já *conheci* muitos casais parecidos, e, invariavelmente, o homem acabou aprontando", observamos que o recurso de PESSOALIZAÇÃO em primeira pessoa faz parte de uma estrutura de COMPARTILHAMENTO pela qual se expressa uma experiência particular, e enquanto tal pode indicar empatia na medida em que o conselheiro reconhece a essência do problema da leitora e oferece a ela uma espécie de assistência, ao compartilhar algo já vivido, para reforçar o conselho a quem passa por determinada situação ("ficar ciente do risco que corre").

Podemos considerar essa construção como gesto de empatia, pois se permite uma conexão quando se compartilha e explica para o outro as razões para determinados comportamentos e escolhas, o que possivelmente viabiliza a confiança e a aceitação dos conselhos. Pelo recurso de COMPARTILHAMENTO, o produtor textual dá a conhecer experiências sobre aquilo que se presume ser um fator comum em relação a sentimentos, emoções e desejos do outro, que possam corroborar pontos de vista e potencializar o efeito argumentativo do aconselhamento ao apresentar situações semelhantes.

Compartilhar uma experiência análoga ao problema do leitor constitui um gesto de empatia e serve ao envolvimento, porque se permite estabelecer a conexão com o outro. Assim, também no texto (42) do *corpus*, verificamos a criação de vínculos e de solidariedade, que caracteriza um caso de empatia emocional. Uma vez imbuída de gestos de reconhecimento e identificação com o problema apresentado, a construção empática se constitui por meio da pronominalização em primeira pessoa ("já *passsei* por isso"), seguida da partilha de um processo similar que se vivenciou:

Uma amiga sempre se afasta quando está namorando. Então, quando não dá certo, espera voltar ao posto de best friend. Algum conselho? PATRICIA P., PR

Que tal não atender o telefone? Ou dizer que tem outro programa? **Já *passsei* por isso. Um amigo mais folgado que camiseta velha só me procurava quando estava solteiro. Adivinha? Ele casou e sumiu para sempre.** Portanto, continue tratando bem essa mulher-pêndulo, mas apresente logo a ela a sua verdadeira melhor amiga, a quem você conheceu durante o longo período em que se sentiu abandonada pela fofa. (Texto 42: WH, PAG, p.207)

Nesse texto, complementa a estrutura de COMPARTILHAMENTO o recurso do subsistema DEMANDA construído pela indagação, cujo papel é fazer com que a leitora participe mais ativamente e junto com o conselheiro da representação então tecida. Esse procedimento propicia condições para que a empatia seja constituída, ainda, na sequência, pela demonstração de posicionamento favorável do conselheiro, que toma partido da situação e constrói negativamente as atitudes de quem ofendeu os sentimentos da leitora.

Tal efeito empático ocorre pela tomada de perspectiva do conselheiro, indicada tanto pela construção metafórica, orientada pela ideia de que pessoas são coisas, quando se associa a amiga que some quando namora a traços de objetos que se identificam à pessoa relapsa e oscilante ("mais *folgado* que *camiseta velha*" e "essa *mulher-pêndulo*"), quanto pela ironia instaurada por uma referência com sentido pragmaticamente negativo ("abandonada pela *fofa*"), uma vez que o sentido de delicadeza do termo "fofa" não é traço de atitude de uma pessoa que se afasta por um período, como o conselheiro parece querer dar a entender.

Outros exemplos de uso do recurso COMPARTILHAMENTO em conjunto com a PESSOALIZAÇÃO podem ser verificados nos textos (72) e (116) do *corpus*. O produtor textual, ao mostrar que reconhece determinadas situações apresentadas, expressa sua

consideração e compreensão para com o problema da leitora, o que gera, por consequência, a empatia:

Ultimamente, qualquer desentendimento com meu namorado vira uma briga imensa. Como acabar com a guerra? GABRIELA J., POR E-MAIL

Infelizmente, com mais guerra. Se vocês já estão nesse ponto bélico, é porque há temas de desconforto que não estão sendo ditos. E vou lhe dizer que o não dito acaba se manifestando de várias formas, inclusive em desentendimentos corriqueiros. **Sei que é difícil e que várias pessoas evitam esses confrontos**, mas verdades que incomodam a ambos terão que ser discutidas seriamente e perdoadas. (Texto 72: WH, PVZO, p.214)

Meu namorado me traiu... com minha melhor amiga!

OMG! O que fazer em uma situação como essa?

“Voltei de uma viagem que durou as férias inteiras, cheguei até a matar o primeiro dia de aula. E, quando chego, pego meu namorado beijando a minha amiga! E pior, todos os nossos amigos sabiam e não me contaram nada. Me senti traída, não só pelo meu ex, mas por todos. Quero deixar isso pra trás, mas é difícil, pois preciso conviver com eles todos os dias. O pior é que meu ex fica me mandando mensagem pra saber se eu tô bem! O que eu faço? Quero fugir do mundo inteiro e me enterrar no meu quarto!” M.W., 14 ANOS

M., realmente é uma situação chata, mas se isolar dos seus amigos não é a melhor saída. Saber de uma traição, ainda mais entre pessoas do mesmo grupo, **não é uma situação fácil**. Tente se colocar no lugar deles e você vai perceber que ter esse tipo de conversa exige muito cuidado. A situação é diferente com o seu ex-namorado e a sua amiga, já que são as duas pessoas que de fato traíram a sua confiança e com quem você precisa conversar quando achar que é o momento certo. A melhor política é a honestidade. Enquanto esse momento não chega, lembre-se que você não fez nada errado e não há motivo para se esconder, ok? (Texto 116: AT, p.226)

Nesses dois textos, observamos que o efeito empático constituído por recursos de ENVOLVIMENTO emerge das construções destacadas, reveladoras de escolhas de que o conselheiro lança mão para partilhar sentimentos a respeito da situação exposta e posicionar-se no lugar do outro e ofertar-lhe apoio por meio de respostas afetivamente compreensivas em relação ao que foi posto em causa.

O gesto de entrar na perspectiva daquele que vivencia o problema é realizado pela manifestação de posicionamento do conselheiro em relação à adversidade vivida pela leitora ("*Infelizmente, com mais guerra*"), bem como por formas de antecipação de suas reações, que endossam como o conselheiro alinha-se a ela, por meio de construções que

respondem a eventuais vozes antagônicas a respeito do problema (“*sei que é difícil*”, “*realmente é uma situação chata*” e “*não é uma situação fácil*”).

Seguindo essa mesma linha de solidarização, no texto (107) do *corpus*, as construções em destaque revelam a estratégia de personificação posta em jogo, para que a consumidora sinta que a revista não é apenas uma fonte ou manual de informação que vai lhe ajudar a resolver um problema. A escolha por um recurso de PESSOALIZAÇÃO, aliado ao COMPARTILHAMENTO, torna-se fundamental para a geração de empatia, no caso:

O namoro acabou e agora estou na fossa. O que devo fazer?

Dicas para sair da fossa e voltar a ser feliz

Oi, Atrê! Eu estava namorando por nove meses e o garoto terminou comigo. Já tentei ficar com outro pra ver se o esquecia, mas não funcionou. Ultimamente tenho andado triste, mas tentando me ocupar o máximo possível. Tenho saído muito com a minha BFF e meus outros amigos. Atualmente até ouvir música tem sido difícil. Todas me lembram dele, até porque ele sempre cantava músicas do One Direction pra mim. Estou muito triste mesmo. Não sei mais o que fazer. Tenho chorado todas as noites. Por favor, eu preciso muito da ajuda de vocês! Muito mesmo! C.L., POR E-MAIL

Dói muito mesmo, C., e nessa hora não adianta alguém dizer que isso vai passar, ou que o coração de todo mundo um dia já ficou apertado assim por um amor perdido. Mas **se você escreveu pra Atrê é porque espera que eu diga algo e eu direi:** respeite seu sentimento – mas deixe a porta do coração aberta. Ele mesmo poderá voltar se perceber que ama você. Mas também poderá vir alguém novo, e nem mesmo você pode garantir que não virá ou que não será um amor ainda melhor, por mais impossível que isso pareça hoje. A vida sempre surpreende! (Texto 107: AT, p.223)

Simulando uma conversa com a amiga mais próxima, por meio do cumprimento e da nomeação abreviada investida de afeto (“*Oi, Atrê!*”), a adolescente inicia a pergunta para a revista tratando-a com intimidade, para demandar-lhe auxílio. A instituição, por sua vez, assume o papel dessa amiga que presta orientação para as decisões a serem tomadas em relação ao problema apresentado. Desse modo, a revista oferta os conselhos, construindo-os por meio de recursos de PESSOALIZAÇÃO, que possam estreitar o vínculo interpessoal com a leitora (“*se você escreveu pra Atrê é porque espera que eu diga algo e eu direi*”).

Ao personificar e incorporar o papel da amiga, assumindo a função de ser humano dotado de capacidade para agir e sentir, a revista constrói um gesto de empatia quando demonstra sua sensibilidade ao simular no “eu” a emoção de que compartilha com a

adolescente, antecipando seu discurso de dor em relação ao problema ("*Dói muito mesmo, C.*"). Colabora para isso, nesse caso, o recurso de ENGAJAMENTO ("*mesmo*"), do campo da concordância⁸⁴, que também atua na construção da empatia, por confirmar as expectativas de compreensão dos sentimentos da leitora, intensificando a força de vinculação no processo de envolvimento.

Na medida em que a instância produtora demonstra alguma forma de afetividade ou posicionamento favorável ao problema do leitor, pode-se criar uma conexão emocional, como também ocorre nos textos (44) e (49) do *corpus*. O conselheiro insere-se como participante dos processos e representações ali construídos, ou, ainda, insere a leitora, para particularizar a interação e conferir a esta um tom mais pessoal, em que vínculos podem ser estabelecidos, e efeitos de afinidade, intimidade e afetividade, instaurados:

A ex-mulher do meu namorado liga até de madrugada com desculpas esfarrapadas. Usa o filho deles para fazer muitas chantagens. Posso me intrometer e dizer que só aceitamos ligações no horário comercial? CINTHIA M., DF

Sinto informar, mas ela vai ter que falar com o seu namorado para todo o sempre. Ou pelo menos até o garoto se formar na faculdade e sair de casa. É muita empáfia da sua parte querer que a mãe do filho dele não possa ligar à noite: já pensou se acontece alguma coisa? Agora, **não duvido que ela seja mesmo uma tremenda duma chantagista emocional e que tente de tudo para separar vocês dois**. Mas esse problema é antes dele do que seu. Deixe-o domar *a megera* e meta-se nessa história o mínimo possível. (Texto 44: WH, PAG, p.207)

Namoro há quatro anos e não suporto meu cunhado e a esposa dele, que me tratam mal veladamente. Nos encontros de família, meu namorado e eu brigamos se reclamo do casal. Como dar um chega pra lá nos malas? ALLINE C., PA

⁸⁴ A noção de concordância refere-se aos recursos linguísticos de ENGAJAMENTO abordados pela Teoria da Avaliatividade, proposta por Martin & White (2005). Os autores enfocam recursos relacionados à função interpessoal, em nível semântico-discursivo, realizados por diferentes categorias léxico-gramaticais que indicam o posicionamento intersubjetivo do falante/escritor, pelo modo como avaliam/julgam pessoas, objetos, atos, eventos. O ENGAJAMENTO compreende as formas pelas quais o produtor textual reconhece ou não outras concepções de realidade em face das suas e de que modo se alinha ou não com elas, por meio de construções linguísticas que possam expandir ou contrair o espaço dialógico.

Num mundo ideal, você deveria chamar seu cunhado e a mulher para uma conversa franca e indagá-los: “Por que vocês me tratam assim? Foi alguma coisa que eu fiz ou disse?” Talvez vocês descubram que tudo não tenha passado de um mal-entendido, fiquem com cara de bobos e depois façam as pazes. Só que, **infelizmente**, nosso mundo não é o dos mais ideais e um convite desses pode até piorar as coisas com **essa duplinha do mal**. Seu namorado poderia ser seu aliado, mas ele não parece disposto a ouvir críticas ao irmão... Portanto, o jeito mais simples de evitar uma guerra em família é não se incomodar mais. Encare-os como a parte chata do pacote maravilhoso que é o seu relacionamento e agente firme. (Texto 49: WH, PAG, p.208)

No texto (44), tem-se inicialmente dois recursos de ENVOLVIMENTO em destaque: a PESSOALIZAÇÃO e a NOVIDADE. O primeiro foi realizado por uma expressão de afetividade, e o segundo, pelo suspense na forma de contraexpectativa. Esta rompe, em parte, com a manifestação de sentimento pessoal sobre o problema ("*sinto* informar, *mas*"), chamando a atenção da leitora para aquilo que deve ser focalizado como atribuição válida ("ela vai ter que falar com o seu namorado para todo o sempre. Ou pelo menos até o garoto se formar na faculdade e sair de casa").

Segue-se a esse lamento um sermão a respeito do comportamento da leitora: "*é muita empáfia da sua parte* querer que a mãe do filho dele não possa ligar à noite". Como se trata de uma prática de aconselhamento, é passível a ocorrência paralela entre aprovar e repreender condutas. Deriva dessa construção repreensiva uma forma de antagonismo que cria um distanciamento do conselheiro em relação a esse tipo de atitude, o que parece justificar a atenuação anteriormente apresentada pela introdução da construção afetiva ("*sinto* informar").

Contudo, rompe o antagonismo a construção introduzida pelo marcador discursivo sequenciador "agora". A empatia, então, entra em cena quando o produtor textual não deixa de rejeitar totalmente o problema da leitora, ao apresentar sua concordância a respeito do que deduz ser o comportamento da ex-mulher e que imagina ser a representação vigente da leitura sobre esse objeto-de-discurso ("*não duvido que* ela seja mesmo uma tremenda duma *chantagista emocional* e que tente de tudo para separar vocês dois"). A tomada de perspectiva da situação da leitora leva o conselheiro a confirmar a representação da ex do namorado como "chantagista" e "megera", e aqui o efeito empático é introduzido pela PESSOALIZAÇÃO pronominal em primeira pessoa.

Já no texto (49), o aconselhamento inicia-se por um recurso de PRESENÇA que coloca em cena o “como” solucionar o problema por meio da simulação, pela qual se

promove o conselho dramatizando o que seria dito numa interação face a face ("Num mundo ideal, você deveria chamar seu cunhado e a mulher para uma conversa franca e indagá-los: *"Por que vocês me tratam assim? Foi alguma coisa que eu fiz ou disse?"*").

Dá-se continuidade ao processo de envolvimento por meio de uma forma de CAPTAÇÃO, realizada por suspense, que rompe com a sugestão anterior para focalizar o novo parecer a respeito do problema (*"Só que, infelizmente, nosso mundo não é o dos mais ideais e um convite desses pode até piorar as coisas com essa duplinha do mal"*). No caso, a contraexpectativa introduz a empatia manifestada em uma estrutura de envolvimento pela qual se partilham concepções: a VINCULAÇÃO por COMPARTILHAMENTO. Por meio da expressão "essa duplinha do mal", o conselheiro acena correspondência de pontos de vista com o problema apresentado pela leitora, pois a referência ao elemento problema ("meu cunhado e a esposa dele") é partilhada por ambos de forma negativa ("malas" – "essa duplinha do mal"), e desse modo o efeito empático é instaurado pela tomada de perspectiva pelo conselheiro a respeito do problema vivenciado pela leitora.

Observamos nos textos (44) e (49) do *corpus* como as construções destacadas podem constituir não só envolvimento, como também gestos de empatia que instauram uma relação solidária, apesar de haver instâncias pontuais de antagonismo para estabelecer o discurso do aconselhamento, que envolve recomendar condutas e a relação estabelecida com base na troca de perspectiva. As expressões que externalizam um ponto de vista pessoal confirmam um posicionamento de apoio, bem como as expressões reveladoras da troca de perspectiva pela representação avaliativa do elemento empecilho, construído como se fosse a partir do ponto de vista da leitora, apontam formas de empatia consciente, de reconhecimento da situação do outro.

Encontramos outros recursos de ENVOLVIMENTO, tendo seu efeito associado e potencializado por gestos de empatia, tais como os realizados pela expressão dos próprios sentimentos sobre o problema do outro, como ocorre no texto (91):

Acho que ele está a fim de uma amiga minha. E agora?

O boy dos seus sonhos gosta de sua amiga? **Complicado, né?** Saiba como agir!

“Sou apaixonada por um garoto há nove anos. Só que tenho vergonha de chegar nele e falar o que sinto e não ser correspondida, já que sempre falaram que a gente faz um belo casal e que nos amamos – só que sempre negamos gostar um do outro. Uma amiga minha também gosta dele e acho que ele também está a fim dela. Realmente estou confusa, não sei para quem contar.” B. T., POR E-MAIL

B., vamos refletir juntas? Considerando que vocês se gostam e até as pessoas acham que vocês formam um belo casal, o que vai acontecer se você falar com o garoto sobre seus sentimentos? Ok, você não sabe (que medão)! Mas não precisa dizer na lata. Usando seu charme e criatividade, garanto que você encontrará um jeitinho de fazê-lo entender. E o que acontecerá se você não falar? Pelo jeito, nada. Do que você se arrependerá mais com o tempo: de ter falado ou de não falar? Confie no seu taco! (Texto 91: AT, p.218)

Nesse texto, verificamos formas de ENVOLVIMENTO por afirmação de vínculos e pontos de atração. A primeira construção da chamada da revista simula a voz da leitora ("*Acho* que ele está a fim de uma amiga minha") e é seguida por uma indagação carregada de suspense sobre como será resolvido o problema ("E agora?"). A segunda chamada apresenta-se na voz da revista, que busca captar a consumidora demandando-lhe uma pergunta formulada com expressão comumente utilizada pelas adolescentes para se referir aos meninos ("O *boy* dos seus sonhos gosta de sua amiga?"). Dessa maneira, na indagação que realiza a DEMANDA, também está presente um recurso de FILIAÇÃO, por meio do qual o produtor busca tracionar a consumidora do texto para com ele conectar-se pela demonstração de pertencimento, inclinação ou alinhamento ao mesmo universo de representações, no caso, pelo modo que utiliza a linguagem.

Segue-se a esses recursos, a construção indicativa de empatia: "*Complicado, né?*", pela qual se expressa um gesto afetivo de compreensão do problema da adolescente que se encontra na situação de gostar de um menino que parece não corresponder porque está a fim da amiga. Isso se verifica pela solicitação de anuência, feita por meio do marcador discursivo interacional ("*né*"), indicativa de que o conselheiro compartilha e entende ser a mesma visão da leitora (uma situação complicada). Por conseguinte, outra forma de ENVOLVIMENTO é utilizada na chamada do texto, com o intuito de resolver o conflito: a DEMANDA construída por solicitação ("*Saiba como agir!*"), recurso pelo qual se busca atrair a atenção da consumidora, para conhecer a proposta de solução do problema.

A pergunta propriamente dita aparece entre aspas para indicar a voz da leitora contando qual é a situação, o que configura uma NARRATIVA pessoal com potencial efeito

empático, na medida em que se pode criar identificação com as consumidoras que vivenciam o mesmo dilema.

Em seguida, em vista dos problemas relatados pela leitora, o conselheiro busca envolvê-la por meio de uma proposta de ação conjunta, realizada pelos recursos COLETIVIZAÇÃO, no caso, inclusiva, e DEMANDA, na forma de indagação ("B., *vamos refletir juntas?*"). O entrelaçamento desses recursos projeta efeito empático pelo ato de o conselheiro mostrar-se disposto a engajar-se em uma atividade conjunta e assim dar assistência ao problema da adolescente, a fim de que a relação seja estabelecida com base na afinidade e na confiança, permitindo-se, assim, a conexão.

Por sua vez, o texto (97) exemplifica como o envolvimento é realizado estrategicamente pela revista, quando apresenta a pergunta da leitora por meio de sua própria narrativa:

O menino que eu amo só quer ficar. E agora?

Descobriu que o seu grande amor não quer algo sério? Saiba o que fazer!

"Conheci um garoto, e ficamos super amigos, passamos a nos falar todo dia por telefone. Ficamos e até rolou mais que beijos. Ele diz que somos amigos coloridos. No início era só isso mesmo, só que descobri que estou apaixonada por ele, e não tenho coragem de dizer isso e nem de admitir. Ele disse que não sente nada por mim quando conversamos sobre isso, e eu neguei na hora que ele perguntou se eu gostava dele. Mesmo depois dessa conversa, ele me liga quase todo dia e passamos horas no telefone. Aos sábados marcamos de sair e sempre ficamos. E eu sei que para ele é só isso, pois o conheço bem, ele é do tipo "galinha", e diz que se eu gostar dele é pra dizer, pois não quer me magoar. Eu quero dizer o que eu sinto, mas eu tenho muito medo de perder isso que temos. Ajudem-me!" - V.S. 16 anos, por e-mail (Texto 97: AT, p.220)

Primeiramente, o tópico é exposto para uma prévia captação da consumidora, a respeito do tema a ser desenvolvido na resposta ("O menino que eu amo só quer ficar"). A fim de despertar o interesse das leitoras, a revista recorre às alternativas do subsistema DEMANDA, realizado por meio de indagações, que realçam a dúvida sobre como resolver o impasse ("*E agora?*", "*Descobriu que o seu grande amor não quer algo sério?*"), e, por meio de solicitação, construída por comando, na tentativa de aguçar a curiosidade de conhecer a solução-resposta ("*Saiba o que fazer!*").

Só então é apresentada a pergunta com o desenvolvimento dos detalhes do tópico discursivo, a fim de que as potenciais consumidoras possam se identificar e se envolver,

por meio de uma NARRATIVA pessoal. Construída na voz da leitora, esse recurso parece funcionar como depoimento de experiências a respeito do assunto, e, nesse sentido, pode gerar um efeito empático, na medida em que se permite a conexão emocional pelo reconhecimento de problemas semelhantes, conforme Cameron (2011b).

Desse modo, o envolvimento é constituído pela apresentação de uma estrutura pela qual se partilham situações então vivenciadas, conferindo veracidade ao que foi tematizado, para que uma possível identificação com a instância de consumo do texto ocorra.

No caso do texto (67), a seguir, um acontecimento atribuído a terceiros é relatado e serve de modelo ou lição para os conselhos oferecidos, e o conhecimento de uma experiência pessoal é partilhado para tentar explicar as razões para determinados pontos de vista. Assim, as construções em destaque no texto-resposta revelam como o conselheiro vale-se de um recurso ligado aos sistemas VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO, no caso de uma NARRATIVA investida de COMPARTILHAMENTO, como forma de envolver e demonstrar solidariedade à leitora:

Como superar o fim do namoro com aquele que eu acreditava ser o homem da minha vida?
ANA CAROLINA S., POR E-MAIL

Seguindo a lógica cartesiana, se ele fosse o homem da sua vida, estaria com você. Logo, não é. **O primeiro passo é aceitar isso. De verdade. O segundo é saber (e sentir) que a vida não acabou.** Que ela ainda lhe reserva surpresas, amores e alegrias. **Recentemente uma amiga foi cantada por um homem que estava sentado ao seu lado em um teatro. E estão completamente apaixonados. Segundo ela, é o homem da sua vida (depois de ter tido outros, claro). Detalhe: ela tem 68 anos.** A moral da história é que nós nunca sabemos como o destino se apresentará e, definitivamente, não existe limite de idade para o amor. (Texto 67: WH, PVZO, p.213)

A representação construída realça para a leitora um modo de encarar a situação e apreender o conselho a partir de determinada perspectiva. A NARRATIVA não pessoal serve para exemplificar um acontecimento do qual a leitora pode tirar uma lição de vida, configurando um recurso que não só desempenha o papel de captar a atenção, como também de tornar o processo interpessoal mais intimista, uma vez que certas informações são compartilhadas como uma espécie de testemunho.

Reforça o processo de aconselhamento a construção "O primeiro passo é *aceitar isso. De verdade*. O segundo é *saber (e sentir) que a vida não acabou*", pela qual o conselheiro orienta a leitora a mudar a percepção que tem a respeito do problema vivido. Enquanto a expressão "de verdade" reforça o argumento de que é preciso entender que o fato já passou e que a situação atual deve ser assumida, antecipando uma possível resistência da leitora quanto a essa ideia, a construção "saber e (e sentir)" aponta o aspecto racional reforçado pelo emocional, que responde contra o discurso de que a vida acaba por conta do fim de um namoro.

Essas construções sinalizam a tomada de perspectiva, e, como consequência, a empatia pode ser instaurada, seja pela atitude de antecipar-se a eventuais recusas às ideias apresentadas, seja pelo fato de compartilhar experiências de terceiros, as quais servem como endosso e como contribuição de apoio.

Verificamos também em alguns textos que as relações entre envolver e aconselhar estão ancoradas em recursos de PESSOALIZAÇÃO e COMPARTILHAMENTO, pautados em bases afetivas, de demonstração de empatia, com o papel de construir a conexão emocional para envolver a partir do reconhecimento da situação e dos sentimentos da leitora, conforme observamos nas seguintes ocorrências em destaque, nos textos (84) e (98) do *corpus*:

[...]

Gosto muito de um menino da minha escola só que ele tem namorada. Quando questionei, ele disse que me ama, mas que não quer terminar. Como ela vai sair da escola, ele me pediu para esperar. Estou confusa, me ajudem! R.C.S, POR E-MAIL

Dá pra entender a sua preocupação em agir certo e a preocupação dele em não magoar a menina [...] (Texto 84: AT, p.216)

Acho que meu namorado gosta da minha BFF. E agora?

É hora de colocar a confiança que você tem no boy à prova!

[...]

Bom, M., as atitudes dele vão mostrar se mente ou diz a verdade. A cumplicidade que ele tem com ela parece ser maior do que a que ele tem contigo? Se sim, talvez os dois tenham se apaixonado e não saibam como dizer isso a você, porque **é uma situação muito chata** que não depende de escolha. Ela simplesmente acontece, não é culpa de ninguém. **Vai doer, claro. Mas vai passar.** E pra passar mais rápido, não sinta pena de você mesma. Siga em frente, pois a vida sempre traz pessoas novas e novos amores (até melhores). Fato! (Texto 98: AT, p.221)

Revela-se nos trechos destacados como a revista busca criar uma relação solidária, ao manifestar sua compreensão acerca do problema da leitora (em "Dá pra entender sua preocupação" e em "é uma situação muito chata"), bem como ao prever sua possível objeção, ofertando-lhe apoio e motivação para tanto ("Vai doer, claro. Mas vai passar").

A projeção do efeito empático pelo COMPARTILHAMENTO também está presente no texto (23) do *corpus*. Tal recurso é efetuado pela apresentação de experiências pessoais, compartilhadas pelo produtor do texto, de modo a permitir a conexão pelo acesso a vivências que possam funcionar como explicação ou argumento para que o consumidor textual se identifique e assim seja envolvido por meio do estabelecimento de vínculos:

Betoneira, guardo tão bem meus documentos que não os encontro. Minha namorada diz que faço bobagem. Será? F.T., SÃO PAULO – SP

Fica tranks, Éfetê. Não encontrar objetos guardados acontece com todo mundo – pior é que eles só aparecem quando não queremos mais! Sua garota deve estar procurando um motivo para pegar no seu pé. **Conheço muitas mulheres que adoram esse esporte. Praticam ainda mais quando a relação começa a deteriorar.** Agora, sério mesmo é esquecer o aniversário dela ou a carteira quando saírem. Quer um segredo de organização (aqui no balcão é batata)? Guarde todos os documentos sempre no mesmo lugar. Não dá chabu. (Texto 23: MH, PBB, p.202)

Nesse caso, conselheiro procura aumentar o grau de aceitabilidade pelo leitor ideal das representações que expressa por meio da partilha de uma vivência própria ("*conheço muitas mulheres que adoram esse esporte*"), seguida da representação de que namoradas em geral tem o costume de importunar o parceiro quando o relacionamento dá sinais de que está acabando.

Por meio de um recurso de PRESENÇA, essa concepção foi construída via figurativização metafórica, baseada na ideia de que relacionamento é um jogo. Esse traço relativo ao domínio conceitual de "esporte" é associado ao comportamento feminino em relações amorosas. Trata-se de uma conjectura construída como se fosse algo próprio do condicionamento feminino ou um ato recreativo das mulheres, assim como a ideia de que mulher leva em conta o lado financeiro numa relação, pois o esquecimento da carteira, além da data de aniversário, são apontados como elementos causadores de problemas mais sérios em relacionamentos, conforme indica o trecho: "*Agora, sério mesmo é esquecer o aniversário dela ou a carteira quando saírem*".

Verificamos que se configura uma forma de envolvimento associada a uma atitude antagonica. Contudo, tal antagonismo não é construído em relação ao consumidor potencial dos textos (o jovem homem adulto), mas parece ser um meio de VINCULAÇÃO imbuído de uma visão antagonica, por meio do qual o conselheiro mostra-se disposto a criar conexões apenas com membros do grupo masculino, repelindo possível identificação com aqueles que não compartilham dos mesmos pontos de vista. Entendemos que ocorre, aqui, o bloqueio de uma reação de complacência efetuado pelo desfavorecimento de membros de outro grupo (*exogrupo*), no caso, mulheres.

Nesse sentido, observamos que, em alguns textos, as relações entre envolver e aconselhar estão ancoradas em inclinações endogrupo e exogrupo. Ao mesmo tempo em que se constrói empatia com membros do endogrupo, gera-se antagonismo com membros do exogrupo. É por meio dessa forma de identificação calcada no jogo “nós vs. eles” que os conselheiros, em determinados casos, procuram construir o vínculo com a instância leitora. No texto (38) do *corpus*, por exemplo, o conselheiro explora essa forma, quando expressa representações de valor pejorativo para se referir à parceira do leitor:

Betonoel, no Natal do ano passado minha parceira me deu um perfume importado. Este ano estou sem grana, o que você sugere? FELIPE SOARES, FORTALEZA – CE

Sua parceira é bem grandinha e já não acredita mais em Papai Noel, certo? Então, seja sincero. Ela deve entender a situação. Diga que a coisa está preta e que nem o décimo terceiro vai resolver a parada. Explique que vai comprar apenas uma lembrança simples para o Natal não passar batido. Depois, quando as coisas melhorarem, você dá um presente legal no aniversário dela, no dia dos Namorados... Agora, se **sua garota bancar a criança mimada e fizer bico só porque não vai ganhar algo especial**, você tem duas opções: faça um empréstimo no banco ou peça para o bom velhinho uma namorada nova. (Texto 38: MH, PBB, p.206)

Uma vez que projetam ironia, a valoração negativa “bem grandinha” e a representação “[ela] já não acredita mais em Papai Noel” revelam, possivelmente, uma troca de perspectiva pela qual o conselheiro posiciona-se na circunstância problemática vivida pelo leitor, demonstrando a inclinação ao endogrupo (masculino) pelo desfavorecimento de um membro do exogrupo (feminino).

Ainda nesse texto, a opção por construir os conselhos inserindo avaliações antagonicas pode ter o efeito reforçado pela construção modal “ela *deve* entender a situação”, que oscila entre o sentido deôntico – ser necessário entender – e o sentido

dinâmico – ser capaz de entender. Assim, também pela figurativização metafórica da postura feminina, julgada como infantil e pirracenta, na construção "se sua garota bancar a criança mimada e fizer bico só porque não vai ganhar algo especial", a representação do comportamento da namorada revela, mais uma vez, uma forma de bloquear a empatia com o exogrupo. Entretanto, cabe destacar que, nesse caso, o conselheiro corre o risco de não criar envolvimento com os membros do endogrupo, tendo em vista a possibilidade de uma leitura resistente daqueles que não compartilhem desse antagonismo.

Ocorrências como as destacadas nesta parte da pesquisa indicam variadas formas de o conselheiro vincular-se à instância leitora-consumidora, bem como captá-la, pela sinalização de gestos de empatia, cujos conselhos são apresentados meio a construções de reconhecimento da situação-problema ou de demonstração de apoio, por vezes até antecipando possíveis vozes de resistência ao comando proposto.

Nas seções de conselhos examinadas nesta tese, depreendemos como a empatia constitui um efeito, por vezes, relacionado a um conjunto de recursos que têm por finalidade envolver, associado tipicamente ao aconselhamento construído nas revistas de nicho. Identificamos pelo menos dois gestos de empatia projetados pela combinação de alguns recursos dos sistemas VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO:

- *Entrar na perspectiva do outro*, por meio dos recursos:
 - PESSOALIZAÇÃO via afetividade (demonstrar apoio e compreensão)
 - COMPARTILHAMENTO + PRESENÇA (colaborar e demonstrar apoio – até mesmo por antagonismo calcado na dinâmica endogrupo e exogrupo)
- *Permitir a conexão*, por meio dos recursos:
 - DEMANDA (mostrar disposição para dialogar)
 - PESSOALIZAÇÃO via pronominalização em primeira pessoa + COMPARTILHAMENTO (demonstrar reconhecimento da situação do outro pela apresentação de experiências/vivências pessoais e/ou compartilhar emoções)
 - COLETIVIZAÇÃO inclusiva (demonstrar disposição para ajudar)
 - NARRATIVA (apresentar experiências próprias ou dos outros para criar identificação)

Em relação ao gesto empático *mudar a relação percebida de si e do outro*, proposto no modelo de Cameron (2011b; 2013), entendemos que não dá para ser aqui abordado,

pois depende do exame de um conjunto mínimo de interações, de percepções iniciais e posteriores verificadas entre os interlocutores, como fez a referida pesquisadora em seus estudos. Por isso, nas seções de conselhos das revistas de nicho analisadas, não é possível dizer se houve mudança de percepção do outro na relação entre conselheiros e leitores porque não se trata de um contato estabelecido por mais de uma vez, contínuo ou frequente.

De qualquer forma, ao atentarmos para a conexão entre as alternativas que compõem os subsistemas de ENVOLVIMENTO e os gestos de empatia, notamos uma relação de redundância entre eles, pois, no contexto local do registro dos conselhos em revistas de nicho, a combinação das opções para criar vínculos e pontos de atração, somadas às alternativas para atender à necessidade de tomada de perspectiva da situação problemática, resulta em padrões simultâneos de envolvimento e empatia no processo interpessoal.

Seguindo a concepção de Lemke (2005), entendemos que tais significados emergem da metarredundância entre possíveis opções de dois conjuntos que agregam significados distintos em uma combinação de recursos linguísticos, que acaba tendo uma relação previsível de realização em determinado contexto, como ocorre no caso dos textos que formam o *corpus* desta pesquisa.

Nesse sentido, o efeito empático inscrito no processo de envolvimento na prática de conselhos das revistas de nicho analisadas confirma nossa hipótese de que os recursos de VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO dão respaldo para o exercício da solidariedade, revelando uma relação combinada de efeitos requerida para fins de orientar e recomendar condutas que servirão como modelos de comportamento social pelo grupo consumidor dos periódicos.

Conclusão

Para investigar opções linguísticas que funcionam para estreitar o contato com o leitor no processo de interação, tomamos por objeto de estudo o envolvimento interpessoal construído nos textos produzidos no âmbito midiático. Observamos que a produção de conselhos nas revistas de nicho favorece o exame do processo de envolvimento, uma vez que se busca particularizar a relação interpessoal com o público alvo, trabalhando-se a construção das publicações para otimizar a atratividade de textos, ampliar o grau de proximidade e acurar a identificação com o mercado consumidor. Nosso objetivo foi voltar o olhar para o papel de determinados elementos linguísticos que visam a criar essa sintonia na interação entre instâncias produtora e consumidora de textos.

Em tal espaço interativo, composto por cartas de leitores e de respostas das revistas às perguntas enviadas, no caso, por homens adultos, mulheres adultas e mulheres adolescentes, que formam as seções ou colunas *Pergunte à Vizinha* e *Pergunte ao Beto*, o *Barman* (Revista *Men's Health*), *Pergunte ao Amigo Gay* e *Pergunte ao Vizinho* (Revista *Women's Health*) e *Arrasa! Ficadas e rolos* (Revista *Atrevida*), verificamos que os textos têm caráter de autoajuda, pois oferecem soluções sucintas para situações-problema do cotidiano, caracterizando-se, desse modo, como prática discursiva de aconselhamento.

Para oferecer uma ajuda que favoreça a autoexecução dos conselhos propostos, a fim de que os consumidores "aprendam" como solucionar situações-problema, as revistas de nicho procuram investir em estratégias que otimizam o estabelecimento do contato interpessoal. Ao construir uma relação mais espontânea ou próxima da interação cotidiana, tendem a explorar a interpessoalidade e a solidariedade na interação com os consumidores textuais.

Para análise de tal processo, extraímos do conjunto dos textos que compõem o *corpus* ocorrências que demonstraram como o envolvimento ali se constitui e a função que seus recursos desempenham. Relacionando-o à construção dos conselhos, pudemos identificar o gerenciamento das relações interpessoais construídas em revistas de nicho endereçadas a públicos diferentes, o que abriu possibilidades para apreensão de variadas opções linguísticas que constroem a relação interpessoal com o leitor.

Com o propósito de contextualizar a prática discursiva aqui examinada, no primeiro capítulo, abordamos a constituição do jornalismo de revista e os aspectos sociocomunicativos característicos dos periódicos voltados a específicos segmentos ou nichos consumidores, como também revisamos as perspectivas linguísticas acerca da interação e dos aspectos interpessoais, que respaldaram o estudo desse contexto interativo.

Vimos que, historicamente, a fórmula adotada em revistas femininas – ajudar apresentando os problemas como se fossem dos outros – teria ensejado o modelo das colunas de aconselhamento em revistas de nicho, ampliando o canal de comunicação com os leitores.

Observamos que os textos compõem uma dinâmica interativa baseada na comunicação espontânea e na cooperação, na tentativa de favorecer a compreensão das representações e propostas expressas, bem como na participação emocional dos conselheiros, para reduzir a assimetria e a distância com os leitores. Essa dinâmica interpessoal revela diferentes fatores em jogo regulando as trocas comunicativas para constituição de ações solidárias, tais como a afetividade, o compartilhamento de experiências, a identificação com determinados valores ou grupos, conforme apontamos nas perspectivas a respeito da interação.

No segundo capítulo, revisamos os estudos desenvolvidos acerca do envolvimento e apontamos os conceitos norteadores para realizar nossas análises. Fundamentando-nos na abordagem sistêmico-funcional, focalizamos a metafunção interpessoal e descrevemos os recursos de ENVOLVIMENTO não apenas para representar uma parte do sistema, mas também para relacioná-la a eventos concretos de uso da língua, no caso, mostrando seu papel e valor nos textos que constroem a prática discursiva de conselhos, conforme postula o referido modelo teórico-metodológico.

Pautando-nos nas noções de língua e texto sistêmico-funcionais, analisamos o uso de determinadas escolhas linguísticas, a fim de depreender os modos de construir relações interpessoais e as trocas de significados de solidariedade ocorridas no contexto sociodiscursivo das revistas de nicho.

Nesse sentido, o foco desta pesquisa partiu da observação das relações internas do texto – das categorias do sistema interpessoal ENVOLVIMENTO – para a projeção de

significados de solidariedade na prática discursiva de conselhos, destacando-se, assim, duas dimensões de investigação discursivo-textual faircloughiana: *produção e consumo*.

Nos capítulos seguintes, a partir das análises desenvolvidas, pudemos responder às perguntas de pesquisa e atingir os objetivos de mapear a rede de categorias e de identificar os recursos de ENVOLVIMENTO emergentes, a função que cada um exerce, bem como a atuação deles em cada seção das revistas de nicho, além de fazer a correlação com a prática de aconselhamento.

Estabelecemos um diálogo, em particular, com a concepção e as categorias propostas por Gonçalves Segundo (2011) para verificarmos como a solidariedade é instanciada nas seções aqui investigadas por meio de construções que realizam a VINCULAÇÃO e a CAPTAÇÃO, os eixos centrais do sistema ENVOLVIMENTO. Ambos foram entendidos como pontos articuladores de recursos que, por um lado, funcionam para conectar produtores e consumidores textuais, e, por outro lado, para salientar proposições e propostas construídas nos textos.

Em outras palavras, o envolvimento foi concebido como processo de gerenciamento interpessoal, cujos recursos operam por forças de tração e atração, tendo em vista que tal fenômeno requer levar em conta não só a relação do produtor textual com o consumidor, mas também a relação do consumidor com o texto.

Para identificar de que maneira essas duas facetas são realizadas, no terceiro capítulo, por meio do levantamento das categorias léxico-gramaticais examinamos os seguintes recursos que formam a rede de opções para construir vínculos com os consumidores textuais e despertar a atenção deles para certas proposições e propostas então sugeridas para resolver situações-problema:

RECURSO e opção paradigmática	Função/efeito
PESSOALIZAÇÃO	Particularizar/personalizar a troca comunicativa. Demonstrar emoções e sentimentos.
– nomeação	Nomear/designar/constituir o leitor para fazê-lo sentir-se como parte integrante da interação ou para particularizar o contato.
– afetividade	Demonstrar sentimentos que projetem efeitos de intimidade e/ou de compreensão.

RECURSO e opção paradigmática	Função/efeito
– pronominalização em primeira ou segunda pessoa	Desinstitucionalizar autoridade, para explicitar o próprio posicionamento, testemunho ou entendimento da situação. Particularizar a troca, fazendo o leitor sentir-se o único alvo da interação.
COLETIVIZAÇÃO	Agrupar, expressar ação conjunta, partilhar ações.
– inclusiva	Particularizar a troca comunicativa ao “eu e você” (“nós dois”).
– genérica	Compartilhar responsabilidade, ampliando a extensão das ações (“todos” no geral).
– exclusiva	Partilhar responsabilidade autoral, alinhando-se às concepções de grupo.
COMPARTILHAMENTO	Partilhar o que se presume ser comum entre produtor textual e leitor: pontos de vista e vivências, identificação com sentimentos, emoções, experiências e desejos do outro.
FILIAÇÃO	Demonstrar pertencimento, identificação, alinhamento ao modo de expressão, para estabelecer correspondência comunicativa.
DEMANDA	Requisitar atitude participativa ou convocar uma postura responsiva.
– indagação	Simular par adjacente para criar ideia de proximidade.
– solicitação	Convocar ações responsivas ou requerer foco do leitor.
NARRATIVA	Estruturar representações para relatar experiências, detalhar situações, sequenciar ações propriamente vividas ou conhecidas de terceiros para criar identificação e conferir saliência a determinados assuntos.
PRESENÇA	Realçar representações e posicionamentos, destacando-os para que o leitor possa melhor apreendê-los.
– figurativização	Representar objetos-de-discurso por outros termos, estabelecendo correlações/associações entre domínios conceptuais.
– simulação	Simular ou dramatizar uma cena/situação, para focalizar uma proposição ou proposta.
NOVIDADE	Inovar, conferir originalidade, instigar expectativas, para despertar a atenção do leitor.
– suspense	Criar ou quebrar expectativas.
– aglutinação	Inovar na apresentação de objetos-de-discurso.

Tabela 3 – Resumo das funções dos recursos de ENVOLVIMENTO nas seções de conselho em revistas de nicho

Cada um desses recursos compôs a rede por nós representada em pontos ou nós interligados aos eixos centrais⁸⁵ – VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO – os quais entendemos operar o ENVOLVIMENTO como forças que tracionam e atraem. O resultado obtido a partir das análises do *corpus* desta pesquisa indicou uma ampliação à rede proposta por Gonçalves Segundo (2011), na qual nos baseamos, pois emergiram outras alternativas que servem para construir envolvimento, tais como os subsistemas DEMANDA e FILIAÇÃO e outras opções mais refinadas da rede que se destacaram nos textos aqui explorados, a saber: *nomeação, simulação, suspense e aglutinação*.

Por isso, convém ressaltar que representamos as categorias em uma rede aberta, uma vez que as formas identificadas podem não ser os únicos meios para envolver, visto que nos circunscrevemos a um conjunto de textos produzidos em certo contexto de interação.

No quarto capítulo, relacionamos as categorias com os movimentos de organização textual dos conselhos e exploramos o estreitamento do contato e a atração no processo de envolver e recomendar. Verificamos que os recursos da rede aqui analisada servem às etapas de estruturação exortativa dos textos, e assim também pudemos detectar nas seções de conselhos das revistas de nicho outros efeitos, tais como: ironia, sermão e humor, na oferta dos comandos.

Em particular, correlacionado à atuação dos recursos de ENVOLVIMENTO, identificamos o efeito de empatia. Por ser potencialmente voltado a criar conexões, os gestos empáticos de *entrar na perspectiva do outro* e *permitir conexões*, propostos no modelo de Cameron (2013), verificados em predominância na análise do *corpus*, propiciou nossa constatação hipotética de combinação de recursos, por vezes, requerida no processo de recomendar condutas para resolver situações-problema, para efetuar a solidarização na prática interativa focalizada nesta tese.

No contexto dessas interações, observamos uma possível relação – a coocorrência de significados de envolvimento e de empatia – inscrita em alguns recursos que constroem VINCULAÇÃO e CAPTAÇÃO, reafirmando a solidariedade instanciada por meio do efeito obtido na realização de certas categorias que constroem ligações entre instâncias produtora

⁸⁵ Vide Esquema 7, p.133.

e leitora e que têm por função ampliar a atratividade de representações, posicionamentos e conselhos.

Ao reafirmar ou fortalecer a construção dos vínculos com o consumidor textual, consideramos que tais efeitos auxiliam no processo de fornecimento de autoajuda pelas revistas de nicho, que compõem o *corpus* desta pesquisa, e na atividade de apreensão do conselho, pois, ao focalizar a relação entre escritor e leitor e entre texto e leitor, a simultaneidade dos fenômenos – envolvimento e empatia – parece favorecer o laço interpessoal das revistas com os potenciais consumidores dos textos, uma vez que se permite a particularização das trocas e a demonstração de alinhamento ao que se pressupõe como concepções, sentimentos e valores do grupo leitor ideal.

O foco no estrato semântico-discursivo nos permitiu investigar os recursos de ENVOLVIMENTO no âmbito das relações internas do texto, sem deixar de apontar seus efeitos na construção das relações sociais. Acreditamos que a prototipicidade dos recursos encontrados no *corpus* reforça os traços sociocomunicativos característicos das revistas de nicho. Nesse sentido, as análises confirmam nossa hipótese, na medida em que ocorre, para fins de recomendação das propostas ofertadas pelos conselheiros, uma combinação de recursos para instanciar solidariedade e atender à proximidade no contato com os leitores, no âmbito do aconselhamento midiático.

Depreendemos, assim, formas de solidarização construídas por meio de partilha de experiências, de troca de perspectiva, de conexão emocional e de reconhecimento da situação do leitor, gestos empáticos na construção dos conselhos observados pelo uso e função de recursos linguísticos, como os de COMPARTILHAMENTO, DEMANDA, PESSOALIZAÇÃO, NARRATIVA, PRESENÇA e COLETIVIZAÇÃO. E como possível forma de reforçar a apreensão dos comandos propostos nos textos, identificamos efeitos de humor, sermão e ironia inscritos, por exemplo, nas alternativas simulação e figurativização (subsistema PRESENÇA) e aglutinação (subsistema NOVIDADE).

Vistas como rede de recursos funcionando para determinado fim, as categorias aqui mapeadas e descritas corroboram nossa concepção de que os recursos de ENVOLVIMENTO interpessoal permitem apreender aspectos de gerenciamento interativo na constituição das relações sociais. E no caso das revistas de nicho investigadas, parecem assegurar a interatividade (solidarização), no sentido de inibir uma relação autoritária ou distanciada

quando da apresentação de comandos-solução que servirão de base ou como modelos de comportamento social pelo grupo leitor.

Consideramos que os recursos de ENVOLVIMENTO sejam de relevância no contexto dos conselhos das revistas de nicho, haja vista que a escolha por outras construções linguísticas relativas a não manifestação de conexões com o leitor-consumidor pode mudar substancialmente a produção e a recepção dos textos. Assim, a ausência ou anulação de recursos que atuam para tracionar e atrair requer outras opções linguísticas que acabam afetando a construção do vínculo interpessoal e do destaque às representações e posições valorativas no arranjo dessa prática interativa.

Buscamos apreender de que maneira esse fenômeno ocorre, mostrando a sua contribuição para o texto e para a prática discursiva aqui em questão. Desse modo, constatamos o relevo e o papel dos recursos de ENVOLVIMENTO quando o anulamos ou substituímos por outras construções para inibir sua funcionalidade de otimizar o contato e viabilizar efeitos de empatia e solidariedade. Presumimos que, sem tais recursos, nem mesmo o efeito empático seria constituído, uma vez que ambos estabeleciam-se concomitantemente em vários casos em que o produtor textual buscava criar uma conexão emocional ou tirar o foco de si para centralizar na perspectiva da situação-problema do leitor.

Com base na proximidade e na identificação com o mercado consumidor, bem como na otimização da atratividade de suas seções, como condição para produção e consumo dos textos, as revistas de nicho dispõem de um espaço de trocas de informações e propostas estabelecidas entre conselheiros e leitores, no qual se instaura uma prática discursiva, e nessa atividade emergem recursos de ENVOLVIMENTO que, ao serem acionados, enfatizam a solidariedade e sinalizam padrões de interação reveladores do gerenciamento das relações interpessoais.

Esperamos, assim, ter contribuído para o avanço dos estudos a respeito do envolvimento na área, quando diagnosticamos as perspectivas existentes até então, ampliamos a categorização da rede e apontamos reflexões a respeito da possível ligação com a geração de empatia.

Esperamos, ainda, que o trabalho possa instigar outros estudos a respeito, possibilidades de revisão do que aqui foi discutido, e abrir caminhos para outras pesquisas,

despertando outras perspectivas de análise, uma vez que se trata de um fenômeno complexo e que requer espaço investigativo na área de estudos da língua do ponto de vista de seu funcionamento, tais como: examinar como ocorre o envolvimento em interações face a face tendo em vista os fatores multimodais, as expressões faciais, a gestualidade, reações verbais e não-verbais, entre outros aspectos presentes nesse tipo de interação; analisar as relações entre os elementos linguísticos de envolvimento com os tipos e gêneros textuais; identificar a viabilidade/aplicação das categorias ora apresentadas em outras práticas discursivas.

Por fim, consideramos que demonstrar como desejamos construir relações interpessoais, que efeitos pretendemos causar, ações que queremos ver desencadeadas ou modificadas, e expor como isso acontece em práticas discursivas, constitui uma contribuição para que avancemos e alarguemos o olhar para a compreensão da língua em situações concretas de uso.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. Oralidade e discurso jornalístico. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 3, 1999, p.105-120.

_____. Cartas do editor em revistas brasileiras: marcas do envolvimento. In: PRETI, Dino. **Oralidade em diferentes discursos**. São Paulo: Humanitas, 2006, p.129-160.

_____. Cartas do editor em revistas femininas: relações de poder e cumplicidade. In: AQUINO, Zilda G. O. de.; GIL, Beatriz D. (orgs.). **Estudos do discurso: diferentes perspectivas**. São Paulo: Ideia Editora, 2009, p. 1-11.

ASCHER, R. E. et al. **Encyclopedia of Language and Linguistic**. Oxford: Pergamon Press, 1994, vol.4, p.1770-1772.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1997 [1929].

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979], p.227-326.

CAMERON, Lynne. Empathy: a review. **Living with Uncertainty Project**. 2011a. Working Paper 1. Disponível em: www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty/. Acesso em: 25 fev.2015.

_____. Metaphor, reconciliation and the dynamics of empathy. **Living with Uncertainty Project**. 2011b. Working Paper 2. Disponível em: www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty/. Acesso em: 25 fev.2015.

_____. Empathy in talk: A model and some methodological considerations. **Living with Uncertainty**. 2011c. Working Paper 3. Disponível em: www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty/. Acesso em: 25 fev.2015

_____. The interactional dynamics of empathy: a model. **Living with Uncertainty Project**. February, 2012a. Disponível em: www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty/. Acesso em: 25 fev.2015.

_____. Dyspathy: The dynamic complement of empathy. **Living with Uncertainty**. March, 2012b. Working Paper 5. Disponível em: www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty/. Acesso em: 25 fev.2015.

_____. A dynamic model of empathy and dyspathy. **Living with Uncertainty**. May, 2013. Working Paper 6. Disponível em: www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty. Acesso em: 25 fev.2015.

CARVALHO, Ana M. A.; IMPÉRIO-HAMBURGER Amélia e PEDROSA, Maria Isabel. Interaction, regulation and correlation in the context of human development: Conceptual discussion and empirical examples. In: LYRA, Maria e VALSINER, Jaan. (orgs.) **Construction of psychological processes in interpersonal communication**. Stanford, Connecticut: Ablex Publishing Corporation, 1998, v.4, p. 155-180.

_____. Dados e tirados: teoria e experiência na pesquisa em psicologia. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.7, n.3, dez.1999, p.205-212.

CHAFE, Wallace. Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, Deborah. **Spoken and written language: exploring orality and literacy**. Norwood: Ablex, 1982, p.35-53.

_____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy & HILDYARD, Angela. **Literacy, Language and Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p.105-123.

CHIAVEGATTO, Valeria C. Introdução à Linguística Cognitiva. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009, p.77-96.

DEPEW, David. Empathy, Psychology, and Aesthetics: Reflections on a Repair Concept. **Poroi** 4 (1): 99-107, 2005. Disponível em: <<http://ir.uiowa.edu/poroi/vol4/iss1/6/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

DIAS, Ana Rosa F. Mídia e interação: estratégias de envolvimento do leitor na construção do discurso da notícia. In: PRETI, Dino. **Oralidade em diferentes discursos**. São Paulo: Humanitas, 2006, p.111-128.

EGGINS, Suzanne & SLADE, Diana. **Analysing Casual Conversation**. London: Continuum, 2001 [1997].

EGGINS, Suzanne & MARTIN, Jim R. Géneros y registros del discurso. In: VAN DIJK, Teun A. **El discurso como estructura y proceso: estudios del discurso – introducción multidisciplinaria**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000, v. 1, p.335-372.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambrigde: Polity Press, 1992.

_____. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, Emília R. (org.) **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FARIAS, Emília M. P. Cognição, metáfora e ensino. In: PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Heloísa P. de M.; FARIAS, Emília M. P. **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014, p.146-156.

FÁVERO, Leonor L. **Coesão e coerência textuais**. 3.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 1995.

FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O. O par dialógico pergunta-resposta. In: JUBRAN, Clélia C.A.S.; KOCH, Ingedore G.V. (orgs.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, v.1 (Construção do texto falado), p.133-166.

FIGUEIREDO, Celso. Porque rimos: um estudo do funcionamento do humor na publicidade. **Comunicação & Sociedade**, ano 33, n. 57, jan./jun. 2012, p. 171-198.

FELTES, Heloísa P. de M.; PELOSI, Ana Cristina; FERREIRA, Luciane C. Metáfora e empatia no discurso de vítimas de violência em centros urbanos brasileiros. In: MOURA, Heronides; GABRIEL, Rosângela (orgs.). **Cognição na linguagem**. Florianópolis, Insular, 2012, p.89-112.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRO, Gabriela C.; GIGLIO, Julia F.; PENTEADO, Juliana H. e BARBARINI, Karen P. Análise Sociolinguística da Revista Capricho. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

FRAGA, Rose Mary do N. **Cartas de leitores em jornais do século XIX: marcas de envolvimento**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2001.

_____. O envolvimento na linguagem jornalística do século XIX – cartas de leitores. In: PESSOA, Marlos de B. (org.). **Língua, textos e história: manuscritos e impressos na história do português brasileiro**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras UFPE, 2005.

FREITAG, Raquel M. Ko; ARAÚJO, Andréia S. “Quem pergunta quer resposta!” – perguntas como estratégias de interação na escrita. **Via Litterae**, v.2, n.2, jul./dez.2010, p.321-335.

FREITAG, Raquel M. Ko. Efeitos socioestilísticos em abordagens sociofuncionalistas: perguntas na fala, na escrita e na sala de aula. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, p. 844-853, 2012.

GALVÃO, Marise A.M. e SILVA, Luiz Antonio. Notas sobre a amizade: um estudo acerca do envolvimento interacional em cartas pessoais. **Filol. linguíst. port.**, n. 14(2), 2012, p.309-341.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Doubleday Anchor, 1967.

_____. A elaboração da face. In: FIGUEIRA, S. (org.) **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p.76-114.

GOMES, Isaltina M. O envolvimento como estratégia para assegurar a compreensão. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v.5, 2001, p.76-92.

GOMES, Valéria S. Marcas de oralidade em editoriais da imprensa pernambucana do século XIX ao XXI. In: **Anais do 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**, Tubarão, 2007, p.1934-1947. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/130.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2011.

GOMES, Valéria S.; IAPECHINO, Mari N. K. Marcas de proximidade comunicativa em editoriais e cartas de leitores dos séculos XIX e XX. 2011. In: **Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET)**. Natal, RN: UFRN, 16 a 19 ago.2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/visiget>. Acesso em: 30 mar.2012.

GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. **Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas**: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto e RIBEIRO, Rafaela B. Envolvimento e empatia: a solidariedade construída nas colunas de aconselhamento em revistas. **Revista do Gel**, v.13, n.2, 2016, p.211-236.

GOUVEIA, Carlos M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun.2009, p.13-47.

GUMPERZ, John J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1982], p.149-182.

GUTIERREZ, Silas; FÁVERO, Leonor L. Mídia para adolescentes: uma proposta de leitura em ambiente escolar. In: XVIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. **Anais do CNLF XVIII**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, ago.2014.

HALLIDAY, Michael A. K. Language as social semiotic: towards a general sociolinguistic theory (1975). In: WEBSTER, Jonathan J. (ed.) **Language and Society**. London: Continuum, 2007, v.10, p.169-201. (Republicação do texto original editado em Adam Makkai e Valerie Becker Makkai (eds.), *The First LACUS Forum*, 17-46, 1975).

_____. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, Michael A. K. & MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael A. K. & HASAN, Ruqaiya (eds.). **Language, Context and Text: aspects of language in a social semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1985, p. 52-69 (Parte A).

_____. The structure of a text the identity of text. HALLIDAY, Michael A. K. & HASAN, Ruqaiya (eds.). **Language, Context and Text: aspects of language in a social semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989, p. 52-118 (Parte B).

HEBERLE, Viviane M. Estratégias discursivas de informalidade e envolvimento em gêneros escritos. **Intercâmbio** – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, v.8, 1999.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Les interactions verbales**. Paris: Armand Colin, 1992. Tome 2.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina Bentes. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p.33-52.

KOCH, Peter; OESTERRECHER, Wulf. Linguagem da imediatez – linguagem da distância. Oralidade e escrituralidade: entre a teoria da linguagem e a história da língua. **Linha d'Água**, n. 26 (1), p. 153-174, 2013 [1985]. [Original: “Sprache der Nähe - Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte”, publicado no periódico *Romanistisches Jahrbuch*, 1985, vol. 36.]

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LEMKE, Jay. **Textual Politics: Discourse and Social Dynamics**. London: Taylor & Francis, 2005.

LONGACRE, Robert E. The discourse strategy of an appeals letter. In: MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. (eds.) **Discourse description: diverse linguistic analysis of a fund-raising text**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. A perífrase conjuncional "só que": invariância e variantes. **Alfa**, São Paulo, 47 (2): 139-152, 2003.

LOPES, Felipe T. P.; PERES NETO, Luiz; BARROS FILHO, Clovis de. **Teorias da comunicação em jornalismo: reflexões sobre a mídia**. São Paulo: Saraiva, 2011, v. 5.

LYRA, Maria C. D. P. Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construído: contribuições da comunicação no início da vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 13(2), 2000, p.257-268.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da notícia**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2007a.

_____. Cognição, explicitude e autonomia no uso da língua. In: **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b, p.31-60.

_____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007c.

MARTIN, James. **English Text: System and Structure**. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MARTIN, James R. & WHITE, Peter R. R. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, James R. & ROSE, David. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. 2.ed. London: Continuum, 2007.

_____. **Genre relations: mapping culture**. London: Equinox, 2008.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. Ideas and new directions. In: HALLIDAY, M.; WEBSTER, J. (ed.). **Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics**. London: Continuum, 2009, p.12-58.

_____. Systemic Functional Linguistics as applicable linguistics: social accountability and functional approaches. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 28, n. esp., p. 435-471, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502012000300002> Acesso em: 23 maio 2016.

MATTHIESSEN, Christian & HALLIDAY, Michael A. K. **Systemic Functional Grammar: a first step into the theory**. Sidney: Macquarie University, 1997. Disponível em: <http://web.uam.es/departamentos/filoyletras/filoinglesa/Courses/LFC-SFL/FirstStep.html>. Acesso em: 15 dez.2015.

MENEZES, Léia C. de. Metáforas de semelhança na construção de referentes discursivos: qual a orientação argumentativa? **Revista da ABRALIN**, v.9, n.1, p. 107-128, jan./jun. 2010.

_____. “Isabella é uma rosa impedida de desabrochar em nosso jardim” – uma análise das expressões metafóricas na conceitualização de violência. **ANTARES**, v.4, n.7, jan./jul. 2012.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril**. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas.

_____. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d’Água/FAPESP, 2011.

MONDADA, Lorenza. Pour une linguistique interactionnelle. **Marges linguistiques**, Numéro 1, Mai 2001.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référénciation. **Revue Tranel** (Travaux neuchâtelois de linguistique), 1995, vol. 23, p. 273-302.

MORATO, Edwiges M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, Maria Helena de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEREIRA, Juliana S.V.; ALMEIDA, Marina B. Sabe tudo sobre tudo: análise da seção de cartas-pergunta em revistas femininas para adolescentes. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (orgs). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: EDUSC, 2002, p. 239-258.

PEREIRA, Rodrigo Acosta. As cartas de aconselhamento como espaço de socioconstrução da identidade homossexual. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, n. 9(2), p. 185-213, dez. 2006.

ROSA, Adriana L. T. da. **Faces do funcionamento intertextual do conselho**. Recife, 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SCOLLON, Ron; SCOLLON, Suzanne Wong. **Intercultural communication: a discourse approach**. 2.ed. UK: Blackwell Publishers Oxford, 2001.

SILVA, Augusto S. da; BATORÉO, Hanna J. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: BRITO, Ana Maria (org.) **Gramática: História, Teorias, Aplicações**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, p.229-251. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8319.pdf>. Acesso em: 16 set.2015.

SPITALNIK, Mônica. A sinalização de afeto em sala de aula. **Intercâmbio** – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, v.8, 1999, p.315-326.

TAGNIN, Stella E. O. O humor como quebra da convencionalidade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 247-257, 2005.

TANNEN, Deborah. Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy; HILDYARD, Angela. **Literacy, language and learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 124-147.

_____. **Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. New York: Cambridge University Press, 1994 [1989].

THOMPSON, Geoff. **Introducing Functional Grammar**. 2. ed. London: Arnold, 2004.

URBANO, Hudnilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clelia C.A.S; KOCH, Ingedore G.V. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, v. 1 (Construção do texto falado), p.170-201.

VAN DIJK, Teun A. **La ciência del texto: um enfoque interdisciplinário**. 3.ed. Trad. Sibila Hunzinger. Barcelona: Paidós, 1992.

Anexo – *Corpus*

Número de identificação dos textos:	Seção	Revista	Página
1 a 20	Pergunte à Vizinha	Men's Health	197
21 a 40	Pergunte ao Beto, o Barman		202
41 a 60	Pergunte ao Amigo Gay	Women's Health	206
61 a 80	Pergunte ao Vizinho		211
81 a 120	Arrasa! Ficadas e Rolos	Atrevida	216

Seção *Pergunte à Vizinha* – Revista *Men's Health*

1. Re, o que as mulheres como você acham de caras que só querem transar depois do casamento?

THIAGO REIZER – PONTA GROSSA/PR

Thiaguinho, não tenho nada contra – desde que não seja meu namorado, claro! Sim, eu entendo que não fazer sexo é uma escolha pessoal e depende da formação de cada um. Mas, na prática, abrir mão dos prazeres da carne não é nada fácil. Se você é um desses, em vez de tentar convencer alguém a deixar de lado uma atividade tão, digamos, gostosa, o melhor é você apostar suas fichas em garotas que acreditam no mesmo que você! É muito mais fácil se os dois acham que transar é uma atividade dispensável num namoro – o que não é o meu caso e o da maioria das mulheres.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

2. Re, quando faço sexo oral na minha namorada, às vezes ela age como se não curtisse. Como sei se está gostando?

PIETRO RACHMANINOV – SÃO PAULO/SP

Pietrinho, tem mulher que não curte muito sexo oral – talvez porque nunca chegou lá dessa forma e fica impaciente. Para deixá-la de perna bamba, comece com uma posição confortável. Deite-a de costas, coloque um travesseiro sob as nádegas dela e explore a região, pacientemente. Aos poucos, ela deve ficar mais ofegante, tensionar as pernas... Talvez ela gema e, sorte sua, dê unhada em você. Nós, mulheres, somos diferentes uma das outras – por isso, que tal pedir para ela sinalizar o que gosta? Ai, para felicidade geral do colchão, depois você pega o ritmo e é só alegria.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

3. Rezinha, tenho 1,66 m e isso me deixa inseguro. Em geral, garotas escolhem caras mais altos. Me preocupo?

L.F.M.

Nada! Sua insegurança é uma típica questão de perspectiva e foco. Você está com a razão ao dizer que as mulheres preferem homens mais altos. Só que se esqueceu de computar o referencial disso: as moças curtem caras mais altos do que elas. Ou seja, invista seu xaveco em garotas mais baixas que você. E sua maré está para sereias: a altura média da brasileira de 18 a 44 varia de 1,59 a 1,61 m, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sacou? Ajuste a mira e divirta-se. Ou faça como Jamie Cullum: não dê a mínima para a altura dela. Nem para a sua.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

4. Natinha, a garota namora há cinco anos e disse que as coisas não vão bem. Como mostro interesse?

FELIPE – MINAS GERAIS

Fê, do jeito que você puder, mas o segredo é não virar mais um motivo de discórdia do casal. Como bom mineiro, conquiste-a pelas bordas. Pague um café, arme um xaveco elegante que não pareça xaveco, mande um e-mail avisando de alguma festa (mas sem galanteios: o namorado pode ler e o caldo entornar). Com isso, ela poderá repensar a amizade de vocês para, digamos, algo maior.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

5. Rê, muitas mulheres dizem que traição é imperdoável. Mas várias garotas voltam com o cara depois de traídas. Por quê?

EVERSON DURÃES – SÃO PAULO/SP

Evinho, tá mais um round da velha guerra razão x emoção. Em geral, condenamos a traição com toda a lógica do mundo: se ele me enganou uma vez, pode fazer outras. Logo, adeus, confiança. Sem segurança, não há namoro (leia: namoro legal!). Fui. Aí, o tempo passa e surgem aquelas lembranças (apimentadas) que atacam essa razão. Bate uma saudade insuperável do homem que amamos, a gente tira peso do erro dele e resolve dar uma segunda chance. Bem, pensamos, todo mundo merece uma nova oportunidade. É isso, o relacionamento fica em pé de novo... Mas há garotas que jamais perdoam traição. Andar na linha é difícil? Fique solteiro e curta mais mulheres sem roubada. Ou pule a cerca com perfeição (bem, você também sabe que crime perfeito não existe...).

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

6. Natinha, namoro há seis anos e saio com uma ex-colega há sete meses. Ela acha que já é namoro e que terminei com a oficial. Gosto das duas, o que fazer?

C.S. – FORTALEZA/CE

Desapega, querido, você gosta de uma só! Provavelmente ama a namorada e sente tesão pela colega. Se for isso, segure a onda, quer dizer, a namorada – o tesão passa logo e é hora de dispensar a filial. Agora, se você está apaixonado de verdade pela colega, pode ser que seu relacionamento já tenha acabado. Você pode até amar a oficial, mas como irmã, entende? Talvez seja hora de começar algo novo. Vamos combinar que, depois de seis anos, a coisa pode ter virado enrolação, não é mesmo? Ah, e nem pense em ficar com as duas: É dor de cabeça para o resto da vida.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

7. Vi, trabalho com uma garota incrível e temos uma química legal. Quando sugeri algo a mais, ela pulou fora e disse que não vai rolar nada. Acho que poderia ser fenomenal. O que você sugere?

DANIEL PASTORE

Dani, a mulheres adoram ser bajuladas. Nós jogamos charme quando queremos confete. Mesmo que seja nada além de confete. Aí, confundimos vocês. Talvez ela tenha feito exatamente isso com você – e queira apenas sua amizade. Mas cuidado! Algumas mulheres adoram tirar proveito de caras legais – dá uma olhada na matéria Não Pague de Bonzinho! e veja se é o caso. Agora, ela pode apenas estar testando sua real vontade de estar com ela. Tente mais um pouco, mas se a decisão dela for inabalável, parta para outra. É a vida.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

8. Rê, eu e minha sócia nos pegamos intensamente há oito meses. Ela namora e diz que vai largá-lo, mas nunca rola. Qual é? Dona Flor e seus dois maridos?

DIEGO SANCHE – MARINGÁ/PR

Oi, Di! não importa qual é a dela. Importa qual é a sua. Está caidão para esperar mais por essa garota? Se sim, dê o velho truque que a gente sempre cai para apressar nossas decisões: pare de estar sempre disponível, olhe para outras mulheres quando está com a sócia... Isso pode enciumá-la, provocar insegurança – a bonitona de repente vai pensar “se eu não agarrá-lo agora, vou perdê-lo!”. Mas se sua paciência chegou ao fim, saia você também com outras garotas para ver se rola de curtir uma a mil. Só cuide para não estragar o business. como? Fale com a sócia sobre a situação e proponha horários diferentes para trabalharem. Ou home office. A ideia é se verem pouco e evitar brigas. E definitivamente saia desse chove-não-molha.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

9. Rezoca, qual o melhor jeito de chegar junto de uma garota no bar?

RENAN MADUREIRA – SÃO PAULO/SP

Primeiro, querido, saque se ela está acompanhada – há tanta mulher no mundo, para que briga, certo? Se o caminho estiver livre, comece com o olhar. Teve retorno? Fique nessa troca por um tempo: esse clima misterioso desperta nosso interesse! Quando a garota levantar para ir ao banheiro ou pedir algo no balcão, aproxime-se. Puxe conversa sobre amenidades, sem pretensão. Muita sede ao pote pode fazê-la não levar você a sério. Peça uma dica de bebida, comente o som... Mostre interesse às respostas dela e encerre a conversa perguntando o telefone, em vez de atacá-la. Assim, você vira uma exceção, o que pode multiplicar seu charme. No próximo encontro, o gol é 100% certo.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

10. Renatinha, me declarei para uma amiga e começamos a namorar. Após um mês, ela terminou. Dá para retomar a amizade? Ou ainda tenho chance de reconquistá-la?

LUIZ BORGES SILVA, SETE LAGOAS/MG

Luizinho, atirar para todo lado é perigoso, pode matar todas as suas chances. Decida o que quer: ser amigo ou namorar. Bem, se ela terminou, a segunda opção é mais difícil. E pode acabar com a primeira: ao insistir demais é capaz de você irritar a garota e fazê-la evitar olhar na sua cara. Então, tente reconquistá-la aos poucos – e com muito charme no trato. Ligue para perguntar como ela está, o que anda fazendo... E não aproveite para engatar um convite – faça-o mais para a frente. Prefere partir direto para a amizade? Retome o contato do mesmo jeito e, na hora do convite, invista em programas com a galera que vocês costumavam fazer antes. Com o tempo, a amizade pode voltar naturalmente. Mas pense bem antes de se colocar nessa: está preparado para de repente ver a garota atracada com outro?

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

11. Rê, fiquei amigo de uma menina e ela fala de outro cara o tempo todo. Faz isso para me provocar ciúme?

CARLOS VICTOR, VIA FACEBOOK

O que importa mais, Cá, é a sua intenção. Não a dela. Pelo jeito, para você essa garota não é só uma amiga, certo? Do contrário, não estaria intrigado com esse papo dela. Então, jogue logo a real na conversa. No próximo encontro, você pode surpreender a bonita quando ela falar do cara. Exemplo: em tom de brincadeira, diga algo como “Fulano de novo?! Tô ficando com ciúme!”. Aí, emende com seriedade: “Vamos esquecer esse mala e sair amanhã para tomar um drinque?”. O sim dela pode indicar que você tem alta chance de passar de amigo a amante. Se receber um não, mesmo que educadamente, conforme-se com o status de brother – mas, não fique parado, vá conquistar outra mulher. Eu me enganei e você não deseja essa amiga? Simples: peça para vocês não falarem mais sobre o cara, porque você acha chato. Se você não curte, não fique pagando de conselheiro sentimental.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

12. Ela é demais. Mas minha paixão acabou mesmo. Fico com dó e não consigo terminar o namoro. Por onde começo?

MARTIN DE CARVALHO – BELO HORIZONTE/MG

Oi, Má! O que você sentiria se descobrisse que alguém está ao seu lado por sentir pena? Então, não faça isso com ela, uma garota tão legal. Para reunir coragem e iniciar o papo para terminar o namoro, pense que está fazendo o melhor para a parceira: vai deixá-la solteira para que encontre um homem que goste dela de verdade. Fale no momento certo, como um jantar na sexta-feira ou um almoço no sábado. Assim, ela poderá digerir a situação – leia: chorar para pôr a tristeza para fora – no final de semana. E seja assertivo: nada de “vamos dar um tempo e conversamos mais depois”. Mas não precisa ser tão sincero: fale que agora você tem outras prioridades na vida, está repensando o futuro. Assim, pode poupá-la da dor de escutar que o homem que ela ama não a ama mais.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

13. Vi, o que mulheres como você acham de caras que defendem transar só depois do casamento?

THIAGO – PONTA GROSSA/PR

Transar depois do casamento? Acho muito romântico... Mas isso pode ser um grande equívoco! Casamento é coisa séria, um compromisso – teoricamente – para a vida toda. Então – teoricamente – seria prudente saber, antes de comprar o ticket para a eternidade, se o casal vai se dar bem na cama, não? E se não rolar química? Transando antes, você tem tempo de desistir (e ela também, diga-se). Transando nas núpcias, você corre o risco de ligar para sua amiga de benefícios na noite seguinte (não se engane, ela vai ter pensamentos parecidos). Sabe aquele papo lindo de ficar subindo pelas paredes durante meses de noivado e, depois do casório, ter uma noite arrebatadora? Esquece, querido.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

14. Rê, sou casado e saio com uma colega de trabalho 17 anos mais nova. Ela acabou de casar, mas ainda quer ficar nos beijinhos e carinhos comigo. O que faço?

CARLINHOS – SÃO PAULO/SP

Reze. Brincadeira... O negócio é que traição é um caso emocionalmente e fisicamente arriscado. Envolve ciúme (de ambos os homens) e a fúria do marido (em caso de dar chabu). O fato de ela querer ficar só nos beijinhos é sacanagem pura: a garota se imagina respeitosa com o marido e ainda sacaneia você ao não entregar o jogo. O pior é que, nessa situação, uma hora, ela, como todas nós, vai abrir a guarda. Aí é você quem terá que segurar a onda, os dramas e as escapadas dela. Então é a velha história: se sua queda por ela deixar, afaste-se. Se não deixar, faça-a entender com clareza que está brincando com fogo. Às vezes nos fazemos de bobinhas para nós mesmas. O que você pode ter certeza, nunca.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

15. Nata, namoro uma morena, mas ela usa maquiagem que deixa o rosto muito branco. Como dou um toque sem parecer estúpido?

MARCELO QUEIROZ, POR E-MAIL

Celinho, mulheres podem ser muito sensíveis a críticas ao visual. Por isso, é melhor mesmo ir com calma. Inverta a situação e mande um elogio! Diga que ela já é tão bonita que a maquiagem é dispensável. Mais: comente que prefere muito mais admirar a beleza natural dela, a pele morena, sensual. Aí, a chance de a parceira querer agradar (e diminuir o reboco) é grande. Se isso não funcionar, aponte na rua uma garota com maquiagem parecida e diga: “ela tá estranha, não?”. Sua musa vai se tocar...

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

16. Renatinha, tenho fetiche em ver minha mulher transando com outros e também em dominação feminina. Isso é anormal?

RENATTO P.S. – SANTOS/SP

Oi, Rezinho! Anormal, anormal não é. Fetiches são fetiches, cada pessoa tem os próprios sonhos, desejos. Resta saber se sua parceira compartilha dos seus. Se sim, fique ligado para não cair em roubadas. Ela exige que os caras usem camisinha? Do contrário, você pode ganhar um enteado ou doenças sexualmente transmissíveis. Mais: seus fetiches tomam seus pensamentos de assalto a ponto de atrapalhar sua vida profissional? Se sim, vale procurar um terapeuta. Se não, vá se divertir. Mas saiba que fetiches exóticos como os seus não são exatamente comuns na população em geral. Então, mantenha discrição.

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

17. Rê, sou casado mas só penso em você. E aí?

JOSIAS CASTROLEVE – SÃO PAULO/SP

Jô, seu casamento não vai bem, certo? Você deve estar curtindo muito minhas dicas e então ficou balançado. Portanto, curta mais esta: reflita sobre o que quer e não empate a vida de sua esposa...

Fonte: Men's Health, 3 out. 2012. Especial Vizinha MH. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

18. Vizolinha, minha namorada parece várias vezes surpresa quando a flagro escrevendo e-mails. Ela logo minimiza o outlook ou desliga o note. Devo me preocupar?

JOCA RABISCO, NATAL – RN

Joca, infelizmente o sinal aqui é vermelho, mas muita calma nessa hora. Nada de se desesperar e sair xingando a parceira. Jogue a real. Mostre que está incomodado com a situação. Acredite, Joquinha, mostrar que não é bobo e que está atento é sempre uma ótima saída para lidar com as mulheres. Quem sabe sua namorada não tem uma explicação convincente para esse comportamento – talvez esteja preparando uma surpresa para você ou apenas resolvendo pepinos do trabalho. Mas, se na hora do vamos ver ela gaguejar, desviar o olhar ou se sentir muito ofendida com a questão, muito cuidado. Afinal, quem não deve não teme, right?

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

19. Vi, terminei um relacionamento de dois anos há pouco tempo, e já quero engatar outro. Me apaixonei por uma amiga. Algum problema?

SILAS PESSOA, SALVADOR – BA

Silas, não existe problema algum, meu querido. Aliás, nada melhor do que uma paixão nova. Isto é, estou considerando que a relação anterior já tinha ido pro espaço havia algum tempo. O ruim é quando você emenda um relacionamento no outro apenas pra esquecer o anterior. Neste caso, você nem consolida a ruptura nem se entrega à nova garota. Mas se vocês estão no maior love, em sintonia supermodulada, vão fundo!

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

20. Vivi, minha amiga com benefícios não larga o namorado, mas quando me afasto ela liga e quer ficar comigo. É só sexo ou ela tem uma queda por mim?

JOÃO DUZIRAN, CURITIBA – PR

Joãozinho, vou contar um segredinho cruel: vocês não são mais os únicos que separam sexo e relacionamento. Não se iluda! Se ela não larga o bofe significa que ele é um bom partido – daqueles que a gente procura para apresentar no almoço de domingo da família. A boa notícia é que parece que o namorado não dá conta e ela precisa dar uma variada. É um bom negócio? Não, não é legal ficar dividido por muito

tempo: você não vive a relação de forma plena e seu emocional sofre. Mas se ela só quer dar umas voltinhas, não é você que vai negar a carona, certo?

Fonte: Men's Health, Especial Vizinha MH, 3 out. 2012. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-vizinha-mh/>

Seção Pergunte ao Beto, o Barman – Revista Men's Health
--

21. Betolishnaya, uma amiga do trabalho está dando mole. Ela é independente e mais velha. Estou inseguro. Como convencê-la a sair comigo?

LUIZ FERNANDO MELHORANÇA, FOZ DO IGUAÇU – PR

Se a mulher tem todos esses atributos, é melhor agir logo antes que outro cara chegue primeiro. A experiência dela não é motivo para você se assustar. Pense no lado positivo. Ela se garante, se conhece, e seu trabalho vai ser mais fácil: ou ela topa, ou cai fora sem enrolar muito. Seja direto e convide-a para sair. Crie um clima, pergunte sobre a vida dela (mas não se estenda muito: mulheres maduras às vezes gostam de ir direto ao ponto). E aproveite.

Fonte: *Men's Health*, n.73, maio 2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

22. BetoHound, recebi uma ótima proposta de trabalho, mas é em outra cidade e terei que me mudar. Como conto isso para meus pais e minha namorada?

LUIZ GUSTAVO COSTA, SERRA – ES

Luizão, falar com seus pais é fácil. Eles certamente querem o melhor para você e entenderão que a mudança é boa para sua carreira. Com a sua garota a conversa vai ser mais delicada. Relacionamento a distância, na prática, não passa de um... longo, sofrido e caro adeus. Seja sincero com você e com ela – até para dizer que está morrendo de saudade e que, mesmo assim, não vê saída. Isso sempre deixará as portas abertas caso um dia vocês se reencontrem.

Fonte: *Men's Health*, n.73, maio 2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

23. Betoneira, guardo tão bem meus documentos que não os encontro. Minha namorada diz que faço bobagem. Será?

F.T., SÃO PAULO – SP

Fica tranks, Éfetê. Não encontrar objetos guardados acontece com todo mundo – pior é que eles só aparecem quando não queremos mais! Sua garota deve estar procurando um motivo para pegar no seu pé. Conheço muitas mulheres que adoram esse esporte. Praticam ainda mais quando a relação começa a deteriorar. Agora, sério mesmo é esquecer o aniversário dela ou a carteira quando saírem. Quer um segredo de organização (aqui no balcão é batata)? Guarde todos os documentos sempre no mesmo lugar. Não dá chabu.

Fonte: *Men's Health*, n.74, jun.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

24. Betsolut, fico com uma gata há três anos e namoro outra há dois (mulher dos sonhos). Mas não suporto quando a gata se afasta por eu não dar assistência...

VINÍCIUS TRITON, VIA SITE

Vini, administrar várias relações é punk. Você acha que não vai se envolver em uma delas e acaba amarrado: rola uma troca legal – na cama e fora dela –, e a gente não quer ver nossa delícia nos braços de outro. Então, já, decida-se entre uma aventura ou uma paixão com a ficante. Aí, seja homem: assumo para ela que você fica magoado. E espere a) um “vire-se” (mais provável); b) um pé; c) um pedido de “fica comigo”. Encare o paredão!

Fonte: *Men's Health*, n.74, jun.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

25. Betão, me declarei para uma amiga e a pedi em namoro com uma rosa. Ela gostou, mas sumiu por duas semanas. Onde errei?

VÍTOR JOSÉ DE PAULA, POR E-MAIL

Vai saber? Tem mulher que gosta de romantismo. Tem as que curtem atitudes proativas – ok, até onde dá pra perceber aqui no bar, são mais raras as que gostam das duas pegadas juntas, como a sua. De qualquer forma, se você acha que queimou a largada, fique na sua: se ela estiver interessada, vai voltar. O negócio – na vida, no xaveco, no Twitter, no futebol, na fé – é não levar as coisas a sério demais. Resumo: a fila anda, Vitão. Ela não quer? Tem quem quer. Autoestima, brô!

Fonte: *Men's Health*, n.74, jun.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

26. Betrox, conheci uma garota e sei que é solteira. Convidei-a para sair, mas ficou de responder outra hora. O que faço?

NATAN, POR E-MAIL

“Outra hora” é muito relativo. Isso pode ser hoje ou daqui a oito anos. Existe uma grande chance de ela estar enrolando você. Ou é a velha história de fazer charminho, pra não entregar o ouro logo de cara. O negócio é faro. Se ela der sinais para você perguntar de novo, o jogo está ganho. Quais sinais? Ela vem falar com você com mais frequência, sorri para tudo que diz... Agora, se ela ficar distante, parta pra outra. Há muita garota solteira no mundo.

Fonte: *Men's Health*, n.75, jul.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

27. Betólogo, minha noiva insiste em tentar ler a Men's Health. Não sei mais o que fazer. Jamais a deixarei descobrir os segredos publicados. Estou certo?

VITOR BORGES, POR E-MAIL

Acho que você não precisa ser tão radical, Vitor. A Men's Health é uma revista para homens que querem levar uma vida saudável e com estilo, não o Clube do Bolinha. Qual é o problema de a garota ler nossas reportagens? Ela também pode aproveitar as sacadas de nutrição, saúde, bem-estar. Mais: ao sacar que você está a fim de ser sinônimo de prazer e boa companhia pra ela, sua noiva ainda vai assinar a revista pra você. Sacou?

Fonte: *Men's Health*, n.75, jul.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

28. Betufão, minha esposa quer um cachorro. Moramos em um apartamento e não temos espaço para o animal. O que faço para ela mudar de ideia?

PATRICK GOMES, POR E-MAIL

Já pensou em dizer que você sai de casa assim que o cachorro colocar as patas porta adentro? Não faça isso! Vai que sua mulher acha vantajoso... Agora sério: a melhor saída é conversar usando argumentos fortes, em vez de ficar no lero-lero sobre o que agrada e não agrada cada um. Exemplo: dizer coisas como “o cão não vai viver legal aqui, amor: não vai ter onde correr todo dia, vai fazer sujeira, mal vai respirar ao ar livre...” convence mais que “não gosto de cachorro”. Na mesma pegada, você pode sugerir que comprem um aquário: “Ele fica parado, é fácil de cuidar...”. Ela está irredutível? Barganhe que seja uma raça de pequena estatura. Já imaginou dividir o sofá com um rottweiler?

Fonte: *Men's Health*, n.76, ago.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

29. Betomix, como digo para a namorada, sem chateá-la, que não quero sair com ela quando vou beber com os amigos?

VITOR CARVALHO, SÃO PAULO – SP

Não é algo fácil. Tem muito cara que fica ensaiando, mas não tem coragem de dizer que precisa de um tempo só com os brothers. O pior é que isso nunca termina bem. Afinal, um relacionamento sem espaço para cada um respirar acaba sufocando. Agora, por que mesmo ela quer ir junto quando você sai com os brothers? Algum gavião na turma? Ou ela só quer ver onde você vai? Qualquer que seja a resposta, imponha-se. Mulher mandona ou grude só piora com o tempo.

Fonte: *Men's Health*, n.77, set.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

30. Betoven, minha garota me traiu. Brigamos e comecei a sair com uma ex. Agora, as duas querem voltar. O que devo fazer?

RICARDO LOPES, PORTO ALEGRE – RS

Que rolo, meu caro! Vamos por partes, como dizia Jack. Primeiro: ela traiu, certo? Não há filhos na parada, correto? Você é um cara dedicado (ou seja, não é galinha), não? Então pule fora. Traiu uma, vai trair outras. Bem, você pode propor um idílico relacionamento aberto – a velha balela setentista que só leva à depressão e ao HPV. Segundo: a ex é legal? Por que você a deixou (suponho que seja isso)? Ainda tem gás nessa transa? Sim, também parece complicado, não? Vem cá, meu velho: não é melhor deixar as duas e partir para um lance legal, novo, saudável, em vez de ficar revirando panela velha?

Fonte: *Men's Health*, n.77, set.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

31. Betucho, sempre sou eu que preparo o churrasco. Como falo pros folgados passarem a pilotar a grelha de vez em quando?

MARCELO QUIRINO, POR E-MAIL

É, Marcelão, já sofri com isso. É a velha história: a gente pilota bem, os caras se acostumam, e depois ficamos reféns do carvão e os brothers, os assaltantes das beldades. O segredo é combinar em voz alta, antes de começar o evento, de que horas a que horas você vai pilotar a churrasqueira. Quando esgotar esse tempo, você diz: “Fui”. E parte para o abraço. Só dê uma geral no esqueleto, porque defumado bom é no prato, não na cama...

Fonte: *Men's Health*, n.78, out.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

32. Betossauro, meu amigo fica muito chato quando enche a cara. O que faço para convencê-lo a manear?

EDUARDO MOURA, UBERLÂNDIA – MG

Sei bem o que é isso. Aqui no balcão sempre tem um tipo dessa tribo, “os malasemalça”. Nada é pior do que aguentar bêbado que chora, fica abraçando ou fala cuspidando na sua cara. Diga para o brother o quanto ele fica desagradável quando enche o caneco (se ele disser que é exagero, grave no celular). Não funcionou? Duas opções: 1) sempre que ele começar a babar, ligue para um pet shop ou para a mãe dele e entregue o animal; 2) tenha você mesmo seu momento “malasemalça” para ele ver o que é bom para tosse.

Fonte: *Men's Health*, n.78, out.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

33. Betão, um brother ficou solteiro recentemente é só me chama para ir a baladas caras. Pega mal eu sugerir lugares mais baratos?

SÉRGIO BAPTISTA, SÃO PAULO – SP

Claro que não, Serjão. Seu camarada está empolgado com a solteirice, mas está fora de forma quando o assunto é balada. Provavelmente, ele acha que nos lugares mais caros vai encontrar mulheres mais bonitas e aproveitar melhor a noite. Mostre pra ele que não é bem assim. Faça-o ver que em saídas mais modestas também dá para se divertir, conhecer garotas interessantes. É verdade que, eufórico com a liberdade, ele pode até querer pagar para você acompanhá-lo. Só aceite se for muito brother. Ficar devendo favor a conhecidos é

roubada maior do que gastar uns trocos a mais numa balada. Pelo menos, quando você bota a mão no bolso como ele, tem as mesmas chances de diversão.

Fonte: *Men's Health*, n.78, out.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

34. Betocão, o cachorro da minha namorada só dorme na cama dela. Como me livro do pulguento?

FELIPE CORTES, POR E-MAIL

E tem gente que ainda diz que o cachorro é o melhor amigo do homem, Felipe... Mas livrar-se do cão ou chamá-lo de pulguento não é uma boa. Se sua namorada divide a cama com o pet, é porque gosta muito do bicho. Ela não quer ver os dois amores dela rosnando um para outro, certo? Primeiro, trate bem o animal. Depois, mostre para a parceira que você é osso duro de roer. Diga que não curte dividir a cama com o cachorro (cuidado para não dizer “com outro cachorro”). Cite questões como higiene, o próprio incômodo... Caraca, fale que é falta de noção mesmo! Tem horas que é preciso mandar uma direta para as mulheres, em vez de ficar abanando o rabo para absurdos como este. Por mais fofo que o pulguento seja.

Fonte: *Men's Health*, n.78, out.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

35. Beto, é verdade que usar aliança atrai mulheres?

FELIPE SOARES, RIO DE JANEIRO – RJ

Não dá para generalizar. Mas existem algumas que curtem se relacionar com homens compromissados, especialmente os mais maduros. Claro, aqui no bar aparecem umas malucas que não podem ver um cara de anel que partem para o ataque. O barato delas parece ser só a competição: assim que tiram os homens das respectivas mulheres, dão um pé neles. Mas essa atração, pra mim, ainda é um mistério. Da mesma forma que também não entendo por que elas vão sempre juntas ao banheiro ou precisam de 94 pares de sapatos. Mas se você pensa em usar aliança só para chamar a atenção das garotas, está no caminho errado. Há mais gatas disponíveis para solteiros que para comprometidos.

Fonte: *Men's Health*, n.79, nov.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

36. Retrovão, depois de quanto tempo de namoro posso soltar puns na frente da parceira?

DIEGO LOPES, BELO HORIZONTE – MG

Cara, isso é o tipo de coisa que você jamais deveria fazer na frente da parceira – assim como cutucar o nariz, limpar o ouvido, arrotar etc. Ela namora um homem, não um ogro, certo? Mas a gente sabe, às vezes a barriga embrulha. Aí, só a intimidade de vocês vai dar passe livre (sem trocadilhos). Mas uma regra é sagrada: jamais solte alguma coisa debaixo das cobertas ou no carro. Num namoro, gases são como senha do Facebook, cartão de crédito e sua opinião sobre as amigas da parceira: melhor não compartilhar.

Fonte: *Men's Health*, n.79, nov.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

37. Beto, minha namorada só me elogia ou diz gostar de mim quando quer algo. E aí?

DYONATH, CURITIBA – PR

Ah, vá! Não querendo parecer machista, dá para dizer que esse é um comportamento bastante comum em algumas mulheres. Elas aprendem a trabalhar desde bem jovens com recompensa e, cedo ou tarde, como faz sua namorada, aplicam a tática de forma inversa. Atenção, pode estar rolando uma outra coisa: puro comodismo por parte dela. Em vez de ter que explicar tudo em detalhes a você, ela vê esse atalho como o jeito mais eficiente. Pior: você pode ter sido a causa de ela ter desenvolvido esse mecanismo toma lá, dá cá. Como? Sendo meio chato, esmiuçando tudo que ela faz ou retrucando toda a iniciativa dela. Ok, a gente sabe que você não é assim. Então só abra o olho e tudo bem...

Fonte: *Men's Health*, n.80, dez.2012. In: Men's Health, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

38. Betonoel, no Natal do ano passado minha parceira me deu um perfume importado. Este ano estou sem grana, o que você sugere?

FELIPE SOARES, FORTALEZA – CE

Sua parceira é bem grandinha e já não acredita mais em Papai Noel, certo? Então, seja sincero. Ela deve entender a situação. Diga que a coisa está preta e que nem o décimo terceiro vai resolver a parada. Explique que vai comprar apenas uma lembrança simples para o Natal não passar batido. Depois, quando as coisas melhorarem, você dá um presente legal no aniversário dela, no dia dos Namorados... Agora, se sua garota bancar a criança mimada e fizer bico só porque não vai ganhar algo especial, você tem duas opções: faça um empréstimo no banco ou peça para o bom velhinho uma namorada nova.

Fonte: *Men's Health*, n.80, dez.2012. In: *Men's Health*, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

39. Betildo, recebi convite dos sogros para passar o réveillon com eles. Minha mulher diz que seria legal a gente ir...

FRANCISCO WEICKGARDEN, FLORIANÓPOLIS – SC

Por que não? Vai que ele ofereça um charuto cubano para celebrar o ano novo. Ou abra aquele uísque 25 anos que prometeu há três anos. Ou ainda diga que o Jaguar que está na garagem é um presente para levar a filha para viajar (e complete: “A gasolina é por minha conta, Chico”). Ou sugira que está deixando uma bela quantia para o futuro dos netos... Ok, como um sogro desses só aparece em filmes pornôs dos anos 70 ou comédias de Hollywood, vamos deixar de brincadeira: comece a pensar numa boa desculpa. Porque se você aceitar este ano, o convite vai se repetir sempre.

Fonte: *Men's Health*, n.80, dez.2012. In: *Men's Health*, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

40. Betão, meu relacionamento de sete anos está desgastado e estou a fim da minha melhor amiga. Que Faço?

RICARDO TELLES, POR E-MAIL

Relacionamentos são que nem tênis: com o tempo, todos se desgastam. O que importa aqui é se você realmente botou na balança se vale a pena dar uma recauchutada nele. Se há condições de retomar o frescor, o sexo bom, a tolerância, o papo legal, o companheirismo... Pensou bem e viu que não dá? Parta para outra. Mas não sublima a ruptura por meio de uma transa nova. Ruptura é coisa séria, deve ser bem deglutida. Você precisa equilibrar perdas e ganhos. Só então veja se sua melhor amiga é realmente a melhor pedida. E, como diz um amigo, pau na máquina!

Fonte: *Men's Health*, n.80, dez.2012. In: *Men's Health*, Especial Beto, o barman, 2 jan.2013. Disponível em: <http://vip.abril.com.br/especial-beto-o-barman/>

<p>Seção Pergunte ao Amigo Gay – Revista Women's Health</p>
--

41. Meu namorado propôs passarmos o Carnaval separados. Não tem caroco nesse angu?

FLAVIA B., SP

Claro que tem. Homem nenhum quer ficar sozinho nessa época para fazer retiro espiritual. O seu dilema é o seguinte: ou topa alegremente e cai na folia pra valer ou chuta esse cara e cai na folia pra valer. É Carnaval, bebê! O que você não pode fazer é ficar tricotando em casa enquanto ele beija estranhas atrás do trio elétrico. Seu namorado quer o melhor de dois mundos: a certeza de ter um porto seguro e a liberdade de vestir uma camisa listrada e sair por aí. Se você der tudo o que ele pede, esse sujeito vai sambar cada vez mais na sua cara. Melhor rebaixá-lo de uma vez para o segundo grupo.

Fonte: *Women's Health*, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

42. Uma amiga sempre se afasta quando está namorando. Então, quando não dá certo, espera voltar ao posto de best friend. Algum conselho?

PATRICIA P., PR

Que tal não atender o telefone? Ou dizer que tem outro programa? Já passei por isso. Um amigo mais folgado que camiseta velha só me procurava quando estava solteiro. Adivinha? Ele casou e sumiu para sempre. Portanto, continue tratando bem essa mulher-pêndulo, mas apresente logo a ela a sua verdadeira melhor amiga, a quem você conheceu durante o longo período em que se sentiu abandonada pela fofa.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

43. Tenho uma colega que é uma cafona, mas adora zombar das pessoas. Como digo que ela precisaria nascer de novo para ficar mais ou menos, sem ofender?

VIVIANA M., SP

E por que não deveria ofender? Uma ofensazinha de vez em quando é até necessária. Faz bem para a circulação. Se essa moça é mesquinha e desagradável, nada como um insulto daqueles para devolvê-la ao seu devido lugar. Mas deixe a coitada zombar à vontade. Uma das coisas mais divertidas do mundo é ver alguém sem “noção” criticar nos outros os defeitos que existem nela mesma. Vai por mim: se a colega virar um anjo de candura, seu escritório vai ficar muito mais chato do que já é.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

44. A ex-mulher do meu namorado liga até de madrugada com desculpas esfarrapadas. Usa o filho deles para fazer muitas chantagens. Posso me intrometer e dizer que só aceitamos ligações no horário comercial?

CINTHIA M., DF

Sinto informar, mas ela vai ter que falar com o seu namorado para todo o sempre. Ou pelo menos até o garoto se formar na faculdade e sair de casa. É muita empáfia da sua parte querer que a mãe do filho dele não possa ligar à noite: já pensou se acontece alguma coisa? Agora, não duvido que ela seja mesmo uma tremenda duma chantagista emocional e que tente de tudo para separar vocês dois. Mas esse problema é antes dele do que seu. Deixe-o domar a megera e meta-se nessa história o mínimo possível.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

45. Meu namorado, dez anos mais novo, me pediu em casamento. Sei que me ama, mas penso muito no futuro. Me imagino com 60, meio estragada, e ele com 50, todo bonitão. O que faço?

CRIS R., ES

Você não vai gostar da minha resposta, mas acho que precisa ficar ciente do risco que corre: sabe a chance de chover no Réveillon? É menor do que a possibilidade de ele trocar você por uma moça mais nova daqui a alguns anos. Digo isso porque já conheci muitos casais parecidos, e, invariavelmente, o homem acabou aprontando. Veja bem, não duvido que seu namorado a ame muito. Mas, ao chegar à tal da “idade do lobo”, fica difícil para qualquer coroa resistir ao assédio das periguetes. Ainda mais se ele estiver envelhecendo bem e a mulher que ele tem em casa nem tanto. Não estou dizendo para você não se casar, já que toda regra tem exceção. Mas depois não diga que eu não avisei.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

46. Almocei com um cara do trabalho que é cavalheiro e atencioso comigo. A conversa foi divertida e nos demos bem. Só que, ao voltarmos ao escritório, ele me tratou com frieza, como se mal me conhecesse. Estou a fim, mas não sei qual é a dele. Me ajuda!

B.O., DF

Seu colega pode estar a fim, mas parece ser um profissional consciente, que segue à risca o velho ditado “Onde se ganha o pão, não se come a carne”. Talvez ele tenha gostado muito de você durante o almoço e quer que a coisa evolua para algo mais sério, só que prefere não misturar o namoro com o trabalho. Vamos tirar a prova: ele ligou para você depois do expediente? Se a resposta for negativa, o cara simplesmente não gostou tanto assim. Acontece. E ninguém é culpado. Pode ser que ele tinha uma fantasia na cabeça e percebeu que a realidade não era bem assim. Fazer o quê? Bola pra frente que atrás vem gente!

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

47. Declarei-me para um rapaz, que sentia o mesmo por mim. Mas ele morreu no dia seguinte. Após duas semanas, uma pessoa especial pediu uma chance. Devo dar?

N. R., RO

Não sei se você tem muita sorte ou muito azar. Ou, pior, se você dá azar (toc, toc, toc três vezes). Pois se declarar para um cara e ele cair morto no dia seguinte é de arrepiar, hein? Por outro lado, quantas pessoas podem dizer que encontraram dois amores em menos de um mês? É CLARO que você deve dar uma chance ao segundo cara. Aproveite! Mas, por via das dúvidas, carregue um amuleto antes de revelar seus sentimentos ao novo pretendente.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

48. Odeio emprestar minhas coisas. Nem revista gosto de compartilhar. Toda vez que alguém me pede algo, fico angustiada, sem saber o que responder. Help me!

ANA P., BA

Que curioso, achei que estivesse respondendo às dúvidas das leitoras de Women's Health, não na Children's Health.... Porque, pela sua carta, parece que você tem 7 anos de idade! Onde já se viu não gostar de emprestar nem revista? Quer dizer, se for esta aqui, não empreste mesmo – a outra pessoa que compre, né?! Voltando ao assunto: que bom que seu egoísmo a esteja incomodando. Proponho um exercício para treinar o desapego. Comece emprestando algo baratinho, tipo uma caneta. Mesmo que ninguém tenha pedido, ofereça. Se sobreviver a esse teste, passe a disponibilizar às amigas próximas objetos mais valiosos, como uma jaqueta de couro ou um vestido de festa. Depois de um tempo, você estará tão generosa quanto a Madre Teresa de Calcutá.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

49. Namoro há quatro anos e não suporto meu cunhado e a esposa dele, que me tratam mal veladamente. Nos encontros de família, meu namorado e eu brigamos se reclamo do casal. Como dar um chega pra lá nos malas?

ALLINE C., PA

Num mundo ideal, você deveria chamar seu cunhado e a mulher para uma conversa franca e indagá-los: “Por que vocês me tratam assim? Foi alguma coisa que eu fiz ou disse?” Talvez vocês descubram que tudo não tenha passado de um mal-entendido, fiquem com cara de bobos e depois façam as pazes. Só que, infelizmente, nosso mundo não é o dos mais ideais e um convite desses pode até piorar as coisas com essa duplinha do mal. Seu namorado poderia ser seu aliado, mas ele não parece disposto a ouvir críticas ao irmão... Portanto, o jeito mais simples de evitar uma guerra em família é não se incomodar mais. Encare-os como a parte chata do pacote maravilhoso que é o seu relacionamento e aguentar firme.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

50. Quero comemorar meu aniversário com uma festa, mas tenho amigas que não se bicam (nem os respectivos delas). Não queria deixar de chamar ninguém para a data...

BRUNA M., SP

Bruna, isso não é problema seu, e sim delas. Se uma não quiser encontrar com a outra, então que mandem um presente caríssimo para você e finjam uma gripe terrível para justificar a ausência na comemoração. Mas atenção: não deixe de convidar nenhuma das queridas, hein? Preferir uma à outra vai custar uma inimiga mortal pelo resto da vida. Então ligue para ambas. Você pode até dar uma de simpática e avisar: “Olha, só pra você saber, chamei Fulana também” Mas eu não avisaria, não. Se as duas se estranharem na festa, sirva mais bebida e peça para o DJ tocar o hit do Michel Teló Ai, Se Eu Te Pego. Vai todo mundo se abraçar e se divertir, e o manto da paz cobrirá a humanidade.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

51. Tenho 25 anos, mas minha família me trata como se eu fosse uma adolescente. Como mostro a eles que cresci?

GABRIELA L., MG

É fácil: basta não ligar para a maneira como a tratam. Dar chique e reclamar é o mesmo que passar recibo: só vai confirmar – aos olhos deles – que você ainda pertence ao time das “aborrecentes”. A saída: bancar a superior, fingir-se de surda, fazer a egípcia... Uma hora eles vão se cansar e parar de chamar você de tchutchuquinha ou de lembrá-la de que precisa escovar os dentes e levar um casaquinho. Se não der certo, melhor se acostumar. Tenho mais de 50 anos e minha mãe ainda fala comigo como se eu tivesse uns 9. Acho até fofinho, sabia?

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

52. Perdi o aniversário do meu noivo por causa de uma viagem a trabalho. Acredita que ele ficou chateado? Mas o pior vem agora: ele quer que eu deixe de trabalhar depois que nos casarmos, ou pelo menos quando tivermos o primeiro filho. Eu ralei muito para chegar aonde estou e minhas perspectivas na empresa são ótimas. O que faço?

ADRIANA M., MG

Adoro essas perguntas de uma dúzia de linhas que esperam uma resposta capaz de salvar uma vida. Você só quer saber se escolhe o trabalho ou o casamento. Não tenho condições de fazer uma análise profunda do seu caso, mas lá vai: desmanche o noivado. Esse cara só gosta de metade de você. Até agora ele não percebeu quanto a carreira é importante na sua vida. Ele que vá procurar uma Amélia que fique em casa dando de mamar, e você trate de conhecer um homem mais bacana nas suas viagens de negócios.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

53. Uma prima que mora em outra cidade vem passar uns dias conosco. Detalhe: ela é vegetariana. Não estou com a menor vontade de mudar o cardápio da casa, mas também não quero ouvir um sermão a cada refeição em que houver carne. E agora?

JULIANA F., DF

Hóspedes devem ser tratados com a maior cortesia, mas eles também precisam se adequar às regras da casa. Será simpático servir um ou outro jantar à base de massas e saladas, mas não esconda a carne que tem no freezer. Simplesmente avise: “Hoje vamos comer vísceras malpassadas, mas preparei um escondidinho de tofu com acelga para você”. Se ela preferir comer fora, o problema não é seu. Se sua prima for mesmo uma boa hóspede, vai trazer sua própria carne de soja, sem lhe dar despesas extras. E não se esqueça: dê uma cortada drástica se ela bancar a ecochata e começar a pregar o evangelho vegetariano na hora do churrasco.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

54. Você acredita que “o que é de gosto é regalo da vida”? Estou pensando em fazer uma dívida para tirar férias. Vale?

MANUELA B., PR

Não há uma resposta única para essa pergunta. Vou ter que me dividir em dois, feito uma ameba, e deixar que cada lado dê a sua opinião. O lado que viaja todo ano para o exterior e que até hoje não tem casa própria grita “Siiiiim, claro que vale!” Porque uma viagem é para sempre. Dura muito mais do que aqueles poucos dias: continua nas fotos, nas compras, nas lembranças... Já o lado mais responsável diz que não, de jeito nenhum. Não devemos gastar um centavo além das nossas possibilidades, e os juro estão pela hora da morte. A viagem vai passar rápido, e você vai ficar pagando, pagando... Ajudei? Não, né!?

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

55. Uma gordinha pode ser feliz nessa ditadura da magreza? Vivo esse dilema. Uma hora feliz, outra em crise, mas nunca terei um corpão. Tem lugar para mim neste mundo?

CARLA C., MG

Chega mais perto que eu vou contar um segredo, e que não nos ouçam as outras páginas desta revista: a maioria dos homens a-do-ra uma mulher cheinha. Tem onde pegar! Essa magreza que a gente vê nos desfiles é uma invenção da indústria da moda, de meados do século 20 para cá. Num corpo esquelético, os modelitos caem melhor e permitem que se vejam os detalhes. Até aquela época, as gorduchas é que eram as boazudas. Quilinhos a mais eram sinal de saúde e status. E, aqui no Brasil, tá assim de cara que curte meninas como você. Como diz o sábio Leo Jaime: celulite quer dizer “sou gostosa”, em braile.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

56. Uma amiga namora um ex meu. É coisa do passado distante, mas ela surta cada vez que ele fica sozinho conversando comigo. E não tem nada a ver mesmo. O que faço com a histérica?

PATRICIA B., DF

Devolve para o mar que é oferenda. Traduzindo: afaste-se dela. Eu ia acionar a minha resposta padrão, “converse”, mas você usou termos como “surta” e “histérica”, que me desanimaram. Se ela tem mesmo esse tipo de reação irracional, não adianta tentar convencê-la de que desse mato não sai cachorro. Sua amiga se sente insegura talvez porque ele dê mesmo motivo. Afaste-se e volte a procurá-la quando o namoro acabar, aposto que não vai durar muito tempo.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

57. Vou casar. Minha lista tem 100 pessoas e a da minha sogra 250. E sou eu e meu namorado que vamos bancar a festa! O que fazer?

MARCELA F., RS

Você tem sorte. Há alguns anos, a tradição determinava que a família da noiva arcasse com TODAS as despesas do casório. Sei de um caso em que os pais dela precisaram vender o apartamento onde moravam para bancar a festa... Ok, esse exemplo não serve de consolo. Então sejamos práticos. Puxe seu noivo no canto e diga que assim não dá. Com ele você pode usar termos que azedariam a relação com sua sogra. Explique que prefere comprar cama, mesa e cadeiras para a casa nova a torrar uma grana para alimentar um pessoal que você nunca viu (e que vai sair reclamando da comida). Se nem assim der certo, diga que não tem dinheiro. Acabou o problema.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

58. Quero pedir demissão e mandar meu chefe para os quintos dos infernos. Me ajuda a escrever um discurso bem desaforado?

CARLA V., SP

E as voltas que o mundo dá? Você vai fechar as portas dessa empresa e conquistar um inimigo. Imagine que amanhã vai procurar emprego em outro lugar, e adivinhe quem vai analisar o seu currículo... Essas cenas de catarse profissional são muito divertidas no cinema ou nas novelas. Se você não suporta o seu trabalho, peça

demissão, mas não perca a compostura. E, se você quer mesmo desabafar, escreva a carta desaforada, mas tranque na gaveta. Eu ajudo. Vamos lá: “Querido ex-chefe, nunca entendi como uma pessoa tosca conseguiu chegar tão alto na carreira – sinal de que não é só você que avalia mal o talento dos outros...”

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

59. Minha mãe me compara à minha irmã o tempo todo. Ela fez MBA, casou, tem dois filhos e eu ainda nada. Como explico que não quero ter a vida dela?

ISABELA M., RS

As mães sempre dizem que querem o melhor para os filhos, mas muitas vezes acabam promovendo uma espécie de reality show entre eles para ver quem marca mais pontos – segundo o critério delas, é claro. Sua irmã pode muito bem ter tudo isso e não ser uma mulher realizada. E você, consegue ser feliz com o que não tem? Se a resposta for sim, diga à sua mãe que você e sua irmã têm objetivos de vida diferentes, e que você já atingiu os seus. Agora, se a resposta for não e você realmente estiver atrás das mesmas coisas que a maninha conquistou, peça para a sua mãe cooperar e criticar menos. Esse tipo de comparação que ela faz só aumenta as chances de você continuar na mesma.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

60. Comprei um vestido caro para um casamento e uma amiga, quando viu, foi logo dizendo que quer emprestado. Prefiro a morte. E agora?

RENATA N., RJ

Sinto dizer, mas acho que as duas estão erradas. Sua amiga tinha que perceber como esse vestido é importante para você e se mancar. Além do mais, pegar emprestado um vestido de festa é flertar com o perigo: ele pode voltar manchado, rasgado, destruído por uma manada de elefantes. Agora, você prefere a morte a emprestar um vestido? Quantos anos você tem? A gente regula esse tipo de coisa só até a terceira série. Demonstrar tamanho apego às posses materiais é passar recibo de bestinha. Respire fundo, crie coragem e faça sua amiga feliz. Mas exija que o vestido volte lavado, passado e perfumado.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Amigo Gay. *Blog MdeMulher*, 6 set.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/amigo-gay/>

Seção Pergunte ao Vizinho – Revista Women's Health

61. Meu namorado e eu pusemos as cartas na mesa quando fomos morar juntos. As revelações de traições mútuas nos abalaram. Como superar?

BRUNA M., POR E-MAIL

Entre no túnel do tempo e tire essa péssima ideia de sinceridade da cabeça. Não queremos a verdade. Queremos que vocês nos digam que foram poucos e insignificantes os homens que tiveram. Que somos os responsáveis pelos melhores, se não únicos, orgasmos de sua vida. Principalmente, que NUNCA FOMOS TRAÍDOS! O estrago já está feito e agora é hora de remendá-lo com promessas de amor eterno. Afirme e reafirme que nunca mais irá traí-lo e que ele é seu único e grande amor. Nessas horas, só o amor constrói.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 23 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

62. Por que os casados nunca deixam a esposa quando se envolvem com outras?

TANDARA, POR E-MAIL

Para entender esse assunto, você terá de aceitar um fato conhecido, mas negado, pelas mulheres: amor e desejo são sentimentos separados na cabeça do homem. Sim, é possível sentirmos desejo por alguém que mal conhecemos ou por quem não temos admiração. Sim, é uma atitude desprezível, mas é assim que funciona.

Quando aceitar esse fato, entenderá por que um homem não pensa em abandonar sua amada esposa por uma amante. São categorias distintas de sentimentos, entende?

Fonte: *Blog MdeMulher*, 23 ago.2012. Women's Health, Pergunte ao Vizinho. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

63. Fiquei duas vezes com um cara que acabou um namoro há seis meses e sempre teve uma queda por mim. Ele diz que, por ter namorado dez anos, gostaria de ficar solteiro um tempo. Espero ou desisto?

FABIANA R., POR E-MAIL

Vale a pena esperar um pouco. As prioridades dele neste momento são avaliar o que aconteceu, buscar as prioridades, curtir o luto ou mesmo superar possíveis traumas causados pela ruptura. Isso é importante para que ele possa começar um novo relacionamento com a alma limpa. Dê esse tempo, mas mantenha-se atenta. Não deixe que ele confunda paciência com permissividade para sair por aí experimentando todas as mulheres disponíveis no mercado.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 23 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

64. Saio com um recém-separado de 49 anos que deixou claro não querer relacionamento sério. Ele é o genro que toda mãe pediu a Deus, mas se intitula “um tranqueira que quer viver a vida louca e intensamente, sem vínculos com ninguém”. Os homens são capazes de manter uma vida assim por muito tempo?

CLAUDETE F., POR E-MAIL

Assim como? Uma vida de prazeres, sem compromisso ou cobrança? Uma vida de liberdade em que a única lei é o respeito aos seus desejos? Deixe-me pensar: SIM, podemos viver assim por muito tempo. Esse homem acabou de se separar e está aproveitando o último suspiro de seus hormônios naturais. Não existe a menor possibilidade de ele jogar tudo isso fora por uma única mulher nesse momento. Muito menos para exercer o papel do genro, que ele já viveu. Isso é tão óbvio que só vou falar uma coisa: esqueça.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 24 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

65. Há dez anos me relaciono com um homem casado. Há dois ele me cobra fidelidade. Como fazê-lo ficar comigo?

CRISTIANE M., POR E-MAIL

Você conseguiu unir o pior da esposa e da amante em um só relacionamento. Nesses dez anos, não teve nem um companheiro ao seu lado nem filhos. Agora, vive as cobranças de uma relação desgastada e, ainda assim, não perde a esperança. Detesto dizer isto, mas você investiu uma década em um homem que não a merece e não irá recompensá-la por nada. Por favor, não perca mais tempo. Não deixe esse período se transformar em 20 anos. Dê um pé na bunda desse ignóbil espécime masculino.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 24 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

66. Vizinho, adoro ser amiga de homens. O problema é que todos querem transar comigo, até um que vejo como irmão. O que fazer?

SILMARA O.D., POR E-MAIL

Há três teorias: 1) Você é um furacão sexual que deixa qualquer cara sem controle de seus atos; 2) Seus amigos têm tanta testosterona que não conseguem pensar com a cabeça de cima - logo, são amigos mal escolhidos; 3 (a mais provável) É você quem confunde desejo com amizade, provocando seus amigos de forma sutil. Todo cara percebe quando a porta do sexo está fechada. É uma questão de postura, sobretudo por parte da mulher, até porque os homens não têm esse autocontrole. Repense seu comportamento e os limites que impõe.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 24 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/perguntae-ao-vizinho/>

67. Como superar o fim do namoro com aquele que eu acreditava ser o homem da minha vida?

ANA CAROLINA S., POR E-MAIL

Seguindo a lógica cartesiana, se ele fosse o homem da sua vida, estaria com você. Logo, não é. O primeiro passo é aceitar isso. De verdade. O segundo é saber (e sentir) que a vida não acabou. Que ela ainda lhe reserva surpresas, amores e alegrias. Recentemente uma amiga foi cantada por um homem que estava sentado ao seu lado em um teatro. E estão completamente apaixonados. Segundo ela, é o homem da sua vida (depois de ter tido outros, claro). Detalhe: ela tem 68 anos. A moral da história é que nós nunca sabemos como o destino se apresentará e, definitivamente, não existe limite de idade para o amor.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 24 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/perguntae-ao-vizinho/>

68. Meu vizinho gato sempre puxa assunto. Sem que eu pergunte, ele afirma que não deseja namorar, muito menos casar. Isso quer dizer que ele não está a fim de mim?

TATIANE G., SP

Pelo contrário, ele só está colocando os parâmetros para o relacionamento. Flertar com a vizinha é arriscado, pois você é a mulher mais difícil de manter distância caso o affair não dê certo. Ele então deu a dica: sem expectativas. Se você acha que consegue se relacionar sem envolvimento emocional (o que quase mulher nenhuma consegue), esse homem pode ser útil sexualmente e uma boa companhia eventual. Caso você pense que os canais podem se misturar, nem comece. Você irá se machucar.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 24 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/perguntae-ao-vizinho/>

69. Por que, quando querem apenas sexo, os homens nunca dizem a verdade?

TANDARA, POR E-MAIL

Façamos um teste para ver se funciona. Um homem lhe faria este convite: "Vamos sair esta noite? Pretendo apenas levá-la para a cama. Não estou à procura de uma namorada e, mesmo que estivesse, não seria você. Tudo bem?" Há possibilidade de você aceitar? Pois é. Às vezes deixamos de dizer o que pensamos para conseguir o que queremos. Assim como vocês, que fingem não entender a verdade para viver a fantasia de um possível namoro. Esse jogo não foi criado pelos homens. Vocês são protagonistas na invenção dessa fantasia coletiva.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 24 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/perguntae-ao-vizinho/>

70. Sou apaixonada por ele e ele tem namorada. O que faço?

FERNANDA S., POR E-MAIL

Interessante: sem a certeza de que ele iria escolhê-la como namorada, preferiu não arriscar a amizade. Bem jogado. Porém, negar sua paixão e conviver com a amizade não está funcionando, não é? Você já demonstrou sensatez, agora é hora da coragem. É tudo ou nada. Demonstre seus sentimentos e veja o que acontece. O fato de ele ter namorada importa. Mas ser fiel aos seus sentimentos importa mais.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 24 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/perguntae-ao-vizinho/>

71. Meu namorado nunca pede minha opinião para tomar grandes decisões. Como fazê-lo mudar esse comportamento?

RAISSA G., POR E-MAIL

Quantas grandes decisões ele tomou durante o namoro? Eu, por exemplo, tomei umas quatro a vida inteira. Outra dúvida: essas decisões têm implicação direta em você? Parece-me que a sua vontade é por um pouco de parceria. Divida esse desejo com ele. Diga que, apesar de admirá-lo como uma pessoa decidida, você

gostaria de compartilhar seus pensamentos, fazer parte do processo. Conversar aproxima e estreita os laços entre os parceiros, mas faça isso de maneira amorosa. Pessoas decididas não costumam gostar de cobranças e DRs.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 24 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

72. Ultimamente, qualquer desentendimento com meu namorado vira uma briga imensa. Como acabar com a guerra?

GABRIELA J., POR E-MAIL

Infelizmente, com mais guerra. Se vocês já estão nesse ponto bélico, é porque há temas de desconforto que não estão sendo ditos. E vou lhe dizer que o não dito acaba se manifestando de várias formas, inclusive em desentendimentos corriqueiros. Sei que é difícil e que várias pessoas evitam esses confrontos, mas verdades que incomodam a ambos terão que ser discutidas seriamente e perdoadas.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 28 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

73. Meu marido me deu uma joia cara e horrível. Dá para resolver isso sem criar uma saia justa?

BRUNA B., POR E-MAIL

Claro. Vou lhe contar um segredo: nós só queremos deixá-las felizes. Esse foi o motivo da joia cara. Talvez ele brinque com a possibilidade de você não ter gostado, mas no fundo só quer que você o valorize pelo presente. Vá à joalheria, troque e mostre quanto ficou feliz com o preço que ele pagou. Explique que preferiu outro tipo e recompense-o sexualmente, gastronomicamente ou da maneira que ele preferir. Afinal, ele lhe comprou uma joia cara, não foi?

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 28 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

74. Com o passar do tempo, tem ficado mais difícil eu me relacionar. Tenho menos paciência para tolerar os defeitos alheios e raramente me encanto com algum homem. O que fazer?

ÂNGELA Z., POR E-MAIL

Aceitar um ser humano em sua totalidade é difícil, mas deveria ser nossa grande meta de vida. Aprender a conviver com os defeitos nossos e alheios é um dos benefícios da maturidade. Se você acha que está ao menos tentando, talvez o problema esteja no nível intelectual e emocional dos seus atuais pretendentes. Escolha melhor os lugares que frequenta, pois existem homens bem interessantes no mercado.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 28 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

75. Casei-me três vezes e em todas perdi o tesão. Sou muito assediada e tenho vontade de ficar com outros. É o que acontece agora, embora eu viva bem com o atual marido. Algum conselho?

SUZANA E., POR E-MAIL

Terapia. Por sua descrição, você parece jovem. O fato de estar no terceiro casamento significa que as tentativas anteriores não duraram muito. Apesar de existirem estudos que tentam comprovar a durabilidade da paixão (ou do tesão), acredito que no seu caso a perda de interesse sexual tenha razões mais profundas que poderiam ser entendidas e talvez trabalhadas.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 28 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

76. Estou interessada num cinquentão boa-pinta que nunca foi casado. Encrenca na certa?

CARMEN L. J., POR E-MAIL

Eu não diria encrenca, mas, se você está insinuando que gostaria de se casar com esse homem, estamos falando de uma possível frustração. Mudar o hábito de se esquivar de matrimônios por 50 anos é uma tarefa

difícil, senão ingloria. A probabilidade pode estar contra você. Mas, em matéria de amor, estatísticas não valem de nada.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 28 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunta-ao-vizinho/>

77. Descobri que meu namorado tem um MSN falso e adiciona moças com nicks tipo Safadinha. Por que ele mantém essa conta se jura querer casar e ter filhos? Se questioná-lo, ele saberá que tenho acesso aos seus segredos.

ÉRICA B., POR E-MAIL

Antes de mais nada, pare de mexer nas coisas do seu namorado. Quem procura acha. E normalmente não gosta do que acha. Todos temos segredos que preferimos não compartilhar com ninguém, pois podem ser recebidos como sinais de infidelidade. Apesar de muitas vezes esses pensamentos não passarem de fantasias que jamais serão concretizadas, a exposição desses fatos pode ser motivo de constrangimento. Não o confronto e esqueça essa história. Preocupe-se apenas se perceber sinais concretos de infidelidade.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 28 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunta-ao-vizinho/>

78. Fiquei com um menino no fim do ano que mora longe de mim. Estou de mudança para próximo dele e ele já sabe. Espero um convite?

MARIANA S., POR E-MAIL

Convite para jantar? Sim, pode esperar. Mas, se você estiver insinuando um convite para morar junto depois de apenas ter ficado com ele no fim do ano, eu lhe faço um convite à realidade. Acredito que a experiência tenha sido positiva e que existe uma chance de ele ter interesse em você. Mas uma aproximação sem expectativas exageradas é fundamental para a construção de um relacionamento saudável. Esteja aberta ao amor e aos sentimentos que essa mudança trará. E vá com calma.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 28 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunta-ao-vizinho/>

79. Meu namorado se chateia quando falo dos meus ex. Quando ele conta das dele, eu ouço, não critico e para ele está numa boa. Por quê?

R.A., POR E-MAIL

Porque cada um é cada um. Você não tem ciúme, ele sim. Isso é humano, natural e não vejo problema algum em nenhum de vocês dois. Minha dúvida é porque você, apesar de saber que essa conversa o chateia, o provoca. Qual a necessidade de confrontá-lo com experiências de relacionamentos anteriores? Há outras formas de falar sobre seu passado e sua intimidade sem despertar o ciúme que percebeu nele. Pare de olhar para o que você considera um defeito de seu namorado e mire nas intenções de suas ações. Será mais maduro e construtivo.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 28 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunta-ao-vizinho/>

80. Estou apaixonada pelo cara que dá banho na minha gata. Ele faz questão de vir até a minha casa, que fica a 40 km da loja, e não cobra mais pelos serviços. Ele está interessado em mim? Ouvi dizer que ele é comprometido.

ADRIELLY T., POR E-MAIL

A ingenuidade de algumas mulheres diante do óbvio é algo que não cansa de me surpreender. Comprometido ou não, tenha certeza: ele está interessado em você. Talvez ele não se declare por ter namorada (e não quer tomar uma iniciativa cafajeste) ou por ser tímido (e temer misturar a relação profissional com a sentimental). De qualquer forma, a questão é outra: esse rapaz percorre 40 km para dar banho na sua gata (de graça) e você não tem nem a coragem de perguntar se ele é solteiro? Por favor, um pouco de iniciativa não faz mal a ninguém.

Fonte: Women's Health, Pergunte ao Vizinho. *Blog MdeMulher*, 28 ago.2012. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/especialistas/categoria/pergunte-ao-vizinho/>

Seção Arrasa! Ficadas e Rolos – Revista Atrevida

81. Estou a fim do primo do meu ex. E agora???

Saiba como agir quando você fica a fim de algum amigo ou parente do seu ex-namorado!!!

Meu namoro não deu certo e, logo depois do fim, minha BFF começou a namorar meu ex! Fiquei com ciúmes no começo, mas percebi que estou a fim do primo dele e ele de mim! Será que devo levar o rolo adiante? Tenho medo de causar intriga com o meu ex.

A.C.R., POR E-MAIL.

Menina, isso poderia virar um belo filme! A (você) namorava B (seu ex), mas daí o namoro terminou e C (sua BFF) começou a namorar B, e A quase ficou mal, mas não ficou porque estava a fim de D, primo de B. UFA! Olha, para botar ordem nessa sopa de letrinhas, clareza é tudo, afinal de contas, se deixar tudo como está, a coisa toda pode ficar cada vez mais embolada - e se caso rolar uma "rede de intrigas" (toc - toc - toc na madeira!) todos saberão que não foi você quem escreveu o roteiro. Por isso, abra o jogo. Ninguém perde por dizer a verdade, por mais confusa que ela pareça.

Fonte: *Atrevida online*, 11 jan.2012. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

82. Como agir quando você não concorda com as atitudes do gatinho

Confira as dicas da Atrevida para se dar bem na paquera

Gosto de um menino, só que não aprovo nenhuma das atitudes dele. Comigo ele é fofo, me trata bem e é carinhoso, mas no colégio, é da turma que zoa todo mundo, que não estuda e que só se mete em confusão. Será que devo terminar?

R.T., POR E-MAIL

Se você gosta dele e ele a trata bem, por que terminar com o garoto? Aproveite sua influência sobre o boy e, com jeitinho e sem parecer sermão de mãe, diga que você o admirará ainda mais se ele se ligar que, estudando e investindo a energia em coisas melhores e em atitudes mais legais, o retorno será mais favorável e ele terá muito mais a ganhar. Pode até começar perguntando qual o retorno que ele tem disso tudo hoje, pra fazer o garoto pensar.

Por Mariana Viktor, coach de relacionamento e jornalista especialista em comportamento

Fonte: *Atrevida online*, 21 jun.2012. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

83. Minha sogra não gosta de mim! :(

Quando a mãe do boy não gosta de você é um problema... saiba como amenizar isso!

A família do meu namorado não gosta muito de mim, principalmente a mãe. Ela já até me expulsou da casa dela! O que devo fazer para melhorar o convívio com a sogra?

J.L., 16 ANOS, SÃO PAULO

Perceba que imagem você passa pra família dele: feche os olhos e reveja várias cenas de você interagindo com eles. O que percebeu sobre suas atitudes? Vamos supor que você notou que é meio seca. É possível ser mais afetuosa? Se acha que eles estão enganados a seu respeito, uma conversa pode ajudar. Boa sorte!

Fonte: *Atrevida online*, 8 jan.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

84. Ele diz que me ama mas... tem namorada!

O garoto que você gosta também gosta de você, mas... namora? Ai, ai!

Gosto muito de um menino da minha escola só que ele tem namorada. Quando questionei, ele disse que me ama, mas que não quer terminar. Como ela vai sair da escola, ele me pediu para esperar. Estou confusa, me ajudem!

R.C.S, POR E-MAIL

Dá pra entender a sua preocupação em agir certo e a preocupação dele em não magoar a menina, mas vou lhe fazer duas perguntas:

Se você fosse a garota, como gostaria que o seu namorado (ele, no caso) agisse?

Se você fosse o menino, como agiria?

Acho que a sua resposta seria a mesma para as duas questões: se você fosse a menina, gostaria que ele abrisse o jogo – e, se fosse o garoto, você abriria o jogo. Jogo aberto evita mal-entendidos, evita teatrinho pra esconder as coisas, evita a sensação de que fazemos algo errado. Até porque, sem julgar o menino, só falando em tese, quem garante que ele não vai se apaixonar por uma terceira garota e ocultar de você até não sei quando para não magoá-la? Pense nisso.

Fonte: *Atrevida online*, 10 jan.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

85. Me apegue muito fácil! Tem algo errado?

É muito natural se apegar fácil ao boy, porém é preciso ter cuidado

Sempre fui aquele tipo de menina que se apegue muito fácil. Na balada, quando fico com alguém, já começo a imaginar um lance mais sério e, se não rola, fico mal. Tem alguma coisa errada comigo?

P.A., POR E-MAIL

P., considere assim: se fizer bem é certo, se fizer mal é errado. Sonhar é ótimo e muito gostoso. Mas sonhar sem levar em conta a possibilidade do carinho não ser “O” garoto é algo que sempre acaba fazendo mal. Então, não tem nada de errado com você a não ser o excesso de expectativa. É uma questão de ajuste e de esperar por aquele menino que vai estar na mesma sintonia dos seus sentimentos. Não se preocupe, porque achar a pessoa ideal leva algum tempo pra todo mundo.

Fonte: *Atrevida online*, 18 jan.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

86. Meu pai não gosta do meu namorado. O que eu faço?

Fazer com o que o seu pai goste do seu namorado não é uma tarefa muito fácil...

Faz um mês que estou namorando escondida, só que agora meu namorado quer pedir autorização para minha família. Tenho medo de que meu pai brigue comigo, pois é muito ciumento e não gosta do menino que está comigo. O que eu faço?

G.X., POR E-MAIL

Parece complicado, mas você sabe porque seu pai não gosta do menino? Se for cisma, ele não a ouvirá. Mas que tal abrir o jogo para um adulto da família em quem o coroa confie? Vale explicar a situação para o parente e perguntar se ele está disposto a ajudar. Um depoimento sensato e sincero pode “limpar a ficha” do menino e resolver a questão. Agora, se seu pai tiver um motivo concreto para não gostar do garoto, pergunte-se: “se eu não estivesse envolvida emocionalmente, daria razão ao meu pai?” Será que um namoro assim vale a pena? Boa sorte!

Fonte: *Atrevida online*, 23 jan.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

87. Eu gosto dele... mas ele não gosta de mim :(

Não se preocupe, você não é a única a passar por isso! Conte com a Atrê para te ajudar!

Eu gosto muito de um garoto lindo, mas ele diz não gostar de mim. Minhas amigas falam para eu desistir, mas gosto tanto dele que faria de tudo para tê-lo. Às vezes, percebo que ele não presta atenção na aula para ficar olhando pra mim. Ele também é muito carinhoso comigo. Nunca vou entendê-lo! O que eu faço?

M.L.B.A., POR E-MAIL

Ele disse para quem que “não gosta de você?” Desconfie sempre de respostas que são dadas aos outros. Talvez isso não seja verdade. Porém, se ele disse isso diretamente a você, a coisa já muda de figura, embora o comportamento dele não combine muito com essa história de não gostar de você. O importante é não tentar entendê-lo! De repente, nem ele próprio se entende! Aproveite o carinho que ele tem por você e procure se aproximar por meio da amizade, sempre mostrando a ele suas qualidades como pessoa e amiga. A amizade sempre é um bom começo!

Fonte: *Atrevida online*, 5 fev.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

88. Meu pretê mora em outra cidade. E agora?

Saiba que seu problema pode ser resolvido rapidinho!

“Eu viajei para uma cidade bem pequena, próxima à minha, com minha prima e minha amiga. Lá eu conheci um garoto e estou apaixonada por ele. O pior é que eu não tenho a menor ideia de quando vamos nos ver de novo. A gente só conversa pela internet mesmo, mas será que eu nunca mais vou vê-lo? O que eu faço?”

S.R., POR E-MAIL

S., olhe de novo: o que parece um problema, não é! O mais difícil já aconteceu: vocês se encontraram nesse mundão e podem manter contato todo dia – as meninas apaixonadas do passado, pode apostar, dariam um dedinho pra estar no seu lugar, porque há uns 16 anos nem e-mail existia! Então, take it easy. Que tal vocês seguirem conversando via Facebook, quem sabe ouvirem a voz um do outro pelo telefone e, se o sentimento continuar forte, combinar um encontro nas próximas férias ou no próximo feriado? Afinal, ele mora aí pertinho, na cidade ao lado. Estamos na torcida!

Fonte: *Atrevida online*, 4 dez.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

89. Será que eu caí em uma furada?

Estar apaixonada por um garoto lindo nem sempre significa algo bacana...

Estou apaixonada por um garoto lindo, mas ele diz que não tem grana para responder meus torpedos nem pra me levar pra sair. Caí em uma furada?

H.G., 13 ANOS, RECIFE

É fácil perceber se ele não tem grana mesmo. Observe o estilo de vida do garoto, veja se ele faz ligações para outras pessoas, que tipo de casa mora, se anda com roupas transadas e tire suas conclusões. Se ele anda mesmo na pendura, avalie se você o quer mesmo assim. Agora, se ele não tem cara de quem passa fome, esqueça: não há interesse da parte dele em você, pelo menos por enquanto.

Fonte: *Atrevida online*, 11 fev.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

90. Meu namorado é ciumento demais! Devo terminar o namoro?

Descubra o que fazer se o ciúme do seu namorado é exagerado demais

Meu namorado é bastante ciumento, não me deixa fazer nada sem ele e também não gosta das minhas amigas. Gosto dele, mas não quero deixar minha turma de lado. Devo terminar?

P. G., POR E-MAIL

Você já tinha amigos e fazia suas coisas antes do namorado aparecer, P.G., e foi exatamente o seu jeitinho que o atraiu. Ele diz que quer que você se afaste das pessoas, mas se isso acontecer, você perderá não apenas os amigos, mas o seu brilho, a sua personalidade. A consequência? Você deixará de ser quem é e se sentirá triste e vazia. É o que ele quer? Converse sobre isso com ele.

Fonte: *Atrevida online*, 28 fev.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

91. Acho que ele está a fim de uma amiga minha. E agora?

O boy dos seus sonhos gosta de sua amiga? Complicado, né? Saiba como agir!

“Sou apaixonada por um garoto há nove anos. Só que tenho vergonha de chegar nele e falar o que sinto e não ser correspondida, já que sempre falaram que a gente faz um belo casal e que nos amamos – só que sempre negamos gostar um do outro. Uma amiga minha também gosta dele e acho que ele também está a fim dela. Realmente estou confusa, não sei para quem contar.”

B. T., POR E-MAIL

B., vamos refletir juntas? Considerando que vocês se gostam e até as pessoas acham que vocês formam um belo casal, o que vai acontecer se você falar com o garoto sobre seus sentimentos? Ok, você não sabe (que medão)! Mas não precisa dizer na lata. Usando seu charme e criatividade, garanto que você encontrará um jeitinho de fazê-lo entender. E o que acontecerá se você não falar? Pelo jeito, nada. Do que você se arrependerá mais com o tempo: de ter falado ou de não falar? Confie no seu taco!

Fonte: *Atrevida online*, 11 mar.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

92. Vale a pena esquecer o boy que mora longe?

Está apaixonado por aquele menino que mora bem longe de você? Saiba o que fazer!

Estou apaixonada por um garoto que mora em outro país. Ele costuma vir bastante para o Brasil, mas não nos vemos com muita frequência. Quero esquecê-lo!

G.P., POR E-MAIL

G., quanto mais força você fizer para esquecê-lo... adivinha? Mais o manterá nos seus pensamentos! Uma técnica simples usada na programação neurolinguística, que funciona é: cada vez que lembrar dele, feche os olhos, transforme a lembrança numa foto em preto-e-branco e empurre essa imagem pra bem longe de você, até que desapareça. Repita quantas vezes for preciso. Em pouco tempo ele vai, literalmente, desaparecer dos seus pensamentos! Vale a pena tentar.

Fonte: *Atrevida online*, 16 abr.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

93. Não tenho confiança no meu namorado. E agora?

Perdeu a confiança no boy? Saiba como agir!

"Comecei a ficar com um menino comprometido. Ele terminou com a namorada por minha causa e, logo depois, me pediu em namoro. Eu aceitei, pois gosto dele demais, mas tenho medo de que ele faça comigo a mesma coisa. Estou confusa!"

T.W., POR E-MAIL

T., se ele terminou com ela é porque se apaixonou por você e essa paixão poderia rolar se estivesse sozinho. É ou não é? Então não esquente a cabeça com o fato de ele ter terminado com a garota – isso não quer dizer nada e não define caráter. O que define caráter é o comportamento dele com você. Ele parece apaixonado? Merece confiança pelas atitudes que assume em relação ao relacionamento? Ou você o sente com o pensamento longe ou já o viu de olho em outra? Fique ligada, mas sem nóias.

Fonte: *Atrevida online*, 29 abr.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

94. Conheci o boy pela internet e ele mora longe; devo investir?

Será que vale a pena insistir nesse relacionamento?

Conheci um garoto pelo Facebook e agora estamos nos falando quase todos os dias. Acho que estou a fim dele e ele já disse que quer ficar comigo, só que moramos em cidades diferentes. Devo investir no rolo?

T.L., POR E-MAIL

Olha, T., você não está sozinha nesse dilema, porque o que tem de apaixonados nessa situação... Pra saber se vale a pena investir nesse rolo, pergunte-se: 1) Esse namoro está fazendo mais bem do que mal? 2) Há possibilidade de vocês se encontrarem ao vivo com certa regularidade? Se as duas respostas forem “sim”, vá em frente e deixe o resto por conta do destino.

Fonte: *Atrevida online*, 15 maio 2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

95. Meu namorado é muito controlador. E agora?

Será que é possível curtir o namo e sua liberdade ao mesmo tempo?

"Estou namorando há quatro anos. No começo, meu namorado era maravilhoso. Enfrentei toda a minha família pra ficar com ele. Mas depois de um tempo ele mudou muito! Ele me controla e mente cada vez mais. Só fico trancada dentro de casa. Eu o amo muito e não me vejo sem ele, mas não sei o que devo fazer! Devo seguir o coração ou a razão?"

T. K., POR E-MAIL.

T., é difícil agir com a razão, mas não impossível. No seu caso, me parece que a razão leva para o caminho de melhor qualidade de vida, satisfação e bem-estar - e esse é sempre o mais adequado, não é? Se você percebe que não é uma situação passageira, mas sim o comportamento padrão do seu namorado, pule fora e busque ser feliz. Pense que você não tem o poder de mudá-lo, mas sim de você mesma mudar a situação. Tente conversar e negociar com ele, mas, caso não veja mudança, busque ajuda da sua família, de amigos e até de uma profissional. Pense: você merece e deve ser feliz!

Fonte: *Atrevida online*, 4 jun.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

96. Me sinto atraída pela minha melhor amiga. E agora?

Saiba o que fazer se isso acontecer!

"Comecei a namorar um garoto faz seis meses. Sou muito apaixonada e gosto dele demais, mas, de uns tempos para cá, tenho me sentido atraída pela minha melhor amiga. Estou muito confusa! Me ajudem!"

S.N., POR E-MAIL

S., numa situação dessas é bem normal ficar confusa. Se o dilema fosse entre dois meninos já seria um uó, mas entre um garoto e sua melhor amiga é de dar nó na cabeça. Só que nesse estado de ferve emocional o conflito só vai piorar. Então, relaxe e deixe acontecer o que for pra acontecer, sem tentar apressar as coisas pra resolvê-las rapidinho. Os acontecimentos irão mostrando o caminho...

Fonte: *Atrevida online*, 10 jun.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

97. O menino que eu amo só quer ficar. E agora?

Descobriu que o seu grande amor não quer algo sério? Saiba o que fazer!

"Conheci um garoto, e ficamos super amigos, passamos a nos falar todo dia por telefone. Ficamos e até rolou mais que beijos. Ele diz que somos amigos coloridos. No início era só isso mesmo, só que descobri que estou apaixonada por ele, e não tenho coragem de dizer isso e nem de admitir. Ele disse que não sente nada por mim quando conversamos sobre isso, e eu neguei na hora que ele perguntou se eu gostava dele. Mesmo depois dessa conversa, ele me liga quase todo dia e passamos horas no telefone. Aos sábados marcamos de sair e sempre ficamos. E eu sei que para ele é só isso, pois o conheço bem, ele é do tipo "galinha", e diz que se eu gostar dele é pra dizer, pois não quer me magoar. Eu quero dizer o que eu sinto, mas eu tenho muito medo de perder isso que temos. Ajudem-me!"

V.S. 16 ANOS, POR E-MAIL

V., não se preocupe com o que é dito ou não dito: atitudes falam muito mais do que palavras. Garotos que não sentem nada não costumam ligar todos os dias e ficar horas no telefone. Segredinho: muitos se enrolam e ficam sem jeito ao falar de sentimentos e por isso preferem não tocar no assunto, principalmente quando estão... apaixonados! Deixe ele à vontade, deixe acontecer, relaxe. E não esqueça: o que ele faz é muito mais revelador do que o que ele diz.

Fonte: *Atrevida online*, 1 jul.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

98. Acho que meu namorado gosta da minha BFF. E agora?**É hora de colocar a confiança que você tem no boy à prova!****“Meu namorado e minha BFF andam passando muito tempo juntos. Perguntei para ele se gostava dela, e ele disse que não. Mas eu já os vi conversando baixinho um com o outro. Resolvi falar com ela também e ela se recusou a responder minhas perguntas. Eu não sei o que faço, ele diz que me ama, eu o amo também, mas não aguento mais essas conversinhas deles.”**

M.O., 16 ANOS, POR E-MAIL

Bom, M., as atitudes dele vão mostrar se mente ou diz a verdade. A cumplicidade que ele tem com ela parece ser maior do que a que ele tem contigo? Se sim, talvez os dois tenham se apaixonado e não saibam como dizer isso a você, porque é uma situação muito chata que não depende de escolha. Ela simplesmente acontece, não é culpa de ninguém. Vai doer, claro. Mas vai passar. E pra passar mais rápido, não sinta pena de você mesma. Siga em frente, pois a vida sempre traz pessoas novas e novos amores (até melhores). Fato!

Fonte: *Atrevida online*, 9 jul.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

99. Meu namorado vai morar em outra cidade. O que devo fazer?**Saiba como lidar com a insegurança e, mesmo assim, ser feliz com o boy****"Namoro há dois anos e sou superapaixonada. Só que agora meu namorado vai mudar de cidade para fazer faculdade e estou bem insegura com a situação. Ele disse que gosta de mim e que eu devo confiar nele, mas tenho medo de perdê-lo. Será que devo terminar?"**

G.B., POR E-MAIL

G. querida, se existe tanto sentimento de um pelo outro, vocês darão um jeitinho, viu? Podem combinar encontros mensais, por exemplo, e manter contato diário via internet. Às vezes o casal está até próximo fisicamente, mora na mesma rua e ainda assim o namoro acaba. Preste muita atenção no que vou te falar agora: a distância geográfica não é o problema – o problema é a ausência de sentimento. Se não é o caso de vocês, não faz o menor sentido terminar com ele por medo de perdê-lo. Pelo contrário, a hora é de investir nesse amor pra superar os obstáculos!

Fonte: *Atrevida online*, 19 jul.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

100. Devo perdoar uma traição?**Pegou o boy no flagra? Saiba se é correto perdoar ou não uma traição****“Eu descobri que meu namorado tem outra. O problema é que eu o amo muito. Então não sei se largo ele ou se perdoou?”**

M.A., 15 ANOS, POR E-MAIL

M., faz sentido que você só pode decidir uma questão importante assim depois de falar com ele? Você precisa saber: 1) se essa outra existe mesmo ou alguém inventou, 2) caso tenha ficado, por que ele fez isso e 3) se, ficando ou não com ela, ele continua na sua. Com todas essas informações, você saberá se é o caso de perdoar ou terminar a história e seguir adiante.

Fonte: *Atrevida online*, 5 ago.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

101. Acho que me apaixonei pela minha BFF! E agora?**Será que tem algo de errado comigo?****“Tenho uma amiga superdiferente das outras, muito bonita e até um pouco misteriosa. Já faz algum tempo que eu acho que estou interessada nela, só que não faço a menor ideia se devo falar algo ou se realmente estou a fim dela. Tenho medo de falar e perder a amizade. Fico pensando, acho que se uma amiga chegasse para mim e falasse algo do tipo eu ficaria meio espantada. Me ajuda?”**

E.S. 14 ANOS, POR E-MAIL

E., existem várias maneiras da gente se comunicar sem ser direta. Se você tem dúvidas sobre dizer algo agora, use formas mais sutis de comunicação, como o olhar e o sorriso. Tente aproximar-se dela falando de

outros assuntos. Descubra interesses em comum e combinem de fazer algo juntas para tentar sentir o que está realmente rolando e, principalmente, o que você está sentindo. Deixe rolar e fique ligada nos sinais que ela der pra você.

Fonte: *Atrevida online*, 12 ago.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

102. Devo me declarar para o gatinho?

A Atrê te ajuda a expor os seus sentimentos para o boy

“Tem um gato na minha escola que é superfofo comigo e sempre que passa fica me olhando. Minhas amigas acham que ele quer alguma coisa, mas eu tenho vergonha de falar com ele. O que eu faço?”

A.S., 16 ANOS, POR E-MAIL

A., se você se sente à vontade sendo receptiva aos olhares dele, mas fica tensa só de pensar em puxar assunto, relaxe. Tem alguma regra que obrigue você a puxar conversa? Não precisa se forçar a nada. Faça do seu jeitinho, como se sentir bem. Seja natural, sorria e retribua o olhar, mostrando que está interessada. Se ele também estiver, com certeza dará um jeito de chegar.

Fonte: *Atrevida online*, 19 ago.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

103. É possível conquistar o cara mais gato do colégio?

Descubra se é possível namorar com o cara mais gato da escola e seja feliz com ele!

“Oi, Atrevida, eu tenho 14 anos e gosto muito de um garoto, só que ele é muito lindo e superpopular na escola. E eu não sou bem uma deusa e não chego nem perto de parecer com as namoradas que ele já teve. Ele já deixou claro que gosta muito de mim como amiga, mas eu quero que isso mude, porque eu tô gostando muito dele. O que eu faço?”

Y.C., POR E-MAIL

Y., é legal acreditar que tudo pode mudar pra melhor no que depende de nós. Mas quando o assunto é o coração, nosso ou dos outros, a coisa fica mais complexa. Você consegue escolher por quem vai se apaixonar? Ele também não. Será que as tais “deusas” são tão perfeitas por dentro como parecem por fora? Ou elas têm chatices e inseguranças, como todo mundo? Parecer deusa atrai, mas não garante a permanência da paixão. Ser deusa por dentro é o grande lance! Comece não se sentindo inferior, ok?

Fonte: *Atrevida online*, 30 ago.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

104. AMIGA ESPECIAL

“Conheci uma menina no começo do ano e no decorrer dos meses fomos nos apaixonando. Só que eu estou muito apegada. Sei que não sou bissexual, pois não tenho atração nem vontade de beijá-la, mas quero estar perto dela todo momento. Ela é muito especial e não tenho coragem de dizer isso, pois tenho medo que ela ache que eu sou homossexual e fuja!”

H.S., POR E-MAIL

É normal que as meninas se identifiquem tanto nos seus gostos, preferências e objetivos, que formem um pequeno grupo fechado. E, quando isso acontece, pessoas de fora podem parecer uma ameaça. No entanto, deixar que essa amizade ocupe um espaço tão grande na sua vida pode não ser a melhor ideia. É importante que você também se dedique a outros interesses e a outras pessoas. Essa vontade de estar perto pode ocorrer por vários motivos: será que a sua amiga não tem alguma qualidade que você admira? Ou ela pode te ajudar a superar alguma insegurança, como o medo de ficar sozinha?

Fonte: *Atrevida online*, 4 set.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

105. Tenho vergonha de ainda ser BV!

A gente te ajuda a encarar esse fato e ver como é natural!

“Atrevida, eu vou fazer 13 anos este ano, já gostei de vários meninos, mas nenhum deles gostou de mim de verdade. Eu ainda sou bv e não sei se quando eu for beijar ele vai gostar! Como eu faço pra um menino gostar de mim e gostar do meu beijo? Eu acho que se eu falar que sou bv pra um menino ele vai rir e não vai querer nem namorar nem ficar comigo. O que eu faço?”

J.B., POR E-MAIL

Quando alguém gosta da gente é que nem um ímã, J. – os dois polos se atraem sem que nenhum precise esforçar-se. É natural, aconteceu com cada beijo de amor e cada casal da humanidade. Então fique muuuito tranquila que vai rolar no momento certo e redondinho! Quanto a falar que você é bv, qual o motivo para dizer? Se o motivo for importante pra você, fale; se for só um detalhe, deixe pra lá. O principal é o presente do beijo, não o passado da bv.

Fonte: *Atrevida online*, 4 set.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

106. Gosto do menino-galinha. E agora?

Você ama o garoto e ele... fica com todas! O que fazer?

“Gosto muito de um menino, mas ele nem liga pra mim. Já namoramos e ele terminou comigo há quase dois meses. Sempre que nos encontramos, acabamos ficando... Mas ele não quer nada sério comigo e sempre fica com várias meninas. O pior é que eu gosto muito dele! O problema é que ele já falou que gosta de mim, mas não do mesmo jeito que eu gosto dele. O que eu faço?”

K. B., POR E-MAIL

É como diz o ditado: se um não quer, dois não brigam. Assim, quando um não quer, dois não namoram. Então, K., ponha-se no lugar do garoto imaginando a seguinte situação: você namorou um menino, mas vocês terminaram. Você tem carinho por ele, até ficam de vez em quando, mas você não gosta dele da mesma forma que ele gosta de você – e até já disse isso ao menino! Sinceramente, o que você o aconselharia a fazer? O conselho que der a ele, dê a você mesma. E lembre-se: talvez ele volte a ter um interesse especial por você assim que perceber que pode perdê-la de vez.

Por Mariana Viktor, coach de relacionamento e jornalista especializada em comportamento (www.euenos.com.br).

Fonte: *Atrevida online*, 20 set.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

107. O namoro acabou e agora estou na fossa. O que devo fazer?

Dicas para sair da fossa e voltar a ser feliz

Oi, Atrê! Eu estava namorando por nove meses e o garoto terminou comigo. Já tentei ficar com outro pra ver se o esquecia, mas não funcionou. Ultimamente tenho andado triste, mas tentando me ocupar o máximo possível. Tenho saído muito com a minha BFF e meus outros amigos. Atualmente até ouvir música tem sido difícil. Todas me lembram dele, até porque ele sempre cantava músicas do One Direction pra mim. Estou muito triste mesmo. Não sei mais o que fazer. Tenho chorado todas as noites. Por favor, eu preciso muito da ajuda de vocês! Muito mesmo!

C.L., POR E-MAIL

Dói muito mesmo, C., e nessa hora não adianta alguém dizer que isso vai passar, ou que o coração de todo mundo um dia já ficou apertado assim por um amor perdido. Mas se você escreveu pra Atrê é porque espera que eu diga algo e eu direi: respeite seu sentimento – mas deixe a porta do coração aberta. Ele mesmo poderá voltar se perceber que ama você. Mas também poderá vir alguém novo, e nem mesmo você pode garantir que não virá ou que não será um amor ainda melhor, por mais impossível que isso pareça hoje. A vida sempre surpreende!

Fonte: *Atrevida online*, 24 set.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

108. Meu amigo não gosta do meu pretê! O que faço?

Seu amigo implica com o boy? Saiba o que fazer!

"Quero muito ficar com um menino do meu inglês que vive me dando bola, mas um dos meus melhores amigos o odeia e vive me contando histórias sobre ele ter traído uma namorada e que ele não presta. Eu não sei se quero alguma coisa séria, só queria ficar mesmo, mas tenho medo que isso comprometa minha amizade. O que eu faço?"

C.C., POR E-MAIL

Você conhece o Sr. Spock, C.? É aquele personagem de Jornada das Estrelas, antiga série de TV que teve vários remakes para o cinema, um bem recente. Ele tem as orelhas pontudas, nasceu no planeta Vulcano e é sempre equilibrado, não se deixa levar pelas emoções. Se o Spock olhasse pra situação, o que ele diria? E se ele sugerisse separar as coisas, conferindo por si mesma se o menino do inglês vale a pena, e acrescentasse que, se seu amigo é mesmo seu amigo, ele entenderá a sua escolha? Seria uma boa sugestão?

Fonte: *Atrevida online*, 7 out.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

109. DIFERENÇA DE IDADE

"Olá, Atrevida! Preciso de um conselho! Tenho 12 anos e gosto de um rapaz de 18. Ele diz que também gosta de mim, mas a minha mãe não deixa a gente namorar. Então, estamos nos encontrando escondidos. Eu quero muito que as coisas deem certo com ele, mas fico insegura para transar, por exemplo. Não sei o que faço! Será que meu namoro é uma furada?"

A.F.(12 ANOS)

A., a diferença de idade entre vocês é grande, o que faz que os interesses e objetivos não sejam os mesmos. É natural que você se sinta insegura para transar, já que está muito cedo para que você inicie a sua vida sexual. Duas coisas devem ser levadas em consideração: a sua maturidade física e psicológica e o impacto na relação com seu namorado. Entendo que não é divertido ser proibida de namorar, mas acho que a sua mãe está correta. Não tenha tanta pressa para crescer, aproveite esse início da adolescência para se conhecer melhor e descobrir as possibilidades que a vida pode oferecer. Um menino mais novo vai conseguir te entender melhor.

Fonte: *Atrevida online*, 7 out.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

110. A NAMORADA

"Tem um garoto que me trata diferente, de um jeito especial, até que dias atrás me contou que está apaixonado por mim. Só que ele namora, e mesmo assim ele diz que gosta de mim. A namorada dele não é da nossa escola, mas, mesmo assim, eu acho estranho. Ele diz que nós seríamos "amigos coloridos", mas não acho certo. Só que eu gosto dele. O que faço?"

G.A. (16 ANOS)

Sua pergunta já mostra que você sabe a decisão certa a tomar. Não é impossível gostar de duas pessoas ao mesmo tempo, já que não controlamos os nossos sentimentos. No entanto, podemos escolher a melhor forma de agir e, nesse caso, ajudar o seu amigo a enganar a namorada não é a melhor alternativa. Além de não ser esse o tipo de relacionamento que você quer com o seu amigo, tente se colocar no lugar da namorada dele. Você gosta do seu amigo, mas também gosta de você mesma. E tenho certeza que você pode encontrar alguém que saiba te valorizar da maneira que você merece.

Fonte: *Atrevida online*, 7 out.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

111. MINHA TIMIDEZ

"Tem um menino me deixando louca, e sou apaixonada por ele e acho que ele está a fim de mim. O problema é que eu sou muito tímida e nunca teria coragem de admitir isso pra ele assim do nada. E eu não entendo por que ele não vem falar comigo para conversarmos sobre isso e pra ver se ficamos. Estou decepcionada e preciso de ajuda. O que faço?"

N.G (15 ANOS)

N., a sua pergunta não deixa claro se vocês são amigos ou não. A melhor maneira de saber como ele se sente é perguntar. Tente agir de uma maneira leve e sem cobranças. É melhor saber de uma vez como ele se sente, em vez de ficar imaginando, certo? Se não são amigos, o caminho é dar um jeito de se aproximar dele para que vocês se conheçam melhor. Pode ser conversando sobre algo que interesse ou pedindo para um amigo em comum ajudar. Gostar de alguém é muito bom, mas também é importante conhecer melhor a outra pessoa antes de decidir se vale a pena começar algo sério.

Fonte: *Atrevida online*, 7 out.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

112. Não consigo gostar de ninguém. Tem algo de errado comigo?

Será que a dúvida da N. é a mesma que a sua?

“Olá, galera da Atrevida. Bom, eu estou há muito tempo sem sentir nada por nenhum menino, ou seja, nenhum me atrai. Queria saber o que acontece comigo. Será que tenho algum problema?”

N.M., POR E-MAIL

Fique muito em paz, N. Todo mundo passa por fases de interesse e de desinteresse nas coisas do coração. Siga seu próprio ritmo, sem se cobrar ou imitar as amigas que têm namorado ou vivem apaixonadas por alguém – assim você evita uma tensão emocional que não ajudaria em nada. Até porque, pensa, o amor acontece por conta própria. Quando você menos esperar, pode ter certeza que seu coração vai bater forte por alguém.

Fonte: *Atrevida online*, 19 dez.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

113. Estou interessada em um garoto muito tímido!

Saiba o que fazer para não assustar o gatinho!

“Há algum tempo eu ando trocando olhares com um garoto da minha sala, e ele corresponde! Toda vez que eu o olho, por acaso, ele também está me olhando! Mas ele nunca disse nada pra mim. Nesse ano teremos a nossa formatura, ou seja, festa, bailes e viagens. Será que ele vai tentar alguma coisa ou eu estou me iludindo?”

L.F., POR E-MAIL

L., realmente parece que ele está interessado, mas pode ser muito tímido para iniciar uma conversa com você. Não há outra maneira de descobrir a não ser conversando com ele. Algumas coisas podem ajudar, como criar a oportunidade para que ele fale com você ou iniciar uma conversa. Talvez seja difícil para ele falar com você quando suas amigas estão ao seu redor, ainda mais se ele for tímido. Outra opção é você mesma iniciar o contato, de uma maneira leve e divertida. Assim: dizer um “oi” ou falar sobre algo que vocês tenham em comum (até sobre a formatura mesmo) pode ajudar a descobrir se ele está realmente interessado. Sempre existe a possibilidade de você não ser correspondida, mas é melhor saber logo do que ficar gastando sua energia pensando se ele gosta ou não de você. Caso ele só goste de você como amiga, sinta-se livre para olhar ao redor e talvez descobrir outras pessoas interessantes.

Fonte: *Atrevida online*, 23 dez.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

114. Você tem medo de perder a BV?

Se você ainda não beijou pela primeira vez, não precisa se sentir uma extraterrestre! Muitas garotas estão na mesma situação que você

“Eu tenho medo de que não seja do jeito que eu tanto espero desde sempre. Sabe, foram tantos sonhos com isso, eu sou muito pressionada pelas minhas amigas, mas acho que vale a pena esperar mais. Eu sei que vou me lembrar pra sempre, tem que ser com a pessoa certa. E eu só acho que essa pessoa vai aparecer quando eu tiver meus 16 ou 17 anos. Acho que o nervosismo é com certeza a pior parte.”

R.A.M., 13 ANOS

“Um dos meus maiores medos é ser com a pessoa errada e de eu não saber beijar direito. Fico com vergonha, pois estou com 14 anos e nunca fui beijada. Fico tímida quando tocam no assunto...”

F.M., 14 ANOS

O Especialista diz:

“Todo mundo tem medo do desconhecido e, como a mente da gente é criativa, sempre fantasiamos as piores coisas acontecendo. Assim, criamos uma imagem mental de fracasso mesmo sem perceber: a gente mordendo a boca do menino, ficando sem graça, ele não gostando do nosso beijo, percebendo que somos BV, enfim, um repertório de coisas pavorosas. O ideal é relaxar e visualizar em nossa mente aquilo que desejamos que aconteça!” - Mariana Viktor, coach de relacionamento

Fonte: *Atrevida online*, 25 dez.2013. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

115. Será que rola ser amiga do ex?

Assim como Ian Somerhalder e Nina Dobrev, você também manteria uma relação de amizade com seu ex? Mesmo depois de terminarem, Ian Somerhalder e Nina Dobrev continuaram amigos

“Depois de dois meses de namoro ele quis terminar. Só que agora ele quer ser meu amigo. Eu não consigo achar normal ser amiga dele porque eu ainda o amo. Às vezes ele resolve me falar sobre as meninas com quem está saindo, e eu quero morrer! Como eu falo pra ele que não quero ser amiga sem que ele não queira mais me ver?”

F.F., 14 ANOS - MACEIÓ – AL

F., você tem algumas decisões a tomar. A primeira é saber se deseja ou não ser amiga do seu ex-namorado. Não dá para recusar a amizade e querer que ele continue por perto. A segunda é sobre o tipo de amizade que você quer ter. É bastante natural impor alguns limites quando não nos sentimos confortáveis. Assim, pedir que ele não comente sobre outras meninas com você é algo que um verdadeiro amigo respeitaria. Pode ser difícil, mas a melhor maneira de saber qual é o futuro da relação de vocês é conversando a respeito. E é melhor do que viver fantasiando ou sofrendo enquanto ele continua por perto.

Fonte: *Atrevida online*, 20 mar.2014. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

116. Meu namorado me traiu... com minha melhor amiga!

OMG! O que fazer em uma situação como essa?

“Voltei de uma viagem que durou as férias inteiras, cheguei até a matar o primeiro dia de aula. E, quando chego, pego meu namorado beijando a minha amiga! E pior, todos os nossos amigos sabiam e não me contaram nada. Me senti traída, não só pelo meu ex, mas por todos. Quero deixar isso pra trás, mas é difícil, pois preciso conviver com eles todos os dias. O pior é que meu ex fica me mandando mensagem pra saber se eu tô bem! O que eu faço? Quero fugir do mundo inteiro e me enterrar no meu quarto!”

M.W., 14 ANOS

M., realmente é uma situação chata, mas se isolar dos seus amigos não é a melhor saída. Saber de uma traição, ainda mais entre pessoas do mesmo grupo, não é uma situação fácil. Tente se colocar no lugar deles e você vai perceber que ter esse tipo de conversa exige muito cuidado. A situação é diferente com o seu ex-namorado e a sua amiga, já que são as duas pessoas que de fato traíram a sua confiança e com quem você precisa conversar quando achar que é o momento certo. A melhor política é a honestidade. Enquanto esse momento não chega, lembre-se que você não fez nada errado e não há motivo para se esconder, ok?

Fonte: *Atrevida online*, 7 abr.2014. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

117. Me apaixonei pelo namorado da minha BFF!

E agora? Como agir em uma situação dessa?

“Uma das minhas melhores amigas foi morar em outra cidade. Além de me deixar aqui, ela deixou também o namorado dela. Isso já faz uns quatro meses e ela ainda não veio nos visitar! O problema é que eu percebi que ele tem me olhado na aula. Nós nos aproximamos muito, acabamos ficando amigos. Só que eu me apeguei demais e agora estou gostando dele. Sei que ele também está gostando de mim.

Não tenho coragem de pedir para ele terminar com minha amiga, mas não quero me afastar dele... O que eu faço?"

M.B., 13 ANOS, RIO DE JANEIRO - RJ

M., essa situação pede paciência e delicadeza. Você e o namorado da sua amiga compartilharam o afastamento e a saudade de uma pessoa especial, então é natural que essa proximidade entre os dois tenha gerado outros tipos de afeto. No entanto, o fato é que ele ainda está namorando e precisa resolver como será o futuro dessa relação antes de começar outra. Uma dica é aproveitar a proximidade entre vocês e perguntar para os dois se eles vão continuar namorando apesar da distância. Assim, você pode decidir melhor o que fazer sem se expor tanto e preservando as amizades.

Fonte: *Atrevida online*, 16 abr.2014. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

118. Você ficaria com alguém que conheceu pela internet?

Pode parecer normal, mas ainda tem muita menina que acha isso estranho. Quer ver?

"Muitas das minhas amizades começaram pela internet. Como sou fã de 1D e Justin Bieber, acabo falando com outras pessoas que também são. Algumas eu consegui conhecer ao vivo, já outras moram longe. Acho meio estranho namorar alguém apenas pela internet, gosto de ter alguém por perto e não só on-line, mas não acho impossível de acontecer."

J.S., 17 ANOS, NITERÓI - RJ

A facilidade de acesso da internet torna as relações mais intensas, pois se está conectado a qualquer momento. Além disso, sem o contato visual, sem o contexto real, as pessoas são o que muitas vezes não conseguem ser em seus círculos sociais e se permitem fantasiar muito mais. Muitos tímidos têm menos dificuldade de se expor no mundo virtual, porque ali há mais liberdade para serem o que quiserem sem um julgamento direto do outro ou do grupo. Por meio de aplicativos e redes sociais as pessoas se sentem mais confortáveis em ultrapassar limites, em experimentar coisas novas, em desabafar e muitas outras coisas que não fariam na vida real.

Por Mariana Iannuzzi – Coaching e consultora de imagem.

Fonte: *Atrevida online*, 21 abr.2014. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

119. Descobri que gosto de meninas. O que faço agora?

Como você pode encarar o mundo depois desta descoberta?

Descobri que eu realmente curto meninas. O que eu faço agora?

G. V., 16 ANOS

Ao se descobrir gay, provavelmente você vai se questionar a respeito de uma porção de coisas. E isso é fundamental para aprender a lidar com os seus sentimentos e com as escolhas que fará agora e as consequências delas no seu futuro. "Antes de se assumir para o mundo, é essencial passar por esses momentos de reflexão sozinha", explica o sexólogo. Segundo o especialista, não adianta tentar fugir dos próprios sentimentos, é preciso enxergá-los e aceitá-los. Passada essa primeira etapa, ajuda muito se você se abrir com pessoas em quem confia, para desabafar e, assim, entender melhor tudo o que está acontecendo. Se for necessário, peça aos seus pais para conversar com um psicólogo, que vai conseguir ajudá-la a organizar os pensamentos.

Fonte: *Atrevida online*, 20 jun.2014. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>

120. O que eu faço para ser menos tímida com os garotos?

O que fazer se você também morre de vergonha dos meninos

"Tenho 14 anos e sou BV. Sempre que um menino pede para ficar comigo, fico muito nervosa e digo não, mesmo que eu queira ficar. É que eu sinto muita vergonha!"

R.V.B., POR E-MAIL

Na adolescência, isso é muito natural. Mas é possível minimizar a vergonha: faça uma lista de tudo o que a envergonha numa situação dessas. É claro que a ansiedade deste primeiro momento vai existir, mas ela não pode bloquear suas atitudes. Se os meninos pedem para ficar com você, já é motivos para aumentar a sua segurança e aliviar a sua inibição. Corra o risco, afinal, o que de pior pode acontecer? A sua resposta ficará entre o dar certo ou não, e nenhuma das duas situações é o fim do mundo.

Fonte: Atrevida online, 30 jun.2014. Arrasa! Ficadas e rolos. Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/arrasa/ficadas-e-rolos>